
ESPORTE E LAZER

NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA

José Tarcísio Grunennvaldt
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt
João Batista Lopes da Silva
Irene Carrillo Romero Beber
(Organizadores)

Sabemos que a colonização do norte mato-grossense é um fato ainda pouco estudado pelas diferentes especialidades que concorrem para a configuração do pensamento acadêmico sobre o assunto. Isso se deve por se tratar de um Estado que desenhou sua geografia política recentemente e de modo diverso ao da maioria das regiões brasileiras.

Todavia, os primeiros estudos que privilegiaram essa região por certo destacaram os aspectos de ordem econômica e política do processo de ocupação, em seguida, incluiu a questão das migrações e dos assentamentos rurais, contemplando posteriormente análises que envolvem investigações sobre a diversidade cultural brasileira.

Nossa opção por examinar minuciosamente manifestações culturais do esporte e lazer destoa dessa tendência (tornando-se singular) em relação a dois aspectos: o primeiro refere-se ao próprio foco de pesquisa, cuja escolha deu-se pelo fato de que em meados do século passado, ambas as instituições careciam de legitimidade entre os especialistas das ciências sociais, sobretudo, no que dizia respeito ao futebol. Seria, então, duvidoso que tais estudiosos considerassem esse um tema de investigação respeitável e investissem em pesquisas que resultassem, por exemplo, em dissertações de mestrado (ELIAS; DUNNING, 1992).

O segundo aspecto diz respeito ao fato de encararmos como desafiadora a proposta de investigar o que fazem, pensam e dizem os sujeitos que residem, vivem, trabalham e se divertem no meio rural de Mato Grosso, sempre buscando estabelecer um diálogo com essa realidade.

Nesse sentido, o campo é uma realidade presente e intensamente vivida, uma vez que o Estado se torna um grande espaço de assentamento das populações oriundas de outros territórios brasileiros, ainda que seja por meio da "Revolução Passiva", materializada segundo a atuação e a organização do Estado, de sindicatos, de igrejas e de outras instituições.

O ESPORTE E O LAZER

NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA



UFMT

Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Maria Lúcia Cavalli Neder

Vice-Reitor

João Carlos de Souza Maia

Coordenadora da EdUFMT

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Lúcia Helena Vandrúsculo Possari (IL)

Membros

Ademar de Lima Carvalho (UFMT Rondonópolis)

Antônio Dinis Ferreira (ESAC – IPC – Portugal)

Ana Carrilho Romero (FEF)

Andréa Ferraz Fernandez (IL)

Eduardo Beraldo de Moraes (FAET)

Giuvano Ebling Brondani (ICET)

Janaina Januário da Silva (FAMEVZ)

Lucyomar França Neto (Discente - FD)

Maria Cristina Theobaldo (ICHS)

Maria Eugenia Borsani (CEAPEDI – Argentina)

Maria Santíssima de Lima (Técnica – SECOMM)

Maria Thereza de Oliveira Azevedo (IL)

Marina Atanaka dos Santos (ISC)

Marliton Rocha Barreto (UFMT - Sinop)

Maurício Godoy (IF)

Michèle Sato (IE)

Roberto Apolonio (FAET)

Solange Maria Bonaldo (UFMT – Sinop)

Yuji Gushiken (IL)

José Tarcísio Grunennvaldt | Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

João Batista Lopes da Silva | Irene Carrillo Romero Beber

(Organizadores)

O ESPORTE E O LAZER

NA CONFIGURAÇÃO DA SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA



Copyright © José Tarcísio Grunennvaldt, Ana Carrilho Romero Grunennvaldt, João Batista Lopes da Silva, Irene Carrillo Romero Beber, 2015.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

A EdUFMT segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E77 O esporte e o lazer : na configuração da sociabilidade de fronteira / José Tarcísio Grunennvaldt ... [et. al]. – Cuiabá : EdUFMT, 199 p. : il

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-327-0556-3

1. Esporte – Aspectos sociais – Sinop (MT). 2. Lazer - Aspectos sociais – Sinop (MT). 3. Cultura e lazer – Zonas rurais – Sinop (MT). I. Grunennvaldt, José Tarcísio, org. II. Grunennvaldt, Ana C. Romero, org. III. Silva, João Batista L. da, org. IV. Beber, Irene C. Romero, org.

CDU -- 796+379.8(817.2)

Supervisão Técnica: Janaina Januário da Silva

Revisão Textual e Normalização: Maria Auxiliadora Silva Pereira

Diagramação: Gisele de Albuquerque Gomes

Impressão: Grafica Editora Formulários Contínuos e Etiquetas F&F Ltda ME



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso

Av. Fernando Correa da Costa, 2.367.

Boa Esperança. CEP: 78060-900. Cuiabá-MT.

Contato:

edufmt@hotmail.com

www.editora.ufmt.br

Fone: (65) 3615-8322 / 3615-8325

CDU -- 796+379.8(817.2)

Esta obra foi produzida com recurso do Governo Federal



SUMÁRIO

| | |
|--|--|
| PREFACIO | 7 |
| | <i>Professor Doutor Cleomar Ferreira Gomes</i> |
| APRESENTAÇÃO | 9 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> |
| REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA | 13 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i> |
| AS REPRESENTAÇÕES DO LAZER DA POPULAÇÃO DE SINOP-MT | 27 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i> |
| O DESPORTO E O LAZER NA CIDADE E NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT: IMPLICAÇÕES DO PRINCÍPIO DO DESPORTO PARA TODOS | 45 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i> |
| AS MULHERES DO CAMPO QUE RENUNCIAM O TEMPO LIVRE EM FAVOR DA SATISFAÇÃO DE ANSEIOS DE SEUS ENTES FAMILIARES | 69 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Édija Pereira da Silva</i> <i>Tássia Caroline de Almeida Godoes</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i> |
| A CONFIGURAÇÃO DE UM LUGAR DE FRONTEIRAS CIVILIZATÓRIAS: O ENCONTRO DA CIDADE COM O CAMPO | 83 |
| | <i>José Tarcísio Grunennvaldt</i> <i>Emerson Rodrigo Coletto</i> <i>Adriana Renata Giasson</i> <i>Ana Carrilho Romero Grunennvaldt</i> <i>Wilson Kosloski Júnior</i> |

DANÇAR PARA VIVER MELHOR: O CASO DOS IDOSOS DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE SINOP-MT

105

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

Adriana Renata Giasson

GATEBAL: “JOGANDO VOU ENTENDENDO E ENGREANDO E ASSIM É GOSTOSO, CATIVA E SEDUZ”

127

José Tarcísio Grunennvaldt

Wladislaw Kosloski

Emerson Rodrigo Coletto

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

O FUTEBOL EM SINOP-MT E AS REPRESENTAÇÕES DOS PRATICANTES: DIVERSÃO E DESCONTRAÇÃO

151

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Mauver Antonio Sartori

Irene Carrillo Romero Beber

Romário Sidrone de Souza

José Tarcísio Grunennvaldt

A PESCARIA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT

163

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

José Tarcísio Grunennvaldt

Mauver Antonio Sartori

Wilson Kosloski Junior

CTG: UM LOCAL QUE ROMPE FRONTEIRAS

173

João Batista Lopes da Silva

Emerson Rodrigo Coletto

José Tarcísio Grunennvaldt

SOBRE OS AUTORES

195

PREFÁCIO

À publicação deste *pout pourri* de textos sobre o lazer, parece que o Professor José Tarcísio Grunennvaldt e seus parceiros de publicação querem chamar a atenção para um tema que há muito vem sendo investigado no arrimo da sociologia, especialmente a francesa, mas sem despegar-se da ideia primeva que o entretenimento — o lazer dos tempos modernos — tem seu refrão no trabalho. Não é qualquer trabalho, mas aquele de narrativa judaico-cristã, para quem, depois de muita labuta, merece um “refresco” por ter cumprido a sua ascese prometética.

Depois de detida leitura desta coletânea é possível perceber uma novidade, do grego *anékdotá* — coisa não publicada — para quem os próprios autores acatam como uma “sociabilidade de fronteira”. Eu preferiria socialização. Traduzindo o termo, eles vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer, escorados por uma “suspensão”, ocupando um “lugar vazio”, livre de qualquer modelo modernista. Nunca é tarde lembrar que o tema Lazer, a que temos nos ocupados com nossas disciplinas acadêmicas, tem seu nascedouro na modernidade, e seu maior intelectual é Joffre Dumazedier, que ousou uma taxionomia dos interesses subjetivos para o assunto.

Por novidade, os autores também recusam esse “alcorão” dumazediano e vão beber em outras fontes epistemológicas não tão surradas na academia investigativa. Os diversos estudos que compõem esta coletânea, como o próprio José Tarcísio Grunennvaldt vivifica, estão balizados por referenciais teóricos que se aproximam das ciências humanas e sociais, à luz dos conceitos de lazer e esporte de Norbert Elias & Eric Dunning; do conceito de cultura de Renato Ortiz e da linguagem corporal da dança de Mônica Dantas.

Em alguns dos trabalhos de pesquisa que constituem o projeto maior, os autores lançam-se ao desafio de analisar a realidade de sujeitos envolvidos em situações concretas e específicas quando configuram práticas de lazer a partir da realidade empírica.

No leito de rio que os textos se aninham é muito perspicaz a vida lúdica dalguma prática cultural de lazer vivifica com o Baile do Chopp, o Gatebal, o final de semana das mulheres, o dançar para viver melhor, o conceito de querência que rompe fronteiras num CTG...

Pode-se perceber, embora isso não seja um consenso, como afirmam os autores, que as regras que se estabelecem na inter-relação dos sujeitos configuram situações, de modo que os conflitos são encarados, superados no contato face a face, instituindo-se normas formadoras de “um padrão de civilização horizontal”. Essa imagem faz lembrar a música “Quadrilha” de

Chico Buarque e Francis Hime em que o “peão laça a filha do coronel e a mulher do prefeito merecidamente eleito dança com o líder da oposição”.

Levando em conta essas considerações, suspeitamos que os autores prestam um serviço de qualidade à academia investigativa ao reunir neste livro textos que convergem para a temática um novo *design* do lazer. Dentro de um painel etnográfico, não de etnias, mas de comunidades sulistas, emergem numa geografia de centro-oeste, aquilo que poderiam viver em qualquer outro lugar. Talvez esteja aí a razão para o apreço à expressão “sociologia de fronteira” que o termo impõe a si mesmo uma antropologia cultural do lazer, ligada às suas manifestações estéticas, com justa razão que faz para manter suas raízes.

Basta que apareça uma “costela”, uma “picanha” ou um “frango assado”, que se vê ali evidências de uma “gastronomia campeira”. Por si só esses eventos são capazes de mobilizar a comunidade e de fazer “matar o tempo da vida social” como prefere a sociologia compreensiva do francês Michel Maffesoli, quando este se refere ao tempo ocioso na vida humana.

Salvo outros juízos, o leitor encontrará, seguindo o fio de Ariadne, um imagem impressionante que revela a facilidade e os conflitos, sem se afastar da riqueza com que esses sujeitos têm para exibir a sua dimensão lúdica.

Quando estava terminando o meu relatório de pós-doutoramento, uma pergunta me assombrou nos últimos parágrafos, a de que as atividades que constituem o lazer são sempre carregadas de pré-juízos em detrimento ao tempo de trabalho? Quando muito se espera uma aposentadoria para viver esse *dolce far niente*.

O lazer, que está sempre no campo da utopia, do distante, com a leitura desses textos ganha uma nova configuração — o uso do lúdico pelos sujeitos do município de Sinop faz-nos pensar em outras “fronteiras”, no exercício de seu ludismo, assim como esse trabalho anuncia, através desses sujeitos brincando nessas fronteiras sinopenses.

Professor Doutor Cleomar Ferreira Gomes

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de textos é fruto da investigação desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, inserido na linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade, e foca o esporte e o lazer no município de Sinop, situado na região Norte de Mato Grosso. A pesquisa tem relação e pretende contribuir com o levantamento sobre o Perfil do Esporte e Lazer de Estados, Distrito Federal e Municípios Brasileiros, conforme a Chamada Pública 01/01/2009/ME/SNDEL/REDE CEDES/PELC. Teve como objetivo levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo do município, no tocante ao esporte e lazer, bem como captar junto aos sujeitos as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Neste conjunto de textos, os sujeitos investigados vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer dando vazão a uma sociabilidade de fronteira. Com isso, abre espaço para quem vive na fronteira, por vezes em suspensão e em um espaço vazio. São descritas passagens nas quais a novidade e a necessidade do imprevisto “[subvertem] todos os planos e previsões; [induzem] à criação e ao oportunismo, como quando o desespero nos leva a recorrer ansiosamente a tudo o que nos pode salvar.” (SANTOS, 2007, p. 348). De sorte que se estabelece um diálogo dos migrantes com a tradição e desta alquimia que resultou a tradição imaginada se converta no que se precisa, ainda que na fronteira aquilo que é necessário talvez já esteja determinado por o que se tem à mão.

As formas de sociabilidade não corriqueiras, que aqui se procura enfatizar nas situações de lazer experimentadas nessa fronteira, evidenciam que viver nesse lugar exige “jogo de cintura”, pois significa inventar tudo, incluindo o ato de inventar. Tenta-se demonstrar nos casos retratados que as reservas de experiência e de memória que um sujeito ou grupo social carrega consigo para a situação da fronteira são transformadas em face das necessidades de estabelecimento de um contexto novo. No entanto, é possível que, devido à força com que as instituições assumem, a função de socialização, a liberdade de transformação presente, de maneira incondicional, nas primeiras experiências limita a liberdade de transformação em experiências futuras.

Com os grupos de lazer destacados as hierarquias constituídas ainda são quase imperceptíveis, fracas, e se movem em um tempo lento, pois dependem de poucos recursos, devido à grande distância entre a fronteira e o centro - entenda-se aqui o centro do poder, do direito e do conhecimento. A esse

respeito, talvez seja razoável pensar que essa distância pode ter contribuído para o afloramento da inovação cultural.

Os diversos estudos que compõem esta coletânea estão balizados por referenciais teóricos que se aproximam das ciências humanas e sociais. Em alguns dos trabalhos de pesquisa que constituem o projeto maior, os autores lançam-se ao desafio de analisar a realidade de sujeitos envolvidos em situações concretas e específicas configuram práticas de lazer a partir da realidade empírica, à luz dos conceitos de lazer e esporte de Norbert Elias e Eric Dunning; do conceito de cultura de Renato Ortiz e da linguagem corporal da dança de Mônica Dantas.

Na percepção de Elias, o lazer e o esporte são elementos configuradores da sociedade. Com efeito, nesta pesquisa cujos estudos dão visibilidade para manifestações mais específicas, sustenta-se que tais conceitos concorrem para a configuração do processo civilizador de Sinop-MT.

Apropriando as contribuições desse autor quanto às noções de lazer e tempo livre, espera-se poder estabelecer um diálogo - e, conseqüentemente, uma interpretação- simples entre os dados da pesquisa.

Também, assumindo a teoria do processo civilizador desse mesmo estudioso, apreendem-se da realidade pesquisada categorias de análise e interpretação, tais como: cultura-natureza; trabalho-lazer; seriedade-não seriedade; semana-final de semana; competição-cooperação; satisfação pessoal-satisfação do outro; indivíduo-sociedade.

Procurando ampliar as análises da realidade, busca-se a interlocução com pesquisadores de outras universidades dos quais se possam incorporar objetos de estudo com vistas a dilatar a base empírica da pesquisa e as concepções teórico-metodológicas a elas subjacentes.

Os pesquisadores concentram-se, certamente por opção, nas manifestações e práticas que não têm relação direta com o poder público municipal, mas as circunstâncias do contexto no qual se desenvolvem as políticas públicas do lazer são determinantes para o desencadeamento dessa configuração - e não de outra - com a confluência dos temas da pesquisa.

Nesse sentido, em algumas das práticas culturais de lazer analisadas, como o Baile do Chopp, o gatebal, o final de semana das mulheres, pode-se perceber (embora isso não seja um consenso) que as regras se estabelecem na inter-relação dos sujeitos que configuram as situações, de modo que os conflitos são encarados, superados no contato face a face, instituindo-se normas formadoras de "um padrão de civilização horizontal".

Espera-se com este estudo propiciar o entendimento de algumas manifestações de esporte e lazer como aspectos integrantes de um imenso campo de análise da sociedade de Sinop-MT, pretendendo-se fugir das compartimentalizações a que procedem especialistas do esporte.

Acredita-se que a pesquisa é, ao mesmo tempo, um desafio e um convite ao estímulo de uma reflexão com mais afinco sobre dois dos fenômenos essenciais e que mais marcam as vidas das pessoas, tendo em vista a capacidade de, no seu envolvimento, liberarem emoções agradáveis: o lazer e o esporte.

José Tarcísio Grunennvaldt¹

Florianópolis, julho de 2011.

1 Professor Associado II da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

O ESPORTE E O LAZER COMO CONSTRUÇÃO CULTURAL E FENÔMENO SIGNIFICATIVO DOS TEMPOS ATUAIS

Temos fundadas razões para acreditar que é possível uma outra globalização, diferente da atual. Em primeiro lugar, os seus principais fundamentos materiais são sistemas técnicos dóceis, diversos daqueles de épocas anteriores e cuja performance exige inteligência, e toleram diversificação de uso. É fato que, nas condições de hoje, há um uso hegemônico desses sistemas técnicos baseados na informação, mas eles também são adequados compatíveis, como atualmente se diz com formas de utilização que respeitem as peculiaridades de cada sociedade. Falta somente que os dados materiais já existentes sejam empolgados por novas formas políticas. (SANTOS, 2001a, p. 14).

O campo do esporte e do lazer é emblemático, pois abriga propostas e entendimentos conflitantes que procuram se legitimar por meio de programas de atividades corporais. Existe, já há algum tempo, um debate sobre a questão da utilização do esporte nas diversas instâncias da sociedade brasileira, discussão que, por vezes, se torna polêmica, mas é considerável.

Nesta pesquisa, entende-se ser difícil afirmar que a intervenção na área do esporte e do lazer orienta-se por um consenso. Este, por sua vez, não ocorre quando a atribuição dos valores e dos sentidos é majoritariamente orientada por preceitos do esporte convencional ou de rendimento, nem quando essa orientação é mais relacionada ao entretenimento com ênfase em sua faceta lúdica.

O desporto é, de modo geral, um fenômeno multifacetado que, em suas condições sociais de construção, apresenta um significado cultural, ideológico, estético, pedagógico e econômico. Disso resultam as razões da crescente atenção voltada para o desporto na sociedade. Com efeito, levantar dados para a verificação das maneiras como o esporte e o lazer são vivenciados e os sentidos atribuídos pelos sujeitos que se envolvem com tais práticas é, certamente, uma iniciativa para se traçar o perfil dos municípios quanto aos usos e às representações do esporte e do lazer no Brasil.

O LAZER NO ESPECTRO DO TEMPO LIVRE: A CONTRIBUIÇÃO DE ELIAS E DUNNING

Lazer (português), *loisir* (francês) e *leisure* (inglês), palavras originárias do latim, *licere*, cuja tradução é ser permitido, poder, ter o direito.

No *Dicionário Aurélio* (1989, p. 308), classifica-se como substantivo masculino, sendo-lhe atribuídas as seguintes significações: 1. Ócio, descanso, folga, vagar; 2. Tempo que se pode livremente dispor uma vez cumpridos os afazeres habituais; 3. Atividade praticada nesse tempo, divertimento, entretenimento, distração, recreio.

Na segunda e terceira definições, faz-se referência ao tempo disponível. Este, porém, é condicionado a outro, que vem antes dele. Trata-se do tempo do trabalho, que, desse modo, causa um efeito, o tempo disponível.

No entanto, Gomes e Pinto (2009) admitem que as palavras adquirem significados diferentes de acordo com os distintos contextos nos quais são empregadas. Portanto, elas guardam relação com as atividades culturais vivenciadas em um tempo-espaco determinado, configurando uma atitude experimentada por sujeitos tingida pelo sentimento de liberdade na busca da satisfação e do desfrute da situação vivida. Essa concepção parece-nos bastante razoável quando se pretende instituir políticas públicas de lazer em iniciativas individuais ou em organizações coletivas, pois nela é possível o sujeito ser o protagonista ou agente de sua ação ou envolvimento.

Com efeito, pode-se afirmar que as atividades humanas estão relacionadas ao trabalho e ao lazer, mas, em certos aspectos, praticamente todas elas têm outros indivíduos como referência e algumas possuem como o quadro de referência o próprio sujeito, o agente.

Para Elias e Dunning (1992, p. 140), no caso do trabalho e na relação entre o próprio sujeito e os outros, estes são os favorecidos; já no caso das atividades de lazer, esse favorecimento inclina-se para o agente:

[...] no trabalho profissional tal como ele está estruturado nas sociedades, as decisões das pessoas no sentido de fazerem isto ou aquilo são sempre tomadas, em grande medida, tendo em consideração outros de quem se possa dizer 'eles', ou mesmo, a respeito de unidades mais impessoais, das quais se possa dizer 'esse', embora, na verdade, o aspecto "eu" nunca se encontre ausente por completo. Nas decisões sobre atividades de lazer como veremos, as referências aos outros são mais relevantes do que pode parecer a primeira vista, a consideração por si próprio pode ter mais peso do que a que terá no caso do trabalho profissional ou das atividades de tempo livre que não possuem o caráter de lazer.

Os autores destacam que, ao fazer as próprias escolhas quanto às atividades de lazer, o sujeito é o agente, pois o que lhe importa é o seu prazer, sua satisfação pessoal. Todavia, parece-nos que os estudiosos também seguem a linha percorrida por Freud (1997), em *Mal estar da civilização*¹, quando entendem que a consideração do prazer e da satisfação desencadeada “[...] pode ser soberana dentro de certos limites socialmente estabelecidos.” (p. 140).

Nesse aspecto, por mais que Elias e Dunning atribuam às atividades de lazer um papel fundamental na amenização do sofrimento das pessoas em face da rotina cotidiana, sua teoria da renovação de tensões está, em parte, presa ao paradoxo da modernidade: os indivíduos tornam-se mais felizes (felicidade) e precisam de intensos momentos de prazer, mas a civilização, devido às necessidades econômicas, coíbe o prazer, principalmente o que advém do âmbito da sexualidade.

Os autores ponderam que os tipos de satisfação proporcionados pelas atividades de lazer e o modo como estas se desencadeiam ainda são questões carentes de esclarecimentos.

Pode-se pensar, e parece haver evidências comprobatórias - que a história é mais marcada pela continuidade, pelas regularidades do que pelas mudanças rápidas. Contudo, tanto em Freud quanto em Elias e Dunning, percebe-se que o sujeito tem prazer a partir dos contrastes. Vejamos como isso aparece no já mencionado *Mal estar da civilização*:

Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas (p. 24).

Elias e Dunning não só se apropriam da tese de Freud, mas também a aperfeiçoam, como observado nesta passagem:

De uma maneira simples ou complexa, a um nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação de tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. (p. 137-138).

1 Ainda que Elias e Dunning considerem que a produção de tensões de um tipo particular, a tensão-excitação agradável, como a peça fundamental para a satisfação no lazer, eles parecem não discordar de Freud quanto ao entendimento de que “[...] a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para os seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade.” (p. 59).

Na teoria do tempo livre e do lazer dessa dupla de teóricos, há uma amenização do complexo de sentimento de culpa que marca o texto de Freud. Este, no final da obra em questão, pede desculpas ao leitor pela inevitável e imperativa necessidade de destinar, em sua análise, um espaço alargado à questão da culpa e antecipa que, em termos de fluidez na leitura, isso pode ter atrapalhado a estrutura do trabalho, mas, por outro lado,

[...] corresponde fielmente a minha intenção de representar o sentimento de culpa como o mais importante problema no desenvolvimento da civilização, e de demonstrar que o preço que pagamos por nosso avanço em termos de civilização é uma perda de felicidade pela intensificação do sentimento de culpa. (p. 97).

É sobretudo nessa discussão mais panorâmica, sobre o fato de a sociedade moderna e industrial reprimir os instintos e os impulsos de felicidade e de vivência de tensões agradáveis, que a teoria de Elias e Dunning parece contrapor-se às ideias de Freud. Ao pai da Psicanálise, sem se pretender aqui desmerecer seus méritos, parece ser imputado, em certo sentido, o surgimento de uma tendência que percebe o lazer como acessório do trabalho²: “A satisfação agradável proporcionada pelas atividades de lazer, tende a ser considerada como um meio para atingir um determinado fim - o de permitir o alívio das tensões e de melhorar as capacidades das pessoas para ele.” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 140).

Em face dessas apreciações, fica difícil responder sobre qual é a função do lazer em relação ao trabalho. No entanto, é razoável pensarmos o fato de que, em uma sociedade de trabalho, o lazer é a única esfera pública na qual as decisões individuais são tomadas considerando-se a satisfação pessoal. Isso já é uma boa evidência de serem mínimas as chances de a questão permanecer sem resposta.

Com a teoria do lazer de Elias e Dunning, pretende-se superar a ideologia que percebe ser a principal função das atividades de lazer relaxar o indivíduo acometido pelas tensões advindas das relações estabelecidas no mundo do trabalho.

Assim, tendo em vista nossa opção por adotar essa concepção de lazer, duas questões nortearam nossa pesquisa: 1) É possível que, na sociedade industrial contemporânea, as pessoas, na sua relação de interdependência umas com as outras, busquem nas atividades de lazer um lugar de produção de tensão de um tipo especial, agradável, excitante?; e 2) No âmbito das atividades de lazer, como bailar, praticar um esporte, pescar, participar das brincadeiras de crianças, jogar gatebal etc., estas podem contribuir para a

² Gomes *et. al* (2009, p. 97) destacam que, no Brasil, essa dicotomia entre trabalho e lazer foi difundida a partir das obras de Dumazedier, que “[...] define o lazer em oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional.”

erupção de sentimentos fortes, que, coibidos no dia a dia, podem constituir-se em um ingrediente essencial da saúde mental?

Essas questões são relevantes, pois, em nossa sociedade - e, muito provavelmente, em outras também -, é necessária a motivação de fortes emoções, que, por vezes, aparecem, são satisfeitas e desaparecem, manifestando-se somente algum tempo depois. Por certo, essas necessidades devem ter relação com outras, mais elementares e básicas, como sentir fome e sede e fazer sexo.

Essa necessidade humana, a “erupção de sentimentos fortes”, eleva-se como uma “segunda natureza”, que, por sua vez, envolve necessidades de ordem sociocultural. Isso nos conduz para o fato de tais necessidades representarem a expressão de um fenômeno bastante complexo que transcende as necessidades puramente biológicas do indivíduo.

Dessa forma, a relação do esporte com o lazer é algo que não pode ser generalizado, devendo ser analisada na perspectiva de sujeitos em “relação com”, portanto impregnada dos signos que os idosos (a), homens, mulheres, jovens e crianças, em épocas e contextos culturais diferentes, lhe atribuem.

Sendo cultura, o lazer é, pois, produto humano construído por meio de processos que se constituem a partir dos valores, saberes, motivações e desejos de cada sujeito, influenciados pelos sentidos e significados que os mesmos atribuem as suas experiências. Processos localizados, uma vez que cada construção cultural depende do contexto social onde se realiza, do cotidiano onde os sujeitos criam as técnicas corporais próprias de sua cultura e seus modos específicos de lidar com os limites de tempo, lugar infraestrutura, condições econômicas e outras dimensões que condicionam suas realizações no lazer. (RAMALHO, 2009 *apud* GOMES; PINTO, 2009, p. 98).

Nesse sentido, ao se aproximar do entendimento de lazer como cultura, deve-se atentar para as múltiplas acepções que o termo assume nas experiências dos sujeitos que lhe atribuem sentido.

A cultura ganhou centralidade na contemporaneidade com suas transformações na vida local e cotidiana, de modo que novas identidades e subjetividades surgiram, embora com temporalidades diferentes para contextos geográficos e geracionais distintos.

Hall (2010) chama atenção para o modo de vida das pessoas que foi afetado e para as transformações ocorridas nas culturas da vida cotidiana:

[...] o declínio do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços e outros tipos de ocupação, com seus diversos estilos de vida,

motivações, ciclos vitais, ritmos, riscos e recompensas; o aumento dos períodos de folga e o relativo vazio do chamado “lazer”; o declínio das perspectivas de “carreira” e dos empregos vitalícios dando lugar ao que tem sido chamado de “flexibilidade no emprego”, mas que, freqüentemente, constitui uma questão de desemprego não planejado; as mudanças no tamanho das famílias, nos padrões de diferenças de geração, de responsabilidade e autoridade dos pais; o declínio do casamento numa época de incremento do divórcio, o aumento de famílias uniparentais e a diversificação de arranjos familiares; o envelhecimento da população, com seus dilemas acerca de uma terceira idade mais longa sem a ajuda do cônjuge, sustentada por generosos programas nacionais de seguros, sistemas públicos de saúde e outros sistemas de benefícios estatais; a redução das tradicionais idas à igreja e da autoridade dos padrões morais e sociais tradicionais e das sanções sobre as condutas dos jovens; os conflitos de gerações em consequência da divergência entre jovens e adultos, entre o declínio da ética puritana, de um lado e o crescimento de uma ética consumista hedonista, de outro.

Fica claro que tais transformações na estrutura social da sociedade industrial contemporânea, resultantes da ascensão da globalização no mundo inteiro, concorreram para a modificação das culturas da vida cotidiana, ainda que alguns lugares só tenham conseguido responder ou reagir à nova ordem com velocidades distintas, como ressalta Santos (11 mar. 2001b):

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade - ou uma forma de regresso ao passado -, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz.

Tais mudanças, por certo, também não atingiram lugares e sujeitos com uma intensidade homogênea, pois estão atreladas não só a situações de classe, mas também a situações de classe e geográficas, mas não exclusivamente de classe: “O executivo de classe média, de meia-idade, que perdeu a ‘perspectiva de carreira’ é cada vez mais um fenômeno de nossos tempos - mesmo que esteja atingindo níveis mais altos de remuneração.” (HALL, 2010). Do mesmo modo, atingiu também as mulheres, que, apesar de terem maior capacidade de sobrevivência, apresentam índices menores de remuneração quando comparados aos dos homens.

Nesse contexto, perguntamos: como essas mudanças na orientação de condutas e ajustamentos de comportamentos incidiram sobre os velhos em nossa sociedade? Bauman, em entrevista concedida ao jornal *O globo*,

em 05 de novembro de 2005, e em uma de suas obras, *Vidas desperdiçadas*, publicada em 2005, reporta-se aos imigrantes e aos velhos da história como casos de “marginalização dos seres humanos”.

Sobre essa gente cujas condições de vida configuram uma “lixeria humana”, o autor avalia:

Esse excesso de população precisa ser ajudado a retornar ao convívio social assim que possível. Eles são o “exército reserva de mão-de-obra” e lhes deve ser permitido que voltem à ativa na primeira oportunidade. Os “redundantes” são obrigados a conviver com o resto da sociedade, o que é legitimado pela capacidade de trabalho e consumo. Em vez de permanecer, como era visto anteriormente, como um problema de uma parte separada da população, a designação de “lixo” torna-se a perspectiva potencial de todos. Há partes do mundo que se confrontam com o antes desconhecido fenômeno da “população sobrando”.

Não se pretende aqui negar que o estilo de vida das pessoas foi afetado com as transformações ocorridas nas culturas da vida cotidiana. Como exemplo, citamos o investimento na criação de linhas de cosméticos para afro-descendentes e a universalização da capoeira, também pertencente à cultura desse povo.

Contudo, apesar desses avanços, é na população de negros que ainda incide o maior índice de desempregados, se comparado aos dos brancos. Ademais, se olharmos para os cursos mais requisitados das universidades brasileiras, veremos que a incidência desse segmento populacional permanece reduzida. Disso se pode inferir que grande parte dos negros está se sentindo vítima e não gestora dessa propagada “mudança cultural”.

Quais iniciativas podem ser esperadas do poder público na perspectiva de esse contingente de “excessivos” e “redundantes” (desempregados, migrantes de retorno, velhos, mulheres, negros, ou melhor, os excluídos da cidade) ser incorporado em programas e/ou espaços de lazer nas cidades?

Em contextos que se fazem pela configuração que envolve a cultura, o trabalho e o lazer que não podem ser conceituados *a priori* e de modo unívoco, diferentes planos podem ser traçados sobre a cidade para torná-la mais acessível às populações que são capazes de atribuir significações singularizadas no seu envolvimento com o lazer na cidade e no campo e propiciar sentido em suas vidas.

Em *Elogio da lentidão*, Santos (2001), há pouco referenciado, instiga-nos quanto ao fato de não podermos imprimir a nossa própria velocidade em nossas atitudes e intenções, mas reconhece ser esse um elemento “[...] apreciável, mas não imprescindível. Não é certo que haja um imperativo técnico, o imperativo é político. A velocidade utilizada é um dado da política, e não da técnica”.

Nas palavras do autor,

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história. (p.14).

OS PLANOS DA CIDADE PROPICIADORES DE MANIFESTAÇÕES DE ESPORTE E DE LAZER

Voltando o olhar para as áreas urbanas e rurais do município de Sinop-MT, indagamos: quais parâmetros podem ser utilizados na descrição da paisagem da prática do esporte e do lazer? Questão instigante é sugerida por Bento (1992), que discorre sobre a necessidade de se redescobrir a cidade a partir do lema “desporto para todos” e torná-la esportiva e humanizada.

Levemos em conta, em primeiro lugar, que a cidade não pode ser pensada apenas no conglomerado de pessoas que a habitam e sim no envolvimento delas no âmbito da educação, da saúde e da cultura de modo geral, bem como na forma como se relacionam com a dimensão tempo livre, implica que se olhe para o desporto e o lazer.

Em segundo lugar, devemos, ao olhar para esporte e o lazer da população, no sentido amplo, suplantar a visão estreita dos espaços desportivos como lugares de performances, passíveis de serem quantificadas por parâmetros objetivos. O esporte, quer na cidade quer no campo, não pode ser oferecido e praticado, mas apenas orientado segundo as formas da arquitetura das instalações tradicionais. Estas devem ser alteradas em razão dos interesses e necessidades dos praticantes e das múltiplas funções que o esporte pode assumir, configurando-se em uma prática de lazer, também.

Sem deixar de levar em conta essa diversidade, pode-se conceber a cidade a partir de três planos (BENTO, 1992), o que corresponderia às exigências da vida motora moderna dos sujeitos que a constroem. Para a nossa pesquisa, esse plano certamente foi um desafio.

Vejamos, então, as especificidades de cada um deles:

O plano dos espaços informais, propensos e convidativos à satisfação das necessidades motoras diárias, à realização da movimentação pessoal, antropológicamente necessária, mas tão reprimida no cotidiano cidadão.

O plano dos espaços formais para práticas desportivas regulamentadas, para aquisição e desenvolvimento do repertório motor cultural e socialmente referenciado.

O plano de espetáculo desportivo, de apresentação e fruição do expoente cultural do desporto. (BENTO, 1992, p. 116-117).

Ao apresentar essa tipologia, o autor destaca que as instituições devem atentar para duas implicações: 1) cada cidadão tem o direito de usufruir uma prática esportiva orientada e responsabilizada, não sendo suficiente a criação de espaços para esse fim; há que se ter políticas públicas de esporte e lazer que suplantem o tempo de vigência da política partidária municipal e, sendo assim, garantam a qualidade e a continuidade das ações implementadas; 2) sendo o esporte e o lazer uma produção cultural, sua prática está associada a maiores exigências de qualidade tecnológica e de configuração estética e arquitetônica dos espaços próprios para essa finalidade.

Sendo assim, o estudioso procura superar o *misericabilismo* que o esporte unidimensional sugere e que será posto cada vez mais em xeque, acrescentando esta reflexão:

Os diferentes espaços desportivos devem distinguir-se uns dos outros pelas funções a que se destinam e não pela sua maior ou menor qualidade. Ou seja, o desporto[lazer] do futuro será cada vez mais plural nos sentidos, motivos, finalidades e modelo, mas não poderá ser plural nos níveis da sua qualidade. (p. 120).

Esse entendimento, por certo, deve passar pela concepção de cidade, e, nesse aspecto, o panorama que se delineia não é muito promissor. Marcellino *et al.* (2008) constatam que a grande maioria das nossas cidades não dispõe de um número razoável de equipamentos de lazer para atender à população e que, quando os tem, muitos são mantidos pela iniciativa privada. É o que ocorre, por exemplo, com teatros e cinemas que estão sendo fechados para dar lugar a empreendimentos mais lucrativos.

Com efeito, há nas cidades uma crescente privatização dos espaços de convivência social em favor da edificação de outros, que servirão aos grupos sociais mais privilegiados economicamente.

Sobre a “redução” do uso multifuncional do espaço público, o autor corrobora a visão de Rolnik (2000), de acordo com quem esse espaço deixa de ser um local de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo para as cidades

poderem incorporar e façam valer, além da função de circulação, as de lazer, moradia e trabalho, todas elas atribuídas pelo urbanismo moderno às áreas urbanas.

Para atingir tal plano de funcionalidade por inteiro, deve-se

[...] implementar uma política de investimento muito clara na retomada da qualidade do espaço da cidade, na retomada da sua multifuncionalidade e beleza, na retomada da idéia de uma cidade que conecte usos, funções e pessoas diferentes, em segurança. Esse modelo não só é urgente para quem defende uma posição mais democrática de utilização do espaço público, de vida pública, mas também porque é mais sustentável. (ROLNIK, 2000 *apud* MARCELLINO *et al.*, 2008, p. 141).

Pensando assim, acredita-se que as potencialidades do esporte e do lazer não estão esgotadas, pois ainda falta a ambos serem estendidos a um número maior de pessoas; falta-lhes cumprir-se por inteiro, para além do seu imperativo econômico e político: sua virtude cultural, moral, ética e, acima de tudo, humana. Afinal, sonhos e realidade podem estabelecer fronteiras mais tênues do que aquelas que geralmente lhes são impostas.

A APREENSÃO DOS DADOS EMPÍRICOS DOS SUJEITOS E DAS REALIDADES OBSERVADAS

A metodologia da investigação, no seu processo de desenvolvimento e construção, sinalizou que seriam necessários levantamentos de materiais e informações em três etapas:

1ª etapa: mapeamento dos locais da pesquisa

O trabalho investigativo iniciou-se com o mapeamento, na cidade e no campo, dos espaços físicos destinados às práticas desportivas e de lazer. Com relação à localização dessas áreas, alguns participantes com residência fixa há alguns anos na cidade resgataram da memória elementos significativos para o levantamento.

No entanto, precisávamos de informações que tivessem relação com o poder público municipal. Nesse sentido, dirigimo-nos à Secretaria Municipal de Esportes e Lazer para saber dos locais utilizados pela Prefeitura Municipal para a execução de seus projetos e programas envolvendo práticas corporais, esportivas e de lazer.

O passo seguinte foi a realização de uma entrevista com o Chefe do Departamento Técnico do órgão, de quem recebemos as coordenadas sobre os locais de realização das práticas esportivas dos programas de esporte para a juventude, com a função de orientar e, no segundo momento, fiscalizar as atividades da prefeitura, proporcionar atividades nas escolinhas e verificar a média de alcance das equipes, para que o trabalho seja o mais zeloso possível.

2ª etapa: questionário aberto aplicado aos envolvidos com o fenômeno investigado

O questionário constou de uma apresentação inicial da intenção da pesquisa e visava levantar as condições da infraestrutura física das áreas urbana e rural do município de Sinop-MT, os locais e instalações destinadas a práticas esportivas e de lazer e os motivos que levam a população a se envolver com essas práticas.

Ao ser aplicado a um número considerável da população investigada, tal instrumento de coleta de dados, que nos permitiu apreender dos sujeitos os dados referentes ao seu envolvimento com as práticas do esporte e do lazer, garantiu a espontaneidade dos informantes e, ao mesmo tempo, o esclarecimento de possíveis dúvidas quanto às questões levantadas.

A opção pelas perguntas abertas abre espaço para o diálogo, pois não constroem os informantes a expressar suas percepções em alternativas preestabelecidas.

Foram aplicados aproximadamente 400 questionários a crianças, jovens, adultos e idosos. Como a pesquisa se circunscreve no âmbito da realidade urbana e rural de Sinop, vários foram os lugares dessa aplicação, quais sejam: 1) na cidade, em escolas públicas de educação básica e em universidades; no Centro de Convivência de Idosos; nas Academias Populares Ar Livre; no Ginásio Olímpico José Carlos Pazza; e na Polícia Militar; 2) no campo: 25 questionários foram destinados aos moradores da Gleba Mercedes e 18, aos moradores da Comunidade Brígida.

Ao todo foram dezenove questões, que requeriam dos sujeitos informações sobre a idade, o sexo, a renda, a religião, a procedência, a relação entre o tempo de trabalho e o tempo de lazer, a(s) companhia(s) com a(s) qual(is) passam o tempo livre, a ocupação do tempo livre, as práticas culturais do tempo livre, os esportes que praticam, os lugares que frequentam no tempo livre, os motivos que os levam a praticar esporte, em qual horário realizam a prática esportiva.

3) os grupos focais

O instrumento de coleta de dados utilizado na segunda etapa foi o grupo focal, que pode ser definido como “[...] técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador.” (MORGAN, 1997 *apud* GODIM, 2004).

Na opinião de Barbour (2009), “Qualquer discussão de grupo pode ser chamado de um grupo focal, contanto que o pesquisador esteja ativamente atento e encorajando às interações do grupo.” Nessa definição fica evidente o papel do pesquisador como interlocutor ao estimular as interações entre os configuradores do grupo.

Decidimos adotar esse conceito por ser mais adequado para instigar os sujeitos a se manifestar, tendo eles apontado no questionário sua identificação com uma prática específica de esporte e de lazer. Logo, tiveram a oportunidade de narrar as trajetórias do seu envolvimento tais práticas. De nossa parte, pudemos captar as expectativas, as alegrias, o modo como se preparam para a vivência do seu tempo livre.

Organizamos encontros com seis grupos focais, tendo sido geradas informações especialmente para a escrita de artigos que fazem parte desta coletânea. Os encontros com os integrantes dos grupos foram realizados nos dias em que eles encontravam-se envolvidos com alguma ação coletiva na comunidade ou estavam no clube de jogo.

Os locais das reuniões foram a Gleba Mercedes de Sinop, distante 75 km de Sinop; a Comunidade Brígida, a 9 km da cidade ; o Clube de Gatebal, situado na Avenida dos Jatobás, no Bairro Jardim Celeste do município; Centro de Tradições Gaúchas no perímetro urbano; no Complexo Esportivo de Futebol Schneider; e a Comunidade de Pescadores.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAUMAN, S. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

BAUMAN, S. [Entrevista]. O lixo da globalização. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 5 nov. 2005. Entrevista exclusiva concedida a Gustavo Pinheiro, em 05 de novembro de 2005.

BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. A cidade esportiva. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Ed.). **A ciência do desporto - a cultura do homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela

Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, A.B.H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2^oed.(revista e ampliada), 1989.

FREUD, S. **O mal-estar da civilização**. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GONDIM, S. M. G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

_____. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Revista Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 21, p. 63-77, maio/ago, 2004.

GOMES, C.; OSÓRIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. **Lazer na América Latina**/Tempo livre, ócio y recreación em Latinoamérica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HALL, S. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução e revisão de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://WWW.ufrgs.br/neccso>>. Acesso em: 22 nov. 2010.

MARCELLINO, N. C.; BARBOSA F. S.; MARIANO, S. H. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In. MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SANTOS, M. O novo século das luzes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2001a. Caderno Mais Brasil 501 dC!, p.14.

_____. Elogio da lentidão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2001b. Caderno Mais Brasil 501 dC, p.14-15.

AS REPRESENTAÇÕES DO LAZER DA POPULAÇÃO DE SINOP-MT

José Tarcísio Grunennvaldt

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

APRESENTAÇÃO

Representar é aprender a viver além dos levianos sentimentos, na verdadeira dignidade. (GUIMARÃES ROSA, 1969).

Como já detalhado no capítulo em que se discorreu sobre a metodologia escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, foram aplicados aos sujeitos 421 questionários nos locais descritos.

A caracterização do *corpus* deu-se a partir de dados biológicos, geracionais e da procedência regional, das modalidades de esporte ou lazer praticadas, dos níveis de escolaridade e da orientação religiosa assumida. No entanto, conhecendo-se os elementos por meio dos quais se torna possível definir o perfil da população investigada, procurou-se captar o entendimento que o grupo externa no tocante ao seu envolvimento ou distanciamento das práticas culturais de tempo livre e lazer.

Nesse sentido, neste trabalho foram definidos os seguintes objetivos: compreender os motivos que levam a população de Sinop-MT a se envolver com o esporte e o lazer e traçar um perfil dos habitantes que fazem uso dessas ocupações no seu tempo livre.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: OS SABERES POPULARES, O SENSO COMUM E A COMPLEXIDADE DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As respostas dos sujeitos, reveladoras de seus “entendimentos” ou “mentalidades”, foram analisadas, nesta pesquisa, com base nas ideias de Serge Moscovici (1999) e sua compreensão sobre as representações sociais.

O estudioso destaca alguns pontos que justificam a credibilidade da sua teoria das representações sociais, empregada para a elaboração de

suas hipóteses e para estabelecer o cruzamento entre o empírico e o teórico: o primeiro ponto diz respeito ao fato de essa teoria creditar um papel à racionalidade da crença coletiva e sua significação às ideologias, aos saberes populares e ao senso comum é uma evidência de sua “elasticidade”, que viabiliza a compreensão da complexidade da sociedade contemporânea.

Disso resulta que essas crenças são tomadas como sistemas correntes de signos, são tratadas como imagens próximas de uma práxis e de um ritual que existem de modo independente, pois possuem um princípio imanente. Esse é o ponto que diferencia a teoria das representações sociais da maioria das outras, científicas ou não, que julgam a racionalidade do conteúdo da crença e das concepções coletivas como “enviesada” ou não racional, quando comparado ao conteúdo da crença e das concepções do indivíduo. Assim sendo, Serge Moscovici, acrescenta:

Isso quer dizer que as representações sociais são racionais, não por serem sociais, mas porque elas são coletivas. Para dizer as coisas brevemente, é somente dessa maneira que os homens se tornam racionais, e um indivíduo isolado e só não poderia sê-lo. Desse modo toda a psicologia das formas de pensamento, ou de linguagem, deve necessariamente ser social. (p. 11).

O segundo ponto definido por Moscovici assinala que a teoria das representações sociais visa à superação do dualismo entre o mundo individual e social que ronda certas análises. No primeiro, os comportamentos e percepções são compreendidos como resultantes de processos íntimos e, por vezes, de natureza fisiológica. Já no mundo da experiência social, as explicações para as relações entre pessoas e grupos constroem-se em função de interações, de estruturas, de trocas, de poder. Conseqüentemente, não se pode reduzir o social às relações interpessoais ou intrassubjetivas nem ao extremo partido, que nega a especificidade do indivíduo, tornando consensual o resultado de uma interação e subsumindo-se as distinções entre os indivíduos.

Essa visão dicotômica de indivíduo e sociedade é limitada, segundo Moscovici, pois as próprias culturas que conhecemos se constituem por instituições e normas de condutas que envolvem, de uma parte, a “individualização” e, de outra, a “socialização”. Assegurar que representações são resultantes da tensão entre o indivíduo e a sociedade é o que faz a noção de conflito ser tão essencial na teoria das representações sociais, ainda que se trate de transformações cognitivas ou de comunicações públicas. Negando-se o conflito, inviabilizam-se a compreensão do dinamismo da sociedade e as possíveis mudanças dela decorrentes.

O terceiro ponto corresponde a uma das vantagens do uso da teoria das representações sociais, qual seja a sua elasticidade. Como seria tratar os fenômenos psicossociais pela redução drástica das teorias mais elementares, tais como a biologia, a linguística ou a economia? Moscovici advoga que

uma teoria, para perdurar, deve ser suficientemente elástica e complexa, permitindo cambiar-se em função da diversidade dos problemas abrangidos, além de ser presumível de modo dialógico, para descrevê-los e, quando possível, explicá-los.

Por fim, o quarto ponto está associado ao fato de que as representações sociais, ao negarem a dicotomia entre indivíduo e coletivo, possibilitam, quando descritas, a percepção dos fenômenos reais, dos conflitos, das dissonâncias em toda a sua amplitude e significados. Assim, tal teoria é contrária à “fetichização” de um método específico. Não é possível tornar o método experimental ou os não experimentais uma garantia absoluta, como se fossem a única via para se chegar ao conhecimento. Presume-se que optar pelo reducionismo poderia ser muito pernicioso.

CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS NA SUA RELAÇÃO COM O ESPORTE E O LAZER

A idade mais expressiva dos respondentes concentra-se na faixa dos 25 anos. No entanto, duas outras faixas etárias merecem atenção, por suas incidências bem diferenciadas das demais: a de 16 a 20 anos, equivalendo a 28,5% do total dos respondentes, e a de 21 a 25 anos, correspondendo a 17,5% do total de inquiridos.

Quadro 1 – Frequência dos sujeitos pesquisados nas diferentes faixas etárias

| Faixa etária | Frequência | Percentual | Percentual cumulativo |
|------------------|------------|------------|-----------------------|
| Até 9 anos | 1 | 0,24 | 0,24 |
| De 10 a 15 anos | 47 | 11,16 | 11,40 |
| De 16 a 20 anos | 120 | 28,50 | 39,90 |
| De 21 a 25 anos | 74 | 17,60 | 57,50 |
| De 26 a 30 anos | 40 | 9,50 | 67,00 |
| De 31 a 35 anos | 38 | 9,02 | 76,02 |
| De 36 a 40 anos | 24 | 5,70 | 81,72 |
| De 41 a 45 anos | 27 | 6,41 | 88,13 |
| De 46 a 50 anos | 15 | 3,56 | 91,69 |
| De 51 a 55 anos | 12 | 2,85 | 94,54 |
| De 56 a 60 anos | 8 | 1,90 | 96,44 |
| Acima de 60 anos | 15 | 3,56 | 100,0 |
| Total | 421 | 100,0 | |

Fonte: produção dos autores.

Os dados do Quadro 1 evidenciam que, do grupo de crianças com até 9 anos de idade, somente uma respondeu ao questionário, sendo, portanto, reduzida a incidência de sujeitos nessa faixa etária na amostra da pesquisa.

Essa redução também foi expressa no conjunto de participantes com mais 45 anos de idade, sendo essa queda bastante significativa comparativamente aos índices de frequência atingidos pelos membros das faixas etárias anteriores.

Tal ocorrência talvez esteja relacionada ao fato de, na região de fronteira, o tempo ser vivido intensamente para as atividades laborais e para a organização das responsabilidades conforme as agendas de trabalho das famílias.

Sublinhamos que exatamente isso pudesse ser o entrave ao envolvimento da população de mais idade com atividades esportivas e de lazer. Com isso, porém, não queremos afirmar que os sujeitos inseridos nas faixas etárias anteriores não se envolviam com as atividades laborais.

Já o grupo de participantes de 61 a 80 anos de idade teve uma incidência relativamente alta, 3,5%, em comparação a três faixas anteriores a ela, o que talvez se tenha devido ao fato de incorporar sujeitos que compreendiam um intervalo de vinte anos. Destacamos que, com os indivíduos nessa faixa etária foram formados dois grupos focais, o que deu origem a dois estudos específicos sobre os idosos e o seu envolvimento com a dança de salão e o jogo de gatebal, opções de lazer às quais aderem para significar o tempo livre, dando sentido a suas vidas.

Tendo em vista que Sinop-MT é uma cidade relativamente nova e de perfil formativo migratório, formulamos uma pergunta sobre os estados da federação onde nasceram os sujeitos, cujas respostas encontram-se reunidas nesta tabela:

Quadro 2 – Os Estados de origem, a incidência de sujeitos em cada Estado e o equivalente em indicativos percentuais desses dados

| Estados de nascimento dos sujeitos | Nº | Percentual |
|------------------------------------|----|------------|
| Santa Catarina | 18 | 4,27% |
| São Paulo | 24 | 5,70% |
| Distrito Federal | 3 | 0,71% |
| Mato Grosso do Sul | 19 | 4,51% |
| Bahia | 2 | 0,48% |
| Goiás | 7 | 1,66% |
| Ceará | 1 | 0,24% |
| Piauí | 1 | 0,24% |
| Rondônia | 4 | 0,95% |

Quadro 2 – cont.

| Estados de nascimento dos sujeitos | Nº | Percentual |
|------------------------------------|-----|------------|
| Sergipe | 2 | 0,48% |
| Amazonas | 4 | 0,95% |
| Tocantins | 2 | 0,48% |
| Minas Gerais | 11 | 2,61% |
| Rio de Janeiro | 3 | 0,71% |
| Pará | 10 | 2,37% |
| Rio Grande do Sul | 17 | 4,04% |
| Maranhão | 8 | 1,90% |
| Paraná | 98 | 23,28% |
| Mato Grosso | 187 | 44,42% |

Fonte: produção dos autores.

O Quadro 2 permite-nos perceber que, na cidade de Sinop, há uma variedade de indivíduos oriundos de vários estados do Brasil, sobretudo o do Paraná.

Dos 421 sujeitos, 187 nasceram no estado de Mato Grosso, materializando um percentual de 44,42%, tendo 93 deles nascido no município de Sinop. Em seguida, temos que 98 indivíduos nasceram no estado do Paraná, perfazendo 23,28% do total da amostra. Depois, comparecem 24 nascidos no estado de São Paulo, correspondendo a 5,70% dos respondentes ao questionário. Mais à frente, deparamo-nos com dezenove sujeitos nascidos no estado do Mato Grosso do Sul, representando 4,51% do total; dezoito nascidos no estado de Santa Catarina, correspondendo a 4,27%; e dezessete sujeitos do Rio Grande do Sul, também perfazendo 4,04%. Por fim, onze sujeitos de Minas Gerais e dez do Pará, equivalendo, respectivamente, a 2,61% e 2,37% de toda a amostra.

A elevada incidência de sujeitos procedentes do estado do Paraná talvez possa ser explicada pelo fato de a colonizadora fundadora da cidade ser da região Norte do Paraná, onde desenvolveu projetos de colonização desde o final da década de 1940. Na década de 1970, as propagandas da empresa eram efetuadas no Sul e Sudeste do país e, em especial, no Norte e Noroeste paranaense.

A pesquisa de Oliveira (1983), denominada *A esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso de Sinop*, evidencia que 58% da população investigada procedia do Paraná; 20%, dos estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo; e 22%, de outros estados, com destaque para Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Bahia e Sergipe, sendo apenas 1 proveniente do Paraguai.

Naquela época, os sujeitos da pesquisa já haviam residido em duas ou três unidades federativas diferentes, mas nunca em Mato Grosso.

Esses dados revelam que, na década de 80, o fluxo migratório para a fronteira agrícola mato-grossense era, de fato, interestadual, tendência que foi se modificando no contexto mais atual, como comprovam os dados da pesquisa de Oliveira.

Passadas quase três décadas do período focalizado nessa investigação, os dados oriundos deste estudo, sobre o esporte e o lazer na cidade e no campo de Sinop-MT, explicitam que a maior parte da população local proveio *do estado de Mato Grosso, revelando que a circulação e o fluxo migratório* agora é, também, intraestadual. Essa constatação legitima a pesquisa de Souza (2007), que atribui ao fenômeno do movimento populacional de Sinop a denominação de “migração de retorno”.

Acerca do sexo dos 421 sujeitos da pesquisa, 226 são mulheres, correspondendo a 54% da totalidade da amostra, e 195 são homens, equivalendo a 46% dos entrevistados. Em face desses resultados, levantamos a seguinte pergunta: poderia essa prevalência do sexo feminino ser um indício de que as mulheres estariam ficando mais preocupadas com a qualidade de vida, com isso quebrando o tabu de que “lugar de mulher é na cozinha”, frequentemente reproduzido pelos traços culturais da sociedade patriarcal e machista, da qual somos signatários?

Por certo, essa superioridade indica que esteja ocorrendo o que já acontece em outras esferas sociais: a tendência de a mulher sobrepor seu nível de escolaridade ao do homem; ser mais zelosa e cautelosa com a saúde, sobretudo obedecendo a medidas preventivas necessárias; e envolver-se com as atividades de lazer, tudo isso podendo ser revelador, como já dito, da sua busca por uma melhor qualidade de vida, dimensão que envolve o bem-estar físico, psíquico e social.

Parece-nos sensato pensar que a saúde mental também é posta em questão quando, além da saúde física, pode ser melhorada pela caminhada, pela dança, pelo jogo de gatebal etc., uma vez que o envolvimento com o outro pode estimular os níveis de mobilidade corporal, a sociabilidade, a imaginação. Esse comprometimento, se não se configurar como uma obrigação, pode ser elemento desencadeador de tensões agradáveis e ser um requisito para a saúde mental.¹

Ao serem questionados sobre qual profissão exerciam, indicaram 96 ocupações diferentes, tendo sido a mais mencionada a de estudante, com 126 incidências nas respostas. A seguir, a maior ocorrência foi a de sujeitos que não responderam à indagação, perfazendo 33 “ausências” de manifestação. Depois, compareceram estas profissões, seguidas de suas respectivas incidências: professor, trinta indicações; vendedor, dezenove; auxiliar administrativo,

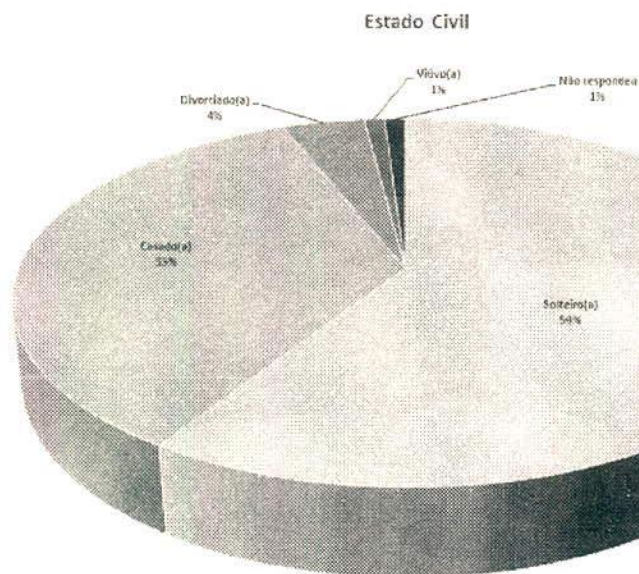
1 Para Elias (1992, p. 136-137), em nossa sociedade, há a necessidade de motivação para fortes emoções que aparecem e desaparecem, de modo que, “Seja qual for a relação que esta necessidade possa ter com outras necessidades mais elementares como a fome, a sede e o sexo - todos os dados acentuam o fato de que esta representa um fenômeno muito mais complexo, um fenômeno muito menos puramente biológico -, pode bem considerar-se que o desprezo quanto à atenção dedicada a esta necessidade constitui uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas da saúde mental.”

dezesseis; agricultor, quatorze; dona de casa, onze; e, por fim, a profissão de doméstica, com dez marcações. Na verdade, o quadro foi completo com o apontamento de várias modalidades de auxiliares e técnicos e por uma gama de diferentes profissões e envolvimento com afazeres diários.

O elevado número de estudantes justifica-se pelo fato de ter sido maior a incidência de sujeitos com idade entre 10 a 25 anos. Nessa faixa etária os jovens geralmente estão cursando o ensino fundamental, médio ou superior, tornando-se mais fácil a aplicação dos questionários a essa população.

Quando perguntados sobre o estado civil, 250 dos 421 componentes da amostra disseram ser solteiros, correspondendo a 59% do total de respondentes; 146 afirmaram ser casados, representando 35% do conjunto dos respondentes; dezessete revelaram ser divorciados, equivalendo a 4% dos participantes do estudo; cinco falaram ser viúvos, perfazendo aproximadamente 1% de toda a amostra; e, finalmente, três entrevistados não responderam à pergunta, configurando menos de 1% da amostra tomada em sua totalidade.

Gráfico 1 – Estado civil dos sujeitos da amostra



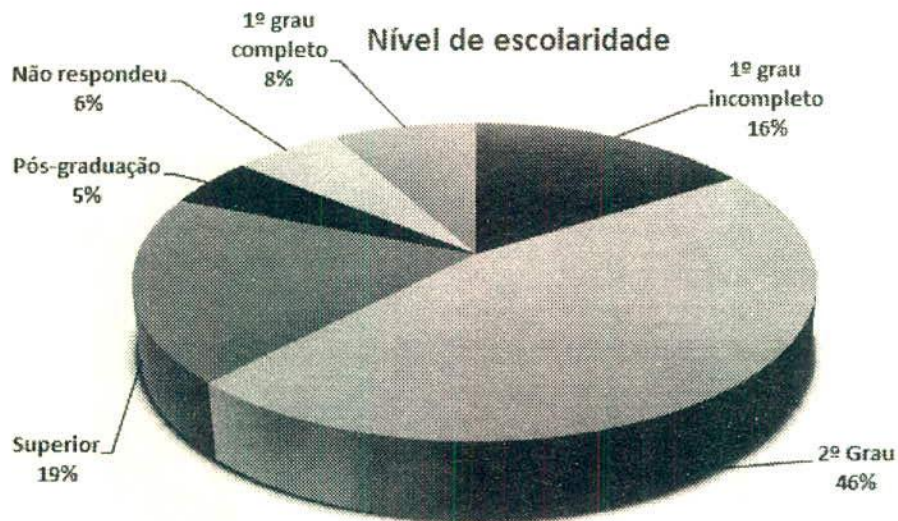
Fonte: produção dos autores.

Em relação ao nível de escolaridade dos sujeitos da pesquisa, predominou o ensino médio, com 193, ou 46%, das indicações totais. A essa constatação seguiram-se estas outras: o curso superior completo, com 82, ou 19% dos inquiridos; o 1º grau completo, com 66, ou 16%, dos depoentes; o 1º grau incompleto, com 32, ou 8%, dos participantes. Por último, 27 pessoas, ou 6%, do total da amostra não responderam a essa questão.

Esses dados mostram-nos que a necessidade e a busca pelo esporte e o entretenimento não se restringem a determinado nível intelectual nem mesmo a certas camadas que compõem a sociedade. Na região Norte de Mato Grosso, Sinop vem despontando como uma referência regional de infraestrutura atacadista e de distribuição de produtos e prestação de serviços. Da amostra dos questionários aplicados, os 82 sujeitos com curso superior ficou evidenciado que essa cidade configura-se como um centro educacional, com instituições de ensino superior disponibilizadas em diversas esferas (federal, estadual e privada).

A força do extrativismo e da agroindústria na região mobiliza e pressiona a criação de vários cursos superiores para atender à demanda de qualificação de mão de obra. E isso pode ser comprovado porque, dos sujeitos da amostra, 21 afirmaram ter concluído um curso de pós-graduação.

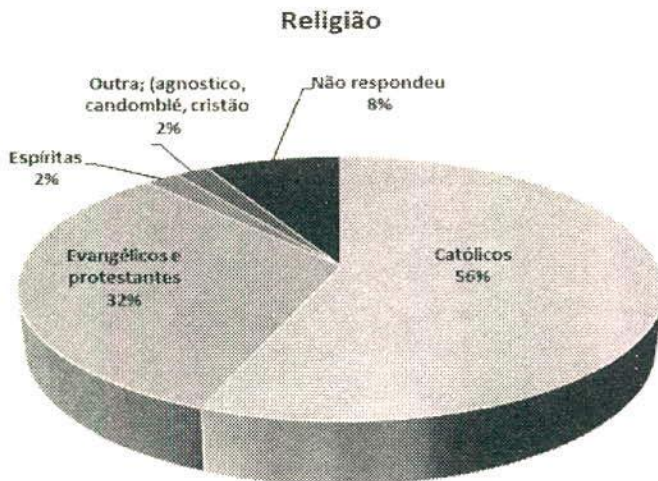
Gráfico 2 – Nível de escolaridade dos sujeitos da pesquisa



Fonte: produção dos autores.

Como resposta à indagação sobre a religião a que pertenciam, os 421 sujeitos da pesquisa assim se pronunciaram: 235, ou 56%, do total dos depoentes eram católicos; 136, ou 32%, dos entrevistados consideraram-se evangélicos e protestantes; seis, ou 2%, dos participantes eram espíritas; nove ou 2%, dos sujeitos assinalaram ser de outra religião (agnóstico, candomblé, cristão); e outros 35, ou 8%, da amostra não responderam à questão.

Como os dados apontam, inferimos que a população de Sinop é marcada pela diversidade no tocante às opções culturais e religiosas.

Gráfico 3 – Opção religiosa dos sujeitos da pesquisa

Fonte: produção dos autores.

Quando questionados a respeito da companhia com a qual passavam o tempo livre, dos 421 sujeitos da pesquisa: 130, ou 16%, disseram dividir esse tempo com os pais; 121, ou 15%, com o marido ou a esposa; outros 121, ou 14%, com os filhos; 93, ou 11%, com os irmãos; 84, ou 10%, com um amigo do bairro; 59, ou 7%, com outros parentes; 59, ou 7%, com um amigo de outro bairro; 55, ou 7%, com o(a) namorado(a); 36, ou 4%, com um amigo de trabalho; 33, ou 4%, com os amigos da igreja; 33, ou 4%, responderam ficar sozinhos; e sete, ou 1%, assinalaram outras opções (amigos do apartamento, amigos da faculdade).

Elias e Dunning (1992, p. 110), em seus estudos sobre tempo livre e lazer, apresentam uma classificação preliminar para demonstrar os diferentes níveis de tempo livre em que as pessoas podem se envolver no dia a dia e através da qual avaliam de forma muito nítida que uma parcela considerável de nosso tempo livre não pode ser considerada como lazer.

Na leitura de nossos dados sobre a companhia dos sujeitos no tempo livre, não nos ateremos a essa distinção minuciosa, e, para estabelecermos um diálogo e procedermos a uma interpretação simples desses dados, emprestamos desses autores o conceito de sociabilidade como um dos componentes de lazer.

As respostas evidenciam que existe uma necessidade de o sujeito viver seu tempo livre em companhia de outras pessoas. Tanto que praticamente todos os respondentes, ou 96%, da investigação afirmaram tal necessidade. Contra esses valores, somente 33, ou 4%, dos 421 componentes da amostra preferem desfrutar esse tempo só, ou seja, sem a companhia de alguém.

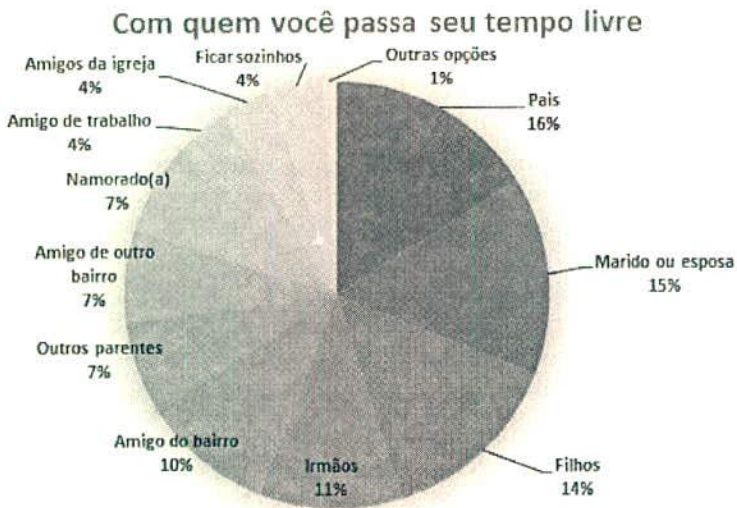
Elias e Dunning destacam que se nos ativermos às atividades de lazer praticadas no tempo livre, a sociabilidade, a mobilidade e a imaginação serão

ativadores emocionais sempre presentes, assim como pode acontecer de esses elementos se combinarem ou, dependendo da ocasião, um deles ficar em evidência em relação aos outros.

Em relação a(s) companhia(s) dos sujeitos no tempo livre, suas informações parecem confirmar que, dentre os componentes do lazer, a sociabilidade ficou mais evidente que os demais. Enquanto elemento básico do lazer, a sociabilidade desempenha um papel em grande parte - senão em todas - das atividades de lazer. Na opinião dos referidos estudiosos, esse elemento desencadeia o agradável sentimento de prazer decorrente de se estar em companhia de outros.

As respostas dos depoentes não nos deixam dúvida sobre a estreita relação tempo livre-lazer-sociabilidade:

Gráfico 4 – A companhia dos sujeitos no tempo livre



Fonte: produção dos autores.

Para sabermos com quais práticas culturais os sujeitos pesquisados se envolviam no tempo livre a pergunta que elaboramos e da qual constavam várias sugestões de atividades permitia que assinalassem mais de uma alternativa. Sendo assim, dos 421 integrantes da amostra, obtivemos a indicação de um total de 993 práticas.

A seguir, discriminamos o nome de cada uma das atividades de lazer indicadas no questionário e a respectiva quantidade (em números e índices percentuais) de adeptos: assistir à TV, 266, ou 27%, entrevistados; ler, 196, ou 20%; jogar no computador ou videogame, 99, ou 10%; participar da organização da comunidade, 97, ou 10%; assistir a jogos de futebol, 96, ou 10%; ir ao cinema, 78, ou 8%; ir ao baile, 62, ou 6%; ir a shows 45, ou a

4%; participar de grupos de música, 28, ou 3%;. Outros dados permitiram-nos avaliar que treze, ou 1%, depoentes envolviam-se em outras atividades (igreja, filantropia, baralho, internet, artesanato, violão, música clássica, bar, cursos, palestras, e dança gospel); que nove, ou 1%, sujeitos não participavam de nenhuma prática; e que quatro, ou 0,40%, dedicavam-se ao teatro.

O predomínio da prática de assistir à TV, corrobora a constatação de Marcellino (2006), de acordo com quem as atividades de lazer são desenvolvidas dentro do espaço restrito das casas, talvez por não requererem grandes investimentos.

O autor chama-nos a atenção para os efeitos do “reinado” da TV:

E é também contra esse reinado que surgem as críticas e as grandes interrogações sobre os seus efeitos. Suas influências na família, ou mais propriamente nas relações familiares. Sua contribuição para a alienação das pessoas, seus efeitos em crianças que ficam até quatro ou cinco horas, diariamente, expostas aos seus apelos (p. 75).

Marcellino analisa essa opção pela TV em duas perspectivas: uma aglutinadora e uma isoladora. Na primeira, ocorre a aproximação espacial entre o televisor e o espectador para se obter melhor posição para assisti-la, podendo suscitar interesses e conteúdos para o estabelecimento das comunicações interpessoais.

Já na segunda perspectiva, o autor reacende a polêmica resumida por esta questão: até que ponto a cena da família reunida em volta da TV, sem se comunicar (muda, sem interagir), é resultado do fascínio dos espectadores pela programação? Ou é apenas uma alternativa para passar o tempo livre, haja vista não dispor de conteúdos que deem margem à argumentação, ao estabelecimento de diálogo entre os pares?

Depois da categoria “assistir à TV”, verificamos uma pesada incidência de sujeitos que disseram optar pela prática de leitura, o que pode estar relacionado com o nível de escolaridade dos pesquisados. Nesse sentido, relembremos que 71% da amostra possuíam 2º grau completo, curso superior ou pós-graduação.

Nessa mesma linha de análise, o estudioso, em sua pesquisa envolvendo a leitura e o lazer, argumenta que

A leitura, considerada como atividade de lazer está ligada, de modo mais direto, a satisfação dos interesses intelectuais. Isso não quer dizer que não possam ser atendidos, por exemplo, interesses artísticos no ato de ler. Mas, tão-somente que, quase sempre, o interesse maior é o contato com o real, as informações objetivas e explicações racionais (p. 87).

Avançando em suas considerações, Marcellino destaca que a leitura como lazer pode apresentar um caráter de ambiguidade: de um lado, as informações sobre arte, turismo e esporte constituem-se, junto à prática e do consumo, num dos gêneros do lazer, o do conhecimento; do outro lado, na esfera dos interesses profissionais, religiosos e outros, configura-se como uma obrigação. Assim, como qualquer outro interesse intelectual, a leitura no lazer pode se caracterizar como uma forma de se preparar mais e, conseqüentemente, melhorar-se para o desempenho de outras obrigações, de modo que isso faz com que a atividade perca o seu aspecto “desinteressado”, de “simples” lazer.

É possível que, dependendo do objetivo e da finalidade da leitura, esta possa assumir características distintas em termos do “grau de rotina” que as acompanha. Uma classificação das atividades sob essa ótica pode ser observada no esboço elaborado por Elias e Dunning (1992, p. 146-149):

1. Atividades rotineiras: cuidados com higiene e alimentação, atenção a familiares, tarefas domésticas, etc;
2. Atividades de formação e autodesenvolvimento: trabalho social voluntário, estudo não escolar, participações em associações, atualizações de conhecimento, etc;
3. Atividades de lazer: encontros sociais formais ou informais, jogos e atividades miméticas, e miscelânea de atividades esporádicas prazerosas e multifuncionais, como: viagens, jantares em restaurantes, caminhadas, etc.

Diante dos dados colhidos nesta pesquisa, na qual a leitura comparece como a segunda prática cultural mais procurada pelos sujeitos, fomos tomados, a princípio, por uma expectativa de otimismo. No entanto, já mais comedidos e alertados pela reflexão de Marcellino (2006), atentamos para o fato de que a literatura pode não estar sendo entendida e assimilada como cultura e sim como um instrumento verbal utilizado para o ganho de conhecimentos necessários à atuação em situações formais da vida.

O fato de o alto índice de leitores corresponder ao universo de sujeitos escolarizados nos níveis de 2º grau, superior e de pós-graduação pode ser um indicativo de que exista uma diferença entre a leitura praticada em classe e aquela realizada em uma situação extraclasse. Nesses termos, o autor sugere que há uma espécie de incompatibilidade entre a obrigatoriedade de certos textos e o caráter gratuito daqueles que “apenas divertem”.

Uma das possibilidades de se elevar o patamar quantitativo e qualitativo de leitores das mais diversas modalidades de mídias seria ampliar a função das bibliotecas públicas, “[...] deixando de ser apenas um centro de leitura para se tornarem um espaço cultural mais amplo, abrangendo exposições de arte, exibições de filmes, palestras, lançamentos

de livros, encenações de peças teatrais com atores da comunidade, etc. [...]” (MARCELLINO, 2006, p. 90).

Em outro artigo desta coletânea de textos já se tocou na possibilidade de espaços públicos terem estendidas suas funções sobre o aspecto utilitário do mundo da produção e das obrigações para o mundo “desinteressado”, de “simples” lazer. Tal perspectiva visaria atender aos significados atribuídos por sujeitos em relação aos lugares e produções culturais e que poderiam concorrer para dar sentido à vida de crianças, jovens, adultos e idosos e, se possível, convivendo em espaços-equipamentos coparticipados.

Nesse sentido, Souza *et al.* (2010) destacam que o campo do lazer é fértil devido a sua capacidade de facilitar trocas de experiências entre os indivíduos e pela possibilidade de eles aprenderem juntos através de atividades pelas quais tenham interesse.

A expectativa de se ter expandidas as funções da escola para a exploração de informações situadas nos campos das artes, do turismo, dos esportes, do cinema, dentre outras, por certo implicaria na ampliação e no fortalecimento de um dos gêneros do lazer, o do conhecimento. Criar um lugar destinado à realização de atividades de lazer mais “desinteressadas” é, no mínimo, uma tentativa de des-sacralizar os espaços de sua função “precípua” inscrita no âmbito das obrigações.

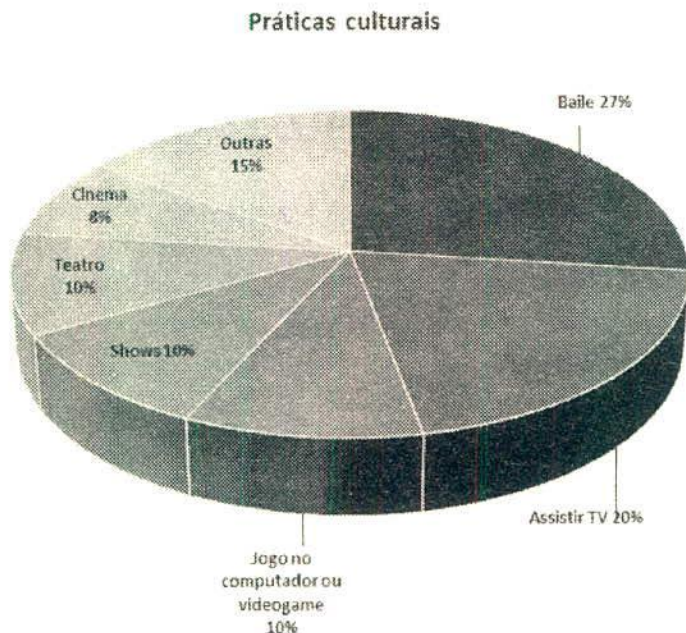
Jogar no computador ou videogame foi a terceira maior preferência dos sujeitos, com 99 incidências, correspondendo a 10% do total das respostas. O grande número de participação, em nossa amostra, de pessoas jovens pode ser explicativo desse resultado, acirrando a cisão entre o gostar de algo e a prática esportiva.

Foi justamente essa a conclusão a que chegou a mesma e já mencionada pesquisa desenvolvida pela *Folha de S. Paulo*, revelando um dado nada animador em relação à prática de atividades físicas como alternativa de lazer.

Outra categoria de respostas que teve um número elevado de incidências foi a da participação na organização da comunidade, com 97 adeptos. Esse número nos surpreendeu, uma vez que, na “modernidade líquida” atual, imperam atitudes marcadas por valores ligados à competitividade e ao individualismo. Em face disso, vemos quão significativo é constatar, na representação das pessoas, que elas têm opiniões próprias, não se deixando levar pelos padrões culturais do entretenimento mais evidentes ou da “moda”.

Seguidamente, evidenciamos nas respostas dos sujeitos quanto a suas preferências, entre outras atividades de cunho cultural: assistir a jogos de futebol, 96 entrevistados; ir ao cinema, 78 integrantes da amostra; ir ao baile, 62 depoentes; ir e assistir a *shows*, 45 pesquisados; e participar de grupos musicais, 28 respondentes.

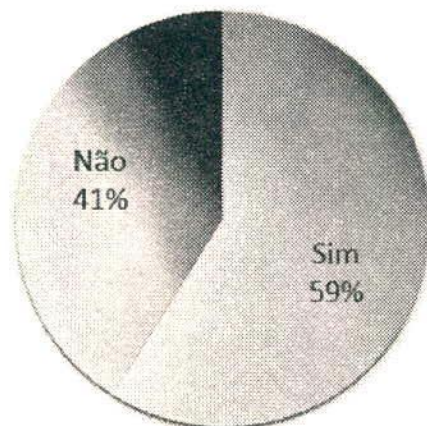
Gráfico 5 – Práticas culturais dos sujeitos da pesquisa



Fonte: produção dos autores.

Quando indagados se praticavam algum esporte, 247, ou o correspondente a 59% dos 421 sujeitos da amostra, disseram que sim; 173, ou o equivalente a 41% da totalidade dos entrevistados, falaram que não eram adeptos de nenhum esporte; e somente um sujeito não respondeu à pergunta.

Por esses resultados, percebemos que a população consultada de Sinop, quando comparada aos moradores (jovens acima de 14 anos de ambos os sexos) de São Paulo e do Rio de Janeiro na pesquisa da Folha de S. Paulo, referida por Marcellino (2006), acena com maior positividade para as preferências e a prática esportiva. Na investigação mencionada pelo autor, 61% dos entrevistados afirmaram não praticar qualquer atividade, enquanto em nossa pesquisa esse resultado incidiu sobre 41% dos sujeitos que responderam ao questionário.

Gráfico 6 – Os sujeitos praticam esportes?**Você pratica esporte**

Fonte: produção dos autores.

O futebol consta como o esporte mais praticado pelos pesquisados, e isso de certo modo está em conformidade com a corrente de pensamento que elege essa modalidade como a paixão nacional. Dos 421 entrevistados, 241, ou 57,24%, são adeptos dessa modalidade, compreendendo esportistas inscritos na faixa etária de 10 a 25 anos.

Segundo dados da pesquisa citada anteriormente (MARCELLINO, 2006, p. 86), a predominância do futebol pode estar relacionada ao fato de grande número dos pesquisados ter pouca idade, pois “[...] a prática do futebol decai com a idade, sendo praticado principalmente por um público jovem [...]” De fato, nessa mesma pesquisa, o maior número de praticantes de futebol situava-se na faixa etária dos 15 a 24 anos, sendo que entre pessoas com 40 anos de idade ou mais a adesão à atividade caiu para 6%.

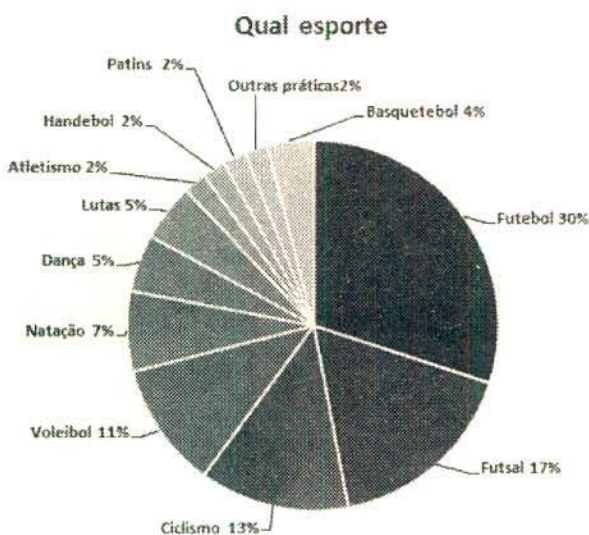
A caminhada foi o segundo “esporte” na preferência dos investigados, com noventa incidências. No entanto, houve diversas indicações de que a corrida de rua já despontava como uma prática bastante comum. Tanto que mencionaram a criação de grupos de amigos corredores, enfim, de verdadeiras “tribos”, constituindo-se muitas vezes um corporativismo de “estabelecidos”, que por vezes criam seus próprios trejeitos, ou seja, uma cultura de corredores. Mas, apesar disso, por que em Sinop desponta a caminhada e não a corrida (as respostas nos dizem que apenas seis sujeitos praticam atletismo, que envolve provas de corrida, saltos e arremessos-lançamentos)?

Uma explicação possível pode partir da ampliação de espaços para a prática da caminhada, distribuídos em praças, quadras inteiras e, às vezes, nos canteiros internos dos grandes redondos formados pelos cruzamentos das avenidas.

Caminhar pode ser encarado como uma alternativa à vida agitada, estressante, favorecendo a criação de laços de sociabilidade quando da relação dos sujeitos entre si. Nesse sentido, a prática dessa atividade possivelmente funciona como um antídoto ao desalento, o enfado comumente imposto pela rotina na vida dessas pessoas, que então se sentem livres para conversar sobre outros assuntos, que não os de costumes.

Em seguida aparecem como opções de práticas desportivas: o futsal, o ciclismo, o voleibol, a ginástica em academia, a pescaria, a musculação, a natação, a dança, as lutas, o basquetebol, o atletismo, o handebol, o patins e o tênis.

Gráfico 7 – Frequência com que o esporte é praticado pelos sujeitos



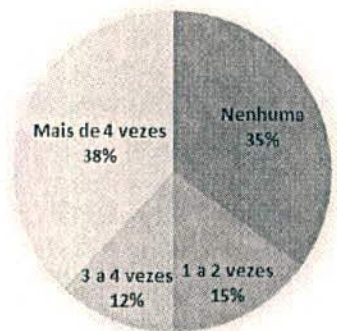
Fonte: produção dos autores.

Os sujeitos da pesquisa, ao serem indagados sobre quantas vezes praticaram algum esporte, nos últimos 30 dias, como uma opção de lazer, responderam: “nenhuma vez”, com 118 incidências, equivalendo a 35% do total de participantes da investigação; “de 1 ou 2 vezes”, com 51 ocorrências, correspondendo a 15% daquele total; “3 ou 4 vezes”, com 41 evidências, perfazendo 12% de todas as respostas; e, por último, “4 vezes” com 131 indicações, correspondendo a 38% do total da amostragem. Este último grupo, que constitui o maior percentual de sujeitos, mantém certa regularidade em seu envolvimento com as atividades esportivas.

Atentemos também para a possibilidade de que, na esfera do lazer, as atividades não devem ser transformadas em rotinas que se realizam para satisfazer necessidades utilitárias postas no dia a dia.

Gráfico 8 – Frequência da prática de algum esporte pelos sujeitos como opção de lazer nos últimos trinta dias

Nos últimos 30 dias quantas vezes você praticou algum esporte como opção de lazer



Fonte: produção do autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apreendermos as representações de determinada parcela da comunidade e verificarmos como os sujeitos se relacionam com o mundo do esporte - como um dos fenômenos - que ocupa o *status* de uma das expressões mais marcantes de modernidade, ousamos pensá-lo como um conceito em sua multiplicidade de usos e de representações.

Nesse sentido, cremos que o esporte, enquanto lazer, poderá vir a passar por um processo de desconstrução em seus laços institucionais universais (*a priori*) e se tornar um “se fazendo” no envolvimento dos sujeitos com a(s) prática(s) escolhida(s) (*modus operandi*). Dessa liberdade, permitida pelo fazer-se, advirá a construção de novas subjetividades.

Nessa perspectiva, as representações, as mais diversas, poderão concorrer entre si e ser concebidas nas diferentes formas de inteligibilidades que os sujeitos redesenham quando se envolvem com os outros nas mais variadas manifestações de esporte e lazer e no redimensionamento dos espaços destinados ao usufruto do seu tempo livre e de lazer.

Assim, a prática de esportes, não por obrigação, mas mediada por uma visão que a configura como uma categoria de atividade mimética ou de jogo, possibilita ao sujeito praticante a escolha de determinada modalidade na dimensão dos sentidos e significados propícios ao seu envolvimento. Desse modo, é possível que “Estas atividades estejam diretamente associadas à destruição da rotina, característica essa da excitação mimética.” (ELIAS; DUNNING, 1992 *apud* GOMES, 2008, p. 34-5).

REFERÊNCIAS

- ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 2v.
- _____; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- GEBARA, A. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHMS, H. T. (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- GOMES, V. F. **Representação das pessoas idosas sobre seu envolvimento com a dança: um estudo de caso**. 63f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal de Sergipe-UFS, Sergipe, 2008.
- MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.
- MOSCOVICI, S. Prefácio. In: GUARESKI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representação social**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, J.M. **A Esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso Sinop**. São Paulo: FFLCH/USP. 1983 (Dissertação de Mestrado).
- ROSA, J.G. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: J.Olympio, 1969.
- SOUSA, E. S. de; NORONHA, V.; RIBEIRO, C. A.; TEIXEIRA, D. M. D.; FERNANDES, D. M.; VENÂNCIO, M. A. D. **Sistema de monitoramento & avaliação dos programas esporte e lazer da cidade e segundo tempo do ministério de esporte**. Belo horizonte: O lutador, 2010.

O DESPORTO E O LAZER NA CIDADE E NO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT: IMPLICAÇÕES DO PRINCÍPIO DO DESPORTO PARA TODOS

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

INTRODUÇÃO

Na região norte de Mato Grosso, alguns casos já estão se confirmando seguidamente, como nas cidades de Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Sorriso, Sinop, Tapurah, Ipiranga do Norte, para exemplificarmos com apenas alguns municípios. É também por isso que começam a atrair pessoas para ali residir e trabalhar, em busca de novas oportunidades. Este processo provoca mudanças na paisagem regional, seja sob o ponto de vista social, econômico, espacial e/ou ambiental. (SOUZA, 2007, p. 55).

A epígrafe em destaque convida-nos a pensar a “cidade” para além de sua conotação física, geográfica ou administrativa, focalizando-a a partir do que mais recentemente se convencionou denominar “um olhar sobre as migrações”, deslocamentos estes que são, de fato, um dos fenômenos mais característicos das novas cidades.

Contudo, a cidade, vista como lugar onde pessoas habitam e estabelecem relações de interdependência entre si, é, antes, um conceito sociológico, que emerge da cultura, e, portanto, humano, haja vista a possibilidade de cada um poder atribuir-lhe um significado baseado em sua experiência individual como morador e protagonista. Somente assim a cidade da modernidade contemporânea tende a incorporar em sua configuração o aspecto jurídico e constitucional, mas isso desde que o indivíduo participe e usufrua dos benefícios da organização pública do centro urbano.

Observando esse aspecto na região norte do estado de Mato Grosso, vemos que, tanto na cidade quanto no campo, há pessoas que não podem se valer do lema “Esporte para todos” como uma bandeira jurídico-constitucional. Nesse sentido, o caráter democrático do esporte, junto com os benefícios decorrentes de sua prática à qualidade de vida, só se materializa quando, no cotidiano, o acesso aos locais para manifestações de práticas desportivas e de lazer é sustentado por essa bandeira e, principalmente, quando a população pode usufruir o legado que a cidade apresenta.

*“Desporto para todos” é uma divisa da essência social e democrática da prática desportiva, comprometedora e responsabilizadora do Estado como instância garante da aceitabilidade e moralidade dos processos distributivos. Corporiza, portanto, um *postulado ético*, um *imperativo social*, no sentido de que cada cidadão deve ter acesso fácil a uma prática desportiva que corresponda à sua situação social e financeira, às suas disponibilidades temporais, aos seus interesses e estado de competência. (BENTO, 1992, p. 114).*

Sabemos que a colonização do norte mato-grossense é um fato ainda pouco estudado pelas diferentes especialidades que concorrem para a configuração do pensamento acadêmico sobre o assunto. Isso se deve por se tratar de um Estado que desenhou sua geografia política bastante recentemente e de modo diverso ao da maioria das regiões brasileiras.

Todavia, os primeiros estudos que privilegiaram essa região por certo focalizaram apenas os aspectos de ordem econômica e política do processo de ocupação, tendo, mais recentemente, incluído a questão das migrações e dos assentamentos rurais, deixando, por último, um estímulo ao desenvolvimento de trabalhos investigativos sobre a diversidade cultural brasileira.

Nossa opção por examinar minuciosamente manifestações culturais do esporte e lazer destoa dessa tendência (tornando-se singular) em relação à dois aspectos: o primeiro refere-se ao próprio foco de pesquisa, cuja escolha se deveu ao fato de que, ainda em meados do século passado, ambas as instituições careciam de legitimidade entre os especialistas das ciências sociais, sobretudo no que dizia respeito ao futebol. Seria, então, duvidoso que tais estudiosos considerassem esse um tema de investigação respeitável e investissem em pesquisas que resultassem, por exemplo, em dissertações de mestrado (ELIAS; DUNNING, 1992).

O segundo aspecto diz respeito ao fato de encararmos como desafiadora a proposta de investigar o que fazem, pensam e dizem os sujeitos que residem, vivem, trabalham e se divertem no meio rural de Mato Grosso, sempre buscando estabelecer um diálogo com essa realidade.

Nesse sentido, o campo é uma realidade presente e intensamente vivida, uma vez que o Estado se torna um grande espaço de assentamento das populações oriundas de outros territórios brasileiros, ainda que seja por meio da “Revolução Passiva”, materializada segundo a anuência e a organização do Estado, de sindicatos, de igrejas e de outras instituições.

Em face da constatação dessa forte presença da realidade rural em Mato Grosso, que, na atualidade, ocupa uma posição de destaque, em âmbito nacional, por sua expressiva contribuição na produção agropecuária, acreditamos estar justificada a inclusão da população do campo, então um contingente significativo do município de Sinop, na investigação sobre trabalho e lazer do homem que mora e vive de sua relação com o campo.

Parece-nos instigante perguntar sobre os afazeres desse grupo de migrantes, bem como indagar como vão se configurando as novas relações ou sociabilidades nas novas cidades que passam a habitar. Nessa perspectiva, formulamos estas questões: em seu tempo de não trabalho, com que práticas culturais, esportivas e de lazer essas pessoas se envolvem? Quando se envolvem, elas reproduzem as práticas culturais do tempo livre e de lazer dos Estados de origem? As práticas culturais do tempo livre e de lazer são influenciadas pelos *mass media*? As pessoas e as comunidades possuem autonomia para elaborar programas e escolher as atividades de lazer?

Para além da tendência de se atribuir ao conceito de desporto [e lazer] um sentido de seriedade, nesta pesquisa, dotamos esse(s) termo(s) da ideia de alteração do equilíbrio entre os pares trabalho e lazer. Isso pode representar uma iniciativa salutar para compreendermos, a partir do envolvimento das pessoas com tal fenômeno, os motivos de sua adesão.

Assim, quando verificamos empiricamente o que leva indivíduos de diferentes padrões sociais e faixas etárias a tomar parte de tal fenômeno, cremos estar acenando com algumas possibilidades que superam a hipótese da crescente tendência à seriedade supostamente presente no conceito de desporto [e lazer]. Logo, num contexto de fronteira migratória, em que as pessoas se abrem a novas relações socioculturais acreditamos ser fundamental validar algumas sugestões de Dunning (1992) para a ampliação do significado social de desporto [e lazer], incorporando a essa ideia a realidade - nova e concreta - desses sujeitos, habitantes em uma cidade que se destaca pelo grande contingente populacional de “migração de retorno”.

Então, na tentativa de procedermos à análise aqui proposta, a partir dos dados da realidade concreta na qual se insere esta pesquisa, apresentamos as referidas sugestões: 1) conceber o desporto [e o lazer] como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) transformar o desporto [e o lazer], em termos de sua função, num dos principais meios de identificação coletiva; 3) propiciar a emergência do desporto [e do lazer] como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas.

Com base na leitura de Dunning, lançamos um duplo desafio para este trabalho de investigação: o primeiro é questionar a visão na qual o desporto [e o lazer] é ignorado como um objeto de reflexão sociológica e de investigação, especialmente por ser encarado como algo que se localiza junto aos aspectos negativos do complexo dicotômico, do que convencionalmente se aceita como produtivo, como é o caso, por exemplo, dos fenômenos trabalho e lazer, espírito e corpo, seriedade e prazer, econômico e não econômico.

Expressemos as ideias do autor através de suas próprias palavras:

[...] no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que

envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor econômico. Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenômeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios "sérios" da vida econômica e política. (p. 17).

O segundo desafio relaciona-se ao fato de que, em um espaço de fronteira agrícola, o tempo é todo ou quase todo dedicado ao mundo e às relações de trabalho. E isso porque, nesses lugares, vigora uma mentalidade segundo a qual a finalidade de se dirigir para lá é "ganhar dinheiro", tanto que, conforme já dito, as atividades cotidianas são essencialmente, podendo, ainda, o esporte e o lazer ser vistos em suas conotações negativas do não trabalho.

A fim de cumprir esse segundo desafio, faremos um esforço para não cairmos na tentação de querer ler a realidade pelas proposições teóricas já postas, engessando as possibilidades de novos olhares.

Sobre o assunto, De Decca (1997, p. 12) adverte:

Não basta, portanto, absorver Norbert Elias apenas naquilo que se refere às suas proposições teóricas. Compensa muito mais acompanhar os procedimentos de análise de suas fontes para melhor entender de que maneira e a partir de que pressupostos ele selecionou materiais necessários para sua pesquisa histórica. Alias, é isto que tem sido valorizado na recente descoberta deste autor. Visto do ponto de vista sociológico, seu modelo teórico torna-se extremamente formalista, mas ao ser confrontado com o trabalho das fontes ele ganha uma dimensão nova.

Diante disso e atentos à advertência de De Decca para não nos restringirmos às noções e aos conceitos previamente dados sobre a relação entre o tempo de trabalho e o tempo livre dos sujeitos da população (urbana e rural) de Sinop e a vivência desses tempos por essas mesmas pessoas, propusemos realizar o *survey*. Este, por sua vez, se configurou num trabalho que foi além de um levantamento burocrático de dados previamente subentendidos, abrangendo a natureza das relações dos sujeitos com o trabalho e o tempo livre e/ou de lazer.

Numa circunstância de "civilização de fronteira", como é o caso de Sinop-MT, essa noção vem se configurando na perspectiva de uma ideia de construção. Nesses termos, apontamos aqui a necessidade de operarmos com os conceitos de trabalho, tempo livre, lazer e outras manifestações culturais que porventura decorram dessas noções, que podem ter suas significações mais comuns deslocadas ou alteradas. Afinal, estamos falando de uma região geográfica, mas marcadamente econômica, na qual os sujeitos produzem e controlam a própria temporalidade que os move.

De qualquer forma, sem nos deixar levar pelo apriorismo dado e, às vezes, ideologizado do conceito, partimos do pressuposto de que a concepção de lazer e a base teórica que Norbert Elias desenvolveu a esse respeito poderão nos ajudar a dialogar com as respostas dos participantes desta pesquisa. É isso porque nos tornará possível superar a visão dicotômica segundo a qual o lazer é uma resultante mecanicista do trabalho e, em contraponto, uma categoria autônoma, não dependente e capaz de recuperar energias do ser humano para servir de força de trabalho.

Uma evidência da possibilidade de o lazer não ser efeito mecânico do mundo do trabalho está na passagem que segue:

Se as pessoas vão ao teatro, a um baile, a uma festa ou às corridas, é porque no lazer elas podem, tal como dissemos antes, escolher como se ocupar de uma maneira que favoreça a experiência do prazer. Deste modo, o prazer, as perspectivas de um tipo específico de estimulação agradável, é um elemento essencial da estrutura social destas instituições, do teatro, da dança, das festas ou corridas e de todas as outras [...] (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 161).

Sobre o motivo que, nesta pesquisa, leva um dos informantes a trabalhar no setor de atendimento aos frequentadores do Baile de Chopp da Comunidade Brígida, do município de Sinop-MT, temos estas informações:

Uma satisfação em trabalhar na comunidade, eu gosto disso e é uma coisa que a gente se realiza, um motivo muito interessante que fez a gente ajudar a trabalhar porque no começo eram apenas os associados e hoje com toda uma infra-estrutura construída, dá um ânimo a mais, é uma satisfação pessoal, um momento de lazer onde os amigos se encontram, a família fica reunida nos domingos, a comunidade gera momentos de descontração, a satisfação das pessoas que vêm ao baile do chopp, [para mim] é muito gratificante. (Inf.1, 2010)²

Neste estudo, temos o objetivo de apresentar os espaços e equipamentos disponíveis para o desenvolvimento da manifestação cultural do esporte e lazer no município de Sinop-MT.

As análises e interpretações são mediadas pelos conceitos de tempo livre e lazer de Elias & Dunning (1992). Também, foi de grande proveito

² Os sujeitos trabalhadores do Baile de Chopp da Comunidade Brígida participaram de Grupos Focais, as entrevistas com os grupos foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2010 concedidas a José Tarcísio Grunennvaldt e Emerson Rodrigo Coletto no salão da comunidade, foram ao todo 12 pessoas que serão identificados no texto como informantes de 1 a 12 (Inf. 1). Optamos por não divulgar o nome por uma questão de privacidade dos sujeitos.

a distinção entre espaço e equipamento proposta por Marcellino *et al.* (2008), bem como a sua já divulgada concepção de Pedagogia da Animação. Concorrem, ademais, para as nossas análises as ideias de Frago e Escolano (2001) para o entendimento de espaço e lugar, aberto e fechado, sentido em que a intervenção humana configura os espaços de engrenagens mecânicas para lugares quentes e de vida.

SINOP COMO CIDADE (REGIÃO) DE FRONTEIRA

Nos anos de 1970 e 1980, quando os militares exerceram “funções intelectuais na sociedade”, os presidentes em exercício Emilio Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo desenvolveram projetos visando consolidar a política de criação de novas fronteiras econômicas, mas que tinham um forte chamamento voltado à integração e ocupação do território brasileiro, o que, na verdade, não deixa de ser uma das missões do exército.

Essa política de expansão da população sobre o território atraiu muitos brasileiros,

[...] em sua maioria agricultores, principalmente da Região Sul do País, que vieram em busca de melhores condições de vida, colonizadores e grandes empresas nacionais e multinacionais que vieram para a região, movidas principalmente pelos financiamentos e incentivos fiscais oferecidos na época. (ERARDI, 2007, p. 12).³

A cidade de Sinop é a expressão de como se deu a tomada do território no estado de Mato Grosso, tendo se tornado o centro de referência da Gleba Celeste, área de ocupação recente, fruto de um empreendimento de colonização particular iniciado na década de 70, uma vez que o objetivo era criar pontos estratégicos destinados ao controle e dominação do espaço.

Para Souza (2004, p. 91), o surgimento das cidades dessa frente migratória reflete a profunda mudança ocorrida no cenário mato-grossense, sinalizando o processo de urbanização para ao Norte do Estado e as transformações na paisagem do cerrado e da Amazônia Mato-Grossense:

3 O Decreto-Lei nº 1.164, de 01 de abril de 1964 (BRASIL, 1964), declara serem indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacionais terras devolutas na faixa de cem quilômetros de largura em cada eixo das rodovias na Amazônia Legal. A colonização das margens da Transamazônica foi feita segundo o Programa de Integração Nacional (PIN), criado em 1970 para transferir o excedente populacional do Nordeste aos solos úmidos da Amazônia (O Estado de São Paulo, 30 jan. 1974). Já no povoamento das margens da BR-163, na rodovia Cuiabá-Santarém, houve um fluxo muito grande de colonos do Centro-Sul do país que fugiam do desemprego estrutural e buscavam um pedaço de chão para realizar o sonho da propriedade ou para ampliar seus domínios em relação à extensão de terra que possuíam no lugar do origem.

O nascimento de Sinop e Alta Floresta, hoje entre as cidades pioneiras mais dinâmicas, é um dado revelador deste processo. Outras cidades como Sorriso, Lucas do Rio Verde e Guarantã do Norte [esta], na divisa com Estado do Pará, estão contribuindo para consolidação da fronteira, num processo acelerado de urbanização.

Essa representatividade da cidade de Sinop ainda vigora, tanto que a mídia a coloca ainda como cidade polo do desenvolvimento da região, conforme destacado na reportagem da revista *Veja* de 1º de setembro de 2010, evidenciando “a força das cidades médias” no país, dentre as quais Sinop, em relação à qual destaca o crescimento demográfico, o crescimento anual e a pretensão de se tornar um modelo urbanístico.

Sinop foi emancipada político-administrativamente há 35 anos e conta atualmente com uma população que gira em torno de 115.000 habitantes. O município configura-se como um polo regional de serviços, contando com uma instituição de ensino superior, o *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), com ênfase nas de Ciências Agrárias e Ambientais e da Saúde; um polo da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), comportando uma gama de cursos nas áreas de Ciências Exatas e Humanas; além de comportar várias faculdades privadas.

A urbanização da região Norte do Estado tem sido estimulada pela inserção das empresas colonizadoras ao longo do período compreendido de 1960 a 1990.

Em relação a esse assunto, Souza (2007, p. 50) assinala que é preciso

[...] entender o processo histórico desta urbanização das cidades de fronteira para compreender a origem do desenvolvimento das cidades da região e o impacto do agronegócio nessas cidades do interior do estado, pois a lógica urbana se altera com a ascensão desse novo segmento. Já como consequência dessa nova realidade, uma ampla alteração passa a ocorrer tanto no campo quanto na cidade.

Nessa perspectiva, o autor elabora três questões cruciais: o que mudou na fronteira Norte-Mato-Grossense nos últimos 30 anos de sua colonização? O que se conhece sobre a região? Quais são os benefícios sociais do agronegócio?

O autor também nos informa que, a partir da década de 90, medidas tomadas no âmbito da política ambiental ocasionaram uma crise econômica, principalmente nas cidades que sobreviviam do extrativismo mineral e vegetal, práticas essas que foram reduzidas. Com isso, iniciou-se uma mobilização muito grande “denominada migração de retorno, em outras como no caso de Sinop, Sorriso e Lucas do Rio Verde” (p. 50).

Sobre essa “migração de retorno” nessa região, Souza apresenta-nos uma emblemática constatação:

Com a crise econômica e social do [agronegócio e setor madeireiro] que atingiu a região, as cidades dominadas pelo agronegócio [concebendo cidade enquanto uma construção e organização humana vivendo e relacionando-se, em conflitos, sociais, e políticos, num campo de disputas e contradições] sofrem com o inchaço provocado pelo êxodo rural, aumentando a pobreza de sua periferia como no caso específico de Sinop, principal cidade da “rede urbana”, às margens da BR-163. (p. 55-6).

Nesta pesquisa, procuramos utilizar o conceito de região com um sentido que vai além do geográfico. Acerca disso, o autor que possui uma plasticidade interessante na construção desse conceito é Marc Bloch (2001, p. 202-203), para quem “[...] a noção de região é essencialmente relativa [e] o historiador não tem que usar quadros administrativos anacrônicos; cabe a ele fazer-se delimitar, cada vez, sua região regulando-se sobre as condições do tempo estudado.”. Assim, o historiador com suas fontes e questões adota o entendimento sobre a região.

A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESPORTIVOS E DE LAZER COMO LUGARES DE VIDA

Imagem 1 - Espaço de lazer em torno do Estádio Gigante do Norte de Sinop-MT



Fonte: produção dos autores.

Porque, não obstante o desporto ser um dos símbolos de uma sociedade urbanizada, o crescimento das cidades não tem sido acompanhado de um aumento dos equipamentos desportivos tradicionais, da organização da população em clubes desportivos, das possibilidades de prática do desporto, entendido como cultura motora, lúdica e corporal. Ou seja, as linhas da humanidade e da urbanidade tendem a colidir, a relação entre desporto e cidade tende a ser uma relação de tensão. (BENTO, 1992, p. 115).

As cidades crescem e incham mais rapidamente que o ritmo de desenvolvimento da infraestrutura e dos espaços físicos públicos (como praças, pistas, bosques, piscinas, pistas de *skate*, de ciclismo, de atletismo e equipamentos em geral) destinados às práticas esportivas e de lazer.

Decorre dessa contradição a incapacidade revelada de órgãos administrativos competentes organizarem as cidades pela lógica da bandeira jurídico-constitucional, “pelo alto”, tornando possível que a época imprima as suas marcas no desporto e no lazer. Portanto, “[...] não é de fato um dado de natureza porventura imutável [...]” (CRESPO, 1987).

Assim, em situação e em relação com o outro e o mundo os homens, valendo-se de necessidades psicológicas, motoras, afetivas e éticas, criam suas próprias representações sobre esse fenômeno. O desporto para todos deve atender às condições sociais, inclusive no plano dos valores, dos direitos, dos interesses pelos problemas e das necessidades dos cidadãos (BENTO, 1992).

Antonio Viñao Frago e Augustin Escolano, no texto *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*, datado de 2001, alertam que, no quadro das modernas teorias da percepção, o espaço-escola é um mediador cultural quando se relaciona à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, funcionando como uma fonte de experiência e aprendizagem.

Portanto, fazendo uma analogia entre o espaço escolar e os espaços destinados à prática de esportes e ao lazer, entendemos que as praças e os artificios criados para esse fim devem ser analisados como um constructo cultural e material que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos.

Nessa perspectiva, parece-nos elementar dizer que, para a organização desses espaços, a serem utilizados pelos moradores da cidade e do campo, há necessidade de se estabelecer relações equilibradas entre a lógica racional, estética e ambiental. Assim, os clubes, parques, campos e bosques devem expressar a dialética entre o aberto e o fechado:

Numa ordem racional disposta com uma finalidade estética, outra ordem funcional - também, por sua vez racional - impõe uma configuração diferente do espaço. A educação ilustrada, metódica, leva dentro de si, qual um germe, entremeados, aspectos - o jogo,

a educação física - que rompem a arquitetura ordenada do jardim neoclássico e abrem os olhos e, com eles, a mente e o corpo, à sensibilidade romântica e ao espaço natural e selvagem, não regulado. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 138).

De acordo com os estudiosos, o ser humano, por ter horror ao vazio, à insegurança, à incerteza, ao imprevisível, ao aleatório e ao instável, que deslocam o provável, o seguro e o previsível, por tudo isso ele prepara e dispõe, ordena e organiza as ações com foco na eficácia. Mas, isso tudo não se dá sem maiores consequências para si próprios, pois

O problema se coloca quando tais, precisão e regularidade, normalização e racionalização, realizam-se mediante dispositivos e engrenagens mecânicas ou organizações maquinais de seres vivos. Quando se esquece que se opera não com materiais inorgânicos, mas sim com seres humanos. Então, curiosamente, a alta eficácia do mecanismo planejado revela-se altamente ineficaz. O lugar construído torna-se um sistema fechado, não flexível nem adaptável, no qual as necessidades de apropriação territorial do ser humano e de configuração de espaços pessoais e alheios, comuns e compartilhados, tornam-se inviáveis. (p. 138).

Sobre os perigos que podem representar o lugar fechado para práticas de liberdade e a ausência da necessária mediação dialética entre o fechado e o aberto enquanto espaços-lugares de formação humana, Frago e Escolano prestam-nos preciosos esclarecimentos.

Também acerca do assunto, Bento (1992, p. 116) é enfático ao destacar que

O cenário desportivo, impulsionado por uma primeira tendência de trazer o desporto do exterior para o interior, para o espaço fechado e coberto, é hoje marcado por uma segunda tendência, nomeadamente de levar o desporto para o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza. Aos estádios, pavilhões e piscinas somam-se, como espaços desportivos, praças, ruas, parques, caminhos, campos, florestas, mares, lagos, rios, etc.

Em face dessas declarações, levantamos estes questionamentos: como Sinop-MT, uma “cidade de fronteira”, vem procurando responder às novas exigências e interesses das pessoas que, sem dúvida, emergem no âmbito das subjetividades dos munícipes? Como Sinop vem respondendo às questões de gênero relacionadas ao esporte e ao lazer? Considerando que vivemos um tempo no qual se afirmam cada vez mais os direitos das crianças, das mulheres, dos idosos e dos deficientes, como são organizados e mantidos os espaços de preservação ambiental com potencial para a realização de práticas

culturais do esporte e lazer? Enfim, como os órgãos públicos responsáveis pela organização dos espaços públicos destinados à vivência das manifestações do esporte e lazer têm respondido às exigências da contemporaneidade, na qual a diversidade dos sentidos da prática desportiva tende a se manifestar?

No tocante ao lazer e aos espaços para a prática do esporte e lazer ao ar livre, Sinop está implementando as Academias Populares ao Ar Livre, tendo várias sido instaladas e já se encontram funcionando nas praças localizadas em diversos pontos da cidade e uma no Centro de Convivência, destinada a pessoas da terceira idade.

Considerando o desafio acenado por Bento (1992), vemos que as coisas estão mudando no esporte, mas o desafio talvez se amplie na medida em que se incorporar o lema “Esporte para todos”, quando o esporte é tomado em seus objetivos, finalidades e sentidos do singular para o plural.

Traçando um panorama sobre o esporte, prevaleceu por muito tempo a visão que relaciona o esporte com a saúde, associou-o à masculinidade, resistência, força e velocidade, ao jovem de talhes apolíneos, um “Hércules bem maculado”, oriundo de extratos economicamente privilegiados.

Por sua vez, na perspectiva do esporte para todos, o autor entende que,

Como praticantes do desporto são hoje requeridos os homens e as mulheres na pluralidade e diversidade dos seus estados de desenvolvimento, de comportamento e rendimento; só por isso, crianças, e jovens, adultos e idosos, maridos e esposas, pais e mães, avós e avós, cultos, incultos formados e não formados, ricos, pobres, remediados. Solteiros, casados, divorciados, saudáveis e doentes, normais e deficientes. (p. 114).

Nesta segunda década do século XXI, o Brasil sedia e protagoniza a organização das duas mais importantes contendidas esportivas do mundo - a Copa do Mundo, em 2014 e as Olimpíadas, em 2016. Embora conheçamos o impacto e as consequências político-econômicas que esses eventos representam, não devemos esquecer que são fenômenos conjunturais. Portanto, cuidado para euforia não se transformar em uma razão para se fazer crer que atingida esta pretensão do grande evento, os problemas das demais práticas esportivas e de lazer tenham suas mazelas minimizadas.

Com efeito, urge lançarmos um olhar atento para as práticas esportivas e de lazer, de forma que os conceitos de pluralidade, subjetividade e individualização implícitos no lema “Esporte para todos” não sejam soterrados pelo brilho ofuscante e sedutor dos maiores eventos do esporte em sua versão espetáculo da contemporaneidade.

ESPORTE E LAZER EM SINOP-MT: UM POSSÍVEL DIÁLOGO COM A TEORIA

Em termos de infraestrutura, o município de Sinop, em suas áreas urbana e rural, dispõe de espaços e lugares para a prática de esportes e lazer que se constituem em patrimônio municipal, estadual, comunitário e privado. Destacam-se: bibliotecas, cinemas, teatros, parque florestal, um Centro de Tradição Gaúcha (CTG), piscinas, quadras poliesportivas, campos de futebol, campos de futebol *society*, academia popular ao ar livre, academia particular, escola de dança, quadras escolares cobertas, quadras esportivas de escolas sem cobertura, campo de gatebal, pista de atletismo, pista de caminhada, ginásio poliesportivo coberto, cancha de boliche, 48 pavilhões/salões de baile.

Quadro 1 - Instalações utilizadas para a realização das atividades esportiva e de lazer na cidade e na zona rural do município de Sinop-MT

| | Dependência administrativa | Piscina | Quadra poliesportiva | Campo de futebol | Academia popular ao ar livre | Academia particular | Escola de dança | Salão comunitário | Campo de gatebal | Pista de atletismo | Ginásio poliesportivo | Biblioteca | Cinema | Teatro |
|-------------------|----------------------------|---------|----------------------|------------------|------------------------------|---------------------|-----------------|-------------------|------------------|--------------------|-----------------------|------------|--------|--------|
| Federal | Não | 1 | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não | Não | 1 | Não | Não | |
| Estadual | Não | 10 | Não | Não | Não | Não | 10 | Não | Não | Não | 11 | Não | 2 | |
| Municipal | Não | 27 | 7*** | 5 | Não | Não | Não | Não | 1 | 7 | 22* | Não | 1** | |
| Associação | 2 | 2 | 8 | Não | 2 | Não | 5 | 1 | Não | Não | Não | Não | Não | |
| Particular | 4 | 1 | 25 | Não | 10 | 4 | 3 | Não | Não | Não | 4 | 1 | 2 | |

Fonte: produção dos autores.

* Entende-se que as escolas municipais, quando não possuem biblioteca, dispõem de um espaço que serve de sala de leitura.

** Classificou-se o Centro de Eventos nessa categoria.

*** O estádio municipal consta nesta categoria como um campo de futebol, porém é mais destinado ao desenvolvimento do esporte espetáculo.

PROJETOS DE MODALIDADES ESPORTIVAS NAS ESCOLAS E EM OUTROS ESPAÇOS

Os números do Quadro 1 evidenciam que o grande provedor de espaços para a manifestação cultural do esporte e lazer no município de Sinop são as instalações físicas vinculadas à prefeitura municipal. Nesse sentido, ganha destaque as 27 escolas municipais com suas quadras poliesportivas, nas quais se realizam as atividades recreativas, esportivas e de lazer da comunidade escolar, componente curricular da Educação Física, e também funcionam as escolinhas de diversas modalidades esportivas que a Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude oferece à e serão apresentadas em momento oportuno.

Há sete ginásios poliesportivos cobertos no município significando que as atividades não são interrompidas no período do ano em que a incidência de chuvas é muito intensa. Esses espaços públicos transformam-se em equipamentos de usufruto coletivo ao sediar as apresentações das equipes das mais variadas modalidades esportivas (algo próximo a um espetáculo esportivo), bem como os projetos de incentivo ao esporte da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude.

Em entrevista, o coordenador técnico desse órgão municipal, o Prof. Gabriel Vasconcelos de Abreu, apresentou-nos um panorama do funcionamento das atividades realizadas pela coordenação dessa secretaria no que tange às escolinhas de esportes salientando algumas das modalidades ofertadas, bem como onde e como acontecem.

A escolinha de atletismo atende aos seguintes locais e comunidades: ao bairro São Cristóvão, localizando-se junto ao Ginásio São Cristóvão; à Escola Uilibaldo, localizada na BR-163, saída para Alta Floresta; e ao Estádio Municipal Gigante do Norte.

Segundo Gabriel Vasconcelos (2010), também são ofertados o atletismo, através de dois programas escolares do governo, o PET e a Caopa; e a capoeira, no Centro de Vivência do Bairro São Cristóvão. A propósito desta última modalidade, há um projeto que a estende a todas as escolas. Às sextas-feiras, uma série diferente de cada unidade de ensino é contemplada com aulas de capoeira em sala de aula e nas aulas de educação física, de sorte que todos os alunos têm acesso à atividade e, depois, tendo interesse e pré-disposição, podem praticá-la no ginásio. Nesse sentido, a apresentação nas escolas é um convite aos educandos. O projeto atende, na atualidade, aproximadamente 500 crianças. O depoente também ressaltou que

As escolinhas de basquete têm o mesmo processo, a gente procura centralizar e aí agora têm um problema sério de estrutura porque nem todas as quadras têm tabela e nos locais que não tem estamos implantando. Então temos escolinhas no ginásio Olímpico que ocorre nas terças e quintas de manhã e a tarde e temos escolinhas no Violeta, no ginásio Violeta, que fica no bairro Violetas próximo ao Imperial, nas terças e quintas de manhã e a tarde. Tem escolinha no [Jardim] Primavera, implantado este ano, montamos um projeto do basquete e colocamos na escola João Pissinati que funcionam todos os dias, de segunda a sexta, depois do horário de aula das 17h às 18h30min, assim às 17h15min eles começam, esperam os alunos saírem, e vão até as 18h30min. Este projeto abrange o pessoal do bairro, daquela região.

Prosseguindo em suas declarações, o entrevistado revela que, na verdade, o sonho dos meninos é jogar futebol, tanto que não é necessário conduzir a modalidade à escola com a intenção de despertar-lhes o interesse.

Onde o projeto acontece, as escolinhas ficam lotadas de aprendizes super interessados. O futsal é oferecido no ginásio São Cristóvão, no Ginásio Olímpico e no Ginásio Violetas às segundas, quartas e sextas-feiras pela manhã e à tarde. Também terá sua prática disponibilizada no Jardim Maria Vindilina, localizada na periferia da cidade de Sinop, na saída para a comunidade Selene.

Quanto ao futebol, Vasconcelos adianta-nos que a cidade tem deficiência de espaço físico, pois,

[...] para manter um campo com a grama, cortada, este ambiente é complicado, pois é mais caro. Temos escolinha no Parque Florestal e vamos abrir até no final de semestre uma escolinha no [Bairro] São Cristóvão, no [Bairro] Menino Jesus e outra no [Bairro] Boa Esperança, para descentralizar e oportunizar este acesso mesmo.

O handebol é oferecido no Ginásio Santiago, às terças e quintas, e no Ginásio Primavera. Também tentamos reabrir a escolinha do Bairro Jardim Boa Esperança e São Cristóvão, mas alguns alunos tiveram dificuldade de acesso. Por isso, estamos tomando as atitudes cabíveis para o retorno desses estudantes, reiniciando, assim, os trabalhos.

Para as aulas de karatê, tal como acontece no atletismo, trabalha-se com todos os PET e Caopa. As escolinhas localizam-se no Jardim Primavera, no ginásio da Escola Rodrigo Dacena, e no São Cristóvão, funcionando em dias alternados, às segundas e quintas e às terças e sextas. Cada polo tem um horário definido, além dos horários nos PET.

A escolinha de voleibol funciona no Ginásio Santiago, às segundas, quartas e sextas-feiras; no Ginásio Violetas, às terças e quintas; e no Ginásio Primavera, às terças e quintas. Muito em breve introduziremos o voleibol, juntamente com o basquete, na região do [bairro] São Cristóvão, com isso chegando a, pelo menos, quatro polos.

BIBLIOTECAS, PARQUE FLORESTAL E RESERVA ECOLÓGICA AR1: ESPAÇOS DE LUGARES MULTIFUNCAIONAIS

Nas escolas municipais, há 22 bibliotecas e/ou salas de leitura das quais uma é a Biblioteca Pública Municipal, com acesso mais facilitado aos visitantes, pelo fato de estar localizada no centro da cidade, junto a uma das avenidas mais movimentadas da cidade.

Para Marcelino *et al.* (2008), os espaços de que as escolas dispõem e disponibilizam são considerados equipamentos não específicos de lazer, com possibilidades de serem desenvolvidas atividades nos vários campos

de interesse com atribuição de diversos sentidos pelos participantes, quais sejam: pátios, auditórios, quadras, salas e áreas arborizadas, sombreadas. Em alguns estabelecimentos de ensino, a exemplo do que ocorre em uma escola localizada na zona rural da Gleba Mercedes, verifica-se que o espaço funciona como ponto de encontro para jovens e crianças, que ali vivenciam experiências ao se envolverem com práticas corporais e de lazer.

A propósito dessa constatação, os autores atentam para o fato de que,

Embora algumas iniciativas estejam ocorrendo com o desenvolvimento de atividades de lazer em escolas, pode-se e deve-se questionar suas metodologias de abordagem. Mesmo assim, em trabalhos comunitários, ao contrário do que se possa imaginar à primeira vista, uma ação bem realizada nesse sentido só contribui para aumentar o respeito das pessoas pelo equipamento, uma vez que, à medida que o utilizam, vão desenvolvendo sentimentos positivos, passando a colaborar com sua conservação. (p.137).

A postura agressiva e violenta de sujeitos para com os espaços e equipamentos públicos de lazer pode ter sua origem no longo processo de institucionalização, no país, dos direitos civis, políticos e sociais.

Na opinião de Carvalho (2001), no Brasil, a cidadania se banalizou e assim se mantém, pois, na sociedade moderna, em que as pessoas integram-se ao governo através da participação na política, legitimando os seus direitos individuais, e no patrimônio coletivo, como forma de garantir a justiça social, pelo seu longo, lento e peculiar percurso com que se faz de um lugar para outro, a cidadania ainda não deixou de ser uma projeção de muitos países.

O autor ressalta que, no país, a cidadania é passiva do ponto de vista político, pois somos frutos da experiência singular de um processo de “revolução passiva”:

Esse percurso teve consequências para a nossa política e nossa cultura. Uma delas é a excessiva valorização do poder executivo. Os direitos sociais foram implantados em períodos ditatoriais, em que o Legislativo ou estava fechado ou era apenas decorativo, criando-se a imagem, para o grosso da população, da eficácia do Executivo. A orientação para o Executivo da continuidade à longa tradição portuguesa, ou ibérica, de patrimonialismo. O Executivo é visto como todo poderoso, como o grande dispensador paternalista de empregos e favores. A ação política nessa visão é sobretudo orientada para a negociação direta com o governo, sem passar pela mediação da representação. (p. 8).

A proposta da Pedagogia da Animação, de Marcellino et.al.(2008), há pouco mencionados, contrapõe-se a essa tradição de cidadania que se desenhou no processo histórico de criação da cidadania no Brasil, uma vez que, nesse

contexto, a escola é tida como equipamento e organização de educadores, que pode funcionar como “centro de cultura popular” quando percebe, “[...] entre seus vários componentes, a sua tarefa educativa no que compete ao espaço, ultrapassando os limites dos muros dos prédios escolares, estendendo-se a outros equipamentos da comunidade próxima, procurando dessacralizá-los.” (p. 137).

Os estudiosos destacam que até os bares vêm perdendo sua característica de ponto de convergência de pessoas para um convívio mais prolongado, pois cresce a prevalência da “cultura” da lanchonete, dos *fast food*, nos quais a efemeridade é reguladora das relações temporais, interpessoais e espaço-pessoais.

Na aceção desses pesquisadores, os estudos sobre o lazer, na modernidade ocidental, nasceram e ganharam impulso com o processo de urbanização. Nessa perspectiva, consideram o lazer uma problemática urbana, própria dos grandes centros, podendo, no entanto, ultrapassar as “fronteiras” dessas cidades, que, através da mídia, irradiam e levam o *ethos* do lazer para lugares com menor densidade populacional.

Todavia, flagramos, no âmbito desta pesquisa, uma experiência que resiste de forma bastante singular aos encantos globalizadores. Referimo-nos ao fato de algumas comunidades possuírem alto grau de organização comunitária e elevada participação dos moradores nas atividades que se desenvolvem aos finais de semana no Salão Comunitário.

Nesse contexto, evidenciamos que, se lazer é cultura, entendida aqui, em sentido amplo, como “[um] fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida se desenvolve [...]” (MACEDO, 1982 *apud* MARCELLINO *et al.*, 2008, p. 134), então consideramos que os sujeitos do meio rural podem atuar como protagonistas das atividades com as quais se envolvem em seu tempo livre e que, sendo assim, podem ser tomadas como formas de lazer.

Mas, isso, por certo, requer o

[...] reconhecimento de que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, pois, pode ficar restrita ao “produto” da atividade humana, mas tem que considerar também o “processo desta produção” - o modo como esse produto é socialmente elaborado. (MARCELLINO *et al.*, 2008, p. 134).

Temos aí uma citação emblemática, no sentido de através dela se asseverar a posição, também nossa, de que o homem do meio rural que utiliza o salão de festas ou comunitário no final de semana ou às quartas-feiras à noite poderá estabelecer uma relação com o espaço-equipamento na qual vivencie momentos de lazer.

O encontro com outros sujeitos, do meio rural mesmo ou que tenham se deslocado da cidade rumo ao salão comunitário ou o campo de futebol, propicia o surgimento de um espaço de sociabilidade, em que idosos, homens, mulheres, jovens e crianças compartilham os equipamentos disponibilizados, tais como a cancha de bocha, a cancha do jogo 48 e a pista de dança.

Nos bailes, organizados pela comunidade, a pista de dança é o espaço-equipamento que mais agrega os usuários, oriundos de diversos lugares. No entanto, esse mesmo espaço transforma-se em um equipamento multifuncional, pois atende aos interesses dos sujeitos locais, transformando-se em quadra de voleibol, futsal ou peteca. Então, serve-se à construção de significados por esses sujeitos, e a brincadeira ganha um sentido em suas vidas, permitindo que o final de semana não seja um prolongamento dos cinco dias - de labor e enfado - que o sucedem.

Esse espaço, para cuja construção dispendeu-se grande esforço coletivo, traz no seu nascedouro a marca da coletividade, sendo-nos muito oportuno sublinhar que, apesar de não ser considerado um espaço da cidade, pode concorrer para a construção de significados que poderão dar sentido à existência dos sujeitos para além do que é construído na família, na igreja, na escola ou para reforçar os sentidos que a mídia constrói acerca de lugares específicos e entulha no inconsciente dos sujeitos como se fossem universais.

Marcellino *et al.* (2008) atestam, de modo sagaz, que é inerente à condição humana “[...] reconhecer que a atividade humana está vinculada à construção de significados que dão sentido à existência [...]”. Sabemos que essa capacidade de atribuir significados é em tese a condição para o homem trilhar o caminho para a sua autonomia e emancipação. No olhar de Bauman (2000 *apud* BRACHT, 2006), reformar a condição existencial não é tarefa de filósofos, ou seja, essa ação não se inscreve no âmbito do “dever ser”, sendo, antes, uma questão política inserida no campo do “posso fazer”.

Chamamos aqui a atenção para a questão da política, que pressupõe a existência de um sujeito que decide, de modo que, para além da rotina na qual se configura, em muitas realidades, o realizar o final de semana, o sujeito possa escolher, entre as opções que se lhe apresentam: ir ao culto ou à missa no final de semana, jogar ou assistir a uma pelada de futebol ou a uma partida de bocha, assistir a um programa de televisão ou, ainda, permanecer em casa e não fazer nada. Esta última possibilidade de “escolha” pode levar o homem do campo, que mora no sítio, se tornar um “sujeito”, que não protagoniza a sua situação.

Portanto, a oportunidade pode virar uma impossibilidade de lazer em duas circunstâncias: 1) quando se está em casa e fica-se durante quase todo o dia assistindo à televisão, consumindo o que oferecem os programas da mídia televisiva; e 2) quando, permanecendo em casa no tempo livre, o sujeito do sítio envolve-se com os afazeres corriqueiros, correndo o risco de não ter quebrada a rotina do “ciclo da semana”.

Concebendo o fim de semana como um tempo de lazer, não podemos perder de vista que a existência desse período só tem sentido em função do ciclo semanal, de modo que, no desencadear da análise, a semana e o fim de semana estabelecem uma relação de interdependência (RIBCZYNSKI, 2000).

A condição para a permanência do homem do campo em seus universos sociais de origem está atrelada à necessidade de ampliar os espaços de inclusão social nas duas experiências fundantes que concorrem para configurar o processo de humanização: 1) em relação ao mercado de trabalho; e 2) em relação às opções de educação e de lazer.

O fim de semana vivenciado como uma experiência cultural coletiva, na qual sujeitos individuais encontram-se com outros, não parentes, fortalece o uso da linguagem e da comunicação, polindo as atitudes de um e de outro, principalmente, concorrendo para o estabelecimento de uma dinâmica de aprendizagem configuradora do processo de formação humana.

De acordo com o Quadro 1, percebemos, na categoria “campos de futebol e academias de ginástica”, que, para se tornar usuário dos espaços e equipamentos disponibilizados, o indivíduo deve dispor de recursos financeiros ou pertencer a uma rede de relações socioafetivas, isso no caso de as instalações pertencerem a uma empresa particular, quando geralmente têm seu uso restrito ao lazer dos empregados.

A propósito disso, informamos que, dos 40 campos listados, 7 pertencem ao poder público municipal, enquanto as academias de ginástica convencionais não estão disponíveis para o público em geral, restringindo seu acesso aos sócios ou a quem pagar pelos serviços prestados.

Uma experiência bastante interessante e inovadora está em curso na cidade de Sinop. Trata-se da criação das Academias Populares ao Ar Livre, para o que o poder público disponibilizou equipamentos de ginástica e musculação e fixou-os nas praças da cidade. No momento em que desenvolvíamos esta pesquisa, somavam-se cinco academias, localizadas em pontos estratégicos, pelos quais circulavam e se acomodavam a população. Referimo-nos às praças públicas e aos canteiros das rotatórias, ou redondos, na linguagem dos habitantes locais, formadas pelo encontro das grandes avenidas da cidade.

Essas academias propiciam o encontro da população com o espaço-equipamento. A praça, com seu espaço físico frio, transforma-se em espaço de apropriação territorial do ser humano, devido à intervenção do poder público e à operação de algumas mudanças, como a implementação de passeios para caminhadas.

O estabelecimento da praça anexa ao Estádio Gigante do Norte e a implantação de uma Academia de Ginástica ao Ar Livre é um fato e uma evidência de que o “[...] ser humano prepara e dispõe, ordena e organiza [...]” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 138).

Imagem 2 - Academia no espaço aberto anexo à quadra do Estádio Gigante do Norte de Sinop-MT



Fonte: produção dos autores.

A possibilidade de se instalar uma Academia de Ginástica ao Ar Livre em um espaço pequeno e aberto circundado por uma pista multifuncional (caminhada, corrida, skate, patins etc.) grande e aberta, isso deixa claro que a precisão e a regularidade, a normalização e a racionalização podem servir como organizações maquinais a serviço dos seres e fazer do espaço construído um lugar aberto e de vida.

A experiência de abrir o espaço escolar, conforme defendem Marcellino *et al.* (2008), e construí-lo como lugar que não restrinja a diversidade de usos ou sua adaptação a circunstâncias diferentes (FRAGO; ESCOLANO, 2001), requer dos professores, dos poderes públicos municipais (nas figuras de seus secretários de esporte ou de lazer), dos arquitetos, dos engenheiros responsáveis pela (re)ordenação do espaço da cidade um olhar ampliado de educação, como uma configuração de espaços.

Frago e Escolano, mencionados ao longo deste texto, convidam-nos a pensar sobre a nova configuração do espaço público da cidade, como espaços nos quais a possibilidade de vivência do lazer possa ser uma utopia realizável:

De espaços pessoais e sociais, e de lugares. Ao fim e ao cabo, o espaço - assim como a energia, enquanto energia - não se cria nem se destrói, apenas se transforma. A questão final é se se transforma em um espaço frio, mecânico ou em um espaço quente e vivo. Em um espaço dominado pela necessidade de ordem implacável e

pelo ponto de vista fixo, ou em um espaço que, tendo em conta o aleatório e o ponto de vista móvel, seja antes possibilidade que limite. Em um espaço, em suma, para a educação [e o lazer] um âmbito que não pertence ao mundo da mecânica, mas ao mundo da biologia, ao mundo dos seres vivos. (p. 139).

Enfim, somos movidos por essa utopia, que, a exemplo da mencionada experiência com a Academia de Ginástica ao Ar Livre, pode tornar-se realidade com algum esforço. Ali, onde um espaço-pedacço da geografia, pequeno e aberto e circundado por uma pista multifuncional (caminhada, corrida, skate, patins etc.), foi transformado em um espaço-equipamento de geografia humana, através da presença do homem em suas mais diversas formas de comunicação e linguagens, expressas nas mais variadas significações que se atribuem no compartilhamento da praça com o outro, tornando-se uma evidência da possibilidade de realização de atividades no tempo livre com a conotação de lazer.

Baseados na proposta e nos princípios da já referida Pedagogia da Animação, que toma a escola como equipamento, o Parque Florestal de Sinop poderá, a exemplo dessa instituição educativa, adquirir essa mesma função, e a organização dos agentes do parque poderá transformá-los em animadores culturais. Sendo assim, o parque funcionará como “centro de cultura popular” e de espaço de experiências de lazer para a população.

PARQUE FLORESTAL DE SINOP

Que atividades cotidianas vivenciadas no Parque Florestal de Sinop podem propiciar a ampliação das funções desse espaço, de sorte que, tornando-o público, venham contribuir para dar sentido à vida dos usuários, a partir das experiências individuais e coletivas?

O ser humano, dominado pelo desejo crescente de acumulação capitalista, pode interagir inadequadamente com o meio ambiente, causando-lhe estragos. Mas, ao mesmo tempo, pode acreditar no seu potencial de reflexão e sensibilizar-se sobre esses danos, alterando o curso da história que ajuda a escrever.

Acerca disso, Pereira (2007, p. 16) avalia que “Na vivência do cotidiano o ser humano é compelido a modificar o seu comportamento valorizando os espaços naturais quando as conseqüências negativas de suas ações o atingem diretamente, alterando suas atitudes.”

Esse excerto de texto remete-nos à capacidade de morte e de vida do ser humano, ambivalência essa que nos permite levantar duas assertivas: uma, que a população em geral, ao vivenciar a ocupação do espaço do Parque Florestal de Sinop, produz efeitos negativos sobre o ambiente, degradando-o; a

outra, que o homem, ao compartilhar experiências com outros sujeitos, sejam crianças, jovens, mulheres, homens, idosos ou idosas, e com animais e ao se incorporar ao próprio meio ambiente, ele é capaz de “se sensibilizar”, tendo em vista a necessidade de assumir posturas mais controladas e tolerantes aos atos de dominação e agressividade para com ambiente natural.

Quanto às possibilidades de relacionamento da população com o Parque Florestal, a pesquisa de Pereira (2007, p. 69) traz-nos depoimentos de alunos e alunas da Educação Básica de Sinop revelando que o parque assume uma tríade de finalidades [é] um espaço de pesquisa, lazer, encontros amorosos e também é tido como de preservação ambiental e turismo ecológico.”

A autora acrescenta que, na dimensão socioambiental, “[...] a finalidade do Parque é a diversão e a contemplação dos seres vivos e recursos naturais que lá estão.” e, como dizem os próprios alunos, na perspectiva de sua dimensão pedagógica, “[...] o Parque é elemento e objeto de pesquisas.”

Nesse sentido, tais indicadores ambientais podem conduzir a práticas pedagógicas nos estabelecimentos de ensino, ou, como aponta Brandão (1995, p. 228 *apud* PEREIRA, 2007, p. 85), “A experiência da educação ambiental deve somar-se a este lento, a este difícil trabalho de reinventar a Educação.”

O difícil trabalho de reinventar a educação é deveras provocativo quando se vive sob o jugo dos ditames da ciência e da técnica dominando a natureza. Redimensionar o olhar que se tem sobre a natureza e o meio ambiente poderá tornar-se possível quando se investir na educação da sensibilidade das crianças, fazendo com que se sintam como uma síntese da natureza-meio ambiente-cultura. E esta educação não carece de um espaço rigidamente definido para acontecer, podendo se dar em vários espaços e lugares.

Nesses termos, é oportuno pensarmos a educação contemporânea à luz das inúmeras transformações sociais, culturais e cognitivas incorporadas à dimensão subjetiva de vivermos esta era buscando alternativas para um novo posicionamento educativo-social, que implique em uma maior tolerância no contato com o meio ambiente, projetando-nos para a construção de outra consciência ambiental (PEREIRA, 2007).

Essa consciência poderá brotar de um arcabouço de conhecimento que dialogue com a vida das pessoas. É preciso, contudo, que esse saber traduza-se em autoconhecimento, e o desenvolvimento tecnológico, em sabedoria de vida. A propósito desta última, Santos (2007, p. 109) nos lembra de que

É esta que assinala os marcos da prudência à nossa aventura científica, sendo essa prudência o reconhecimento e o controle da insegurança. Tal como Descartes, no limiar da ciência moderna, exerceu a dúvida em vez de a sofrer, nós, no limiar de um novo paradigma epistemológico, devemos exercer a insegurança em vez de a sofrer.

Nesse sentido, corroborando com Brandão (2003), concluímos que não existe uma única forma ou modelo de educação, pelo fato de a escola não ser o único lugar em que a educação acontece. Ressaltemos, ademais, que, quando o assunto é educação ambiental, as questões educacionais devem, certamente, advir do mundo, da vida dos sujeitos, englobando todos os aspectos que concorrem para a sua formação humana.

REFERÊNCIAS

BABOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. **A cidade esportiva**. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Ed.). *A ciência do desporto - a cultura do homem*. Porto: Universidade do Porto, 1992.

BLOCH, M. **A terra e seus homens: agricultura e vida rural nos séculos XVII e XVIII**. Bauru: EDUSC, 2001.

BRANDÃO C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CRESPO J. **As actividades corporais**. Síntese histórica. Lisboa: Ministério de Educação e Cultura/DGD, 1987.

CARVALHO, J. M. Cidadania, estadania e apatia. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, p. 8, 24 Jun, 2001.

DE DECCA, E. Fazendo história. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA - as Ciências Sociais e a História do Esporte, Lazer e Educação Física, v.1, 1997, Maceió. **Anais do V Encontro Nacional do Esporte, lazer e Educação Física**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1997.

ELIAS, N; DUNNING E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N; DUNNING E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 2v.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga Neto. Porto Alegre: DP&A Editora, 2001.

GEBARA, A. História do esporte: novas abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. **Esporte: história e sociedade**. Campinas-SP: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Física e Esporte).

MARCELINO, N. C.; BARBOSA F. S.; MARIANO, S. H. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

RIBCZYNSKI, W. **Esperando o fim de semana**. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, L. E. F. **Raízes da história de Sinop**. Sinop: Grafitec, 2007.

PEREIRA, I. C. estudo de caso com estudantes em um parque florestal (Sinop-MT). 2007. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2007.

AS MULHERES DO CAMPO QUE RENUNCIAM O TEMPO LIVRE EM FAVOR DA SATISFAÇÃO DE ANSEIOS DE SEUS ENTES FAMILIARES

José Tarcísio Grunennvaldt

Édija Pereira da Silva

Tássia Caroline de Almeida Godoes

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

INTRODUÇÃO

Mulher, não te deixes castrar.
Serás um animal somente de prazer
e às vezes nem mais isso.
Frigida, bloqueada, teu orgulho te faz calar.
Tumultuada, fingindo ser o que não és.
Roendo o teu osso negro da amargura.
(Cora Coralina)

Pensar em desenvolvimento do meio rural implica em ampliar as possibilidades de escolha do sujeito que habita este lugar, não apenas no que se refere à modelos de carro, canais de televisão ou uma nova geladeira. Desenvolver é mais, sobretudo, porque estamos fazendo referência às oportunidades de expansão das potencialidades humanas que mantém uma relação simbiótica com fatores sócio-culturais como saúde, educação, lazer, diversão, comunicação e liberdade de escolha.

O homem do campo, os pequenos produtores rurais estão cada vez mais sentindo necessidades de envolvimento no seu tempo livre com atividades que possam garantir-lhes entretenimento e lazer. Nesse sentido, vislumbrar o desenvolvimento como liberdade, só é possível caso o conceito for visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutem. Essa tese do desenvolvimento como liberdade:

(...) contrasta com visões mais restritas, como as que identificam desenvolvimento com crescimento do PIB, aumento da renda *per capita*, industrialização, avanço tecnológico, ou modernização (VEIGA, 2001, p. 105).

Para este autor, estas cinco metas são bases constitutivas e meios de expandir às liberdades. No entanto, concorda com a idéia de que as liberdades são em sua essência, identificadas com saúde, educação e direitos civis. Aqui, ousa-se ampliar o leque de liberdades ao defender que “o desenvolvimento é um compromisso muito sério com as possibilidades de liberdade” na medida em que também abarca a mulher do meio rural na sua relação de possibilidades de viver o final de semana.

Já é fato reconhecido, a importância da mulher nas atividades do meio rural, na condição de mãe, esposa e trabalhadora como protagonista na configuração do lugar de destaque que a produção agropecuária assumiu no atual contexto de globalização e de crise planetária que assolou as economias Européia e Norte Americana. Nesse sentido, a mulher do campo passou a ganhar uma visibilidade até então não reconhecida, tendo em vista que a agricultura familiar concorre para a produção da mais de 80% dos alimentos consumidos no país e o *modus operandi* da agricultura familiar está sendo reconhecido por organismos internacionais como uma possibilidade de preservação e de sustentabilidade do planeta.

Assim, ao se olhar para a mulher do meio rural, a pesquisa lançou-se a um desafio de que para além da rotina destas mulheres com várias jornadas de trabalho, elas possam escolher, dentre as opções da quase singular possibilidade de ir ao culto ou a missa no final de semana, assistir a uma pelada de futebol ou a jogar e assistir a um jogo de bocha, de assistir ao programa da televisão, ou ainda, a opção solitária de não fazer nada em sua própria casa.

Há algum tempo atrás, mas ainda persiste na atualidade os movimentos de mulheres eram voltados à igualdade nas condições do campo de trabalho, como por exemplo igualdade de salários e diga-se que ainda não foram atingidas plenamente. No entanto, já se pode perceber que essas mulheres precisam de mais, precisam viver e ter suas próprias escolhas, não focadas apenas no campo do trabalho, mais no campo lazer, prazer e satisfação, que tenham o direito de viver intensamente.

OBJETIVO

A pesquisa teve como objetivo levantar dados a respeito do lazer da mulher do campo, quais suas atividades e o que as fazem sentir prazer e satisfação.

Os dados da pesquisa, a partir de sua delimitação que se propôs,

concorreu para subsidiar na elaboração do perfil dos municípios brasileiros no que tange a estrutura física e espaços disponíveis e às representações que a população brasileira tem acerca do fenômeno esporte e lazer.

METODOLOGIA

Na coleta de dados foram usados o questionário e o mapeamento dos espaços físicos na primeira etapa da pesquisa e na segunda a entrevista utilizando a técnica de grupo focal. Para a análise e tratamento do material foi utilizada a análise de conteúdo.

A pesquisa se desdobrou em dois momentos. Num primeiro momento do trabalho de pesquisa foi realizado um estudo exploratório procurando demarcar os limites da investigação na realidade específica, buscando antecedentes e maior conhecimento para redimensionar as metas definidas (TRIVINOS, 1987). Sendo que nesta etapa foi constituído o grupo de trabalho para etapa posterior de investigação.

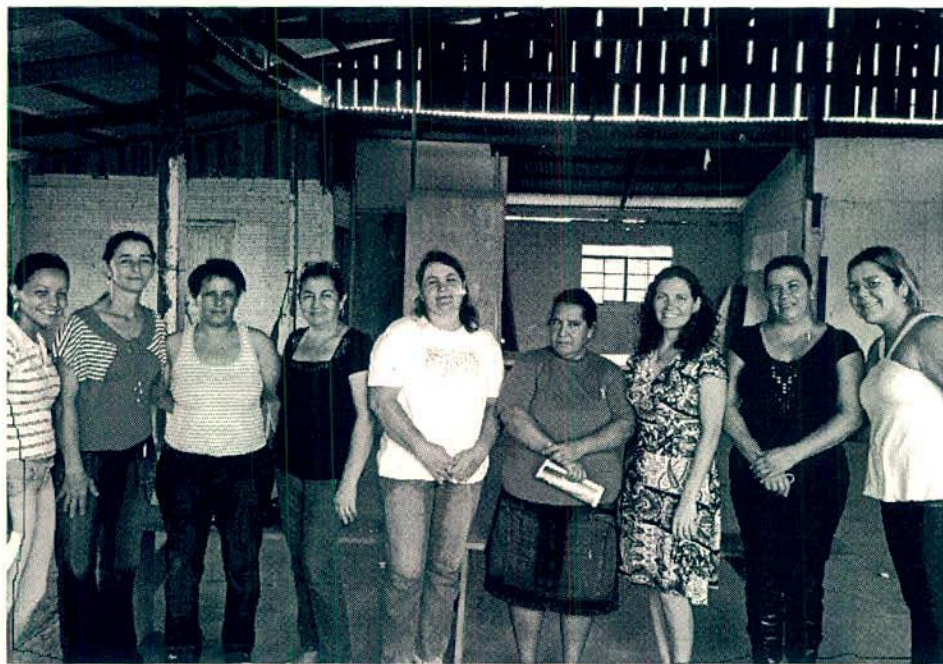
Para o levantamento de dados da primeira etapa foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados:

a) Questionário aberto aplicado aos envolvidos com o fenômeno investigado;

b) O mapeamento e descrição dos espaços, equipamentos, materiais e instalações utilizados nas manifestações de lazer das mulheres da Gleba Mercedes em Sinop;

O grupo focal foi o instrumento de coleta de dados da segunda etapa que pode ser definido como “técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador” (GARCIA, apud GODIM, 2004). Nesse procedimento, a busca dos dados possibilitou evidenciar a definição do meio físico e recursos utilizados no mesmo, nesse tempo a investigação não deve interferir nas situações observadas. O seu registro foi realizado mediante cadernos de notas, registro fotográfico, filmadora ou outros meios possíveis para este objetivo.

Imagem 1. Mulheres e moderadoras reunidas para iniciar o grupo focal na Gleba Mercedes – Sinop-MT.



O questionário permitiu promover possibilidades para a apreensão dos dados junto aos sujeitos envolvidos, podendo ser aplicado a um número considerável da população a ser investigada, garantindo ainda a espontaneidade dos informantes e ao tempo que traz também os esclarecimentos necessários para as questões levantadas. A definição de construção por questões abertas aponta para um provável diálogo, no sentido de não constranger aos informantes a assentar sua percepção em alternativas preestabelecidas. Sendo assim, a técnica de grupo focal foi a escolhida para o presente estudo.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A mulher é peça chave para manter vivo o espaço rural. Segundo a FAO, as mulheres são responsáveis por mais de 50% da produção mundial de alimentos, sendo 80% na África, 60% na Ásia e 30 a 40% na América do Sul. As mulheres vêm cada vez mais assumindo posição de chefia na atividade rural, e raramente são reembolsadas pelo seu trabalho, e quase nunca são reconhecidas legal ou socialmente pela função. Mesmo assim, desempenham um papel social de grande valor tendo em vista que a agricultura familiar compõe a maior parte dos alimentos da mesa dos brasileiros.

A mulher do campo é aquela pessoa que acorda cedo, trata os animais, vai à lavoura e cuida da família como mãe e esposa. Entretanto, são excluídas no momento da partilha legal, e muito raramente têm acesso aos créditos de financiamento inerentes à produção agrícola. A elas também é negado o acesso à educação e aos programas de extensão rural.

Essa figura de tamanha importância, muitas vezes negligenciada merece ter seu reconhecimento, com acesso a saúde, educação, esporte, lazer, enfim, deve poder ter desenvolvimento com liberdade.

Nesse sentido, em *As dores do pós colonialismo*, Boaventura de Souza Santos escreveu que no Brasil parece “que se naturalizou um sistema de poder que afirma a liberdade e a igualdade e pratica a opressão e a desigualdade”. Assim, o reconhecimento público das próprias mulheres do campo que as mesmas podem estar naturalizando uma condição de liberdade e igualdade no âmbito do tempo livre e do lazer pode ser um motus para se “iniciar a virada descolonial”.

Para Carvalho (2001), a cidadania no Brasil tem a marca da estadia, pois além da cultura política governista, a nossa tradição de instituir a cidadania de cima para baixo favoreceu uma visão corporativista dos interesses coletivos. Sabe-se que o homem do campo não foi contemplado no leque de beneficiários da política trabalhista da Era Vargas, somente anos mais tarde com o governo militar, ao homem do campo, diz-se sujeito masculino, coube à aposentadoria por idade. A mulher esperaria ainda mais tempo e, paradoxalmente, sua jornada de trabalho e inserção com múltiplas atividades que se desenvolviam com trabalhos e práticas diferenciadas. Para averiguação de tal situação, não é necessário chamar especialista em sociologia rural para dar seu aval, basta perguntar a alguém que conviveu com a experiência de uma mãe no meio rural, pois esta versão-vivida talvez seja a mais sensata que se possa ter sobre a múltipla função e jornada de trabalho da mulher do campo.

A construção dessa vontade política é um processo complexo, mas tem a seu favor convenções internacionais e, sobretudo, a força política dos movimentos sociais protagonizados pelas vítimas inconformadas da discriminação racial [gênero]. Para ser irreversível, a virada descolonial tem de ocorrer no Estado e na sociedade, no espaço público e no privado, no trabalho e no lazer, na educação e na saúde (SANTOS, Folha de S. Paulo, 21 de agosto de 2006).

O uso do tempo livre da mulher do campo.

O tempo livre é aquele voltado para a realização de atividades que lhes dão prazer, seja essa atividade ler um livro, praticar um esporte, assistir a um programa de televisão ou se reunir com outros sujeitos para conversar.

De acordo com tais atividades é possível conhecer mais sobre a história de um povo, sua cultura e a sua vivência no dia-a-dia.

Segundo Elias (1992), o tempo livre e o lazer pode não ser um tema que tenha recebido atenção e interesse dos pesquisadores tendo em vista que como objeto de pesquisa este aspecto possa ter se configurado como não “sério” e não “racional” da vida. Em se tratando do lazer e do final de semana de mulheres camponesas, mais ínfimo se torna este interesse.

Fruto dessa divisão entre atividades mais sérias e produtivas e outras mais ligadas aos aspectos menos sérios da conduta humana, que têm contribuído para que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências tidas como “irracionais” e “inconscientes” do homem e da mulher merecessem pouca atenção no campo da teoria e da investigação sociológicas.

Entretanto como poderemos falar sobre o lazer das mulheres do campo, se os problemas que as cercam vão muito além de falta de assistência básica, saúde e educação? Que lazer é este? Nem elas próprias pensam neste lazer, pois pensam nos filhos, nos maridos, na lavoura... Como que pode um ser tão rico de generosidade, se revestir de tamanha modéstia quando fala de si próprio? Quando falamos sobre o tempo livre da mulher do campo, nos perguntamos se isto é possível em meio a tantas tarefas rotineiras que não param nem mesmo aos finais de semana. O esporte e lazer ainda que não sejam temas centrais da sociologia clássica, são atualmente fenômenos que reconhecidamente vêm ganhando espaço, tendo em vista que dão sentido à vida das pessoas, quer estejam na situação de praticantes ou de espectadoras.

No entendimento de Elias e Dunning (1992), o surgimento do lazer moderno estaria associado à necessidade do indivíduo em compensar as tensões conseqüentes do autocontrole, através de ações que permitissem a produção controlada de tensões emocionais. Para compreender o caráter e as funções do lazer, deve-se levar em conta o elevado aumento do controle emocional que se aguçou com as exigências da sociedade industrial e de controle, diverso do que ocorre na ambiência das sociedades menos industrializadas.

O processo civilizador parece apontar para a necessidade da busca de equilíbrio deste autocontrole, por meio de atividades que possam liberar as emoções reprimidas, dentre elas são destacadas as atividades de lazer. Elias e Dunning (1992) entendem que as atividades de lazer levam as pessoas a um nível de excitação agradável que se tornou praticamente ausente nas sociedades industriais. Neste sentido, a busca pelas atividades de lazer, principalmente as de caráter mimético, é também a busca pela excitação, pela necessidade de manifestação de sentimentos fortes que foram ou que estão reprimidos pelo autocontrole dos indivíduos ou pelo controle imposto pela sociedade no processo civilizador.

Em diversas sociedades se percebe que a maior parte do tempo das pessoas é dedicada ao trabalho, seja ele regularizado, remunerado ou sem remuneração, por vezes executado por meio da usurpação do tempo livre.

Nesse sentido, resta apenas uma pequena parte deste tempo para o lazer como uma ocupação escolhida livremente pelas pessoas, ou seja, praticada porque é agradável a si mesma (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 107). Ainda segundo estes autores, o tempo livre é todo tempo liberto das ocupações de trabalho que pode ser distinguido em cinco esferas diferentes, as quais se confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que, representam categorias diferentes de atividades.

Vejam os que as atividades do tempo livre são divididas em cinco esferas representadas por:

1. Trabalho privado e administração familiar: a essa categoria pertencem a maioria das atividades da família como, por exemplo, toda a estratégia familiar, a orientação dos próprios filhos. Essas tarefas dificilmente podem ser chamadas de lazer;
2. Repouso: atividades como dormir, tricotar, futilidades da casa e o não fazer nada em particular. Estas atividades podem ser consideradas no âmbito do lazer.
3. Provedimento das necessidades biológicas: pertencem a esta categoria todas as necessidades biológicas como comer, beber, dormir, bem como, defecar e fazer amor. Algumas das atividades das esferas 2 e 3 podem ser consideradas como lazer, quando não feitas de forma rotineiras;
4. Sociabilidade: atividades relacionadas com o trabalho como visitar colegas, assim como atividades que não estão relacionadas com o trabalho, dentre elas, passear em um clube, um bar, um restaurante, “jogar conversa fora” com os vizinhos ou mesmo estar com outras pessoas sem fazer nada demais, como um fim em si mesmo;
5. A categoria das atividades miméticas ou jogo: as atividades desse tipo são atividades de tempo livre que possuem caráter de lazer, desde que se não se caracterize como uma ocupação especializada através da qual se ganha a vida. Essas atividades estão diretamente associadas à destruição da rotina, característica essa, da excitação mimética (ELIAS & DUNNING, 1992 apud. GOMES, 2008, p. 34-5).

Desafiadoramente essa tipologia que Elias e Dunning apresentaram nessa classificação preliminar serve para demonstrar que a utilização do termo tempo livre como sinônimo de lazer não é verdadeira. Ela procura alertar evidenciando a partir de experiências e práticas do cotidiano que uma parcela considerável de nosso tempo livre não pode ser considerada como lazer (ELIAS e DUNNING, 1992 p.110).

Verificar, observar e perceber como comunidades vivem e sobrevivem em suas realidades do mundo rural é uma das funções sociais que cabe a universidade pública brasileira como forma de sua legitimação social.

A extensão universitária, e especificamente a “extensão rural deve se comprometer com a maioria da população rural, particularmente os agricultores familiares” (DIRETRIZES PARA O ENSINO DA EXTENSÃO RURAL NO BRASIL, 2008).

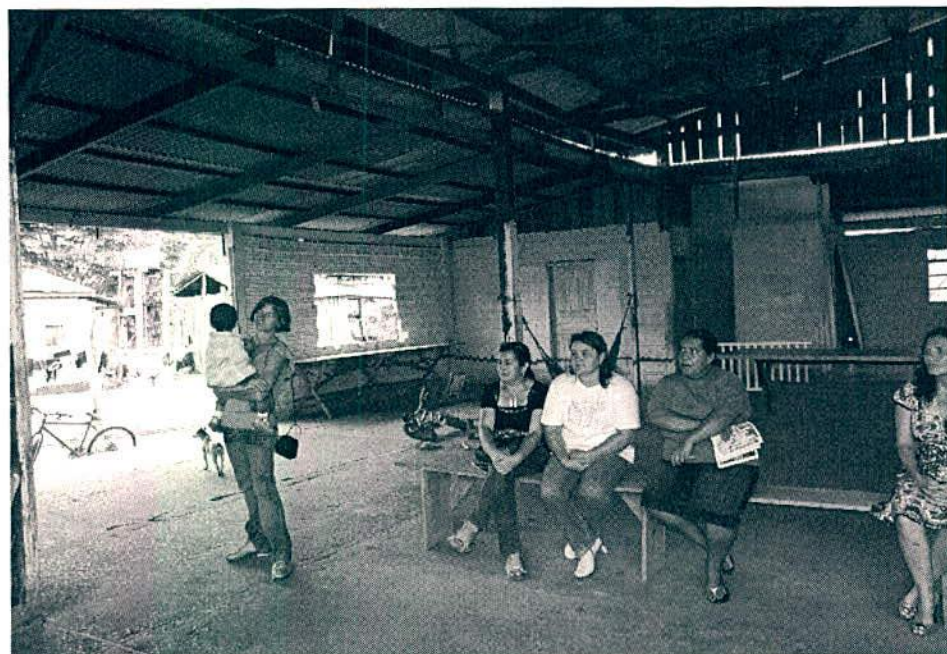
RESULTADOS E DISCUSSÃO

O lazer das mulheres do campo: uma categoria invisível ou a vocação de exercício de múltiplas funções sociais na família “faculta” a ela renunciar deste privilégio

A gente trabalha porque é igual antigamente, as mulheres trabalhavam porque eram submissas ao marido, hoje não é mais assim; mas a mulher do campo ainda vive mais ou menos como era antigamente. Ela trabalha, ela não ganha salário, muitas tiram leite; mas poucas têm um salário por mês, não que o marido não dê dinheiro, mas a mulher sabe que o que o marido ganha dá para pagar energia, comida. Daí nem uma roupa a gente não compra, as mais humildes, daí elas ficam tão tristes, chateadas, entram em depressão, não estou falando de mim, mas a maioria no geral (DEPOIMENTO DE MORADORA NO GRUPO FOCAL NA GLEBA MERCEDES, 2010).

A epígrafe em destaque tem cunho provocativo e em decorrência pretende suscitar uma reflexão. O que pode levar uma pessoa a abrir mão de comprar uma roupa, ainda que algumas podem ficar tristes e se chatear, mas consentem, pois afinal parece que a própria mulher naturalizou sua “vocação” de abrir mão da sua condição de sujeito de direitos? O caso é que algumas entram em depressão, mas a visão instrumental racionalista não permite que mulher do campo tenha depressão, pois isso é “frescura”. Pensamos que na relação com seu final de semana e lazer, existe uma mentalidade organizadora que concorre para o lazer na mulher do campo ser invisível, pois ela é vocacionada para o exercício de múltiplas funções sociais na família que “permite” a ela de renunciar do privilégio de viver plenamente o seu tempo livre.

Imagem 2. Momento em que está acontecendo a coleta de dados Grupo focal com a mulheres da Gleba Mercedes de Sinop-MT.



Estas mulheres do meio rural, ao se iniciar o grupo focal se apresentaram dizendo nome, idade, de onde vieram, falaram ainda sobre sua infância, escolaridade, expectativa de vida e profissão. Falaram também sobre a família, felicidade e se são felizes e satisfeitas no lugar onde escolheram para viver.

As expectativas delas com relação ao trabalho são bem limitadas, onde algumas compartilham serviços braçais com seus esposos e outras trabalham fora de casa. No entanto, mesmo as que trabalham para fora, o dinheiro que ganham é apenas para ajudar nas despesas de casa. Essas mulheres do campo não se dão ao luxo de comprar uma roupa nova nem de ir a um salão de beleza, como elas mesmas disseram, vivem como antigamente, não submissas ao marido, mas com uma vida simples.

Outra passagem de que a mulher abre mão de seus gostos pessoais e de sua vida idiossincrática em favor da família está presente na resposta da pergunta sobre os motivos que a levaram a mudar para a Gleba Mercedes:

[...] vim por causa dos filhos, já era casada e os filhos precisavam da mãe por perto, e eles precisavam de comida eu morava na cidade pagava aluguel, e não compensava eu morar na cidade pagar aluguel, aí o homem e os filhos que faziam comida e

lavavam roupa e não eram econômicos, lavavam a roupa usavam sabão a mais, daí eu vim para cá porque teve aula, daí eu só vim para cá quando teve aula para menina também, daí ela se formou aqui mas ela já está [de volta] na cidade, mas eu ainda estou aqui (DEPOIMENTO DE MORADORA NO GRUPO FOCAL NA GLEBA MERCEDES, 2010).

A maioria das mulheres veio de outros estados da federação em busca de um “pedacinho de terra”, algumas com marido e outras já com filhos. Quando chegaram ou ficavam na cidade ou se acomodavam na Gleba até conseguir um “pedacinho de terra”, mesmo conseguindo a terra a preocupação não acabava por aí, pois não havia expectativa para o sucesso da vida escolar dos seus filhos e muito menos assistência em saúde para toda a família, com isso ocorre o que a sociologia rural e a literatura caracterizam como êxodo rural. Situação em que as pessoas do campo vão para a cidade em busca de qualidade de vida, qualidade essa que está diretamente voltada ao modo de cada um sentir prazer.

Mas não se pode pensar que morar no campo estimula a passividade e o imobilismo. Estas mulheres da Gleba trabalham com seus maridos, cuidam da família e muitas vezes ainda acham tempo de fazer cursos profissionalizantes (artesanatos e panificação, principalmente). Mas, quando perguntamos a elas o que faziam no tempo livre, notamos que a preocupação delas é voltada tão somente aos seus entes familiares e que elas nem sempre notam que falta algo no seu modo de sentir prazer. Quando perguntamos a elas o que faltava na comunidade, por unanimidade mostraram preocupação sobre o que falta a seus filhos, como por exemplo, o lazer das crianças durante um feriado ou uma data comemorativa.

Outra preocupação que ronda o imaginário delas foi com relação ao modo de vida dos idosos. Mencionaram como principal problema a falta de assistência médica para que eles possam desfrutar de uma vida saudável. Pensa-se que aqui elas não estão falando de outro velho, mas estão se percebendo em processo de envelhecimento, e esta involução biológica como algo inevitável da condição humana. Esta visão pessimista sobre a velhice permeia a obra de Simone de Beauvoir e um texto sobre a velhice de Norberto Bobbio, pois existir e se temporalizar como velho, no mínimo não pode ser tarefa para jovem fazer sobre o outro, o velho.

E como se a vida fosse fácil, este povo simples ainda precisa imaginar em recomeçar suas vidas em outro lugar, começando tudo de novo, mas como começar de novo no auge dos sessenta anos? Isto porque há vários anos se discute a implantação de uma hidrelétrica na região norte de Mato Grosso, o que desabrigará muitas famílias, mas infelizmente o impacto social que causa na vida de cada família não é mensurado economicamente. Pode se até indenizar estas pessoas, no entanto suas lembranças, suas histórias e suas vidas não serão recuperadas.

Em texto produzido por Carlos Vainer, professor do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, notamos sua preocupação com os desastres sociais que se abatem sobre as populações afetadas por barragens no país, população essa que perdeu suas casas, vilas e cidades e que quando reparadas economicamente, não conseguiram reconstruir suas vidas, isto quando indenizadas economicamente.

Notamos em depoimento de moradora da Gleba Mercedes que a preocupação dessa população esta além de perdas materiais, é com relação às lembranças vividas no seu “pedacinho de terra”.

Em 2010 realizou-se em Sinop-MT, o Seminário Amazônia em Debate, em parceria com diversas entidades, entre elas a Universidade Federal de Mato Grosso e a Universidade Estadual de Mato Grosso, levantou-se a questão ambiental, onde a inundação das florestas, a extinção de espécies da nossa fauna e flora, causará danos, muitas vezes inestimáveis. Os desastres ambientais, porém, talvez sejam pequenos se comparados aos desastres sociais que se abatem sobre as populações afetadas. Mencionamos ainda alguns dos direitos que são deixados de lado: como o direito à informação e à participação, direito à liberdade de reunião, associação e expressão; direito ao trabalho; direito à moradia adequada; direito à educação; direito a um ambiente saudável e à saúde; direito à plena reparação das perdas; direito às práticas e aos modos de vida tradicionais, assim como ao acesso e preservação de bens culturais, materiais e imateriais. Populações indígenas, idosos, mulheres chefes de família, crianças são os que pagam o preço mais alto.

As próprias populações rurais vitimadas pelo desenvolvimento econômico excludente, que todos testemunhamos, têm procurado seu próprio rumo, têm se alçado acima da indignidade que as vítima, têm proclamado seus direitos e têm questionado os responsáveis por sua situação. Os movimentos sociais do campo são a forma do protesto dos pobres da terra, o clamor dos sem voz porque não foram ouvidos no devido tempo. (MARTINS, 2001, p.35).

Martins nos mostra uma visão de que a população rural está deixando de ser expectadora para se tornar parte da cena, lutando não só pelos seus direitos, mas pelos direitos de um meio ambiente que não pode se expressar.

Movidos pela curiosidade e com o intuito de entendê-las mais profundamente, perguntamos a uma moradora a sua opinião a respeito de si própria: “(...) faço artesanato, sou do lar” (DEPOIMENTO DE MORADORA NO GRUPO FOCAL NA GLEBA MERCEDES, 2010).

Uma resposta direta e objetiva que ocupou poucos instantes, mas que nos permitiu entender melhor esta mulher que vive para o lar. Segundo Andrade (2009), ao se intitular ‘Do lar’ as possibilidades de lazer da

mulher do meio rural se tornam cada vez mais escassas. Pois suas atividades se relacionam, exclusivamente, com o que acontece em sua casa, e para elas o lazer é uma prioridade quase que exclusiva do mundo masculino. Dificilmente elas podem se dedicar às práticas (deleite) de lazer para si mesmas, “livre” das limitações decorrentes da obediência às normas de caráter de dominação patriarcal (ANDRADE, 2009).

Se sentir importante é uma das ferramentas que faz com que o ser tente criar para si um tempo livre. Foi embasado nesse conceito que começamos a direcionar o grupo focal a uma linha de raciocínio para que elas nos falassem a respeito de algo que as fizessem sentir importantes e se fosse possível, acharem justo, se premiarem com um tempo livre, para fazerem exatamente o que quisessem. Elas como muitos grupos de mulheres do meio rural já formaram uma cooperativa onde trabalhavam juntas, mas que ainda precisava amadurecer.

No final de semana e feriados geralmente elas se dedicam à família, mas de certa forma é isto que as faz se sentir bem. Porém, almejam ainda lazer na comunidade, como uma piscina de hidroginástica e uma academia ao ar livre, que além de proporcionar lazer ainda serviria de atividade física. Nos depoimentos destas moradoras notamos necessidades que muito se assemelham às que projetam as mulheres nas cidades, não que não queiram morar no campo, na verdade querem, mas querem ter o direito e acesso ao que se tem na vida mais comum de quaisquer pessoas, como divertimento, saúde e educação.

CONSIDERAÇÕES

É com imensa satisfação que realizamos este trabalho, buscar entender um grupo de pessoas tão simples e ao mesmo tempo de uma generosidade tão evidente, nos faz ver um mundo mais plural.

O tema escolhido apesar de pouco pesquisado no Brasil, é de extrema importância, pois são brasileiras que tem papel fundamental para o desenvolvimento de nosso país, e que só mais tem a contribuir se além de tudo, estiverem bem consigo mesmas.

Com o presente trabalho pretendeu-se descrever quais os lazeres das mulheres do campo, ficando evidente a necessidade desse ser bem desempenhado para que tais pessoas se beneficiem ao máximo desta prática é necessário maior investimento em políticas públicas de lazer também para as pessoas que residem, vivem e fazem sua vida no meio rural.

Assim, ao focar - atitudes e enfrentamentos de mulheres do campo frente um tema como o lazer-, não se desmerece a questão agrária, que longe

de estar resolvida precisa de estudos e análises localizadas. Do mesmo modo, pensamos que a questão da reforma agrária e seus assentamentos rurais requerem olhares que vão além da questão da distribuição da terra. Com efeito, esses lugares, quiçá mereçam atenção no que tange ao modo de viver dos assentados no campo, o que eles fazem, o que dizem e pensam, enfim estudos que abarquem a viabilidade econômica, política e cultural dos atores envolvidos nesse processo, diga-se que necessita de um olhar-corte de duração, pois isso lhes credita a condição de protagonistas.

Nesse sentido, a pesquisa ao não negligenciar esses temas e problemas já bastante enfatizados procurou ousar, destacando que o lazer de mulheres do campo, como um novo elemento a ser incorporado nas análises da sociologia rural, embora ainda se constitua como uma das promessas por se cumprir da modernidade ocidental, mas tema que é atual. O que as evidências da pesquisa nos indicam é que parece que para tal, [promessa] as soluções modernas têm limitações (SANTOS, 2002).

REFERÊNCIAS

ANDRADE R. J., BOTELHO M. I. V., FIÚZA A. L., PEREIRA E. T. Relações sociais de gênero no meio rural brasileiro: a mulher camponesa e o lazer no início do século XXI no Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.23, n.1, p.39-49, jan./mar. 2009.

BABOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CARVALHO, J. M. Cidadania, estadia e apatia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 jun 2001, p. 8.

CORALINA, C. **Amor**. http://pensador.com.uol.br/poemas_de_cora_cc. Acesso em 03 abril 2012.

DIRETRIZES PARA O ENSINO DE EXTENSÃO RURAL NO BRASIL. **Diretrizes para o Ensino de Extensão Rural no Brasil. : uma contribuição do seminário “O estado da arte do ensino em Extensão Rural”**. (2008). http://www.mda.gov.br/portalsaf/arquivos/view/ater/Diretrizes_para_o_Ensino_de_Extens%C3%A3o_Rural_no_Brasil.pdf. Acesso em: 25 jul 2012.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

GONDIM, S.M.G. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios**. <http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos>. Acesso em 17 jun 2009.

_____. Grupos focais na investigação qualitativa da identidade organizacional: exemplo de aplicação. **Revista Estudos de Psicologia**, Puc- Campinas, v. 21, p. 63-77, maio /agosto 2004.

MARTINS J. S. O futuro da Sociologia Rural e sua contribuição para a qualidade de vida rural. **Estudos Avançados**. vol.15 n. 43. São Paulo Set./ Dez. 2001.

MOREIRA, R. Os nervos do pensamento. Bóbbio: o filósofo reflete sobre a vida, a morte e a velhice em “*de senectute*” Folha de S. Paulo, São Paulo, **Mais**, 21 jan 1997, p.4.

SANTOS, B.S. **Produzir para viver. Os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, B. S. As dores do pós-colonialismo. **Folha de S. Paulo**. 21 ago 2006, Caderno Opinião, p.3.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

SEMINÁRIO AMAZONIA EM DEBATE - SINOP/MT inicia com mais 15 entidades e 10 povos indígenas de MT e PA. <http://institutomaiwu.blogspot.com/2010/11/seminario-amazonia-em-debate-sinopmt.html>

VEIGA, J. E. da. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Estudos Avançados**, 15 (43), 2001, p. 101-119.

VEINER C., **Defesa dos direitos humanos. A caixa preta da energia**. <http://ddd.posterous.com/a-caixa-preta-da-energia-carlos-vainer>

A CONFIGURAÇÃO DE UM LUGAR DE FRONTEIRAS CIVILIZATÓRIAS: O ENCONTRO DA CIDADE COM O CAMPO

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

Adriana Renata Giasson

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Wilson Kosloski Júnior

APRESENTAÇÃO

Referimo-nos ao equilíbrio de tensões entre o controle a estimulação emocional. A forma como este equilíbrio de tensão se manifesta varia de sociedade para sociedade, onde o controle de todo o *continuum* de sentimentos é, em partes, bastante interiorizado, desde as tendências animais até as mais sublimes emoções, o controle externo das emoções é relativamente moderado e a estimulação emocional favorecida no quadro das atividades de lazer com anuência pública é, em geral, igualmente moderada quanto ao seu caráter. Em resumo, ambas reclamam um grau de maturidade emocional considerável. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 172).

Parece não ser corriqueiro, no âmbito dos estudos sobre as manifestações culturais produzidas no tempo livre, às emoções serem colocadas no centro da abordagem teórica do lazer. Instigados pela provocação de Gebara (2000), verificamos que a organização do Baile do Chope da Comunidade Brígida de Sinop-MT pode proporcionar prazer aos membros das famílias envolvidas nesse trabalho, desencadeando-lhes emoções agradáveis ao estabelecerem relações de interdependência com os membros da comunidade e com outros sujeitos que também participam do baile.

A Comunidade está situada a 9 km da cidade, sendo caracterizada como um espaço de pequenos proprietários, composta por aproximadamente cinquenta famílias, das quais em torno de 80% trabalham no meio rural. As áreas de terras são divididas em chácaras, cuja maioria, aproximadamente 80%, possui 12 ha e outras, 60 ha. A comercialização do que se produz na comunidade é feita em Sinop, sendo de 30 a 40% da produção vendidas na feira, no mercado ou diretamente para o consumidor. Quanto ao leite, grande parte do ordenhado é vendida para o laticínio local.

Neste trabalho, apresentamos uma análise sobre uma das possibilidades de lazer para a população que mora ou que se dirige para a zona rural a fim de vivenciar momentos de prazer, de emoções agradáveis, enfim de lazer. Procuramos compreender os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos-organizadores do baile ao seu envolvimento com a festividade, relacionando-os com alguns dos conceitos e entendimentos historicamente constituídos pela literatura acadêmica.

Consideramos que o baile do chope, devido ao nível de sociabilidade, mobilidade e imaginação que propicia aos frequentadores de qualquer classe social, credo religioso, etnia ou procedência regional, é um dispositivo que concorre para a configuração do processo civilizador da região norte de Mato Grosso em geral e do município de Sinop-MT, em especial.¹

Nosso desafio foi trazer para o centro de discussão os achados de uma investigação que nos permitiu apresentar e caracterizar o esporte e o lazer nas cidades brasileiras, a partir do que nos foi possível apreender do baile do chope, tido como uma manifestação cultural de lazer de uma comunidade.

Em nossas buscas, deparamo-nos com evidências por meio das quais pudemos confirmar que esse baile é um fenômeno cultural de lazer: pessoas entusiasmadas; a expectativa gerada, por mais de três meses, pela espera do baile; a integração entre o trabalho e o lazer na mesma atividade. Tais constatações levam-nos a questionar: há ainda certas singularidades nas manifestações culturais e no seu modo de organização que não foram completamente massificadas pelos ditames da indústria cultural, resistindo a esses imperativos?

Neste trabalho investigativo, buscamos a legitimação acadêmica dos dados levantados, colhidos, organizados e sintetizados a partir de uma metodologia combinatória entre a pesquisa bibliográfica e as falas de 12 sujeitos do grupo focal, formado pelo atual e pelo primeiro Presidente da Associação Comunitária da Brígida e por 10 pessoas da comunidade que atuaram como garçons, ou desempenharam outras funções no decorrer do baile.

1 Em 1969, Jacques Lambert publicou um instigante texto denominado *Os dois Brasis*. Na ocasião, ele alertava que o Brasil não se reduzia apenas ao contraste entre país desenvolvido e país subdesenvolvido, fazendo referência ao fato de que “[...] as subculturas brasileiras são muito numerosas e o seu inventário apenas começou [...]”. O estudioso destacava o homem como criador de regiões e ou lugares, falando dos criadores das planícies irrigadas do Sul, dos criadores das caatingas ressecadas do Nordeste, e dos ribeirinhos dos cursos d’água da Amazônia em suas palafitas. Na época, ao apontar para essa diversidade, afirmava que essas criações pertenciam a um ou outro Brasil, “o Brasil arcaico e o Brasil novo”. Parece-nos que a fronteira econômico-agropecuária aberta no Norte de Mato Grosso, onde se localiza o município de Sinop, poderia receber a nova denominação de área de criadores de novíssimos lugares de produção cultural que acontece entre mulheres e homens em configuração, desta feita, em um lugar de fronteira. Esse trazendo em contradição as marcas do arcaico e do novo. Parece-nos que o conceito de fronteira, o barroco e o sul, - com mais ênfase no primeiro para a situação em análise-, sugerido por Santos(2007) parecem razoáveis para a construção de uma subjetividade individual e coletiva desse novíssimo lugar.

A GÊNESE DO LAZER: UMA POSSIBILIDADE

Sabemos que as pessoas, ao longo da história da humanidade, sempre procuraram as mais diversas formas de descontração. No entanto, foi a partir do século XVIII, na Inglaterra, que principalmente os indivíduos pertencentes às classes socioeconômicas mais elevadas começaram a desenvolver um passatempo todo especial, “a caça à raposa”, praticada no tempo livre.

Na contemporaneidade, as formas de passatempo são mais democráticas, pois os integrantes dos segmentos populacionais menos favorecidos em termos socioeconômicos podem se divertir ao se envolver em programas de políticas públicas voltadas para atender as necessidades desse público por lazer.

Na literatura existem evidências de que também na Inglaterra ocorreram os primeiros confrontos físicos não violentos como indicadores do surgimento do lazer. A respeito disso, Elias e Dunning, mencionados há pouco, lembram que

Pode gostar-se, ou não, de caçar. Mas, quer se goste ou não, a caça à raposa fornece um quadro vivo de um dos primeiros estágios do desenvolvimento do desporto e pode assim contribuir para uma melhor compreensão da gênese e das características do desporto em geral. (p. 47).

Sobre o fato de o desporto [e o lazer] ter origem inglesa e de isso ser uma questão sociológica, Elias (1992) desenvolve uma argumentação que, na opinião de Grunennvaldt (2009, p. 223), é “[...] capaz de apontar um dos aspectos centrais da relação entre desenvolvimento dos passatempos com as características de desportos [lazer] e o desenvolvimento de estrutura de poder da sociedade inglesa.”

Assim, ao estabelecer a associação da gênese do lazer e do desporto com a sociedade inglesa, este autor assegura que aquele outro pretende demonstrar que as análises que não incorporem estudos sobre a sociedade são, com efeito, desprovidas de contexto e, portanto, incompletas. Portanto, é sabido que ali Elias está se referindo a uma análise de uma situação concreta.

Nesse sentido, o prazer, ou clímax, só se tornou prazer de fato quando era longo, prolongando ao máximo, até a vitória do caçador sobre a raposa. No caso do baile ao qual referimos, a uma situação concreta, sucede ao período bastante extenso e excitante dos preparativos para a sua realização o clímax instalado pela sedução entre as pessoas, que, entregues ao ritmo da música, dançam com seus pares, companheiros(as), estabelecendo uma interação corporal que é, por certo, um dos elementos caracterizadores da sociabilidade no lazer.

Vivemos em um mundo que parece existir sob o signo da velocidade, no qual as informações são transmitidas quase que em tempo real e a busca por uma vida financeira melhor faz com que o tempo passe mais rápido. E esse triunfo da rapidez, a onipresença da velocidade, o deslumbramento da instantaneidade na apreensão das coisas, tudo isso concorre, no dizer de Santos (2001),

[...] para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história.

O sujeito que se submete ao império da velocidade, do efêmero pode ter dificuldades para encontrar possíveis soluções para eventuais problemas que se ponham em seu caminho e que sejam decorrentes das necessidades originadas do seu envolvimento no entorno. Mesmo regido por uma realidade na qual prepondera a lei da celeridade, o indivíduo corre o risco de cair na mesmice, fazendo as mesmas coisas todos os dias e ficando a mercê dessa rotina enfadonha.

As pessoas que passam a maior parte do tempo de não trabalho, ou livre, assistindo à televisão e concebem esse período de tempo como uma opção de lazer acabam sendo manipuladas por “verdades” que influenciam seus estilos de vida, que, mais do que modismos, são constantemente re-elaboradas pela mídia, pois, apesar de efêmeras, “ditam regras de comportamento” que por vezes se impregnam no indivíduo como se fossem sua “segunda natureza”.

O Brasil, em função de sua vasta faixa territorial e, conseqüentemente, do intenso fluxo migratório que atrai, possui uma diversidade cultural muito grande, pois, em muitas regiões de fronteira do país, a tradição dos primeiros colonizadores influencia algumas condutas dos habitantes dessas áreas.

Nesses lugares há uma diversidade de grupos migrantes, como, por exemplo, os gaúchos, os cariocas e os nordestinos, cujo conjunto, a nosso ver, mais contribuiu para o fenômeno migratório do país. Com eles vieram as várias e distintas culturas, manifestadas na culinária na música e nos estilos de vida de cada povo.

No entanto, isso não inviabiliza que, para fugir da rotina, do dia a dia de trabalho, ainda que por poucas horas, esses grupos, com seus idosos, adultos e jovens, busquem frequentar alguns locais comuns, nos quais possam se encontrar e vivenciar, entre outros, intensos momentos de lazer, de leveza; conviver harmonicamente com a diversidade cultural de seus integrantes - exercitando a tolerância, a aceitação, o respeito ao diferente; e, com isso, garantir uma boa qualidade de vida.

E tudo isso representa um desafio para quem sofre os efeitos da sociedade contemporânea, na qual o tempo e os interesses materializam-se em relações efêmeras e voláteis.

Diante do exposto, indagamos: nesse espaço de convivência entre amigos, que se encontram para conversar, namorar e dançar, pode, de fato, emergir um sentimento de agradável bem-estar que os liberta da rotina diária e os conduz a um estado de satisfação?

Sim. Evidenciam-se nesses lugares-encontros alguns momentos de erupção de sentimentos que, na rotina do cotidiano, seriam impossíveis de se manifestar. A dança, por exemplo, com elegância pela sincronia entre dois corpos que se movem ao mesmo tempo e no mesmo ritmo, incita a imaginação das pessoas e o estabelecimento de relações intra e interpessoais nos outros pares que povoam a pista, enchendo-a de vida. Nesses momentos de excitação, os sentimentos de tristeza e as preocupações quicá são esquecidas, ou substituídas por outros, que fazem muito bem para a alma.

Na visão de Elias e Dunning, já referenciados, as pessoas precisam estar com os outros para terem certas reações ou estímulos:

Elas indicam que a necessidade de estímulo de um ser humano por intermédio de outro ser humano não se reduz a essa esfera específica a que chamamos sexualidade. É uma necessidade mais ampla, de longe menos especializada, de estimulação social. Na origem, pode ser libidinal ou não. A sua gênese precisa de ser explorada; mas, seja ela qual for, a <<caixa preta²>> não está adormecida quando não é estimulada. Cada ser humano, na sua (dele ou dela) constituição global, é orientado no sentido dos outros seres humanos - por meio da estimulação emocional que só os outros seres humanos podem proporcionar, embora possam ser substituídos por animais de estimação ou por coleção de selos (p. 171).

Na pista de dança, as pessoas, envolvendo-se com seus pares, dão vazão a gestos rítmicos e expressivos reprimidos no dia a dia e/ ou situações não experimentadas. É essa expressividade rítmica de quem está dançando que tem esse poder de estimular sentimentos afetivos nas pessoas, e, nesse envolvimento, o resultado é singular, único para cada um, de modo que não é passível de uma explicação generalizante.

Nesse sentido, estar na presença dos outros no baile gera um sentimento de alegria e satisfação, é uma viagem aos mais puros sentimentos de felicidade que o ser humano pode gerar, sendo superado apenas pelo êxtase, pelo prazer sexual.

² De acordo com os próprios autores, a metáfora "caixa preta" algumas vezes corresponde à imagem das pessoas como uma espécie de máquina não social: podemos observar como aquele objeto atua, mas não sabemos o que se passa dentro dele (p. 169).

Na acepção dos autores,

Se as pessoas vão ao teatro, a um baile, a uma festa ou às corridas, é porque no lazer elas podem, tal como dissemos antes, escolher como se ocupar de uma maneira que favoreça a experiência do prazer. Deste modo, o prazer, as perspectivas de um tipo específico de estimulação agradável, é um elemento essencial na estrutura social destas instituições, do teatro, da dança, das festas ou corridas. (p. 163).

A dança consegue envolver as pessoas de uma forma muito especial, pois traz à tona os sentimentos e as emoções mais íntimas, geralmente não demonstradas no cotidiano. O baile é o ponto de encontro de vários segmentos da sociedade local, os quais apresentam diferentes características: há os grupos que são do campo e os que provêm da cidade, bem como são diversas as etnias e as classes sociais.

Esse mesmo espaço torna-se um equipamento no qual essas diferenças são vencidas, porque promove em um(uns) a admiração pelo estilo de dança de outro(s), ou permite o lançar de um olhar diferente, especial. Ali, a sensação de liberdade leva as pessoas a gozar de sentimentos fortes, proporcionado muitas vezes pelo(a) companheiro(a) de dança, que, ao dançar no ritmo de uma música, contagia a todos com uma sensação de felicidade.

Acerca dessa busca por excitação e pela quebra da rotina, Elias e Dunning enfatizam:

Os movimentos que constituem uma parte integral da síndrome espontânea da excitação são limitados com maior rigidez àquilo que, de modo habitual, chamamos o nível de sensibilidade. Existem diferenças consideráveis, como é evidente, entre diferentes grupos de idade e categorias diferentes na franqueza com que mostram a sua tensão e excitação através de movimentos corporais. (p. 130).

No ambiente do baile, o encontro de um(uns) com o(s) outro(s) fica mais evidente por estar confinado em um local onde a dança e a música compõem um clima de alegria que desencadeia nos envolvidos reações as mais diversas, tornando-as propensas a experimentar um alto grau de excitação.

Sinop, situada no norte de Mato Grosso, uma cidade de fronteira agropecuária que se constitui como polo de referência comercial e educacional, abriga pessoas oriundas de vários estados brasileiros, comportando, por isso, uma expressiva diversidade cultural e étnica. A esse respeito, ressaltamos que, em outro texto desta coletânea, foram demonstrados os dados numéricos

da amostra da pesquisa desenvolvida sobre a procedência e a influência dos colonizadores do Sul do país, cujos valores culturais influenciaram a formação cultural do município. Por certo, isso não ofuscou a contribuição e o legado de outras influências culturais na construção do cadinho de cultura dessa região de fronteira.

Um caso emblemático dessa situação pode ser verificado ao olharmos apenas para uma das formas de lazer de que podem dispor os habitantes de Sinop, os bailes e as matinês. Nessas festas, a cultura musical do Sul do Brasil é predominante, sendo estes alguns dos estilos musicais próprios dessa região: vaneira, vaneirão, marchinha, chamamé, valsa e forró.

Ressaltemos, porém, que é grande a influência alemã em um evento específico realizado no município, o tradicional Baile do Chope da Comunidade Brígida, no qual é muito forte - mas, não exclusivo - o estilo musical denominado bandinha, ou "marchinha". O ambiente do baile, propício ao encontro de pessoas, de certa forma ameniza as diferenças que possam advir das diferenças de classe existentes entre os envolvidos, principalmente, quando se está a dançar na pista.

Nessas circunstâncias, esse espaço parece adquirir uma representação emblemática de superação, ainda que temporária, dos possíveis conflitos. Então, aqueles que, com seus parceiros - e este(s), com outro(s) - dominam os códigos dos mais variados estilos de dança, representam os *estabelecidos*, enquanto os que não dominam tais códigos e os passos da(s) dança(s), ficam, no início, timidamente observando o movimento na pista até se aventurarem a tomar parte no baile representando os *outsiders*.

SALÃO DA COMUNIDADE BRÍGIDA: PELA POSSIBILIDADE DE LIBERAÇÃO DE SENTIMENTOS AGRADÁVEIS

Ao optarmos por eleger o Baile do chope da Comunidade Brígida de Sinop, nosso objeto de estudo, levamos em conta não só impacto provocado por esse evento cultural e a legitimidade conquistada em apenas três anos de sua criação, mas também a louvável particularidade de envolver os sujeitos da comunidade como agentes organizadores do cenário do baile.

É nessa mescla entre a iniciativa privada e a comunitária que podemos verificar a configuração de um processo de cidadania fundamentado nos interesses e desejos dos sujeitos da comunidade, disso resultando nossas duas questões de pesquisa: 1^a) é possível que as pessoas envolvidas na organização do Baile do Chope da Comunidade Brígida, ao estabelecerem uma relação de interdependência com os outros, passem a conceber as atividades de lazer como um lugar de produção de um tipo especial de tensão, uma agradável excitação, rendendo-lhes momentos de satisfação?; e 2^a) as relações de interdependência estabelecidas entre os anfitriões da organização do Baile

do Chope da Comunidade Brígida e os frequentadores do evento podem contribuir para o surgimento de sentimentos fortes, que, coibidos no dia a dia de suas vidas, passem a atuar como um ingrediente essencial à saúde mental?

A CARACTERIZAÇÃO DE ALGUNS ELEMENTOS DO LAZER

Elias e Dunning, na mesma obra que aqui nos vem servindo de base teórica, entendem que, com a diminuição do controle sobre o lazer, pode-se ter prazer, do qual um dos elementos é o sentimento agradável, vivido pelo fato e pela possibilidade de se estar na companhia de outro(s) voluntariamente, sem qualquer obrigação ou dever.

Os autores elegem como principais elementos do lazer a sociabilidade, a mobilidade e a imaginação, acrescentando que, para explicarmos suas funções basta atentarmos para duas das esferas primárias das atividades que o constituem na sociedade: a da sociabilidade e a mimética.

A sociabilidade está presente em quase todas - senão em todas - as atividades de lazer, sendo vivenciada quando se está em companhia de outras pessoas por vontade própria, sem qualquer obrigação.

Trata-se de um tipo de estimulação *per se*, e, desse modo, mesmo que alguém vá a um encontro, um jantar, uma caçada ou a um baile sem nada saber sobre quem será sua companhia, esse elemento já desempenha um papel no desencadeamento do prazer.

No entanto, destacamos que, embora presente em circunstâncias iguais a essas, há a possibilidade de tal estimulação ocupar posição secundária, tendo em vista que em determinada situação, a relação dos outros elementos pode se tornar mais presente no primário de lazer. Por si só, a sociabilidade é o elemento primário nos encontros que envolvem a esfera do lazer, mas em algumas situações ela pode ser subsumida voltando a ser mais presente em outras circunstâncias.

Os pesquisadores destacam a contribuição de F. Tonnies *apud* Elias (1992) sobre as possibilidades de as pessoas se envolverem no lazer *gesellschaft* e no lazer *gemeinschaft* e assinalam o caráter de complementaridade desses tipos de relação na sociedade contemporânea. Nesse sentido, sugerem que este último tipo de lazer pode ser um campo bastante vasto de pesquisa.

Aprofundando-se no assunto, os teóricos acrescentam que, na sociedade industrial, existem oportunidades passageiras de maior evidência afetiva, relativamente espontâneas e com integração variável, figurando entre as instituições comuns socialmente estandardizadas, para as quais canalizam, com certa regularidade, grande parte das exigências pessoais ligadas ao lazer.

No caso dessas instituições de sociabilidade e, diferente do que ocorre com as instituições miméticas de lazer,

[...] as pessoas reúnem-se sem possuírem necessariamente qualquer competência técnica especializada, sem atuação para os outros ou para si próprias [embora isso possa acontecer acidentalmente], só para desfrutarem a companhia de um dos outros, para terem prazer, isto é um nível mais elevado de calor emocional, de integração social e de estimulação através de presença de outros - uma estimulação divertida, sem obrigação séria e os riscos inerentes a elas - do que aquela que é possível experimentar em qualquer outra esfera da vida. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 180-181).

Analisando as características contrastantes das atividades inscritas nas duas esferas do lazer, a da sociabilidade e a mimética, os autores destacam que ambas são indicadoras de aspectos das sociedades industriais. Por sua vez, o lazer *gemeinschaft* é um contraponto à rotina que marca os contatos relativamente impessoais impostos a essa sociedade, criando barreiras emocionais entre as pessoas, normalmente sob o formato de fortes restrições.

A existência lazer *gemeinschaften* de uma variedade de tipos mostra a necessidade corrente dos contatos humanos, do enfraquecimento dessas barreiras num clima mais intenso de manifesta emotividade, com uma marcada preponderância ao nível intencional, se não mesmo, de fato, sempre, dos aspectos positivos de relações que de outro modo seriam ambivalentes. Mas, mais uma vez, no lazer *gemeinschaften*, como noutros fatos de lazer, o enfraquecimento das barreiras, o elevar do nível de emotividade como um agente contrário ao incrustar de rotinas, implica um certo risco. Como a maioria das pessoas sabe, o grau socialmente permitido de destruição da rotina pode exceder-se. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 181).

De modo geral, é possível que, relativamente ao encontro propiciado pelo baile às pessoas que escolhem participar das danças, essa socialização já esteja impregnada dos valores da sociedade do controle. Destacamos que no equilíbrio da tensão entre o controle e a estimulação emocional nossa segunda natureza seja mais marcante.

Esse aspecto pode ser identificado no contexto do baile dos idosos, investigado em outra pesquisa relatada nesta coletânea, ao afirmar que eles tem hoje é graças ao trabalho, porque aqui funciona com Deus em primeiro lugar. Com uma abertura, uma oração inicial e, posteriormente, uma música, mas tudo dentro de um regulamento, mas tudo dentro de todos os respeitos.

O BAILE E O CONSUMO DE CHOPE: UM ENTENDIMENTO POSSÍVEL

Na configuração de um baile como esse que investigamos, os sujeitos participantes, ainda que para lá se dirijam a fim de vivenciar seu tempo livre ou de lazer, não conseguem se desvencilhar das habituais armaduras de restrições que lhes são impostas, pois já estão profundamente impregnadas, em seu eu, configurando o que poderíamos denominar de uma segunda natureza, ou natureza do controle.

Em face disso, uma cena bastante comum entre os participantes é o uso do álcool, ou melhor, o consumo de grande quantidade de chope. Sobre esse aspecto, seguindo as especulações sugeridas por Elias e Dunning, levantamos estas questões: 1) que função o álcool (chope) possui nesses festivais? 2) se a satisfação decorrente das reuniões sociais está relacionada com a diminuição das barreiras entre as pessoas, propiciando uma agradável elevação do nível de emotividade, por que elas precisam beber para criar ou, pelos menos, aumentar os prazeres da sociabilidade? 3) podemos dizer que o ato de beber em público serve a uma função de integração?

Caso essas indagações façam sentido, então as pessoas em suas atividades de lazer buscam, além da "relaxação", a estimulação e a alegria. Assim, fica evidente que são incompletas as abordagens médicas a esse tipo de problema que deixam de lado o componente sociológico.

Desse modo, o consumo elevado de chope no Baile da Comunidade Brígida deixa rastros de que, nesse tipo de lazer, os usuários procuram despertar em si mesmos emoções agradáveis e excitação, ou seja, buscam produzir formas mais específicas de aumentar as tensões em companhia de outras pessoas.

Adotando esse ângulo de análise, consideramos não ser de todo satisfatória a justificativa médica segundo a qual a bebida provoca a "depressão dos centros inibidores do cérebro" e "produz sentimento passageiro de bem-estar", pois, se fosse somente por isso, as pessoas poderiam perfeitamente ficar em suas casas e consumir sua bebida, bem melhor acomodadas.

Parece, então, ser mais provável que elas bebam acompanhadas porque a depressão dos centros inibidores do cérebro estimula-as a estabelecer com seus pares uma relação amigável carregada de intensa emotividade, que é a marca maior da sociabilidade no lazer.

Um copo ou dois favorecem a perda relativamente rápida da habitual armadura de restrições profundamente encravadas e, assim, a abertura a uma divertida excitação mútua que serve de contraponto à relativa solidão do indivíduo e às suas obrigações e rotinas, verificadas nas esferas de não lazer, incluindo as da vida familiar. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 182).

Parece que as hipóteses levantadas por Elias precisam ser testadas à luz de situações concretas. A sociabilidade do lazer *gemeinschaften*, ao ser reforçada pela bebida, permite, tal como ocorre em outras experiências de lazer, boas oportunidades de elevação, junto a outras pessoas, do nível de emotividade manifesto em público. Não obstante a liberação ser estimulada pelo uso da bebida, geralmente se espera que a excitação desencadeada não ultrapasse limites toleráveis.

Imagem 1 - Baile do Chopec da Comunidade Brígida de Sinop-MT em 2010



Fonte: produção dos autores.

O BAILE DO CHOPE DA COMUNIDADE BRÍGIDA NA VISÃO DOS SUJEITOS ORGANIZADORES: FUSÃO ENTRE TRABALHO E LAZER

[Trabalhar no baile é] Uma forma de retribuir o que a comunidade nos oferece [...] (Inf. 1, 2010).³

Em seu cotidiano, as crianças, com a plasticidade de sua imaginação, criam cenas nas quais brincam de trabalhar por períodos relativamente longos, sem se entediar. Veja-se o caso presenciado por um dos autores desse texto:

3 Os sujeitos trabalhadores do baile participaram de Grupos Focais, as entrevistas com os grupos foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2010 concedidas a José Tarcísio Grunennvaldt e Emerson Rodrigo Coletto no salão da Comunidade Brígida, foram ao todo 12 pessoas que serão identificados no texto como informantes de I a I2 (Inf. 1, assim sucessivamente). Optamos por não divulgar o nome por uma questão privacidade dos sujeitos.

Um dia desses flagrei meu filho de quatro anos se preparando para fazer uma cirurgia em seu cavalo de brinquedo - o borrachudo. Ele foi preparando o lugar na varanda da casa, pegou o cavalo, a indumentária com o material cirúrgico e começou a operação. Não se passaram cinco minutos, o cavalo borrachudo estava operado e, a satisfação no semblante do pequeno cirurgião de ter realizado a incisão cirúrgica com êxito era evidente. (GRUNENVALDT, 2010).

Vários autores já discorreram sobre a necessidade de as crianças terem contato com mitologia, com histórias infantis e brincarem de faz de conta, ao que alguns estudiosos atribuem o *status* de condição *sine qua non* para o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a imaginação é pressuposto para a formação e o desenvolvimento integral do indivíduo.

Analogamente à situação das crianças que brincam de trabalhar, haveria a possibilidade de, na sociedade contemporânea, um sujeito, encontrando-se em uma situação de trabalho, sentir prazer e satisfação pessoal em atender ao outro, sem precisar de remuneração financeira?

Ao serem indagados sobre quem os havia convidado para trabalhar no Baile do Chope da Comunidade Brígida, os sujeitos organizadores, que compuseram o Grupo Focal, indicaram “os pais”, “amigos” e “se auto convida para trabalhar”, tendo um deles complementado ser essa “uma forma de retribuir ao que a comunidade oferece”.

Ora, se há quem se autoconvide para trabalhar no baile e há quem o faça em retribuição ao usufruto das “instalações-equipamentos” da comunidade, por certo existe uma relação de simbiose entre trabalho-lazer- prazer. Percebe-se que a mesma satisfação do menino em brincar de trabalhar pode estar presente na situação dos trabalhadores do Baile do Chope da Comunidade Brígida, que sentem prazer em atender e estar disponíveis para alguém.

O baile configura-se como um lugar de sociabilidade, de mobilidade e de imaginação para as pessoas. Em 2010, foram realizados 6 eventos dessa natureza na comunidade, tendo-se previsto para 2011 a redução desse número para 3.

Nessas ocasiões, o carro chefe é o baile do chope, evento cultural e festivo de envergadura regional e que, nas três vezes de sua ocorrência, reuniu 3.000 pessoas, na primeira vez; 4.800, na segunda; e 6.240 pessoas, na terceira vez, em 2010.

Com vistas a atender a essa demanda crescente, correspondendo às expectativas do público participante, a comunidade deve ser mobilizada, cuidando para que a organização do evento, em todos os seus aspectos, propicie um lazer de boa qualidade.

Em nossas conversas com o grupo focal, evidenciamos a tendência de as tomadas de decisão para a organização e realização do evento não virem

diretamente do poder central, ou melhor, da diretoria, ficando a cargo dos próprios organizadores.

Em suas falas, os depoentes, ao se referirem aos motivos que os levam a trabalhar no baile, fazem menção ao fato de esse ofício render-lhes momentos de lazer. Nesse sentido, as atividades com as quais se envolvem nessas ocasiões são entendidas como meios pelos quais a sociabilidade, a capacidade de mobilidade coletiva e a imaginação criativa são realizáveis.

Vejamos a opinião do Sujeito Informante 2 (2010) a esse respeito:

Uma satisfação em trabalhar na comunidade, eu gosto disso, e é uma coisa que a gente se realiza. Um motivo muito interessante que faz a gente ajudar a trabalhar, é porque no começo eram apenas os associados e hoje com toda uma infra-estrutura construída dá um ânimo a mais. [Assim] é uma satisfação pessoal, um momento de lazer onde os amigos se encontram, a família fica reunida nos domingos, a comunidade gera momentos de descontração, a satisfação das pessoas que vêm ao baile do chope, é muito gratificante.

Para os sujeitos organizadores do baile, não há dúvida quanto ao grande prazer que sentem por trabalhar ali, e isso ameniza a concepção corrente de trabalho como a parte “dura” da vida, que requer “sacrifício”. Essas pessoas trabalham como forma de retribuir para a comunidade os benefícios que esta, com seus equipamentos, lhes oferece para poderem passar o tempo livre com os amigos e a família.

As dependências e os equipamentos do salão comunitário e do seu entorno oportunizam aos usuários a quebra da rotina semanal e momentos de sociabilidade, além de estimular e gerar tensões agradáveis.

A configuração desse espaço parece coadunar com a proposta de Marcellino (2008, p. 143), que considera ser necessário planejamento para a construção de equipamentos destinados ao lazer: “Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo o esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos.”

O salão de festas e seu entorno⁴, concorrendo para a ruptura da concepção segundo a qual somente equipamentos sofisticados e específicos possibilitam o lazer, parecem funcionar como um antídoto à perspectiva do equipamento específico. Ao redor do campo de futebol, as áreas arborizadas são utilizadas para os jogos de mesa e as conversas fiadas entre jovens, que também podem só ficar ali, na sombra, sem fazer nada.

4 O salão comunitário entendido como equipamento tem ampliadas as possibilidades de seus usos para o bem-estar da comunidade. A pista de dança pode virar quadra de futsal, voleibol, peteca, tênis de mesa, palco para teatro, entre outras atividades. Anexo ao salão, encontram-se a cancha de bocha, o 48, a churrasqueira, uma ampla cozinha e, em um espaço mais aberto, o campo de futebol, cujas dimensões são adaptáveis ao interesse da clientela.

Olhemos o que nos diz Marcellino acerca do assunto:

Eles são importantes e sua proliferação é uma necessidade que deve ser atendida. Mas a ação democratizadora precisa abranger a conservação dos equipamentos já existentes, sua divulgação, “dessacralização” e incentivo à utilização, por meio de políticas específicas, e a preservação do patrimônio ambiental urbano. (p. 143).

Parece-nos possível encontrar, na relação de interdependência estabelecida entre os sujeitos do grupo focal, quando do usufruto dos equipamentos da comunidade, evidências de que a tensão entre o trabalho e o lazer nessa ambiência se dilui. Além da sociabilidade, esse espaço-equipamento a busca constante de satisfação humanizadora. Vejamos o depoimento do Sujeito Informante 3 (2010) sobre o significado de estar na comunidade:

Trabalhar na comunidade é uma coisa muito boa, por exemplo: eu sou um pai de família. Não temos para o jovem hoje tanta diversão, seja na comunidade seja na cidade, é o momento de diversão, quer dizer se não vier aqui no domingo não é domingo, nem para ele nem para mim. Pode se observar, tem brincadeira, de lazer, é momento de contar mentira, de brincar e mesmo o momento de trabalhar, que aqui para nós é o baile do Chope.

Na visão de Elias (1992), se fossem testadas as teorias correntes da sociedade, ficariam claras as fortes tendências de se considerar tal qual na herança de Durkheim – para se considerar as regras e normas como condutoras e como se possuíssem existência independente dos sujeitos que configuram a sociedade. Elias infere:

É possível verificar também com grande nitidez, o caráter ilusório de qualquer concepção da sociedade que sugere que regras ou normas possuem um poder próprio, como se fossem algo exterior e separado dos grupos de pessoas, e pudessem servir, enquanto tal, como uma explicação para o modo como as pessoas se reúnem em sociedades (ELIAS, 1992, p. 229).

Logo, pelas falas dos depoentes, vê-se que a relação estabelecida entre o trabalho e o lazer na Comunidade Brígida parece destoar da herança durkheimiana e pode ter alguma ligação com o que Jean-Luc Godard (*apud* ELIAS, 1992, p. 112-113) observou da sociedade francesa no final da década de 1960:

Estou particularmente satisfeito por viver hoje, no nosso tempo, porque as mudanças são enormes [...] tudo está em movimento. Mas é preciso estar atento ao que se passa. A juventude, e o desenvolvimento das cidades, das províncias, da industrialização - vivemos num tempo extraordinário. Para mim, a representação da vida moderna não consiste apenas em certas invenções ou no desenvolvimento industrial, segundo o modo como alguns jornais pretendem, ela consiste, sim, na representação desta metamorfose total.

Conforme a declaração de outro integrante do grupo focal, trabalhar tem a conotação de satisfação e gratificação pessoal. Em relação a esta natureza de personalidade, assim ocorre se podemos atribuir ao lazer significações que nos dão sentido maior para viver. Mas, será que na situação de trabalho no baile do chope há significações individuais que repercutem na vida dos envolvidos? Confirmamos essa possibilidade nas próprias palavras do referido Sujeito Informante 4 (2010): “O motivo maior é ver a satisfação de todos os que participam, que vem para o baile do Chope, [pois] vem muita gente e acham que são bem servidos. Acho que é bem gratificante para a gente [trabalhar no baile].”

Quando se está envolvido na relação de trabalho e atende-se ao público no baile, consegue-se, ao mesmo tempo, estabelecer uma ubiquidade e manter a estabilidade das excitações. cremos que é para essas características de polaridade e unidade que os depoimentos apontam.

Sob a forma de fatos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções - um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério. (ELIAS, 1992, p. 112).

Nesse sentido, é oportuna a sugestão de Gebara (2000), que faz alusão a Dunning (1992) sobre as contribuições da sociologia configuracional aos estudos sobre o lazer. Nessa perspectiva, o Baile do Chope da Comunidade Brigida configurou-se para os sujeitos organizadores como uma possibilidade de encontro entre trabalho-lazer-emoções.

Perguntamos ao Presidente da Comunidade se com o baile espera-se arrecadar fundos para serem aplicados na região ou se é apenas um acontecimento festivo sem grande preocupação com lucro? Em resposta, disseram que, nos eventos realizados, a exemplo do baile, tem-se o objetivo, sim, de alcançar lucro, pois os investimentos feitos são muito grandes e o dinheiro é revertido em melhorias na própria comunidade, como, por exemplo, a ampliação do salão.

Além da diretoria, as pessoas envolvidas no trabalho de organizar o evento justificam essa necessidade de lucro aludindo ao fato de usufruírem dos espaços-equipamentos em busca de lazer e para ajudarem-nos a encontrar patrocínio. Por certo, nessa relação de trabalho acontece um envolvimento afetivo e emocional maior que o desencadeado na relação do indivíduo que se vê em uma situação de trabalho convencional.

Os preparativos e os trabalhos de organização do baile do chope são iniciados com três meses de antecedência, havendo um grande esforço conjunto para que se consigam patrocinadores, pois quanto maior for o patrocínio, menor será a despesa e maior a faixa de lucro.

O Baile do Chope da Comunidade Brígida proporciona aos organizadores uma satisfação coletiva, para propiciar o bem-estar e momentos de lazer do público frequentador. Assim, os organizadores configuram um grupo de pessoas que se submetem a princípios voltados para a melhoria das condições do espaço-equipamento existente na localidade.

Os próprios automóveis dos moradores são utilizados como propagadores do evento, fazendo às vezes de *outdoors*. É um recurso eficiente, pois, sendo a cidade relativamente pequena, chama bastante atenção.

A ideia de realização do baile do chope como elemento de lazer e animação partiu do Presidente da Comunidade, que, mesmo não tendo uma noção clara de como seria um evento dessa natureza, propôs a um grupo de casais que juntos visitassem os municípios vizinhos para ver como eles organizavam suas festividades. Na verdade, o baile possui um perfil agregador, integrando entre si os municípios da região Norte-Mato-Grossense. No baile do chope de 2010, estiveram presentes comitivas de pessoas de 14 municípios do Estado.

Perguntamos a dois dirigentes da Comunidade Brígida o que o Baile do Chope representava para eles e para os frequentadores. De imediato e sem titubear, um dos respondentes nos disse ser algo equivalente ao significado do carnaval para os cariocas. E acrescentou:

Nós estamos perdendo apenas para um baile do estado de Mato Grosso e em 2011 vai ser o maior baile do estado hoje o Baile do Chope da Brígida só perde para a Cidade de Lucas do Rio Verde, cidade localizada aproximadamente a 180 km. Com a reforma em curso de suas instalações físicas, a Comunidade Brígida vai ter a maior estrutura de um salão de festa de uma comunidade rural do Estado de Mato Grosso.

O protagonismo dos moradores da comunidade nas ações voltadas à construção de um ambiente acolhedor de manifestações culturais e de lazer, como, no caso, a criação do espaço-equipamento (salão comunitário, campo de futebol, cancha de bocha, cancha de 48 e um espaço coberto no qual há diversas possibilidades de lazer), pode ser uma prova da quase ausência do poder público como promotor de políticas públicas para a população na região.

Com efeito, tem-se um paradoxo: de um lado, a ausência de um Estado que garanta a efetivação das políticas públicas de lazer e, de outro o aumento da vontade e do empenho da população para assegurar seus espaços de entretenimento, diversão e lazer através de iniciativas dos membros da própria comunidade. Tais condutas assumem legitimidade em um lugar de fronteira, onde “Viver [na fronteira] significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio ato de inventar.” (SANTOS, 2007, p. 348).

Em face de um contexto assim desenhado, o que se pode fazer em um Estado ou um município onde as exigências pela presença do poder público andam com mais velocidade do que a capacidade de este conjunto de órgãos implementar suas próprias políticas públicas de lazer? *Em Ciudadania, estadania e apatia*, José Murilo de Carvalho (2001, p. 8) nos ensina:

Não seria sensato buscar reduzir o tradicional papel do Estado da maneira radical proposta pelo liberalismo. Primeiro, por causa da longa tradição de governismo, difícil de reverter de uma hora para outra. Depois, e sobretudo, pelo fato de que há tarefas essenciais elementares ainda não cumpridas por nosso Estado. Há por fim, muito espaço para aperfeiçoamento dos mecanismos institucionais de representação. Mas, seja pela ineficácia com que tem funcionado entre nós esses mecanismos, seja pela urgência na solução da questão social, há necessidade de corrigir a natureza privatizada de nosso Estado, pela organização da sociedade, e desenvolver mecanismos alternativos de representação e implementação de políticas. Não podemos construir uma cidadania, leia-se democrática, sólida sem dar maior embasamento social ao político, isto é sem democratizar o poder.

Para saber como os trabalhadores do baile são escolhidos e se são remunerados pelo que realizam, verificou-se que a maioria deles é conhecida na comunidade, havendo também pessoas de outras áreas, como a de São Camilo, de onde um grupo de casais gentilmente se presta a colaborar com os trabalhos de preparação do baile.

Essa iniciativa foi absorvida por um grupo de casais da Comunidade da Brígida, que também se predispõe a ajudar as outras comunidades em seus eventos festivos. Portanto, haja vista, dentre outros fatores, o sistema de mutirão adotado para a execução das tarefas, podemos afirmar que em tal atitude se faça presente o aguçado espírito do que seja viver verdadeiramente em comunidade.

Os organizadores disseram-nos que a ambiência do baile é revestida de “muita alegria”, podendo isso ser observado em simples detalhes, como, por exemplo, no fato de as pessoas dizerem que têm o prazer de tirar uma foto do sol nascendo e que saíram do baile com o sol já alto. Com isso podemos dizer que tal ambiente torna-se um ingrediente essencial para elevar os envolvidos

a um nível de excitação muito grande, prolongando ao máximo, ou até o clarear do dia, o tempo de prazer dos que se aventuram a ver o nascer do dia.

O fato de o sujeito dar-se ao luxo de contemplar a passagem da madrugada para o dia põe em evidência o tencionamento dessa conduta não rotineira com as regras correntes da sociedade do trabalho e dos mecanismos regulatórios do Estado. É plausível que seja essa “virada de turno” um meio de as atitudes emocionais e afetivas serem recuperadas como parte de

[...] uma tendência mais acentuada no sentido da sofisticação e da sublimação das respostas emocionais presentes nas atividades de lazer [...] O aspecto mimético das ocupações do lazer no nosso tempo não pode ser bem compreendido sem referir que o apelo de muitas delas, embora não de todas, já não é orientado para necessidades emocionais ou instintivas, na sua forma mais elementar, embora possa parecer ser exactamente isso, mas, antes, para conjuntos de exigência afectivas, onde misturas de sentimento compostos entram em jogo. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 177).

Nesse sentido, o tempo prolongado de permanência no baile é representativo da busca por sentimentos mais duradouros, propiciados pela oportunidade de se estar com os outros e sentir-se bem, bem como pela quebra da rotina do dia a dia.

Até o ano de 2009, a contratação dos grupos musicais que abrilhantavam o baile decorria da iniciativa de um empresário da cidade de Sinop, que entrava em contato com a diretoria da Comunidade e oferecia-lhe seus préstimos. Depois do terceiro evento, os próprios donos de bandas de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul passaram a se oferecer como forma de patrocínio.

Quanto aos estilos musicais mais tocados no tradicional baile e “[às músicas] mais aceitadas pelas pessoas”, a direção apontou-nos a bandinha ou marchinha, além de outros estilos que agradarem ao público em geral.

Em um futuro não muito distante, a pretensão é que, no salão do baile do chope, haja dois ambientes ou dois palcos, podendo ser essa medida um indicativo da necessidade de atendimento à diversidade de sujeitos que procuram o local para se divertir.

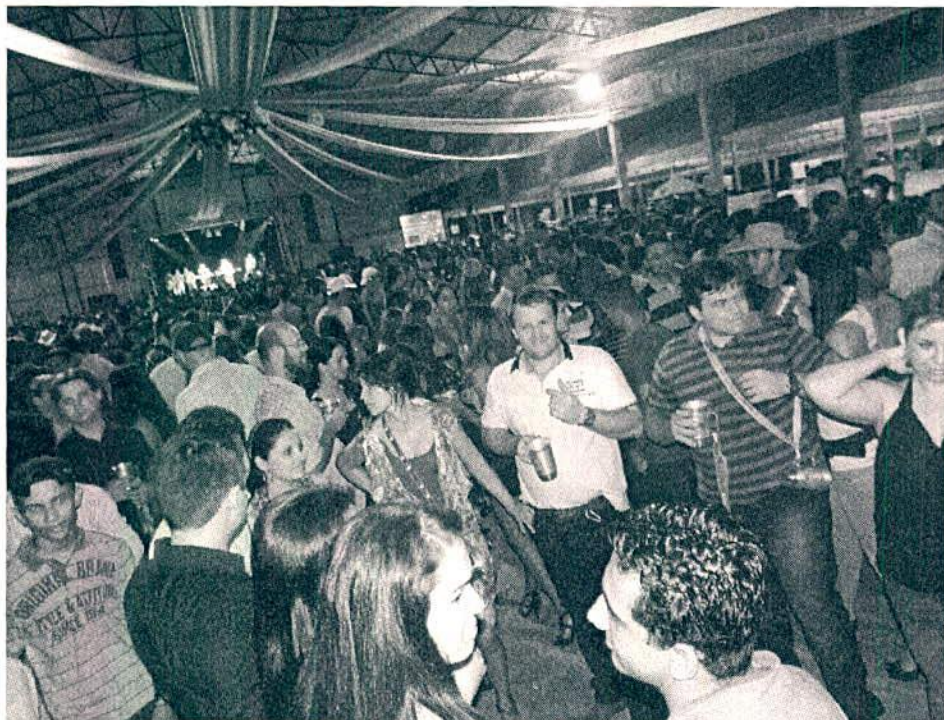
O baile sempre se inicia às 21h e termina às 7h. Em 2010, duas bandas tocaram, uma da cidade mesmo e outra de fora, tendo-se projetado, para 2011, contratar dois conjuntos de outras cidades.

A alimentação servida é terceirizada, sistema que será mantido nos eventos dos anos seguintes, pois a enorme quantidade de participantes inviabiliza o preparo da comida pela própria comunidade. Entidades filantrópicas também participam, oferecendo pratos típicos alemães, e o lucro das vendas é revertido em obras na comunidade.

O baile da Comunidade Brígida não acontece sem muito chope, tendo-se consumido, no último evento, o total de 11.100 litros da bebida, o equivalente, em média, a 1,70 litro por pessoa. Isso torna evidente o fato de que, quando ingerida em situações de interação social, a bebida é um ingrediente capaz de produzir um sentimento passageiro de bem-estar. Notemos o que Elias e Dunning (1992) dizem a respeito ao consumo de álcool em encontros sociais, que, “o *‘lazer gemeinschaften’* reforçado pela bebida proporciona, como muitos outros, o nível de emotividade manifestada em público. Espera-se, de uma maneira geral, que a excitação assim gerada não vá além de certos limites”. (p. 182).

A comunidade dispõe de outros espaços de diversão, que são frutos da aplicação dos lucros do baile do chope nos quais se jogam futebol, vôlei, 48 e bocha, dentre outras atividades. O salão de festas comunitário é deveras importante, pois permite que as pessoas, em seu tempo livre, desfrutem momentos de prazer. Especialmente para os que moram na comunidade, é esse o ponto de encontro dos amigos para jogar bocha ou futebol, rendendo momentos de pura excitação para os frequentadores.

Imagem 2 - Baile do Chope Comunidade da Brígida em 2010



Fonte: produção dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo neste trabalho foi apresentar uma das oportunidades encontradas pela população que mora na zona rural ou que para lá se dirige a fim de vivenciar momentos de prazer, de emoções agradáveis, enfim, de lazer. Procurou-se compreender os sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos organizadores do Baile do Chope da Comunidade Brígida ao seu envolvimento com o evento, relacionando alguns dos conceitos e sentidos historicamente constituídos pela literatura acadêmica sobre lazer com as hipóteses e as teorias oriundos do cruzamento entre os dados empíricos e o aparato teórico.

Através dos relatos dos homens, mulheres e jovens organizadores do baile, pode-se apreender reações emocionais indicativas de que as tarefas sobre as quais se debruçam ocupam um papel central no lazer: a quebra da rotina. Logo, com as falas dos sujeitos do grupo focal, a tendência de se crer que o envolvimento com o trabalho pode gerar rotina e monotonia perde crédito e poder argumentativo. Ressaltamos, no caso específico desta pesquisa, tratar-se da quebra da rotina nos finais de semana.

Além disso, captamos, nos depoimentos da diretoria e dos organizadores, que o trabalho assumido é, para eles, ao mesmo tempo, um risco e um desafio, pois os preparativos e o baile fazem-se como uma configuração, pois ainda que a programação tenha sido planejada, não se sabe se ela seguirá à idealização pensada *a priori*.

Já no início da entrevista com o grupo focal, um dos membros da diretoria falou-nos da ansiedade vivida quando, na madrugada de um baile dançante, ainda não havia conseguido fazer funcionar a bomba do chope de um dos camarotes. Isso evidencia que as emoções podem assumir funções ambivalentes, manifestando-se quer como alegria, prazer e tranquilidade, quer como ansiedade, medo e intranquilidade.

De fato, com esse relato, imagina-se que os organizadores do evento não são profissionais da área de animação, podendo apenas ter vivenciado fatos e atividades miméticas de lazer, cuja experiência tenha lhes despertado emoções específicas, relacionadas a uma forma ou modo singular de relação, porém diferentes daquelas que as pessoas costumam experimentar em sua rotina diária de não lazer.

Sobre o fazer diferente, Milton Santos (2001, p. 14), em um belo escrito denominado *O novo século das luzes*, faz referência ao fato de que a cidade e o lugar podem e sabem realizá-lo:

Nesses lugares, há uma produção própria de sentido, que não é obrigatoriamente o mesmo da nação como um todo. Num "mundo" que se deseja impor sobre cada um dos seus pontos, as cidades [...] realizam uma espécie de "revanche do lugar". É aí onde estão as

maiores possibilidades de uma utilização mais racional e humana das novas tecnologias, numa espécie de regresso ao artesanato, à criatividade, à beleza, ao sentido da vida.

Na Comunidade Brígida, o salão comunitário é usado como um espaço-equipamento que propicia aos sujeitos o compartilhamento de experiências significativas, com sentido para suas vidas tornando-se um caso bastante emblemático.

Ali, vivenciam relações interpessoais com jogos realizados no recinto, superando-se a visão sexista que ainda predomina em muitos espaços físicos destinados à prática de esporte e ao lazer. Foi o que pudemos observar nos jogos de bocha e no voleibol, que congregam idosos, jovens, homens e mulheres interagindo uns com os outros e mediados por valores de não segregação, seja sexual seja geracional.

REFERÊNCIAS

BABOUR, R. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CARVALHO, J. M. Cidadania, estadia, apatia. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 8, 24 jun. 2001.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Tradução Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 2v.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNING, E.(Org.): **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNING, E.(Org.): **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; DUNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

GEBARA, A. Norbert Elias e a teoria do processo civilizador. In: BRUHMS, H. T. (Org.). **Temas sobre o lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

GRUNENVALDT, J. T. O esporte na visão do mestre das figurações. In: GOETTERT, J. D.; SARAT, M. **Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias**. Dourados-MS: Editora da UFGD, 2009.

_____. GRUNENVALDT, J. T. Descrição de uma atividade do filho quando esse estava brincando de fazer uma intervenção cirúrgica em seu cavalo de borracha, 2010.

LAMBERT, J. **Os dois Brasis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

MARCELINO, N. C.; BARBOSA F. S.; MARIANO, S. H. Espaços e equipamentos de lazer: apontamentos para uma política pública. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Políticas públicas de lazer**. Campinas, SP: Alínea, 2008.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, M. O novo século das luzes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2001a. Caderno Mais Brasil 501 dC, p.14

_____. Elogio da lentidão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2001b. Caderno Mais Brasil 501 dC, p.14-15.

DANÇAR PARA VIVER MELHOR: O CASO DOS IDOSOS DA COMUNIDADE SÃO FRANCISCO DE ASSIS DE SINOP-MT

José Tarcísio Grunennvaldt

Emerson Rodrigo Coletto

Adriana Renata Giasson

INTRODUÇÃO

Contextualização do campo do lazer como tema de pesquisa na sociologia

É possível que a sociologia do desporto, da dança e do lazer, enquanto área de especialização, não se tenha configurado como espaço de grande relevância, pelo fato de a sociologia ter se orientado para o que instituiu ser o campo restrito do aspecto “sério” e “racional” da vida, disso decorrendo “[...] que o divertimento, o prazer, o jogo, as emoções e as tendências ‘irracionais’ e ‘inconscientes’ do homem e da mulher tivessem merecido escassa atenção no âmbito da teoria e da investigação sociológicas.” (DUNNING, 1992, p. 16).

Nesse sentido, o desporto, a dança e o lazer foram ignorados como objetos de reflexão sociológica e de investigação, especialmente por serem concebidos como algo localizado junto aos aspectos negativos do complexo dicotômico, do que convencionalmente se aceita como produtivo, a exemplo dos fenômenos trabalho e lazer, espírito e corpo, seriedade e prazer, econômico e não econômico.

É oportuno acentuarmos tal visão através das palavras de Dunning (1992, p. 17):

[...] no quadro da tendência que orienta o pensamento reducionista e dualista ocidental, o desporto é entendido como uma coisa vulgar, uma actividade de lazer orientada para o prazer, que envolve o corpo mais do que a mente, e sem valor económico. Em consequência disso, o desporto não é considerado como um fenómeno que levante problemas sociológicos de significado equivalente aos que habitualmente estão associados com os negócios “sérios” da vida económica e política.

Esta pesquisa distancia-se da tendência que há pouco anunciamos, e, junto com Dunning, reclamamos para o desporto, a dança e o lazer o estabelecimento de um espaço que constitua um campo de considerável significado social. Isso já é tempo de acontecer, pois, pelo grau de pretensão

levado tão a sério pelos sociólogos, que consideram a disciplina uma ciência que estuda a sociedade, compreendendo-a em todos os seus aspectos, decerto o desporto/lazer estão a reivindicar por teorização e investigação, haja vista o seu crescente significado para os indivíduos sociais. No entanto, a teoria do lazer, entendido como um campo capaz de envolver as pessoas e levá-las a renovar certa medida de tensão em suas vidas, está ainda carecendo de estudos empíricos que atentem para os sujeitos envolvidos com esse fenômeno.

De fato, precisamos de pesquisas que procurem compreender essas manifestações - o desporto, a dança e o lazer, para caso deste trabalho investigativo, em específico -, que tampouco têm sido consideradas temas de relevância. Contudo, deve-se redimensionar o olhar para a problemática que envolve essas práticas, que assumiram e continuam assumindo, hoje, uma importância crescente na vida das pessoas, fazendo cada vez mais sentido tê-las incorporadas a sua existência, tornando-as indicadores substanciais de uma boa qualidade de vida.

Aprofundando-nos nas análises de Elias (1992) percebemos que os estudos sobre o que as pessoas devem fazer com o seu tempo livre precedem às pesquisas sobre o que elas, de fato, fazem em suas vidas.

Logo, parece-nos relevante investir em uma pesquisa empírica envolvendo sujeitos que se submetem a atividades de dança no seu tempo livre/lazer, pois assim podemos confrontar este com trabalhos anteriores nem sempre baseados num conhecimento seguro sobre a natureza a estrutura das atividades de lazer tal como elas realmente são.

Mesmo assim, o tema lazer continua controverso, porque é possível, mas difícil, alguém reunir argumentos suficientes para explicar as necessidades que respondem as atividades lazer e fazer referência à dança. Em face dessa constatação e por reconhecermos o potencial dessa atividade de desencadear no sujeito tipos e características miméticas, elaboramos algumas questões de pesquisa, expressas adiante.

Questões de pesquisa

É possível que, na sociedade industrial contemporânea, as pessoas, em sua natural necessidade de estabelecer relações de interdependência com outras pessoas, busquem na dança um lugar de produção de tensões de um tipo especial, agradáveis, como a excitação, de modo que possam vivenciar momentos de satisfação no lazer? A erupção de sentimentos fortes e agradáveis, geralmente coibidos no dia a dia das pessoas, pode ser estimulada pelo envolvimento com a dança como um ingrediente essencial à saúde mental?

Esses questionamentos tornam-se importantes ao considerarmos que, em nossa e, muito provavelmente, em outras sociedades, há a necessidade de motivação para o desencadear de fortes emoções, que por vezes aparecem, são satisfeitas e desaparecem, voltado a se manifestar somente algum tempo depois.

Por certo, essas necessidades devem ter relação com outras, mais elementares, básicas, tais como sentir fome e sede e fazer sexo. E esse traço natural da condição humana, a busca pela “erupção de sentimentos fortes”, configura-se como uma “segunda natureza”, que envolve aspectos de ordem sociocultural, representativas de um fenômeno bastante complexo, que transcende a dimensão puramente biológica do indivíduo.

Objetivos

Objetivo geral: compreender por que as pessoas da terceira idade envolvem-se em grupos visando renovar tensões agradáveis.

Objetivo específico: analisar os motivos que levam os idosos a procurar a dança como atividade na qual se envolvam no seu tempo livre.

Justificativa

Há pouco interesse da sociologia acadêmica pelo tema abordado neste estudo e é pequena a atenção dedicada por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento às necessidades dos indivíduos quanto à produção de sentimentos agradáveis fortes para amenizar o “[...] que corriqueiramente chamamos a dor de viver [...]” (KEHL, 2003, p. 5) e que ainda se constitui em uma das maiores lacunas na abordagem dos problemas da saúde mental.

Na sociedade de controle, as atenuações de comportamentos parecem ser uma exigência da boa conduta, pois o enorme medo e a profunda alegria, o acentuado ódio e o extremo amor têm de apresentar-se sob outra aparência, a do controle das emoções. Assim,

Só as crianças saltam e dançam com excitação, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo, num total abandono quando se excitam. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103).

Para serem considerados normais, os adultos devem controlar a excitação, cuja manifestação é, habitualmente, motivo de embaraço para quem assiste e motivo de vergonha ou arrependimento para quem se permite dominar por esse estado emocional (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 103).

Nesta pesquisa, distanciamos-nos da interpretação que entende as emoções como algo a ser coibido no sujeito, com vistas ao “bom convívio” na sociedade racionalizada, e defendemos que a dança pode assumir uma função de identificação coletiva, podendo emergir entre o grupo de idosos dançantes como uma fonte imprescindível de sentido.

REVISÃO DE LITERATURA

Em busca de excitação: a liberação de tensões agradáveis no lazer

Existem evidências de que, ao longo da história da humanidade, as pessoas procuraram as mais diversas formas de descontração, ora mais liberadas ora mais reprimidas pelos mecanismos de controle social. Foi a partir do século XVIII, na Inglaterra, onde as pessoas de nível social mais elevado, principalmente, começaram a se envolver com um passatempo todo especial - "a caça à raposa" -, praticado no tempo livre.

Vivemos, hoje, em uma sociedade que ainda não democratizou os privilégios, mas que, em certa medida, tornou mais democráticas as opções de entretenimento livre, de modo que os sujeitos pertencentes a extratos sociais menos favorecidos podem se divertir. Ressaltemos, aqui, porém, que nem todo o tempo livre pode ser caracterizado como lazer.

Na contemporaneidade, as pessoas estão reprimindo cada vez mais seus sentimentos, impulsos e afetos, ou seja, têm "o comportamento moderadamente excitado em público", ao que Freud denomina de o mal-estar na civilização. Nesse sentido, é difícil compreendermos o lazer sem termos a clareza de que, em nossa sociedade, o nível público - e mesmo o privado - do controle emocional tornou-se elevado comparativamente a esse aspecto nas sociedades menos diferenciadas.

No entanto, existe um ponto de fuga para "as vítimas" da sociedade cerceadora, caracterizado pela busca de alternativas para aliviar os anseios, as restrições sociais que se lhes impõem. São situações vivenciadas, por exemplo, em um jogo de futebol, em uma casa de dança, no sexo casual, dentre outras.

Se, por um lado, já não mais cabe ao sujeito dominar as limitações civilizadoras, por estarem impregnadas na estrutura profunda de sua personalidade, por outro, ele pode relativizá-las por um tipo de atividade, que, segundo Elias e Dunning, exerce a função geral das atividades de lazer:

Dado que não existe um termo sociológico preciso para este tipo, chamamos-lhe "mimético". A maior parte das actividades de lazer, embora não todas, pertence a esta categoria, do desporto à música, da caça e pesca à corrida e pintura, dos jogos de azar ao xadrez, da natação à dança rock e muitas outras. Aqui, como noutras situações, a busca de excitação, o "entusiasmo" de Aristóteles, é, nas nossas actividades de lazer complementar relativamente ao controlo e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. Uma não se pode compreender sem a outra. (p. 105).

Assim, julgamos que as pessoas, para aliviar as restrições, as tensões sofridas no dia a dia, procuram envolver-se em atividades através das quais

possam se exceder moderada ou controladamente, desencadeando nelas uma enorme satisfação. E isso, na visão desses autores, funciona como um contraponto à realidade desses indivíduos, haja vista o fato de as sociedades industriais mais avançadas terem intensificado nas pessoas a pressão pelo autocontrole da excitação exagerada tornando-as menos frequentes. Conseqüentemente, permite-se a expressão de uma excitação moderada, bem ao gosto do que estabelece a nossa sociedade, na qual o sucesso do sujeito depende do alto controle sobre as próprias emoções.

Na atualidade e com freqüência, as atividades de lazer podem ser concebidas como complementares às de trabalho, o que não é considerado problemático. O conhecido estereótipo tradicional expresso em frases que rapidamente chegam aos lábios, tais como “trabalho e lazer”, foi elevado, sem um exame crítico, ao estatuto de axioma científico.

Da forma como a questão é encarada, hoje, as características que distinguem um do outro estão longe de ser nítidas. Tais conceitos tendo sofrido a influência de uma herança de juízos de valor, sofreram distorções, em razão do que, na tradição sociológica mais convencional, o trabalho classifica-se em um nível superior, como um dever moral, tendo um fim em si mesmo, e o lazer classifica-se em um nível inferior, sendo relacionado a uma forma de indulgência e preguiça.

Elias e Dunning avaliam que o lazer

[...] é identificado com freqüência com o prazer, ao qual também se atribui uma avaliação negativa na escala de valores nominal das sociedades industriais. Apesar da recente preocupação com os problemas de satisfação no trabalho, de uma maneira geral, como uma herança de Adão, este é considerado, por inerência, a antítese do prazer. (p. 106).

O raciocínio de Kant, segundo o qual o trabalho, a partir do momento em que é fonte de deleite, deixa de ser real, conserva um vago eco na polarização contemporânea do “trabalho” e “lazer”. Nessa relação, este último revela-se pelo prazer, e o primeiro é totalmente desprovido desse sentimento agradável.

Como atestam esses estudiosos, ainda vigora a tendência de se considerar as atividades de lazer um mero acessório do trabalho, estando essa permanência atrelada à sobrevivência de um esquema tradicional de valores e não a um exame mais sistemático dos dois conceitos, das estruturas sociais e das respectivas funções das atividades humanas.

A propósito de tais conceitos, os autores assim se posicionam:

Se começarmos a examiná-los, é fácil reconhecer que até mesmo nas discussões sociológicas os conceitos de “trabalho” e de “lazer” são, com freqüência, usados de uma forma vaga. As utilizações

actuais causam dificuldades quando se trata de decidir se os deveres de uma dona de casa, ou, do mesmo modo, os trabalhos de jardinagem de um professor, devem ser classificados como trabalho, ou a prática de um jogador de futebol profissional ser considerada como lazer. Se o trabalho teórico e empírico na sociologia do lazer não está tão avançado como seria de desejar, isso deve-se em grande medida, à herança destes valores e às ambiguidades conceptuais que daí resultam. (p. 107).

A convencional polarização do trabalho e do lazer diz respeito a uma forma específica de trabalho, aquele para se ganhar a vida. Em sociedades mais diferenciadas e urbanizadas, o tempo de trabalho é rigidamente regulado e altamente especializado. *Pari passu*, os membros dessas sociedades fazem boa parte do trabalho sem remuneração no tempo livre, do qual apenas uma parte pode ser voltada ao lazer, mediante a ocupação escolhida livremente e, antes de tudo, por ser agradável para si próprio.

Em nossa sociedade, metade do tempo livre dos indivíduos é, em geral, dedicado ao trabalho. Nesse sentido, para avançar nos estudos que se dedicam ao lazer, precisamos dar vazão aos fatos observáveis e crer na exigência de uma distinção mais penetrante e na definição mais nítida entre tempo livre e lazer:

Tempo livre, de acordo com os actuais usos linguísticos, é todo tempo liberto das ocupações de trabalho. Nas sociedades como as nossas, só parte dele pode ser votado às actividades de lazer. Podem distinguir-se cinco esferas diferentes no tempo livre das pessoas, as quais se confundem e se sobrepõem de várias maneiras, mas que, todavia, representam categorias diferentes de actividades, que, até certo ponto, levantam problemas diferentes. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 107-8).

Nesse contexto, os autores, sugerindo uma classificação preliminar, distribuem as atividades do tempo livre nestas categorias:

1) *trabalho privado e administração familiar*: envolve a maioria das atividades da família, como, por exemplo, as estratégias de provisão de seus membros e a orientação dos próprios filhos. Essas tarefas dificilmente podem ser chamadas de lazer;

2) *repouso*: refere-se ao simples estar sentado, dormir, tricotar, bem como ao se envolver com futilidades domésticas e o não fazer nada propriamente dito. Essas atividades podem ser incluídas no âmbito do lazer, mas distinguem-se de inúmeras outras que, conforme veremos mais adiante, são representativas da classe mimética, tais como o desporto e o teatro;

3) *provimento das necessidades biológicas*: engloba o atendimento, no tempo livre e noutras circunstâncias, às necessidades socialmente padronizadas - comer, beber, defecar, fazer amor, dormir. São essas necessidades recorrentes, pois aparecem, são satisfeitas, reaparecem e

novamente são satisfeitas, o que produz satisfação, uma agradável sensação. Comer, beber e fazer amor irradiam-se, direta ou indiretamente, para outras categorias e, em particular, para a da sociabilidade, podendo estar submetidas à rotina. No entanto, sua realização deveria se dar fora da rotina, de tempos em tempos e mais deliberadamente do que com frequência ocorrem. A categoria das necessidades biológicas têm em comum com a mimética o fato de poderem proporcionar um acentuado prazer ao sujeito, desde que este seja capaz de obter satisfação de modo não rotineiro, como comer fora de casa, a fim de introduzir a mudança na vida;

4) *sociabilidade*: não se trata de uma categoria de trabalho propriamente dito, mas compreende esforços consideráveis, que evoluem de uma sociabilidade formal a uma sociabilidade informal. Dentre as atividades envolvidas, estão aquelas relacionadas com o trabalho e aquelas não relacionadas com o trabalho, tais como, respectivamente, sair para visitar um colega e sair para passear em um clube (um bar, um restaurante etc.), conversar sobre futilidades com os vizinhos ou, mesmo, estar com outras pessoas sem fazer nada demais, como um fim em si mesmo. As categorias de sociabilidade como forma de passar o tempo livre diferem umas das outras nos distintos extratos sociais;

5) *atividades miméticas ou jogo*: são atividades de tempo livre que possuem caráter de lazer, desde que não se caracterizem como uma ocupação especializada através da qual se ganha a vida. Estão diretamente associadas à destruição da rotina, propriedade essa da excitação mimética. São exemplos: ir ao teatro, ao concerto, a corridas, ao cinema, caçar, pescar, jogar *bridge*, fazer montanhismo, apostar, dançar ou assistir televisão.

Elias e Dunning apresentam essa classificação preliminar para demonstrar claramente que a utilização do termo tempo livre com o significado de lazer não é verdadeira, que uma parcela considerável desse período de não trabalho não pode ser entendida como lazer (p. 110).

Na sociedade contemporânea, o trabalho é uma esfera que reclama a subordinação regular e equilibrada dos sentimentos pessoais, por mais intensos e apaixonados que estes sejam. Mas, tenhamos a certeza de que esse manto equilibrado de restrições atinge também o campo das atividades de tempo livre. Com diferenças de graus, esse manto impregna numerosas relações sociais privadas que se estabelecem para além do próprio círculo familiar. Nesse sentido, os referidos pesquisadores asseveram: “As restrições emocionais do trabalho profissional alargam-se a um hábito de restrição inabalável, incluindo a vida não profissional das pessoas.” (p. 111).

Avançando em nossas análises, selecionamos a citação a seguir, que é instigante, pois destaca como ocorre a ubiquidade controle e liberação na sociedade contemporânea:

As funções específicas do desporto, teatro, corridas, festas e de todas as outras actividades e acontecimentos de uma maneira

geral associados ao termo “lazer”, em especial de todas as atividades miméticas e dos acontecimentos do mesmo gênero, têm de ser estabelecidas relativamente a esta ubiquidade e estabilidade de controlo das excitações. É com esta polaridade que nos preocupamos aqui. Sob a forma de factos de lazer, em particular os da classe mimética, a nossa sociedade satisfaz a necessidade de experimentar em público a explosão de fortes emoções - um tipo de excitação que não perturba nem coloca em risco a relativa ordem da vida social, como sucede com as excitações de tipo sério. (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 112).

Nesse excerto de texto, fica evidente o papel do controle das emoções. Em sua obra inédita, publicada recentemente, *Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos*, Elias (2009) ressalta que, no caso dos seres humanos, existe uma tendência de os impulsos emocionais inatos combinarem-se com a autorregulação, mais especificamente com o controle das emoções aprendidas.

As expressões gestuais são sinais através dos quais as pessoas se comunicam de modo involuntário ou com alguma intenção:

[...] as emoções e os movimentos a elas relacionados tem uma função dentro do contexto de relacionamento entre pessoas e, num, sentido mais vasto, entre uma pessoa e a natureza. As emoções e os referidos movimentos ou “expressões” são, em resumo uma das indicações que os seres humanos são por natureza, constituídos para viver na companhia de outros, para a vida em sociedade. (ELIAS, 2009, p. 46).

Representações sociais

Serge Moscovici (2003) entende que o conhecimento senso comum é um produto do mundo moderno e caracteriza-se pelo seu conteúdo de informalidade, estabelecido em oposição ao conhecimento científico. Assim, o pensamento comum passou a existir quando surgiu o pensamento formal.

A partir desse contexto, produziu-se no mundo moderno uma clara distinção entre a existência de um pensamento normatizado e a existência de um pensamento reprodutor de senso comum como modo de saber prático condutor de um conhecimento popular na sociedade.

O pensamento científico é formado por conceitos e signos que possuem validade empírica, apresenta “ordenamentos” fixos, além de ser limitado nas sucessões de atos mentais e possuir algumas formas sistemáticas disponíveis. Já o pensamento representativo é composto por imagens e símbolos que possuem caráter consensual, tendo os atos mentais formas sistemáticas disponíveis. Essas características marcam a distinção entre aquilo que Moscovici chama de epistemologia científica e a epistemologia

popular, o conhecimento socialmente elaborado e o compartilhado a partir de experiências do dia a dia.

Spink (1999) aponta que o estudo das representações sociais está ligado à teoria do conhecimento que procura valorizar o saber do senso comum, as quais, na opinião de Minayo (1996), têm grande importância na pesquisa inscrita no âmbito das Ciências Sociais.

Segundo Minayo (1996), o caráter inovador do conceito de representação social reside no entendimento de senso comum como processo mediador de novos conhecimentos e, conseqüentemente, como um instrumento gerador de ações nas relações sociais.

As pesquisas sobre as representações sociais sempre incluíram os aspectos da sensibilidade social, ou sentimentos sociais, indispensáveis para mobilizar as pessoas, para se poder representar o futuro e, também, para criar vínculos, uma vez que há algo posto em comum com o pensamento nos sentimentos e no intercâmbio conversacional. Apresenta a realidade dos indivíduos como uma forma de conhecimento de que dispõem para se comunicar uns com os outros, uma abordagem cultural, de valores e de ideologias que forjam evidências da nossa realidade e ajudam na construção social.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa

Utilizou-se o estudo de caso como uma categoria de pesquisa qualitativa que Triviños (1987) caracteriza como sendo das mais relevantes. Nessa abordagem, o objeto é uma unidade a ser analisada de modo aprofundado. Nisbet e Watt (1978 apud LÜDKE, 1986) distinguem três fases no desenvolvimento desse tipo de investigação, sendo: a primeira, aberta ou exploratória; a segunda; mais sistemática em termos de coleta de dados; e a terceira, de análise e interpretação sistemática dos dados e de elaboração do relatório. Como eles mesmos enfatizam, essas três fases superpõem-se umas às outras em diversos momentos, sendo difícil precisar as linhas que as separam.

Caracterização dos sujeitos e local da pesquisa

A amostra da pesquisa consta de frequentadores do Clube dos Idosos de Sinop, escolhidos de forma aleatória simples, independentemente do sexo. Definimos como critérios de inclusão que esses indivíduos tivessem mais de 55 anos, fizessem parte do clube e dançassem; como critérios de exclusão estabelecemos que tivessem menos de 55 anos e não participassem do clube ou não dançassem. O local utilizado para a pesquisa foi o salão de festas da igreja São Francisco.

Instrumento de coleta de dados

Para a coleta de dados, realizamos uma entrevista utilizando um questionário norteador semiestruturado, aplicado individualmente ao sujeito respondente pelo entrevistador/pesquisador. Na acepção de Gil (1996), essa é uma técnica de pesquisa que garante ao pesquisador obter informações de maneira mais rápida e barata e manter o anonimato do informante.

De acordo com Chizzotti (2005, p. 55), “O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre assunto que os informantes saibam opinar ou informar. É uma interlocução planejada.”

Nesse sentido, cremos estar justificada a utilização de tal instrumento para a obtenção dos dados acerca da temática estudada. Nosso questionário foi construído com perguntas fechadas e abertas, algumas referentes aos dados de identificação dos sujeitos, como nome, sexo, estado civil, fonte de renda; e outras ligadas aos nossos objetivos com o estudo, como, por exemplo, o motivo que os levou a participar do grupo de dança; e questões a respeito das mudanças ocorridas depois do ingresso no grupo de dança e o significado dessa atividade para eles.

Outro instrumento de pesquisa utilizado foi a observação participante, que possibilita a inserção do pesquisador no grupo para vivenciar suas práticas e, ao mesmo tempo, observar atitudes, comportamentos e reações explicitadas.

Lüdke e André (1986) defendem que, para a observação se tornar um “instrumento válido e fidedigno de investigação científica”, precisa-se controlá-la e sistematizá-la, ou seja, há que se efetuar um planejamento cuidadoso do trabalho e garantir rigor na preparação do observador.

Triviños (1987) avalia que a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos, sustentados por hipóteses e teorias que interessam ao estudo, a qual, posteriormente, oferece amplo campo de interrogativas.

Procedimento de coleta de dados

A fase de coleta de dados foi dividida em cinco etapas. Na primeira, planejamos um encontro com o(a) responsável pelo Clube da Melhor Idade de Sinop-MT, a fim de tecermos os devidos esclarecimentos sobre a intenção, o plano de ação e o objetivo da pesquisa.

Na segunda etapa, realizamos a entrevista com o responsável pela instituição. Utilizamos um questionário norteador, composto de oito perguntas sobre o grupo de dança dos idosos.

Na terceira etapa, apresentamos o objetivo da pesquisa para os idosos participantes do grupo de dança e aplicamos-lhes o questionário, deixando agendado com a responsável os demais dias para a finalização da coleta. Os

questionários foram aplicados às sextas-feiras, no período em que os idosos se encontravam para dançar, fato este que nos oportunizou a coleta das respostas no momento em que eles estavam vivenciando a prática da dança.

Na quarta etapa, procedemos à observação participante.

E, finalmente, na quinta, fizemos a abordagem com a fotografia. Capturamos imagens dos idosos e do clube em dois momentos: durante a dança e depois da dança, quando a maioria já havia se retirado e, então, pudemos tirar fotos do local com maior tranquilidade.

Procedimentos de análise dos dados

Para a realização da análise dos dados, estabelecemos uma triangulação entre as informações colhidas diretamente dos idosos da Comunidade São Francisco de Assis de Sinop-MT, as evidências captadas por meio da observação participante e a teoria na qual nos embasamos, sem deixarmos o ponto de vista do pesquisador que é o sujeito que realizará a pesquisa que não é neutro.

Para a apresentação dos dados colhidos nesta pesquisa, agrupamos em categorias aquelas informações que encerravam ideias semelhantes e, em seguida, jogamo-las em gráficos e realizamos uma análise descritiva, cotejando tais dados com as informações apreendidas pelo autor e o referencial teórico adotado.

Quanto às informações oriundas dos questionários, procuramos estabelecer uma relação entre as respostas obtidas e a tipologia elaborada por Elias (1992), denominada *O Espectro do Tempo Livre*. Nesse sentido, para a exposição do referencial teórico da investigação, as atividades do tempo livre foram preliminarmente divididas em cinco esferas. Essa tipologia demonstra que a utilização do termo tempo livre como sinônimo de lazer não é verdadeira, mostrando de forma muito nítida que uma parcela considerável de nosso tempo livre não pode ser considerada como lazer.

A apresentação, a categorização e a quantificação da(s) incidências(s) das respostas advindas dos questionários foram demonstradas em gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O que disseram os sujeitos da Comunidade São Francisco de Sinop-MT sobre o seu envolvimento e participação no grupo de dança que se apresenta no Salão Paroquial da Comunidade às sextas-feiras, das 14 às 17h30min. Para exibirmos os resultados e discutirmos sobre essa questão, partiremos das evidências empíricas encontradas nos questionários, mesclando-os às ideias constitutivas do referencial teórico eleito para o desenvolvimento desta investigação.

Sexo dos sujeitos da pesquisa

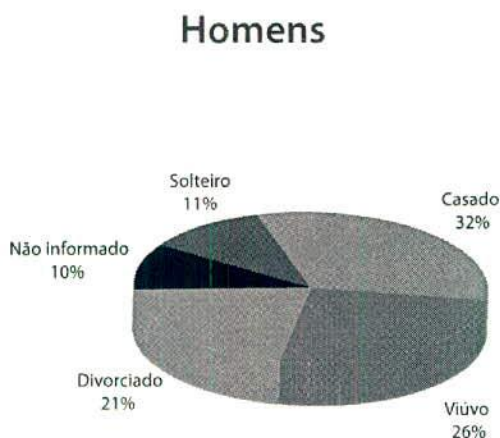
Dos 49 questionários aplicados, observamos que a maioria, ou seja, 30 sujeitos são do sexo feminino e 19, do sexo masculino, significando, em termos percentuais, 61% e 39%, respectivamente, do total de respondentes.

Quando questionados sobre a idade, os participantes homens indicaram estar na faixa etária entre 52 e 72 anos, enquanto as mulheres encontravam-se entre 51 e 86 anos. Os últimos sensos e estatísticas evidenciam que elas possuem um ciclo de vida mais prolongado que o deles. E isso pode, de certo modo, ser confirmado com a incidência do segmento feminino da população nos questionários da pesquisa.

Devemos considerar, no entanto, que isso talvez se deva à maior desenvoltura das mulheres para expor-se em público, no caso, o ato de responder às indagações para o aplicador do questionário. Por sua vez, é possível que os homens sejam tímidos e, por isso, não se predispuseram a participar dessa tarefa. Temos aqui, portanto, uma questão que poderia ser mais aprofundada.

Estado civil dos sujeitos

Figura 1 - Estado civil da população masculina

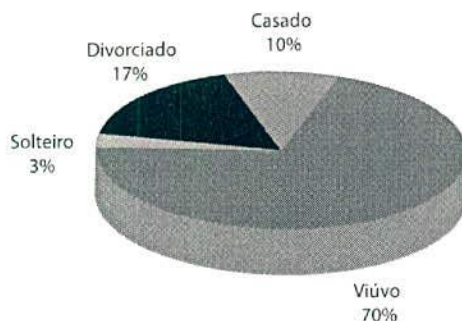


Fonte: construção dos autores.

Na segunda questão, perguntamos aos 19 participantes do sexo masculino sobre o seu estado civil, tendo obtido estas respostas: 6 deles, ou 32% da amostra, disseram ser casados; 5 viúvos ou 26%; 2 solteiros ou 11%; 4 divorciados ou 21%; e 2, ou 10%, não informaram o estado civil.

Figura 2 - Estado civil da população feminina

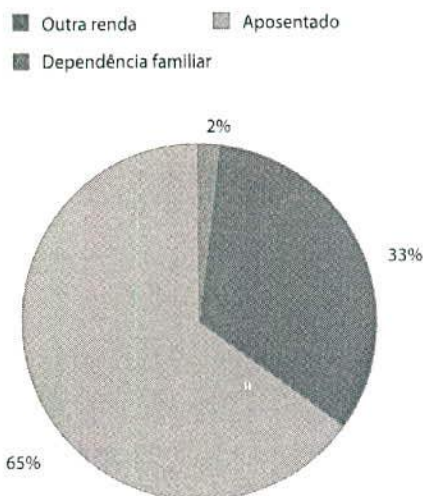
Mulheres



Fonte: construção dos autores.

Das 30 mulheres entrevistadas, 3, ou 10% do total da amostra, são casadas; 21, ou 70%, são viúvas; 5, ou 17%, são divorciadas; e 1 mulher, ou 3% das inquiridas, informou-nos ser solteira.

Fonte de renda dos sujeitos

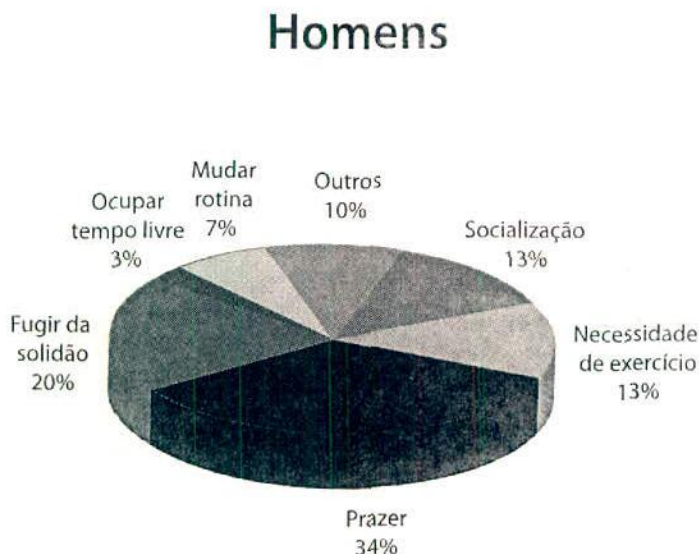
Figura 3 - Fonte de renda dos sujeitos

Fonte: construção dos autores.

Questionados sobre sua fonte de renda, 32 sujeitos, correspondendo a 65% dos entrevistados, responderam que dependem da aposentadoria para sobreviver; 16, ou 33%, que dependem de outra renda para sobreviver; 1, ou 2%, que depende da família.

Sobre os motivos do envolvimento no clube

Figura 4 - Motivos do envolvimento no clube na opinião dos homens

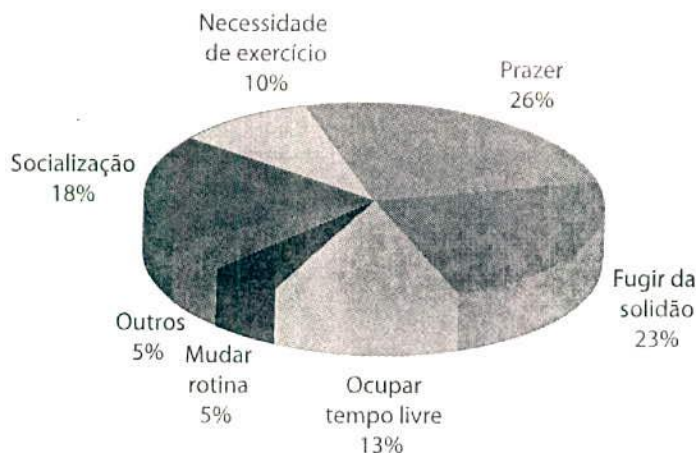


Fonte: construção dos autores.

Dos 34 sujeitos do sexo masculino questionados sobre as razões do seu envolvimento no Clube de Idosos da Comunidade São Francisco de Assis de Sinop: 10, ou 34% do total da amostra, responderam participar do clube pelo prazer que estar ali lhes proporciona; 6, ou 20%, fazem-no para fugir da solidão; 4, ou 7%, para buscar socialização; outros 4, ou 7%, para se exercitar, considerado uma necessidade; 2, ou 7%, para mudar a rotina do dia a dia um, ou 3%, para ocupar o tempo livre; por fim, 3 sujeitos, correspondendo a 10% de toda a amostra, apontaram outros motivos que os levam a participar do Clube dos Idosos.

Figura 5 - Motivos do envolvimento no clube na opinião das mulheres

Mulheres



Fonte: construção dos autores.

Questionadas sobre o motivo que as leva a frequentar o Clube dos Idosos: 14 mulheres, ou 23% das 30 integrantes da amostra, responderam que o fazem para fugir da solidão; 16, ou 26%, ter prazer; 11, ou 18%, para tentar a sua socialização; 8, ou 13%, para ocupar o tempo livre; 6, ou 10%, para se exercitar; 3, ou 5%, para mudar a rotina do dia a dia; e outras 3 mulheres, ou 5%, responderam que frequentam o clube por outros motivos.

Olhando para o gráfico da Figura 5, percebemos que a grande maioria das mulheres vai ao clube de dança para sair de casa, divertir-se e namorar, procurando quebrar a rotina e fugir da solidão. Nesse sentido, procurar estar com os outros, para Elias e Dunning, tem a ver com a sociabilidade enquanto um elemento básico de possivelmente todas as atividades de lazer.

Já ao observarmos o gráfico da Figura 4, notamos que, para a maioria dos homens, ir ao baile tem relação direta com o sentimento de prazer que isso lhes proporciona, sendo essa informação sustentada pela teoria dos estudiosos: “O que significa dizer que um elemento do prazer é o sentimento agradável vivido pelo facto de se estar na companhia dos outros sem qualquer obrigação ou dever para com eles, para além daqueles que se têm voluntariamente.” (p. 179).

Fugir da solidão é um motivo alegado por homens e mulheres, e esse contingente de sujeitos deve fazer parte dos respondentes que se identificaram como viúvos(as), solteiros(as) e divorciados(as), na medida em que estar com o(s) outro(s) na dança pode ser uma estratégia para amenizar a solidão.

Acerca dessas constatações, a fala do tesoureiro do Clube dos Idosos da Comunidade São Francisco de Assis é emblemática:

Eu acho que para o idoso é muito melhor ele vir buscar, tanto assim, um divertimento, conversar com amigos, ou algo assim, do que ficar trancado dentro de casa. Porque a pessoa sozinha dentro de casa, ela apenas busca, ela vai de encontro com a solidão, e a pessoa vindo aqui ela se distrai, ela conhece amigos, às vezes a pessoa mesmo viúvo(a) ou sozinha, ela acaba encontrando um companheiro e uma companheira e onde torna para o resto da vida uma feliz união.

A sociabilidade é anunciada por homens e mulheres com frequência relativamente alta, justificando o motivo de estarem na presença de outros para dançar.

Atentando para as características contrastantes das atividades inscritas nas duas esferas do lazer, a da sociabilidade e a mimética, Elias e Dunning esclarecem que ambas indicam traços das sociedades industriais. Por sua vez, o *"lazer-gemeinschaften"*¹ é um contraponto à rotina que marca os contatos relativamente impessoais dominantes na esfera do não lazer dessas sociedades. Criam-se barreiras emocionais entre as pessoas, geralmente sob a forma de fortes restrições.

Vejamos os argumentos usados pelos autores para justificar as necessidades dos indivíduos por lazer:

A existência do *"lazer-gemeinschaften"* de uma variedade de tipos mostra a necessidade corrente dos contatos humanos, do enfraquecimento dessas barreiras num clima mais intenso de manifesta emotividade, com uma marcada preponderância, ao nível intencional, se não mesmo, de facto, sempre dos aspectos positivos de relações que de outro modo seriam ambivalentes. [...] Como a maioria das pessoas sabe, o grau socialmente permitido de destruição de rotina pode exceder-se. (p. 181).

É plausível que, ao relacionarmos o encontro no clube dos idosos com a dança e a socialização, esses sujeitos já estejam impregnados com valores da sociedade do controle. Destacamos, nesse sentido, que, no equilíbrio da tensão entre o controle e a estimulação emocional, a nossa segunda natureza do controle emocional seja mais evidente. Observemos a fala do tesoureiro do clube: "O que a gente tem hoje é graças ao nosso trabalho, porque aqui

1 Elias utiliza o conceito de F. Tönnies *Gemeinschaft* para designar todo tipo de vida dominado por um caráter íntimo, privado e reservado, próprio da vida comunitária, e chama a atenção para as ideias de *Gesellschaft*, que, contrapondo-se a essas ideias, focaliza o tipo de vida em sociedade, pública e de caráter social ou associativo.

funciona com Deus em primeiro lugar. Com uma abertura, uma oração inicial e, posteriormente, uma música, mas tudo dentro de um regulamento, mas tudo dentro de todos os respeitos.”

Imagem 1 - Oração na abertura das atividades dos idosos da Comunidade São Francisco de Assis de Sinop-MT



Fonte: produção dos autores.

Significado da dança para os sujeitos

No questionário, introduzimos, na quinta questão, uma pergunta aberta com dois desdobramentos: o que a dança significava para o(a) senhor(a) antes de participar do Grupo de Dança de Idosos? E agora, o que a atividade significa para o(a) senhor(a)?

Da amostra de 49 respondentes, 26 assim se pronunciaram:

Quadro 1 - O significado da dança para os sujeitos da pesquisa

| Nº | Respostas |
|----|---|
| 1 | Estou contente e divertindo com os outros. |
| 2 | Prazer. |
| 3 | Mais feliz e melhora a saúde, menos estresse, hoje me sinto uma menina. |

Quadro 1 - cont.

| | |
|----|---|
| 4 | Muitas coisas boas na vida. |
| 5 | Conversar com pessoas. |
| 6 | Saio da depressão e saio mais de casa. |
| 7 | Melhora a auto estima. |
| 8 | O clube reafirmou o gosto pela dança. |
| 9 | Arrumar um companheiro. |
| 10 | Me divirto mais. |
| 11 | Antes de entrar no clube não dançava, agora dança e gosto muito. |
| 12 | Ao participar do clube melhorou minha vida, antes eu dançava pouco e agora dança sempre e frequentar o clube é muito bom. |
| 13 | Melhorou muito, não vejo a hora de chegar o dia de vir dançar. |
| 14 | Estou mais feliz, conheci várias pessoas e agora me sinto muito mais feliz. |
| 15 | Minha vida melhorou, e consegui superar o fim do casamento. |
| 16 | Melhorou a dor na perna e a labirintite, e me sinto muito bem dançando. |
| 17 | É um lazer. |
| 18 | A dança é muito bom pra mim. |
| 19 | Saio de casa. |
| 20 | Fiz novas amizades que me ajudou a sair da depressão. |
| 21 | Não fico mais sozinha em casa. |
| 22 | Depois que comecei a dançar não fico mais em casa pensando em coisas ruins, conheci o marido, casei e estou muito feliz. |
| 23 | Me relaxa. |
| 24 | Melhorou muito meu corpo, me sinto mais leve e mais feliz. |
| 25 | Sempre gostei de dança, e também por recomendações médicas. |
| 26 | Eu danço desde os 5 anos de idade, sempre gostei antes e agora. |

Fonte: produção dos autores.

Essas 26 respostas permitiram-nos chegar a esta categorização: 1) saúde mental; 2) saúde física; 3) gosto; 4) felicidade; 5) prazer; 6) lazer; 7) saída de casa; 8) fuga da solidão; 9) muitas coisas boas na vida.

A relação entre a dança e a liberação de tensões agradáveis

Na sexta questão, perguntamos se, no envolvimento com o clube e com a dança, os sujeitos eram capazes de liberar tensões agradáveis, aliviando o *stress* do cotidiano, ao que obtivemos estas respostas:

Quadro 2 - A relação entre o envolvimento do sujeito com a dança e a consequente liberação de tensões agradáveis

| Nº | Respostas |
|----|--|
| 1 | A dança me motiva. |
| 2 | Danço mais do que antes. |
| 3 | Faz bastante amizade, e encontro muitos amigos. |
| 4 | Um passa tempo, um alívio nos problemas. |
| 5 | Sim, sinto felicidade. (duas incidências) |
| 6 | Antes não dançava, agora danço e gosto muito. |
| 7 | Sim, sinto muito prazer. |
| 8 | Sim, eu descanso do serviço de casa, converso com outras pessoas. |
| 9 | Sim, sinto-me muito bem, meu coração alivia. |
| 10 | Sim, esqueço dos problemas da vida, e a hora passa mais rápido |
| 11 | Sim, porque se a pessoa não participar de nada a solidão bate, a depressão bate, e a pessoa fica doente. |
| 12 | Sim, me sinto mais leve. |
| 13 | Sim, com certeza, só vem sentimentos boas. |
| 14 | Sim, sinto prazer, alegria, esqueço dos problemas. |
| 15 | Sim, melhora o estresse, melhora os pensamentos e o corpo. |
| 16 | Sim, a mente fica mais leve. (duas incidências) |
| 17 | Sim, sinto muitas coisas boas. |
| 18 | Sim, com certeza, libera energias boas e faz esquecer dos problemas. |
| 19 | Sim, até durmo melhor a noite. |
| 20 | Sim, sinto alegria, sinto que está fazendo bem pra mim. |
| 21 | Sim, sinto que traz coisas boas, sentimentos agradáveis e disposição. |
| 22 | Sim, sinto-me muito bem, no outro dia o corpo fica bom. é uma física. |

Fonte: construção dos autores.

Dos 49 sujeitos da amostra, 24 responderam a essa questão. Verificamos 16 ocorrências afirmativas positivas com relação, direta ou indireta, à liberação de tensões agradáveis em decorrência do envolvimento dos respondentes com a dança.

Na última questão, indagamos os participantes quanto ao significado da dança em sua vida, pergunta que já havíamos pensado aplicar no momento em que os casais estivessem dançando (interrompendo-se a dança), mas que não deu certo devido à acústica do salão. Com isso, perdemos a oportunidade de proceder à análise, a partir da contribuição teórica de Elias, para quem é importante captar o fenômeno com base na percepção que os sujeitos têm estando dentro ou fora de uma configuração.

Todavia, pelo menos colhemos as respostas à pergunta no momento em que as pessoas deixavam a pista de dança, podendo visualizar as informações relatadas no quadro a seguir:

Quadro 3 - O significado da dança para os sujeitos da pesquisa

| Nº | Respostas |
|----|---|
| 1 | É tudo, gosto de dançar, enquanto eu puder caminhar eu vou dançar. |
| 2 | É um prazer, uma terapia. |
| 3 | Dançar é aliviar as preocupações com os filhos, com as coisas, com a vida, é muito bom. |
| 4 | Sinto bem, nem o tempo passar. |
| 5 | Uma alegria, me sinto novo e jovem. |
| 6 | Uma emoção, uma alegria no coração. |
| 7 | Sinto bem, o pensamento fica positivo, alivia a cabeça. |
| 8 | Me distraio, o corpo fica mais leve. |
| 9 | É uma terapia. |
| 10 | Sinto um bem-estar, uma alegria, como se fosse jovem de novo. |
| 11 | Na hora que estou dançando eu esqueço de tudo, não consigo pensar em mais em nada, só em coisas boas. |
| 12 | Se eu estou triste ao começar a dançar tudo passa e me sinto muito bem, é bom para espalhar. |
| 13 | Me sinto muito feliz, como se estivesse no ar. |
| 14 | Emoção, alívio do cansaço do dia-dia. |
| 15 | É se divertir e viver. |
| 16 | Sinto uma alegria, nem sei explicar, é uma diversão. |
| 17 | Felicidade. |
| 18 | É esquecer os problemas do dia a dia (oito incidências) |
| 19 | Atípica |
| 20 | Ajuda esquecer tudo |

Fonte: construção dos autores.

O fato de não ter sido possível captar a resposta de dentro da pista de dança inviabilizou que fizéssemos uma análise comparativa entre o “de dentro” e o “de fora”, personagens que, na linguagem da análise compreensiva de Elias, traduzem-se em estabelecidos e *outsiders*.

As respostas às últimas três perguntas apresentadas nos quadros evidenciam que as representações sociais dos homens e mulheres idosos que se reúnem para dançar na Comunidade São Francisco de Assis de Sinop-MT aproximam-se da tipologia do tempo livre proposta por Elias e Dunning, tendo o maior índice de indicações incidido sobre o nível 4 - *Socialização* e o nível 5 - *Categoria das atividades miméticas, ou jogo*.

Nesse sentido, podemos afirmar: as pessoas buscam na dança um lugar de produção de tensões de um tipo especial, que lhes permita vivenciar uma agradável excitação e propicie momentos de satisfação no lazer. Outros dizem ir à busca de sentimentos fortes e agradáveis, de alegria, de prazer, geralmente coibidos no dia a dia de suas vidas, mas que podem ser estimulados no envolvimento com essa atividade, um ingrediente importante à melhoria da saúde mental.

CONCLUSÃO

Como este estudo insere-se na área de Ciências Humanas e Sociais, cremos ser razoável termos definido como objetivo compreender por que pessoas da terceira idade reúnem-se em grupos para eliminar tensões agradáveis, para se renovar com novas energias.

Por isso, investigamos uma amostra de sujeitos que se encontram, às sextas-feiras, seu tempo livre, na Comunidade São Francisco de Assis de Sinop, acompanhando tudo o que dissesse respeito ao seu envolvimento com uma prática corporal específica, a dança. Essa atividade, de teor mimético, permitiu-nos alcançar o objetivo proposto, conforme evidenciamos nas repostas dos sujeitos da pesquisa.

Desse modo, captamos que a dança propicia-lhes prazer, a fuga da solidão, a socialização, o exercício físico e as consequentes mudanças na rotina do dia a dia e ocupação tempo livre, além de outros benefícios.

Por conseguinte, a representação social da dança para os nossos entrevistados englobou estas categorias: saúde mental, saúde física, gosto, felicidade, prazer, lazer, saída de casa, fuga da solidão e muitas outras coisas boas da vida.

Pelo que até o momento nos foi possível apresentar, podemos dizer que nossos objetivos e questões de pesquisa são legítimos, na medida em que percebemos nas pessoas de nossa e, muito provavelmente, de outras sociedades a necessidade de motivação para desencadear de fortes emoções, que por vezes aparecem, são satisfeitas e desaparecem, voltado a se manifestar somente algum tempo depois.

Por certo, essas necessidades devem ter relação com outras, mais elementares, básicas, tais como sentir fome e sede e fazer sexo. É esse traço natural da condição humana, a busca pela “erupção de sentimentos fortes”, configura-se como uma “segunda natureza”, que envolve aspectos de ordem sociocultural, representativas de um fenômeno bastante complexo, que transcende a dimensão puramente biológica do indivíduo.

Na análise dos dados oriundos das entrevistas, percebemos que os idosos que frequentam a Comunidade São Francisco de Assis vivenciam a

dança como um elemento essencial à satisfação pessoal. Além disso, buscam atividades que os façam sentirem-se úteis e lhes permitam aperfeiçoar habilidades, realizar sonhos, liberar sentimentos, enfim, elevar a autoestima. Nessa perspectiva, a dança promove laços de amizade e de afetividade entre os membros do grupo, espantando a dor da angústia e a depressão resultante do próprio processo de envelhecer.

Sendo assim, percebemos que, para esses anciãos, a dança é muito mais que uma atividade física oferecendo-lhes o que há de melhor em termos de sentimentos de um prazer “controlado”, mas que traz todo um sentido para a vida das pessoas que procuram na dança uma forma de fugir da solidão.

REFERÊNCIAS

- DE DECCA, E. Fazendo história. In: **Coletânea do V Encontro Nacional de História do Esporte**, Lazer e Educação Física. Maceió: Ufal, 1997.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- _____. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- _____. Sobre os seres humanos e suas emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C.; (orgs). **O controle das emoções**. João Pessoa: UFPB, 2009.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.
- MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. **Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 6. ed. São Paulo: R. Janeiro, 1996.
- LUDKE, M.; MARLI, A. **Pesquisa Social em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: Cortez. 1986.
- MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.
- SPINK, M.J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). **Textos em representação social**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GATEBAL: “JOGANDO VOU ENTENDENDO E ENGRENANDO E ASSIM É GOSTOSO, CATIVA E SEDUZ”¹

José Tarcísio Grunennvaldt

Wladislaw Kosloski

Emerson Rodrigo Coletto

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

INTRODUÇÃO

Neste texto, fruto da pesquisa realizada na Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, apresentamos o *gatebal*, uma atividade de raízes étnico-culturais desenvolvida majoritariamente por sujeitos de descendência japonesa e que se encontram na casa da terceira idade.

Definimos quatro objetivos para a investigação: 1) verificar como a sociabilidade de fronteira possibilita a construção de obrigações horizontais, que se sobrepõem à criação de obrigações verticais, uma vez que envolvem o respeito à subjetividade, tomada como participativa e movida pelo princípio da comunidade; 2) averiguar em que medida o *gatebal* pode contribuir para o fortalecimento da sociabilidade e da mobilidade dos sujeitos, sendo estes elementos que qualificam o lazer; 3) compreender o *gatebal* como um jogo ativo, que propicia aos sujeitos da terceira idade situações agradáveis e convergentes para a melhoria das relações interpessoais, da saúde física e mental; e 4) reconhecer na experiência do *gatebal* da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT, uma modalidade de jogo-esporte em cuja prática se supera o entendimento corrente do esporte que defende a segregação por gênero, concepção essa, de modo em geral, não mais presente em uma sociedade que se pretenda inclusiva.

Em seu livro clássico *A velhice*, Simone de Beauvoir (1990, p. 445) premia o leitor com um capítulo denominado “Tempo, atividade, história”, no qual introduz a discussão do tema com a afirmação de que existir, para a realidade humana, é temporalizar-se, na medida em que,

1 O título deste texto é a representação de um dos sujeitos da pesquisa sobre o seu envolvimento com o jogo de *gatebal*.

[...] no presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, no qual recaem nossas atividades, imobilizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada.

Com efeito, as consequências das mudanças do temporalizar-se do homem repercutem umas nas outras, gerando situações que variam segundo a história anterior do indivíduo, que delas pode se livrar constantemente.

Na sociedade contemporânea, uma representação corrente dos idosos incorpora três atributos: pessoas cansadas, fadigadas pela vida e aparentemente à espera da morte. Em contrapartida a essa representação, construída a partir do lado de “fora” da velhice, percebe-se que uma quantidade significativa de pessoas da terceira idade tem procurado e encontrado no esporte uma forma de lazer cujas atividades ao mesmo tempo lhes estimulam a saúde física e mental.

Nesse contexto, os idosos entram em contato com outras pessoas e estabelecem entre si laços de sociabilidade, que, ao se estreitarem, abrem-lhes espaços para a imaginação. Envolvidos, pois, em jogos e esportes coletivos, inovam e até quebram paradigmas dominantes no esporte. Nesse sentido, a tolerância desponta como um valor adquirido, o que se verifica, por exemplo, quando admitem o confronto entre homens e mulheres nos eventos esportivos.

Contudo, apesar dessas observações, persistem as análises nas quais se associam a terceira idade e o lazer, como se este fosse decorrência natural daquela, o que parece configurar uma análise mecânica e determinista, além de carente de uma fundamentação teórica mais elaborada e de uma base empírica sólida que possibilite a confirmação do presumido.

No tocante a essa impressão, Marcellino (2006) defende que tal associação não se sustenta, pelo menos, em termos sociais, e faz alusão a pesquisas realizadas nos Estados Unidos e na Europa, segundo as quais as pessoas da terceira idade, em comparação com as de outras faixas etárias, são as que apresentam o menor índice de frequência a equipamentos de lazer, ou melhor, que participam de atividades desenvolvidas nesse tempo, tido equivocadamente como de “lazer”.

Não se poderia esperar uma constatação melhor que essa, sobretudo no caso de um país, “[...] marcado por profundas desigualdades sociais [e para cuja] grande parte da população [que] tem 60 anos ou mais, envelhecer com saúde, prazer, livre da solidão e com qualidade de vida deve ser um dos principais desafios [...]” (GIASSON; COLETTI; GRUNENVALDT, 2010, p. 1).

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2004), 8,9% da população estão na faixa dos 60 anos de idade ou mais.

E a sociedade brasileira parece estar despertando para o fato de que, até 2025, o país será o sexto colocado no *ranking* mundial de população de idosos com mais de 60 anos, o que corresponderá a algo em torno de 32 milhões de pessoas.

Marcellino informa-nos que, no Brasil, uma série de fatores sociais desmente “o conto da aposentadoria”, pois, ao se aposentar, o idoso tem reduzido o seu padrão socioeconômico, implicando a limitação significativa do seu poder de compra de produtos essenciais, nessa fase de involução biológica, à manutenção da saúde e, portanto, refletindo direta e negativamente em sua qualidade de vida. Essas evidências, por certo, indicam que o existir na “realidade humana” dos velhos é comprometida pela limitação das necessidades humanas elementares, desmantelando o tão almejado “paraíso do lazer”, ou seja, a pressuposição (fictícia) de que, na velhice, não existem horários ou obrigações a serem seguidos, podendo-se simplesmente gozar a vida.

Na esteira dessas reflexões, Simone de Beauvoir, há pouco mencionada, confirma a falácia de se pensar que a aposentadoria é o tempo da liberdade e do lazer, do mesmo modo como foram equivocadas as falas de poetas que gabaram “as delícias do porto”. Para ela, essas são “mentiras deslavadas”, acrescentando que a sociedade impõe à imensa maioria dos velhos um nível de vida tão miserável, que a expressão “velho e pobre” constitui-se em um pleonasma:

O lazer não abre ao aposentado possibilidades novas; no momento em que é, enfim, libertado das pressões, o indivíduo vê-se privado de utilizar sua liberdade. Ele é condenado a vegetar na solidão e no enfado, decadência pura. O fato de que um homem nos últimos anos de sua vida não seja mais que um marginalizado evidencia o fracasso de nossa civilização. (p. 13).

Apesar da severidade com que trata o tema, a autora dá-nos um alento ao lançar um convite para que sejam concentrados esforços na mudança do “destino” dos mais desafortunados, pois somente ações de sensibilização poderão abalar a sociedade. Nesse sentido, exigir que homens permaneçam homens em sua idade mais avançada implicaria uma transformação radical, que abrangeria desde a exploração dos trabalhadores, passando pela atomização da sociedade até a miséria de uma cultura restrita a um mandarinato conducente dessa desumanização.

Como nos diz Marcellino, no país da juventude, as pessoas começam a envelhecer mais cedo do ponto de vista social, e isso contribui para que o lazer se encerre cada vez mais ao ambiente doméstico. Os velhos, no Brasil, além das dificuldades econômicas, sofrem uma série de preconceitos, uns criados por eles mesmos, tendo em vista os valores de uma formação muito severa no tocante ao envolvimento com atividades do mundo do não trabalho ou da “não seriedade”, e outros oriundos da sociedade, que não deixa por menos: “[...] [os

velhos] passam a ser apontados como transgressores quando tentam quebrar os preconceitos ou o estereótipo do 'velho bem comportado', que 'sabe o seu lugar' - 'olha a assanhada', 'será que ele não se enxerga!', 'ora, ele já teve o seu tempo!' " (p. 48).

Esses exemplos são emblemáticos e foram escolhidos para ilustrar que, em nossa mentalidade mais profunda, associamos a involução biológica do ser humano em idade avançada a uma vida de limitações e reclusão em termos sociais e afetivos. É como se para os velhos não fosse mais permitido vivenciar a "sociabilidade", a "mobilidade" e a "imaginação" que o contato com a coletividade e a relação de interdependência com outros sujeitos propiciam.

Ao que nos parece, as ações de preconceito contra de velhos que "não se enxergam" aumentam quando suas atitudes e comportamentos envolvem algum tipo de afetividade. De fato, os preconceitos se agigantam mesmo é quando eles expressam o desejo de namorar ou de morar novamente com um companheiro.

Sendo assim, pensamos que sobre o amor de um velho só o velho possa opinar. E, a respeito de todo o exposto, talvez possamos dizer que ainda não se tenha assimilado a sábia frase de T. S. Eliot (1969 apud ALVES, 2008, p. 246), que, na plenitude de sua juventude septuagenária, escreveu: "O amor retribuído sempre rejuvenesce."

Como já dissemos, costuma-se associar essa fase da vida a um tempo de lazer, e é exatamente nesse período que os próprios sujeitos pertencentes a essa faixa etária tomam a iniciativa de formar os chamados grupos de terceira idade.

E envolver-se com medidas para a construção de tempos-espacos de sociabilidade pode contribuir para o grupo ser de fato reconhecido como um "grupo de lazer". Quanto a isso, Marcellino é contundente ao considerar que: "No entanto, há riscos também na formação e funcionamento desses grupos, uma vez que podem contribuir para a segregação, ou para a ocupação do tempo com 'papéis artificiais', criados por instituições." (p. 45).

A literatura existente sobre o tema lazer é unânime quanto ao fato de que muito há para ser feito pela terceira idade enquanto segmento social faixa privilegiado para a vivência do lazer. Contudo, é interessante que as iniciativas engendradas com esse fim partam do protagonismo dos idosos, que, lançando mão de suas experiências, organizem grupos de lazer e reivindiquem o acesso aos equipamentos de lazer disponibilizados para outras faixas etárias, contribuindo para a quebra das fronteiras geracionais.

Dessa forma, entende-se que

O lazer dos idosos não pode ficar na dependência de programas assistenciais. É preciso que a terceira idade se integre às demais "idades". Talvez, um bom início, no que diz respeito ao plano cultural, esteja em começar a encarar a vida de modo integrado,

e não como sendo composta de “tempos”, ou de “idades” a que as pessoas tenham que se enquadrar. (MARCELLINO, 2006, p. 46).

Em um lugar de fronteira onde o Estado ainda não está totalmente presente, os direitos dos cidadãos vão se configurando e se afirmando de forma que os direitos civis ou individuais se antecipam aos direitos políticos e sociais. Sobre o assunto, Santos (2007) entende que viver e estar em situação de fronteira, haja vista a não fixidez das regras, permite à subjetividade a exploração do potencial emancipatório do lugar, cujas principais características são: 1) a forte presença das tradições dos pioneiros e emigrantes, as quais possuem caráter seletivo e instrumental; 2) a invenção de novas formas de sociabilidade; 3) a fraqueza das hierarquias; 4) a pluralidade de poderes e de ordens jurídicas; 5) a fluidez das relações sociais; 6) a promiscuidade entre estranhos e íntimos; 6) a mistura de heranças e invenções.

Da contribuição do autor sobre as características da fronteira, concentremo-nos nos tópicos 2 e 3. Temos, pois, que, relativamente à invenção de novas formas de sociabilidade,

Viver na fronteira significa ter de inventar tudo, ou quase tudo, incluindo o próprio ato de inventar. Viver na fronteira significa converter o mundo numa questão pessoal, assumir uma espécie de responsabilidade pessoal que cria uma transparência total entre os atos e as suas conseqüências. Na fronteira, vive-se a sensação de estar a participar na criação de um novo mundo. (p. 348).

Quanto à outra característica, a fraqueza das hierarquias, temos que a construção das identidades de fronteira sempre é lenta, precária e difícil, uma vez que o lugar depende de recursos escassos, dada a sua grande distância do centro seja do poder, do direito ou do conhecimento.

Esse fato também contribui para minar a hierarquia, constatação que encontra eco em fatos históricos do período imperial: “Viver na margem do império significava, geralmente, viver onde o poder do Estado central era fraco, onde a atividade econômica estava pouco regulamentada e onde a inovação cultural encontrava poucos obstáculos.” (CRONO; MILES; GITLIN, 1992 *apud* SANTOS, 2007, p. 349).

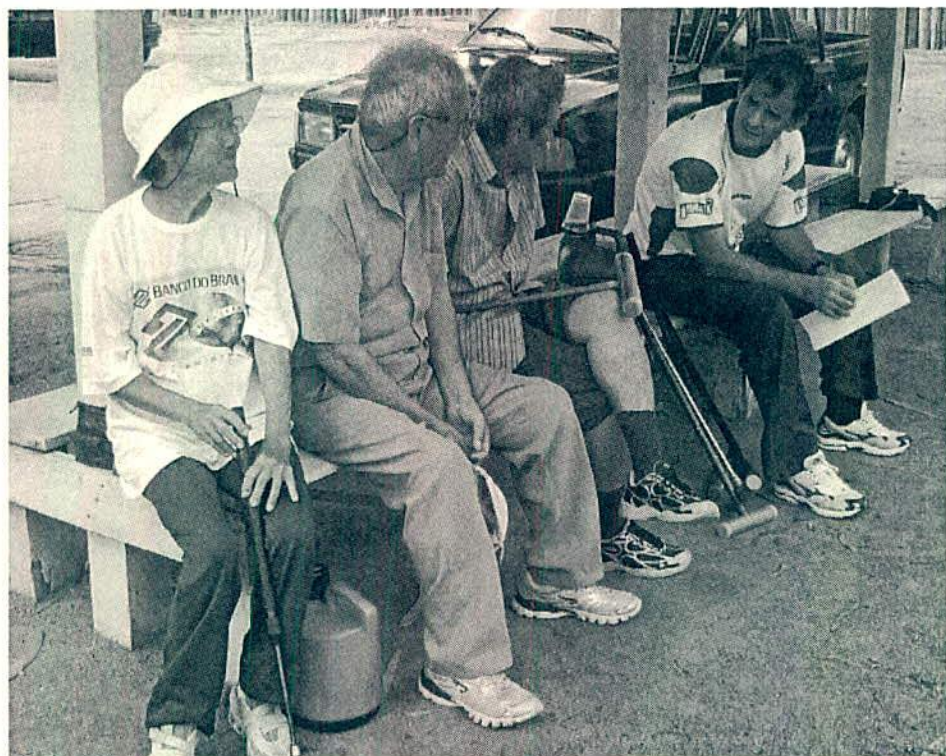
Pode um grupo que se reúne para jogar gatebal produzir uma sociabilidade mental carregada de subjetividade, tal qual uma sociabilidade de fronteira? As respostas a essa simples pergunta parecem ser igualmente fluidas quando se considera que os componentes desse grupo constroem um espaço não completamente marcado pelo paradigma da regulação.

O que nos interessa aqui, no caso específico do jogo de gatebal e seus homens e mulheres, é captar a “fenomenologia geral da vida de fronteira”, a plasticidade de seus processos sociais, de sua criação e da inovação

contínua dos mapas mentais, não dados à regulação central e constantes da instabilidade, da transitoriedade e da precariedade da vida social na fronteira (SANTOS, 2007).

A SOCIABILIDADE DE FRONTEIRA DOS NIPO-DESCENDENTES DE SINOP-MT: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O GATEBAL

Imagem 1 – Reunião no Clube de nipo-descendentes de Sinop-MT



Fonte: produção dos autores.

Prazer, alegria e diversão... O gatebal para mim também é uma diversão, pois chegando aqui eu tenho um passatempo de no mínimo duas horas e meia nos dias de sábado e domingo. Depois das três horas sempre fico até mais tarde, tenho um lazer para o fim de semana de mais ou menos quatro horas de brincadeira aqui com o pessoal, e conforme a gente vai jogando, nós vamos conversando e desfrutando desse lazer (Inf. 1, 2010).²

² No texto, a abreviatura "Inf. 1" designa o "Informante 1" e, sucessivamente com os demais sujeitos participantes do Grupo Focal. Na rodada de conversação capturaram-se informações concentradas e detalhadas sobre o envolvimento de vida do grupo com o Gatebal.

Dentre as várias representações assumidas pelo gatebal, destacamos a seguir algumas que definem a visão dos velhos do Clube Nipon de Sinop sobre o esporte:

a) A função social do gatebal e sua característica cultural

Imagem 2 – Confraternização entre dois grupos de nipo-descendentes praticantes de gatebal



Fonte: produção dos autores.

Sabe-se que cada pessoa ou grupo social carrega em sua história de vida reservas de vivências-experiências e de memórias bastante subjetivas, as quais são partilhadas com aqueles que integram seu círculo de relações interpessoais. No entanto, quando inseridas em uma situação de fronteira, essas bagagens modificam-se livremente, configurando-se em construtos de um contexto completamente novo. Ressaltemos que é a liberdade transformadora e quase plena operada pela primeira vez que condiciona as outras possibilidades de transformação.

É como nos diz Santos (2007, p. 349):

Ao fazerem escolhas sobre o tipo de comunidade em que pretendem viver, os emigrantes estão, assim, a reduzir o âmbito de escolha que será posteriormente possível: O ato de exercer a liberdade de transformar os velhos modos de vida estabeleceu as fundações

para a criação de novos velhos modos de vida que acabariam por limitar a própria liberdade que os criou.

Essa passagem ajuda-nos a perceber que, na prática do gatebal, os participantes nipo-brasileiros levam consigo a dialética dos novos e velhos modos de manifestação de suas relações socioafetivas e de vida. Vejamos a declaração feita a esse respeito por um informante que frequenta o clube.

Bem antes de Sinop, minha mãe, nos anos de 1980, já estava no meio da turma lá no Paraná, mas eu ficava olhando. Então eu conheço este jogo desde os anos 1980, quando mudamos para Sinop e começamos a associação, o gatebal se tornou um negócio de diversão para os velhos, iniciamos isso aqui e até hoje estamos brincando, passando o tempo, isso é bom para a saúde. (Inf. 2, 2010).

Pelo que observamos nessa fala, do envolvimento do sujeito com a prática do gatebal nasce um espaço-lugar de fronteira no qual se manifesta a fluidez das relações sociais. E esse aspecto figura também neste depoimento:

Vim acompanhando o pessoal, entrei bem atrasado, o povo já estava jogando, fui experimentar um pouco e gostei. A gente pratica estes tipos de esportes, porque, conforme vai tomando idade. A gente já não tem outra opção, pois correr atrás do futebol não adianta, os esportes de correr e andar bastante não tem jeito. Neste tipo de esporte, o gatebal, se caminha pra lá e pra cá, uns 15 metros, é uma diversão e um exercício (Inf. 3, 2010).

O espaço do gatebal como construção é uma fronteira ainda não delimitada, portanto capaz de abarcar a tolerância, uma vez que a inovação e a instabilidade nele se articulam para configurar as faces das relações sociais. Trata-se de um espaço provisório e temporário no qual as raízes se deslocam para contemplar novas subjetividades a serem sociabilizadas.

Quando nos lembramos da rigidez que marca a regulação do esporte convencional, avaliamos que o gatebal configurado no espaço-equipamento do Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT é uma manifestação revolucionária. Como sugere Santos e aqui o parafrazeando, noto que, ali, tal jogo está impregnada do “senso comum emancipatório”, ou senso comum discricionário (desigualmente comum), sendo, portanto, construído e não “fundado” para ser apropriado, privilegiadamente, pelos grupos sociais oprimidos, marginalizados ou excluídos da globalização, os quais se servem da atividade para significar suas vivências em experiências compartilhadas, muitas vezes movidas por afinidades étnico-culturais.

Debruçando-se sobre o assunto, em seu texto intitulado *A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto*, Dunning (1992) propõe-nos uma leitura crítica³ a respeito da crescente tendência para a seriedade no desporto.

Com base nessa visão inovadora e consoante as representações dos sujeitos envolvidos com a prática de gatebal, reiteramos que, para além da alteração do equilíbrio entre o trabalho e lazer, do ponto de vista tanto das ideologias como dos fatos sociais, esse envolvimento de grupos de terceira idade e os laços étnico-culturais estabelecidos são parte da configuração de um processo que “[...] realçou o significado social das atividades de lazer em geral, uma constelação de, pelo menos, três aspectos inter-relacionados da moderna configuração social emergente que terá contribuído para o aumento do significado do desporto [...]” (DUNNING, 1992, p. 322). São eles: 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida das pessoas.

Elias e Dunning (1992) sugerem que o desporto é um fato de lazer “mimético” com o qual se pode produzir a excitação agradável com potencial de funcionar como meio de “destruição da rotina”. Assim, em uma situação de fronteira estabelecida como espaço, a fluidez não é uma opção nas relações sociais; é, antes, imperativa em determinadas circunstâncias, a exemplo da inovação e da instabilidade flagradas na passagem que segue:

Nós inventamos esta equipe com ajuda do Américo Hirayama, que trouxe a sugestão de um campinho, e nessa invenção que estamos praticando, infelizmente falta gente, pois são 10 bolas, 5 vermelhas e 5 brancas que se atacam. Quando vem gente de fora, de Cuiabá, Juara ou de outro lugar, a gente forma uma equipe em conjunto e faz uma diversão de quase um dia inteiro.⁴ Dá para formar o juiz, o capitão e assim por diante. A nossa equipe pratica aos sábados e aos domingos, direto. (Inf. 4, 2010).

Somente com a quebra dos padrões tradicionais do esporte ou com o uso seletivo de alguns de seus elementos é possível aos participantes do Clube Nipon tornar suas tardes de sábado e domingo em momentos de sociabilidade e diversão.

3 A partir do referido texto, desenvolvemos algumas reflexões que apresentamos em uma palestra, por ocasião de uma aula inaugural do Curso de Educação Física em Paripiranga-BA, em outubro de 2008, e também sob o formato de comunicação oral no Seminário Educação (SEMIEDU), realizado na UFMT, campus Cuiabá-MT, em 2009.

4 Quando a equipe desta pesquisa encontrava-se na Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT para conhecer o espaço físico do clube e tirar algumas fotografias do campo de jogo e de suas dependências, era domingo e havia uma expectativa muito grande em torno da chegada do grupo de gatebal da cidade de Juara-MT, distante 350 Km de Sinop. Na programação constavam diversas rodadas de jogos entre as equipes e um almoço festivo.

Dentro dessa linha de raciocínio, “A tradição deve, portanto, ser imaginada para se converter naquilo de que precisamos, ainda que a definição daquilo de que precisamos seja, em parte, determinada por aquilo que temos à mão [...]” (SANTOS, 2007, p. 348) mesmo porque “O gatebal é um modo de estarmos passando o tempo e além de um passatempo para se divertir.” (Inf. 3, 2010).

Em suma, os aspectos apontados por Dunning contestando a tendência ao envolvimento cada vez mais sério das pessoas no desporto parecem estar evidentes em dados factuais, nos quais os sujeitos envolvidos modificam-no em vista de suas necessidades, buscando ver atendidas as subjetividades existentes e, quiçá, as que vierem a constituir.

b) A relação idade - tempo

A questão como se vive o tempo” parece requerer uma consideração. Existe uma diferença entre a ótica do velho, da criança e do adolescente na sua relação com o tempo. Para Beauvoir (1990), em sua atual fase de vida, o velho já descobriu sua finitude, mas, no início, não ligava para isso, pois via diante de si inúmeras possibilidades. O futuro no qual ele as projetava ampliava-se ao infinito para acolhê-las.

Logo, o velho sabe que sua vida está feita e que não a poderá refazer, além de estar ciente de suas limitações físicas. O futuro já não mais se lhe apresenta repleto de promessas, “[...] contrai-se na medida do ser finito que tem que vivê-lo [...]” (BEAUVOIR, 1990, p. 465).

Para ilustrar essas constatações, vejamos as declarações de um dos sujeitos da pesquisa sobre como foi sua relação com o esporte na juventude e como a percebe na velhice: “[...] A pessoa que pratica desde criança sabe o que é o esporte, sabe que ele começa gradativamente.” (Inf. 5, 2010).

Esse indivíduo reconhece que, com o avanço da idade, ocorre também o progresso da involução biológica e das capacidades físicas necessárias para a prática do esporte convencional. Nesse sentido, parece-nos oportuna a leitura de Beauvoir (2008, p. 465) quando salienta: “[...] a realidade humana é afetada por uma dupla finitude; uma é contingente e diz respeito à facticidade: a existência tem um termo que lhe vem de fora. A outra é uma estrutura ontológica do para-sí. Na última idade, uma e outra revelam-se juntas, e uma através da outra.”

Por certo, são os velhos as pessoas mais autorizadas a se posicionar sobre a velhice e suas relações sociais, o que pode ser expresso através de atitudes, sentimentos, emoções e pontos de vista. No depoimento a seguir, apreende-se que as condições objetivas para a prática do gatebal, as quais fazem “sentido ou graça” para os jovens, já não serão as mesmas para os velhos, embora se faça presente a convicção de que o vivido na juventude não

poderá se repetir, quicá, a lembrança daqueles tempos e da desenvoltura no esporte será armazenada na cabine das lembranças mágicas e nostálgicas. É essa dupla finitude que se capta nesta fala:

Outros que vêm aqui e dizem que não tem graça só bater bola assim pra lá e pra cá, eles não entendem, e não acham muita graça, mas quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante [velho] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado. (Inf. 6, 2010).

O futuro encolhido e o tempo longo e pesado que os sujeitos carregam do seu passado são aspectos da vida claramente expressos nesta declaração:

A maioria do pessoal que está aqui começou desde novo praticando outro tipo de esporte. O baseball, não sei se o Sr. já ouviu falar, é aquele americano e que no Japão hoje tem muita influência. Em São Paulo, por exemplo, joga-se muito baseball. No Japão hoje se joga mais baseball do que futebol, agora que começaram a jogar futebol, mas o mais forte mesmo no Japão é o sumô [...] a luta japonesa e o baseball. (Inf. 1, 2010).

Ao afirmar “[...] quem está ali dentro jogando, sente uma sensação boa. É um jogo bem animado porque a gente já bastante [limitado fisicamente] usa a cabeça, a vista também tem que estar muito atenta pra bater a bola, então é animado [...]” (Inf. 6, 2010), o depoente busca justificar o prazer de jogar dizendo que, quando joga, ele exercita não só o corpo, mas também o cérebro, sendo o esforço físico e psicológico retribuído pela “sensação boa” desencadeada pela atividade.

É nesse sentido que, a partir de fatos da realidade, podemos constatar as assertivas de Beauvoir (1990), em seu ensaio sobre a velhice, segundo as quais, à medida que a idade se modifica, a relação do indivíduo com o tempo muda, ou seja, ele passa a ser alguém que traz consigo uma vida passada muito longa e uma vida futura muito limitada.

Um dos idosos relembra a infância quando fala de sua relação com o esporte, fazendo uma comparação do presente com o passado:

Geralmente esporte começa desde o tempo de criança, se começa a aprender alguns tipos de esportes e alguns de nós jogavam baseball que hoje está até iniciando aqui em Sinop. Aquele era um esporte que praticávamos muito, era muito animado. Os pais acompanhavam os filhos e todos juntos... Era realmente uma festa o esporte. Porém, aquilo foi se acabando, fracassando, e hoje se joga muito pouco. (Inf. 1, 2010).

A lembrança da prática do *baseball* na juventude justifica o que Beauvoir destaca quanto ao fato de a maioria dos velhos recusar a passagem do tempo por não querer decair. Cada um conserva intimamente a convicção de que o passado permanece imutável, evocando lembranças da época em que viveu essa segurança (BEAUVIOR, 1990, p. 446). Ou seja, não foi o esporte que acabou e sim o tempo da juventude, que o idoso busca resgatar na medida em que relaciona e compara a experiência do esporte na infância com a vivenciada na atualidade.

Quanto à iniciativa do grupo de velhos nipo-descendentes que se reúne, aos sábados à tarde e aos domingos, para jogar *gatebal*, os sujeitos evidenciam em suas falas e atitudes aspectos que nos autorizam afirmar que sobreviver nessa situação de fronteira é uma provação de sabedoria e de descontentamento com as visões de regulação criadas “a partir de fora” sobre ser velho.

c) O esporte e saúde na velhice

De modo geral, observa-se nas informações dadas pelos entrevistados que todos eles associam a prática do *gatebal* com a saúde. Um dos velhos assim se posicionou em relação a essa questão:

[...] Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV, agora aqui você conversa com o povo, anda de lá e pra cá, erra bastante, toma vergonha, isso é bom. Olha, quando você tem um esporte com um campinho pra andar de lá e pra cá, é um exercício. Para nós que somos pessoas de idade, é um exercício muito bom pra gente. Quando entrei aqui, quase não parava em pé, mas hoje já estou firme, pois caminho umas 2 horas indo de lá e pra cá. Eu acho que tem um sentido grande de exercício, de estímulo de movimentação, que faz o jogo ser saudável. (Inf. 7, 2010).

De fato, a prática de esportes na terceira idade traz benefícios, pois estimula o idoso a se movimentar, caminhar e, principalmente, pensar sobre a intensidade da força e a velocidade que deve imprimir em cada tacada na bola para melhorar seu desempenho. A saúde, tanto física quanto mental, contribui para uma melhor vivência da senilidade.

Como o *gatebal* é um jogo de estratégia, o estímulo do pensar, em alguns casos, chega a ser mais importante do que o exercício físico, pois grande parte dos idosos acaba sofrendo de doenças degenerativas que acabam danificando ou até destruindo alguns circuitos nervosos:

[...] É preciso que os circuitos nervosos que permitem a revivência das imagens permaneçam intactos. Certas doenças - entre outras, a demência senil e a arteriosclerose cerebral - destroem um grande número desses circuitos. Mesmo um homem

que ainda tenha boa saúde pode estar afetado por lesões bastante graves. (BEAUVIOR, 1990, p. 448).

Quando perguntados se gostam de jogar gatebal, um informante de início nos revelou que diversas pessoas já haviam entrado em campo e disseram ter achado a atividade sem-graça, o que talvez tenha ocorrido por não terem conseguido entender que já não se trata mais de jovens em ação no esporte, impedindo que a prática lhes fizesse algum sentido. E, pelo relato a seguir, parece que, de fato, quando a pessoa se envolve com o gatebal, o jogo passa a fazer muito sentido em sua vida:

A questão do jogo é o seguinte, todo tipo de jogo quando a pessoa engrena, quando começa a entender o jogo, é gostoso. O jogo é quase um snooker, mas com um campo grande e no chão. Quando a pessoa ataca a uns 10 metros de distância e acerta, por exemplo, é uma sensação boa. Então, acho que qualquer esporte, quando a pessoa começa a engrenar e entender, é gostoso, cativa e seduz. (Inf. 7, 2010).

Nesses termos, verificou-se que o exercício mental requerido do indivíduo que deseja empenhar-se, adentrar-se no jogo mais profundamente para entendê-lo é, por certo, um dos aspectos motivadores da prática do esporte. Porém, para os velhos, o processo de *entendimento do jogo* ocorre de modo mais lento, por causa das limitações físicas que o seu organismo biológico vai assumindo (declínio na desenvoltura que envolve as capacidades físicas).

Outro posicionamento que se constitui em uma ruptura com a tradição pode ser identificada quando um dos entrevistados, para expressar o que sente ao praticar o gatebal, externa uma representação de esporte relacionado com a saúde:

Saúde, se sentir saudável e bem fisicamente. Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo TV, agora aqui você conversa com o povo, anda de lá para cá, erra-se bastante, toma vergonha, isso é bom. Olha, quando você tem um esporte com um campinho para andar de lá para cá, é um exercício. Para nós que somos pessoas de idade, é um exercício muito bom para a gente. (Inf. 7, 2010).

d) O sentimento de relação igual, homens e mulheres no mesmo time

O gatebal, a exemplo de outros esportes, tem suas regras. Para a sua prática, necessita-se de no mínimo dez jogadores, cinco para cada lado, e mais alguns reservas. Porém, no Clube Nipon de Sinop, não há um número suficiente de praticantes, o que é resolvido pelas esposas dos idosos, que

tomam parte no jogo.

Tendo sido questionados sobre a relação homem-mulher jogando no mesmo time, todos os idosos da associação mostraram não ter nenhum tipo de preconceito, acrescentando que, quando as delegações de outras cidades vão jogar em Sinop-MT, também não há segregação na união entre masculino e feminino.

Tem-se nesse comportamento aglutinador a quebra do paradigma dominante nos esportes de rendimento. Além disso, essa relação contribui para a função social do esporte, que “ao ser dessacralizado”, passa a configurar uma grande confraternização.

Essa mudança de padrão também pode ser relacionada às diversas transformações que, desde o último século e tanto no Brasil quanto no mundo, afetaram as instituições sociais e a ocupação dos espaços públicos, nos quais passaram a ocorrer práticas menos segregacionistas. Hoje, a mulher ocupa cargos antes ocupados exclusivamente pelo homem, atuando, dentre outras funções, como gerente, delegada, advogada e médica. A guerra, ou as Forças Armadas, é o exemplo mais emblemático da ultrapassada tradição de segregação.

Nesse contexto, é também muito importante mencionarmos uma data memorável no espaço de tempo dedicado à escritura deste trabalho de pesquisa. Trata-se do Dia Internacional da Mulher, quando as mulheres reuniram-se no Parlamento, com deputadas e senadoras; no Judiciário, com juízas e procuradoras; e, por último, no Executivo, acompanhando o movimento iniciado no Chile e na Argentina, cuja façanha no Brasil se repetiu com a eleição, pelo voto direto, de Dilma Rousseff, a primeira Presidenta do Brasil.

No XII Simpósio Internacional Processos Civilizadores, realizado em Recife em 2009, Hugo Lovisoló, com a irreverência que lhe é peculiar presenteou os participantes com um texto muito singelo: “Mulheres e esporte: processo civilizador e (des) civilizador”. No artigo, ele focaliza o processo de inclusão da mulher em diferentes setores da sociedade, em direta competição com os homens, e o valor da não segregação dominando esses campos.

No entanto, o autor faz um alerta ao afirmar que a guerra e o esporte foram constituídos campos de não inclusão do feminino. Lovisoló sublinha que, em diversos âmbitos da sociedade, estão em curso processos de transformação com vistas a torná-la mais inclusiva, sobretudo em relação ao feminino. Contudo, percebe-se que a realidade do esporte não é alentadora nesse sentido.

Aprofundando-nos no assunto, vejamos a justificativa histórica do estudioso para a existência da segregação na sociedade:

Parece-me pelos menos que faz 3 séculos a mulher foi posta na representação como a parte menos violenta, mais civilizada, mas “adecentada” da sociedade. Foram construídos argumentos, não raros baseados em afirmações supostamente científicas sobre

as diferenças naturais pelos quais os valores dos guerreiros e da guerra pertenciam aos homens, eram de sua natureza. Os lugares protegidos, como o lar, eram prioritariamente para e das mulheres. Homens em bando caçando, mulheres em grupo nos acampamentos colhendo frutos da natureza e da sociabilidade. Os militares homens não desejavam partilhar suas habilidades nem com os civis homens nem com as mulheres. (p. 4).

Ao atentar para os aspectos educacionais que concorrem para perpetuar ou não valores segregacionistas no esporte, o autor descreve a escola como um lugar no qual as questões de coeducação, ou não segregação, estão há algumas décadas sendo discutidas e tratadas com a marca do antissegregacionismo.

A instituição escola pode nos dar algumas indicações para a complexidade da temática:

O que denominamos de co-educação ou não segregação domina o panorama escolar faz algumas décadas. A co-educação nas aulas de educação física significa que a escola opera com autonomia com relação à sociedade, pois, nesta, a segregação nos esportes é dominada. Alunos atuais nas escolas não sabem que “antigamente” existiam escolas para meninos e escolas para meninas. Alguns ouviram falar do assunto por seus pais. (LOVISOLO, 2009, p. 7).

Não obstante as conquistas com relação segregação nas aulas de educação física nas escolas, Lovisolo reconhece que ainda “Existem professores de educação física que partilham do valor da segregação. A segregação baseada em diferenças parece continuar.” (p. 1).

Apesar de as práticas segregacionistas permanecerem vivas nos jogos esportivos, a experiência com o *gatebal* permite-nos falar em prática não segregacionista, pois, conforme já vimos, as características da fronteira mencionadas anteriormente permitem, no espaço da inexistência ou carência de alternativas, a improvisação do possível, tendo em vista a fluidez das relações sociais. Perguntados, sobre qual é o sentimento ao jogarem juntos homens e mulheres, vejamos a resposta.

O problema é o seguinte, neste jogo existe o masculino e o feminino, mas como aqui não tem conjunto, a gente não tem um time de 10 pessoas, porque um time completo é de 10 pessoas, então para oficializar um jogo e ir jogar em qualquer outro lugar, precisamos se juntar, pois no mínimo você precisa ter 15 pessoas, para sobrar alguns reservas... Então assim, a gente vai se familiarizando com o pessoal aqui (Inf. 1, 2010).

De fato, o *gatebal* recebe o rótulo de “*esporte para mais idoso*”, como ouvimos de um dos sujeitos da pesquisa, por se tratar de um jogo cuja

execução não exige muito esforço físico por parte de quem o pratica. E a sua configuração de jogo, do ponto de vista pedagógico, reveste-o com um pouco das características do brincar e do lúdico. Logo, trata-se de um esporte que, por não requerer muito empenho físico, precisa de bastante raciocínio e estratégia e, realizando-se em equipe, tem na cooperação entre os sujeitos o ápice para a finalização de uma jogada.

A escola enquanto instituição assume a dupla função de socializar e educar para além da reprodução. É em seu interior que se questionam valores segregacionistas ainda marcantes no esporte como instituição “jurássica”, na qual práticas segregantes são permitidas e justificadas. Talvez tenha sido o espaço disponibilizado pela escola para se tratar o esporte como cultura de movimento que tornou possível o abandono da visão maniqueísta dos valores que tornam o esporte uma instituição dependente de uma direção segregacionista.

Sobre esse aspecto, parece-nos relevante a consideração na qual

A função educativa ultrapassa, vai mais além da reprodução, pelo menos teoricamente. A mesma tensão dialética que aparece em qualquer formação social, entre tendências conservadoras que se propõem garantir a sobrevivência mediante a reprodução do status quo e das aquisições históricas já consolidadas [socialização] e as correntes renovadoras que impulsionam a mudança, o progresso e a transformação, como condição também de sobrevivência e enriquecimento da condição humana [humanização], acontece de forma específica e singular na escola. (GÓMEZ, 1998, p. 21).

Com o exposto, captamos alguns indicadores convergentes para o fato de a prática fornecer os elementos necessários à configuração de novas práticas sociais, quando o esporte, fazendo-se reconhecer, por exemplo, como o “esporte da escola”, passa por transformações para atender os interesses múltiplos e as subjetividades dos educandos.

É essa a realidade do gategal, cuja prática dá evidências do inconformismo diante de práticas segregacionistas, que tendem mais para impossibilitar a participação do que para a incluir o diferente propriamente dito.

Ainda que alguns arautos defensores das tecnologias informacionais difundam o papel cada vez menor da escola na sociedade “tecnologizada” e informativa, parece que essa organização educativa vai se afirmando, entre outras possibilidades que a contemporaneidade nos apresenta, como instituição capaz de assumir configurações e de propiciar uma reflexão dessacralizada do esporte acerca do seu papel.

Ao se perguntar a quem cabe a reconstrução do conhecimento e da experiência cotidiana sob um olhar secularizado ou laico, Grunennvaldt (2010) é taxativo ao apontar as possibilidades propositivas das instituições

formadoras sobre as condutas dos sujeitos. Com efeito, destaca que a formação profissional dos docentes numa perspectiva democrática e dialógica deve provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, atitudes e formas de conduta assimiladas pelos alunos, de modo direto e acrítico, nas práticas sociais de sua vida anterior e paralela à entrada em todos os níveis escolares.

A tematização de situações concretas somente é possível em espaços nos quais o movimento se dá com o uso da lógica dialética, que permite o pensar e o (re)posicionar a realidade social. A ênfase nos saberes dos educandos tem sido parte da tônica da problemática posta por Paulo Freire.

O educador ressalta que pensar certo implica, para os professores e a escola, dois deveres: respeitar os saberes que os alunos, principalmente os das classes populares, carregam consigo ao entrarem na instituição de ensino - saberes socialmente construídos em sua prática comunitária -, e proporcionar a discussão e o possível reposicionamento da escola em face do novo, do diferente, haja vista já se encontrarem fixados os conteúdos a serem trabalhados com esse público (GRUNENVALDT, 2010).

Um dos sujeitos informantes do Clube Nipon de Gatebal de Sinop-MT demonstra que, na esfera do lazer, a lógica repressora e condicionadora das satisfações emocionais pode fugir aos rigores a que são impostos os seus membros na sociedade industrial contemporânea, na qual predominam as atividades e experiências dirigidas para objetivos pessoais, podendo ser subsumidas a partir da pactuação de interesses e valores capazes de legitimar o campo de jogo de *gatebal* como um lugar de encontro com o outro e proporcionar momentos de sociabilidade.

Trata-se, pois, da incorporação de uma lógica racional, movida pelas condições locais e emocionais dos participantes, ou, como diria Chomsky (1987), citado por Santos (2007), um espaço de criação de um novo senso comum - "senso comum cartesiano"-, aqui caracterizado pelo uso do conhecimento tácito para problemas localizados e subjetivos.

Talvez haja ali um indício de que as pessoas comuns desenvolvem, em suas conversas e discussões, saberes tácitos, que emergem de suas limitações existenciais verificadas pela memória sobre o tempo, a atividade e a história e "[...] aplicam a sua inteligência e as suas capacidades nesta área específica." (CHOMSKY, 1987 *apud* SANTOS, 2008, p. 371).

É igualmente possível que o sujeito informante refira-se particularmente ao *gatebal*, em especial quando parafraseia e, ao mesmo tempo, contesta Chomsky (1987 *apud* SANTOS, 2008, p. 371) ao afirmar "[...] que essa destreza intelectual e essa capacidade de compreensão podiam ser usadas em áreas realmente importantes para a vida humana em sociedade." Em face dessas reflexões, fica uma dúvida: o que é realmente importante na vida dos velhos que jogam *gatebol* no Clube Nipon de Sinop? O que não é importante para Chomsky talvez seja muito importante para o jogador de *gatebal* ...

Quando, em uma pesquisa, se faz referência a sujeitos com limitações

físicas, dificuldades de locomoção e idade avançada, talvez seja essa uma oportunidade de se refletir sobre a racionalização e a padronização de condutas tão frequentemente cobradas pela epistemologia universal e que advém da “[...] racionalidade moderna. Este padrão regulador, sobretudo depois de Descartes, condena as emoções e as paixões por constituírem obstáculos ao progresso do conhecimento e da verdade.” (SANTOS, 2007, p. 366).

Kunz chama-nos a atenção para três aspectos cujos conceitos já foram discutidos na filosofia e na psicologia, mas não em termos do seu potencial para a realização de necessidades e envolvimento de sujeitos com o esporte enquanto meio propulsor do estabelecimento de uma relação movida pelo paradigma da emancipação. Trata-se da percepção, da sensibilidade e a da intuição, que impulsionam a manifestação de movimentos corporais espontâneos e intuitivos de um corpo vivo, que se sente “[...] constituído pela vivência e experiência de ações não apenas padronizadas e para serem copiadas [...]” (KUNZ, 2001, p. XI).

Ao se referir ao encontro com o companheiro ou ao motivo da falta deste, o amigo externou sua preocupação falta de alguém:

A pessoa chegando aqui se encontra com os companheiros e já acostumou quando uma pessoa falta, por exemplo - a primeira coisa que se pensa é -: Porque será que o companheiro não veio? [Quando não vem] Faz falta, é uma amizade, se cria aquela amizade profunda e sente-se preocupação. (Inf. 7, 2010).

Relativamente à questão das emoções no envolvimento com os outros para jogar *gatebal* como prática lazer, podem-se verificar afinidades com a teoria sobre o lazer de Elias e Dunning (1992), para quem as atividades inscritas nesse âmbito podem preencher, simultaneamente, as funções da sociabilidade, mobilidade e imaginação, ainda que, em determinadas situações e envolvimento geradoras de emoções agradáveis, uma possa estar em maior evidência que as outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserimos este trabalho investigativo no empreendimento que se desenhou com a pesquisa mais ampla sobre *O esporte e o lazer no município de Sinop-MT: um estudo de suas manifestações na cidade e no campo*, realizada por Grunennvaldt e Coletto e constante desta coletânea. Lançamos um olhar verticalizado sobre o Clube Nipon de Sinop e a prática do *gatebal* em suas dependências, em relação ao que traçamos estes objetivos: 1) verificar como a sociabilidade de fronteira facilita a construção de obrigações horizontais e sobrepondo-as às verticais, uma vez que aquelas envolvem o

respeito à subjetividade e possuem natureza participativa e comprometida com os princípios da comunidade; 2) examinar em que medida o *gatebal* pode contribuir para o fortalecimento da sociabilidade e para a mobilidade dos sujeitos, tidos como elementos que qualificam o lazer; 3) compreender o *gatebal* como um jogo ativo que propicia aos sujeitos de terceira idade situações agradáveis, concorrendo para a melhoria das relações interpessoais e da saúde física e mental; 4) reconhecer na experiência do *gatebal* da Associação Nipo-Brasileira de Sinop-MT uma iniciativa de jogo-esporte na qual se supera o entendimento corrente do esporte como segregação de gênero na prática, o que não mais ocorre em uma sociedade inclusiva.

No espaço de lazer de Sinop, município configurado como lugar de fronteira, também se podem verificar alguns descompassos, que, sob a forma de advertência, já se tornaram públicos para o contexto de centros urbanos maiores por meio da pesquisa de Marcellino (1983). Sinop é uma cidade recente, que cresce rápido, o que, porém, é frequentemente desacompanhado do desenvolvimento. O aumento exagerado da população local, ocorrido na última década, tem sido um dos maiores empecilhos ao estabelecimento poder público para o equilíbrio entre o crescimento econômico e o desenvolvimento “com liberdade”.

Com efeito, o impacto que a “migração de retorno” desencadeou na cena urbana, tendo em vista a atração que a cidade polo da região - Sinop - causou e tem despertado sobre a população das cidades menores do Norte de Mato Grosso, não foi acompanhada pela construção de habitações e serviços urbanos, incluindo-se os espaços e equipamentos de lazer.

Os sujeitos pesquisados, em suas respostas, atribuem ao *gatebal* diversas representações, dentre as quais podemos destacar: 1) a função social do *gatebal* e sua característica cultural; 2) a relação idade-tempo; 3) a prática do esporte na velhice é saúde; 4) o sentimento de igualdade entre homens e mulheres jogando no mesmo time.

O *gatebal* pode representar um antídoto à homogeneidade cultural que marca também as cidades de fronteira, pois as tradições culturais impregnam-se nos emigrantes como se fossem, de fato, uma “segunda natureza”, ou seja, um dado quase imutável. E isso ocorre mesmo quando se verifica que, ao viver nessas áreas, o sujeito está submetido a uma situação de maior permeabilidade.

Assim, no tocante à democratização do espaço, a configuração do *gatebal* manifesta duas contradições: uma diz respeito ao fato de que, apesar de congrega homens e mulheres em torno de uma atividade esportiva não convencional, os sujeitos envolvidos são de origem preponderantemente japonesa, caso em que o fator endógeno poderia prevalecer quando da arrematamento de interessados para ingresso no clube, mesmo essa cláusula não constando da legislação interna da agremiação.

A outra contradição repousa no fato de a abertura de um clube ao público

para a prática do *gatebal* representar uma iniciativa capaz de modificar a paisagem esportiva urbana e, ao mesmo tempo, significar um elemento que se contrapõe à homogeneidade cultural bastante presente na vida dos habitantes das cidades, inclusive nas estabelecidas em região de fronteira.

A partir dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa acerca do seu envolvimento com a prática cultural do *gatebal*, encontramos evidências de que esse esporte contribui para o desenvolvimento no indivíduo de atitudes críticas e criativas em âmbito pessoal e social.

Na esfera pessoal, o *gatebal* constitui-se num antídoto para o sedentarismo e as doenças que podem acometer o indivíduo ao longo do processo de envelhecimento devido ao declínio da mobilidade, uma característica da involução biológica pela qual todo ser humano passa. Por isso, a movimentação propiciada pelo jogo foi um dos pontos mais enfatizados pelos sujeitos pesquisados. Essa prática de lazer também se apresenta como uma atitude de não conformismo do velho, como se percebe nesta fala: “[...] se sentir saudável e bem fisicamente. Antes eu me sentia fraco, porque em casa só ficava sentado assistindo [...]” (Inf. 7, 2010).

O prazer propiciado pelo ganho na qualidade de vida em decorrência da melhoria no desempenho físico não está dissociado da possibilidade de se estabelecerem no jogo relações de sociabilidade entre os pares:

[...] agora aqui você conversa com o povo, anda de lá para cá [...] Quando entrei aqui, quase não parava em pé, mas hoje já estou firme, pois caminho umas 2 horas indo de lá e pra cá. Eu acho que tem um sentido grande de exercício, de estímulo de movimentação, que faz o jogo ser saudável. (Inf. 7, 2010).

Em face do exposto, pode-se notar que as experiências de sujeitos que, movidos por necessidades pessoais e sociais, portanto humanas, vão em busca de atividades de lazer, elementos da sociabilidade, mobilidade e imaginação, tais vivências certamente contribuíram ou serviram como um meio de amenizar os controles que reprimem as inclinações afetivas das pessoas no âmbito do tempo do não lazer.

A pesquisa aponta-nos que o envolvimento desinteressado, mas afetuoso, dos sujeitos com o *gatebal* em um lugar de fronteira, no caso Sinop, entra em choque com a visão reducionista sobre as práticas corporais e de lazer que caracterizam a modernidade, haja vista a sua capacidade de racionalização, e movem grande parte das análises acerca do envolvimento das pessoas com o esporte.

Kunz (2001, p. XII) denomina esse entendimento de paradigma racional-quantitativo do esporte, de forma que, na ânsia de auxiliar o sujeito na busca por melhores resultados, ele pode não perceber que a melhor qualidade de

realização esportiva e de vida pode estar no diálogo travado consigo mesmo sobre suas “qualidades perceptivas e perceptíveis”. É como se todos os gestos e envolvimento pessoais fossem altamente racionalizados e pensados para fazerem sentido ao olhar do especialista externo.

Nesse sentido, os dados fornecidos pelos pesquisados corroboram a teoria de Dunning quanto aos três aspectos inter-relacionados que concorrem para o envolvimento das pessoas no desporto: 1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de produção de uma excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação coletiva; 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de produção de sentidos na vida das pessoas.

Pensar em consonância com essa proposta de Dunning é admitir a existência de várias possibilidades de sentidos que o sujeito, em suas experiências e singularidades, é capaz de atribuir ao seu envolvimento no desporto, levando-se em conta as necessidades pessoais, do plano do indivíduo, e as necessidades sociais, que emergem de sua relação com o grupo no qual se insere.

O cenário do esporte traz em sua configuração as marcas daquele primeiro movimento direcionado para o transporte de suas manifestações do espaço aberto para o espaço fechado e coberto, isolando-as do contato direto com os fenômenos da natureza (chuva, sol, neve, gelo e frio). Contudo, na atualidade, busca-se trazê-lo de volta para o contato “com o espaço aberto, para o ar livre, para o exterior, para a natureza” (BENTO, 1992, p. 116).

No *gatebal*, procura-se manter sua característica de jogo de espaço aberto, de contato com os fenômenos da natureza, e isso talvez contribua para que seus praticantes desenvolvam um elevado grau de tolerância e paciência, posto à prova em diversos momentos, como, por exemplo, quando precisam aguardar por um tempo relativamente longo até a chuva passar e, então, (re) iniciar a partida.

Imagem 3 – Espaço de realização do jogo de *gatebal*



Fonte: produção dos autores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENTO, J. Acerca da necessidade de revitalizar o lema do “desporto para todos”. A cidade esportiva. In: BENTO, J.; MARQUES, A. (Ed.). **A ciência do desporto - a cultura do homem**. Porto: Universidade do Porto, 1992.
- ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: ELIAS, N.; DUNING, E.(Org.): **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, N.; DUNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.
- GIASSON, A. R.; COLETTI, E. R. GRUNENVALDT, J. T. **Vou levando a vida, dançando e vivendo com os outros: um estudo sobre os enfrentamentos das rotinas habituais**. Cuiabá: UFMT, 2010. Relatório final de pesquisa de iniciação científica - CAP: 322/2009.

GÓMEZ, P. A. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GÓMEZ, P. A.; SACRISTAN, J. G. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GRUNENVALDT, J. T. **As práticas educativas na configuração da educação superior popular**. Aracaju: UFS, 2010. Palestra apresentada na Mesa Redonda “Educação, Sociedade e Práticas educativas” por ocasião do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade.

LOVISOLO, H. Mulheres e esporte: processo civilizador ou (des)civilizador. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR: CIVILIZAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, XII, 2009, Recife. **Anais XII Simpósio Internacional Processos Civilizador**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco-UFPE, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer: uma introdução**. 4. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: **PARA UM NOVO SENSO COMUM** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

O FUTEBOL EM SINOP-MT E AS REPRESENTAÇÕES DOS PRATICANTES: DIVERSÃO E DESCONTRAÇÃO

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

Mauver Antonio Sartori

Irene Carrillo Romero Beber

Romário Sidrone de Souza

José Tarcísio Grunennvaldt

O FUTEBOL E A PRÁTICA ESPORTIVA NO MUNICÍPIO DE SINOP

O futebol é uma das práticas esportivas investigada na primeira etapa do projeto maior “O esporte e lazer no município de Sinop-MT: um estudo de suas manifestações na cidade e no campo”, que resultou nesta obra homônima. Neste trabalho de pesquisa que deu origem a este texto, a temática foi ampliada através da entrevista realizada com dois grupos de praticantes de futebol, tendo sido utilizado como procedimento de coleta de dados o grupo focal, de cujos membros provieram às respostas aos questionamentos sobre as características da equipe à qual pertencem e o modo de seus integrantes manifestarem-se diante do fenômeno esportivo.

Conforme nos foi passado, o primeiro grupo, composto majoritariamente por homens de meia idade, foi formado há mais de sete anos, sendo que, no início, tudo era uma questão de afinidade religiosa, pois eram membros de duas igrejas. Com o passar do tempo, o grupo foi se alterando, como verificamos a seguir:

Começamos com nós e os amigos, depois cada amigo foi convidando outro, hoje já não tem a característica de igreja. Nós hoje estamos assim, eu nem sei dizer para você, que são as pessoas que pertencem, se são católicos, ou evangélicos, virou grupo, assim sem ter questão de igreja, virou uma coisa de amigos mesmo, sem se importar, sem interesse de qual igreja é. (Inf.1 -1)¹.

O segundo grupo teve sua formação motivada pela participação num torneio entre os alunos de uma turma de segundo ano do Ensino Médio. Não havia pretensões de alcançarem um desempenho esportivo espetacular, o que pode ser captado nesta fala:

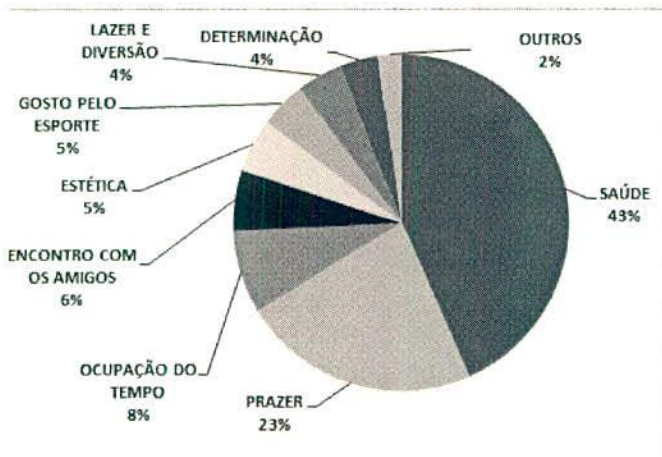
1 No texto, a abreviatura “Inf. 1-1” designa o Informante 1 do grupo 1 dos sujeitos entrevistados, e assim sucessivamente.

Ninguém jogava nada, só queríamos reunir um “pessoal” de sete jogadores... sentamos lá, não estamos fazendo nada, vamos fazer um time... começou assim, precisávamos de um nome para o time, a gente fez uma homenagem aos campeonatos entre as serrarias, organizados pelos madeireiros, aí montamos o Serraria... a gente não jogava bola, ninguém jogava bola no final de semana... quem fazia esporte, fazia na escola... voleibol, ou o pessoal que fazia academia, ou alguma coisa assim, mas ninguém brincava final de semana, jogar pelada. (Inf. 1- 2)².

Depois do referido torneio, o grupo começou a se reunir nos finais de semana e passou a receber outros agregados. O envolvimento dos participantes é variável, como exposto nesta declaração: “[...] tem época que o grupo se separa, tem época que está todo mundo junto de novo, assim quando dá certo.” (Inf. 1-2). Essa flexibilidade na participação é uma constante entre seus integrantes, em que cada um faz as suas próprias obrigações, sendo a necessidade dessa convivência o fator determinante da realização dos encontros semanal.

A partir das respostas dadas pelos informantes ao questionário aplicado na primeira etapa do projeto, temos que a motivação para a prática de esportes no município de Sinop é predominantemente a saúde. Em seguida, vem o prazer, aspecto destacado pelos dois grupos entrevistados. Porém, outros elementos podem ser associados a essa perspectiva dos grupos, a saber: a ocupação do tempo, o gosto pelo esporte, o encontro com os amigos, o lazer e a diversão. Vejamos a representação desses dados neste gráfico:

Gráfico 1 – Os motivos dos sujeitos para a realização de determinada(s) prática(s) esportiva(s) no tempo livre



Fonte: produção dos autores.

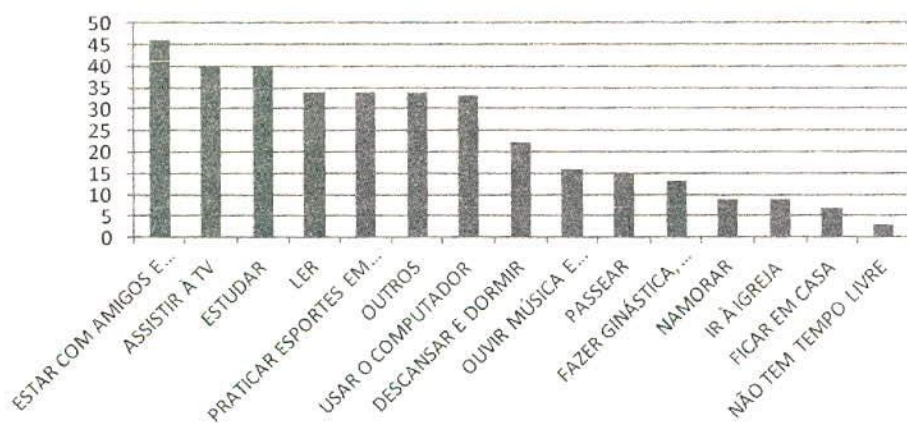
² No texto, a abreviatura "Inf. 1-2" designa o Informante 1 do grupo 2 dos sujeitos entrevistados, e assim sucessivamente.

Leveza e descontração são as características que se procuram encontrar nas atividades a serem realizadas no tempo livre. Nesse sentido, as práticas esportivas ocupam outro espaço, com novas convenções. Almeida e Gutierrez (2008, p. 1) sinalizam que o esporte, atualmente, pode agregar valores próprios do lazer:

Realizar atividades físicas sem pretensão de superar índices individuais para apenas sentir-se integrado ao meio ambiente; ser atraído para a prática de um esporte despojado de comparações atléticas; sentir-se satisfeito pela convivência com as pessoas; perceber a facilidade de acesso à prática das atividades físicas e esportivas oferecidas por uma estrutura de funcionamento organizada com segurança para a integridade pessoal de todos; tornar possível a realização do convívio social e seu aproveitamento, decorrente do esporte; favorecer uma prática esportiva que elimine diferenças no sentido de democratizar o bem estar: esses são alguns dos preceitos que nascem da prática do esporte hoje.

A convivência com pessoas, o estar com outros, cria expectativas que estão associadas ao tempo livre para a maioria dos moradores do município de Sinop, conforme indicado no gráfico a seguir, apesar de grande parte das atividades apresentadas serem geralmente desenvolvidas quando se está só. São exemplos: assistir TV, estudar, ler, usar o computador, descansar e dormir.

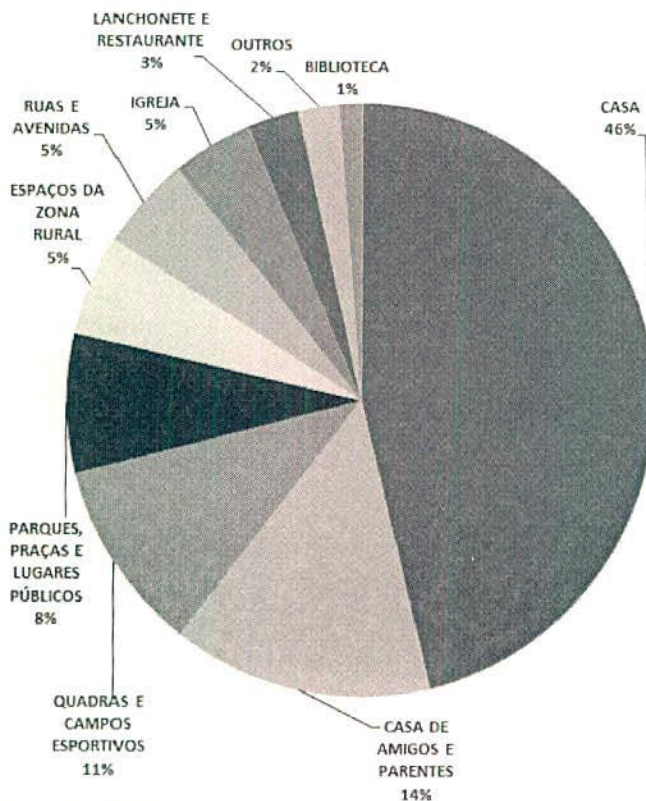
Gráfico 2 – Formas de ocupação do tempo livre pelos sujeitos



Fonte: produção dos autores.

Outra dimensão do tempo livre são as atividades realizadas em contato com a natureza, ou espaços abertos, como os passeios, a ginástica e a caminhada. Sinop oferece algumas alternativas com essa orientação, como é o caso das academias ao ar livre e pistas de caminhada nas praças públicas, bem como os parques, as chácaras e os sítios localizados nas redondezas urbanas e utilizados nos finais de semana como áreas de lazer. Essas constatações ficam mais explícitas ao serem representados sob o formato de um gráfico:

Gráfico 3 – Lugares de vivência do tempo livre pelos sujeitos



Fonte: produção dos autores.

A casa da própria pessoa ou de amigos e parentes é o lugar mais evidenciado, pois garante a privacidade das relações. Por outro lado, temos as quadras, os campos esportivos, os parques e as praças, lugares públicos utilizados no usufruto do tempo livre, acrescentando-lhes os espaços rurais, as ruas, as avenidas, a igreja, todos integrados aos hábitos de convivência e interação das pessoas, mas em relações mais espontâneas, muitas vezes buscando-se apenas a quebra da rotina ou “nada de mais”, o fazer por fazer.

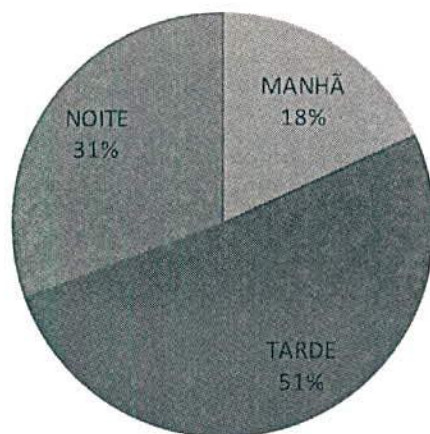
as desobrigações, o andar, expresso no popular “andar à toa”, o conversar, “conversar à toa”. E esses espaços mais abertos abrem-se a tais possibilidades.

As práticas esportivas são uma das principais opções para preencher o tempo livre. Nesse contexto, as atividades desenvolvidas ao ar livre são as que proporcionam aos seus praticantes à quebra da rotina habitual a ambientação estimuladora dos sentidos, bem como a “erupção” de inúmeras outras sensações incomuns.

O horário escolhido com maior ênfase pelos sujeitos para a prática das atividades é o período da tarde, devido às condições climáticas da região. O período noturno veio na segunda colocação dessa escolha.

A preferência pelo período da manhã para a prática de um esporte manifestou-se em menor proporção, indicando que sua realização deve estar associada à rotina da pessoa. Nesse sentido, o clima da região também interfere nessa decisão, pois, em razão da intensa incidência do sol, o bom aproveitamento ocorre nas primeiras horas da manhã, tornando-se inviável depois desse tempo. Nos outros períodos, conforme acabamos de expor, ocorre o contrário.

Gráfico 4 – Horários de realização da prática esportiva pelos sujeitos



Fonte: produção dos autores.

A PERCEPÇÃO DOS PRATICANTES DE FUTEBOL

A intenção dos grupos entrevistados com a prática esportiva do futebol inicialmente desinteressada, pois o que buscam, em suas próprias palavras, é apenas “conviver com as pessoas”. Desse modo, valorizam-se as atitudes que colaboram para o sucesso desse encontro.

Os grupos possuem características próprias, e as relações estabelecem-se com a cooperação entre os integrantes, o que pode se dar com vistas à superação de diferenças. Por isso, a heterogeneidade é uma característica sempre presente nos dois grupos, todavia há união, fruto dos laços de amizades fundados na interação entre os praticantes, seja nas atividades realizadas dentro de campo, seja naquelas desempenhadas fora de campo, mas associadas ao futebol:

Praticamente todos se conhecem hoje. Então, todos sabem os defeitos de um e de outro [...] eles se unem pra suprir as necessidades de um e de outro e acaba ganhando o jogo! Às vezes, até perde, mas, acaba superando. É legal isso! Dá essa ideia bem coesa de time mesmo. (Inf. 1-1).

O que une a gente é o futebol. O motivo pelo qual a gente se encontra, em si, é o futebol. (Inf. 2-1).

Eu vejo assim também como um grupo de amizade que a gente busca aqui. É tanto assim, que o dia que não tem, tem vez que eu venho aqui que a turma não vem, não dá jogo; fica, assim, faltando alguma coisa. (Inf. 3-1).

Todo e qualquer amigo [...] Sabendo jogar ou não [...] O importante é que entre ali, faça alguma coisa. (Inf. 3-2).

As limitações de cada um são evidenciadas na prática, a tolerância exercitada no grupo medeia à incompletude dos sujeitos, que, com sua participação, podem dar a sua parcela de contribuição. As características dessa situação de jogo diferem da desenhada no esporte convencional, em que os aspectos físicos do desempenho estão presentes, mas são complementares aos aspectos sociais, que são os predominantes nas circunstâncias do nosso foco de análise neste texto. Para os jogadores de futebol de Sinop-MT, o que importa é o jogo acontecer e desencadear sensações agradáveis em cada participante, ficando o enredo estabelecido restrito às linhas limítrofes do campo de futebol.

A situação delimitada pelas partidas de futebol tem o seu tempo e o seu lugar de ocorrência delimitados pelos participantes, sendo os acontecimentos guiados pelos sentimentos e emoções despertadas no momento, sem que haja razão para serem transferidas para outros contextos:

Quando acontece discussão [...] às vezes acontecem discussões fervorosas, acabou o jogo, acabou! [...] Pode ser de xingar, do jeito que for. E já aconteceu algumas vezes, acabou aquilo, é como se nada tivesse acontecido, beleza! E aí, se for o caso, no outro dia, já

está lá almoçando na casa [...] pra quem já é mais íntimo, no outro dia já está almoçando na casa do outro, normal. E realmente o que acontece, a gente sabe [...] consegue diferenciar que é do jogo, que às vezes, também, em alguns momentos acontecem essas discussões nesse sentido, mas todo mundo tem bem claro que é do jogo, não é nada pessoal, que não é nada, especificadamente, para pessoa. (Inf. 2-1).

Às vezes, pode acontecer alguma intriga no meio do jogo, mas, no final, a gente sempre acaba rindo daquilo. Então, é um meio de se divertir. (Inf. 1-2).

Assim, pega, briga com alguém no meio do jogo, no final está se cumprimentando, é normal! Acontece. (Inf. 3-2).

A participação aberta não implica que o jogo seja desprovido de regras; pelo contrário, a formação dos grupos é regida por regras formais e informais. As primeiras o compromisso de colaborar com os fundos do grupo para que o jogo possa acontecer. Seria, no caso, o suprimento dos custos com o aluguel do campo. As segundas estão agregadas à organização das rotinas dos participantes, cuidando-se para que estas não causem interferências ou transtornos pela ausência de algum jogador nas partidas programadas. Nesse sentido, a brincadeira deve ser séria, firmada por um acordo firmado em torno de um fato comum: o desejo de jogar.

É porque, assim, já teve muitas vezes que a gente veio jogar, aí não tinha jogador. Teve muita época, assim, que, chegava aqui, aí tinha gente que tinha ido viajar; então ficava chato. Porque a gente vinha pra poder ter uma tarde, assim, pra esquecer da faculdade, da escola, do trabalho... aquela coisa, para poder relaxar um pouco. Porque é um relaxamento mesmo. A pessoa vem encontrar no jogo é um modo de vida. (Inf. 1-2).

É o companheirismo, ser colega um do outro, cooperar com o pagamento da mensalidade, é muito interessante [...] Porque, quem coopera, que nem esses que estão aqui já faz anos, não é obrigado a pagar pelo outro, que não veio lá, e joga, joga e não quer pagar. Não é justo uma coisa dessa. (Inf. 3-1).

Então, para participar aqui, tem que só querer. Se a pessoa quer participar ela vem e participa. Nós não temos nenhuma restrição contra nada. [...] alguém] já falou - eu gosto de vir aqui porque aqui ninguém me chama de ruim - e ele é nem é tão bom, assim, mas ele vem, é esforçado, tem boa vontade, e brinca! (Inf. 1-1).

Um aspecto a ser considerado nesse contexto são os espaços para essas vivências. Sinop é uma cidade que não disponibiliza espaços públicos em quantidade suficiente para a democratização dessas práticas. No caso específico da prática desportiva do futebol aqui enfocada, as partidas só acontecem porque a locação dos espaços privados fica a cargo das equipes participantes.

O espaço é um elemento fundamental para a vivência do lazer e deveria ser observada pela política urbanística das cidades, como assevera Matos (2001), que destaca a necessidade de políticas integrando as diversas áreas para tornarem possível a estruturação desses espaços destinados a um viver mais humano.

JOGAR FUTEBOL: COMPROMISSO COM A BRINCADEIRA E A DIVERSÃO

Nas perspectivas dos grupos entrevistados, a seriedade e ludicidade podem se imbricar ou, mesmo, se complementar, dependendo da situação. Não é o campo de futebol que torna a atividade séria ou lúdica. O que ali ocorre é o distanciamento das obrigações diárias, viabilizando experiências diferentes das usuais. Os momentos de ludicidade não são necessariamente definidos pelo tempo e pelo lugar, e, do mesmo modo, a percepção de cada indivíduo é diferenciada

É diversão! Para mim é entretenimento, é poder passar o tempo. Porque são 2 horas, por exemplo: eu estou aqui e já passaram 26 minutos, lá, é 26 minutos que passam muito mais rápido do que fazendo outras atividades. Então é um tempo que passa muito rápido porque eu estou fazendo algo que eu gosto, o futebol é isso! (Inf. 2-1).

Eu procuro, assim, procurar levar, pelo lado de sempre sair para se divertir, não para ganhar. Eu acho que consegue, assim, independente de estar perdendo ou estar ganhando, consegue estar rindo e aí um erra, dá risada, aí tu vai lá e erra também, todo mundo ri. (Inf. 3-2).

A brincadeira como elemento distintivo do jogo, deslocando a atenção dos sujeitos para um lugar que não é comum no esporte convencional. De acordo com Almeida e Gutierrez (2008), o “[...] esporte de lazer busca a alegria, o divertimento, o prazer e a sociabilidade. Conceitos típicos do lazer que são incorporados no esporte.” Nesse sentido, a brincadeira é valorizada, pois possibilita a mobilidade nas relações construídas nessa ambiência.

Os encontros provocam novas interações. Trata-se de uma comunidade aberta, na qual as diferenças externas são sublimadas pelas afinidades da

prática esportiva e novos praticantes são integrados, podendo o grupo ser ampliado: “Então cada um é de curso diferente do outro. Então, a gente vai trazendo pessoas que sabemos que joga bola, e acaba convivendo [...] acaba se conhecendo.” (Inf. 1-2).

A história do grupo também pode ser alterada dependendo das circunstâncias estabelecidas pela comunidade: “Teve vários momentos. Teve os primeiros momentos, que eram jogos entre as duas igrejas se misturavam, cada um tinha um compromisso de trazer um número de pessoas e depois os amigos foram chegando, ai vai.” (Inf. 1-1).

As necessidades dos esportistas atendidas pela prática de um esporte passam por uma disposição atual da sociedade urbana: a busca de elementos que lhe garanta uma vida mais saudável. Ressaltemos que, como essa procura pode ser hierarquizada pelos sujeitos, a prioridade é a ludicidade, a descontração, a brincadeira. A saúde vem como consequência de tudo isso.

Destaquemos também a expectativa de que a prática esportiva seja uma forma de se ter assegurada uma vida mais saudável. Para o grupo de sujeitos com mais idade, a atividade física é o que se procura, a ela estando atrelado o condicionamento físico:

É, para mim já é diversão, mas também vale mais para minha saúde. É como um alimento para meu corpo, porque eu estou precisando disso. Você está jogando bola e você não vê o tempo passar, na segunda-feira você está “tranquilão” para trabalhar. Quando você passa um tempo sem jogar bola, quando você joga, você se arrebenta. Então, pra mim, é mais pela saúde, mesmo. (Inf. 4-1).

Pra mim é um esporte que a gente leva mais como uma brincadeira hoje. Pela minha idade, já é mais brincadeira mesmo. Para tentar manter, um certo condicionamento físico, mas isso é difícil. (Inf. 1-1).

Pra mim, no caso, futebol além de tentar melhorar minha saúde, porque eu estou um pouquinho acima do peso [...] É também, é principalmente a alegria de estar convivendo com outras pessoas, não é mesmo? É bem melhor do que ficar lá em casa sozinho escutando música ou pensando besteira. Nesse momento, a gente sai um pouco do mundo do trabalho, do mundo do *stress*, e foca mais aqui na harmonia. (Inf. 5-1).

Já para o grupo de integrantes jovens, trata-se de uma atividade de compensação das tarefas cotidianas, através da qual a descontração “tira” o stress do dia a dia:

Atividade de lazer. Estar com seus amigos, assim, é um momento de descontração. Uma coisa boa. (Inf. 2-2).

É aquela coisa de você estar a semana inteira na faculdade, estar a semana inteira pensando em estudar, então chega o final de semana: jogar bola, vou descontrair, me divertir, estar com meus amigos. (Inf. 3-2).

Eu recomendo. “Ministério da Saúde adverte: jogar bola faz bem para saúde.” (Inf. 1-2).

As pessoas têm que atender diversos interesses e obrigações, sendo o uso do tempo o recurso utilizado na definição das atividades de lazer. No caso dos entrevistados mais jovens, o não cumprimento das programações estabelecidas pode ser considerado uma transgressão “saudável”. Assim, a importância do esporte para a ocupação do tempo com a finalidade única de proporcionar prazer e sociabilidade aos sujeitos.

Imagem 1 – Espaço da prática desportiva do futebol de um dos grupos focais entrevistados



Fonte: produção dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foram verificadas e analisadas as representações dos praticantes de futebol sobre o seu envolvimento com esse esporte, no qual estabelecem relações de interdependência com outros sujeitos.

Com efeito, procurou-se evitar a abordagem das motivações para a participação e para a prática do futebol a partir de conceitos e teorias que delineiam uma realidade antes de auscultar o que revelam as várias realidades.

Talvez se possa, aqui, recorrer às ideias de Dunning e Elias (1992), sugerem ser possível uma análise do envolvimento dos sujeitos com o futebol levando-se em conta a estrutura imanente e dinâmica da relação social *per se*.

Desse modo, evitam-se três tipos de explicações sociológicas já vulgares: 1) a explicação calcada em princípios psicológicos ou de ação, não se considerando os padrões de interdependência estabelecidos entre os seres humanos; 2) a explicação baseada em crenças que, do ponto de vista conceptual, recebem o tratamento como se não fossem inseridas, ou, até mesmo, fossem separadas dos quadros sociais nos quais as ideias se desenvolveram; 3) a explicação apoiada nas forças sociais abstratas e impessoais, como, por exemplo, a econômica por serem reificadas e concebidas como se existissem independentemente dos seres humanos, que lhes dão origem (GRUNENVALDT; NUNES, 2009).

Finalizando, pode-se sustentar que o futebol transfigurou-se, passando de uma instituição que, ainda no início do século XX, era pouco valorizada para uma instituição central de crescente valor. Uma instituição que, para grande parte da população, parece vir assumindo, cada vez mais, um significado religioso ou quase religioso. E isso quando não tornou-se uma das principais fontes de identificação (senão a maior delas!), de significado e de gratificação na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M.A.B.; GUTIERREZ, G.L. **A nova dimensão esportiva: uma leitura do esporte e do lazer**. Buenos Aires, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 09 jun 2010.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GRUNENVALDT, J.T.; NUNES, F.L.S. Algumas notas sobre o crescente significado social do desporto e uma agenda para o seu estudo. In: SEMINÁRIO EDUCAÇÃO “POLÍTICAS EDUCACIONAIS: CENÁRIO E PROJETOS SOCIAIS”, Cuiabá, 2009. **Anais do SEMINÁRIO EDUCAÇÃO “POLÍTICAS EDUCACIONAIS: CENÁRIO E PROJETOS SOCIAIS”**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2009. 1 CD-ROM.

MATOS, L.S. Belém: do direito ao lazer ao direito à cidade. In: MARCELLINO, N.C.. **Lazer e esporte: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001

A PESCARIA COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A NATUREZA NO MUNICÍPIO DE SINOP-MT

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt

José Tarcísio Grunennvaldt

Mauver Antonio Sartori

Wilson Kosloski Junior

INTRODUÇÃO

Pescaria

Um homem
que se preocupava demais
com coisas sem importância
acabou ficando com a cabeça cheia de minhocas.

Um amigo lhe deu então a idéia
de usar as minhocas
numa pescaria
para se distrair das preocupações.

O homem se distraiu tanto
pescando
que sua cabeça ficou leve
como um balão
e foi subindo pelo ar
até sumir nas nuvens.

Onde será que foi parar?

Não sei
nem quero me preocupar com isso.

Vou mais é pescar.

(PAES, 1991).

No panorama atual das mudanças quanto às formas de o homem relacionar-se com o meio em que vive, analisaremos, neste trabalho, prática da pescaria, em cujo âmbito as preocupações ambientais são ampliadas com vistas ao estabelecimento de outros espaços de (con)vivência e à consequente redefinição de valores e interesses.

No bojo dessas novas possibilidades, focalizaremos o lazer na prática esportiva da pesca e a variedade de sentidos que a atividade desperta nas pessoas que com ela se envolvem.

Refletindo sobre o assunto, Chao (2004) pondera que o lazer oferece condições e cria situações nas quais o indivíduo pode sentir prazer e satisfação e que esta ocorre quando ele não apenas tem por cumpridas algumas expectativas anteriores, realizando, assim, um desejo ou suprindo uma necessidade, mas também quando a pessoa vai além do que foi programado e vivencia algo inesperado, que sequer havia imaginado antes.

Estendendo as ideias do autor para o nosso foco de pesquisa, podemos dizer que o sucesso não é o único elemento desencadeador de prazer em uma pescaria; as incertezas, os desafios de vencer a imprevisibilidade das situações estão no páreo.

Este trabalho investigativo está ligado ao projeto de pesquisa cujo objetivo é levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo no município de Sinop-MT no tocante ao esporte e ao lazer, bem como captar as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Nesse contexto, a relação homem-natureza é evidenciada na pescaria, a prática mais significativa entre os habitantes da região. Na metodologia, cumprida em duas etapas, foram utilizados para a coleta dos dados o questionário e o mapeamento dos espaços físicos, na primeira fase, e a entrevista, através da técnica de grupo focal, na segunda.

A CIDADE, O RIO E OS ESPAÇOS DE INTERAÇÃO

Para os sujeitos investigados, a pescaria é um fenômeno que lhes possibilita intercambiar experiências sendo o contato com a natureza o espaço dessa interação. O encontro das pessoas da cidade e do campo no cenário natural desperta nelas sentimentos e sensações adormecidas ou latentes, com isso podendo estabelecer novas relações consigo mesmos, com o outro e com a natureza, produzir outros sentidos para a vida:

[eu] enquanto pescadora e meio-ambiente é ali que eu me sinto parte do meio-ambiente. Aqui na cidade eu não consigo. Parece que essa separação que o ser humano fez entre o ser humano e o meio-ambiente é... aqui pra mim, eu vivo isso. Lá não, lá eu não consigo me ver fora do meio-ambiente. Entendeu? Lá eu consigo me ver, assim, como parte desse meio. (Inf. 1)¹.

Digamos assim, o cara pescante e o meio ambiente deveria ser uma coisa só, o sujeito se integrar ao meio ambiente, esse deveria ser o preceito. Ainda hoje, muitos vão pra beira do rio e nem vê que

1 No texto, a abreviatura "Inf. 1" designa o "Informante 1" dentre os grupos de sujeitos entrevistados, e assim sucessivamente. Na entrevista foi abordada a rotina de cada um deles, envolvendo a pescaria, os interesses e as preocupações em relação ao meio ambiente, o lazer e a prática esportiva desenvolvida no ambiente natural.

tem uma árvore ou uma flor na frente dele, e não liga também que na frente dele tem água, atrás dele tem mato, e que dentro desse mato tem animais, tem plantas. Então, isso aí ainda acontece, e não deveria. deveria ser uma coisa só. A pessoa pescando deveria ser um a mais naquele todo meio ambiente, esse seria o ideal. Esse é o meu objetivo, eu vou pro rio pra me integrar ao meio ambiente e não pra ir para usar e só usar, botar o barco na água e sair andando, então eu tenho que ter respeito por aquilo, e saber que eu sou parte daquilo ali e não sou melhor do que nada ali, se não você vai entrar em conflito, de repente você vai se desgastar, não vai gostar de estar ali, porque se você vai só se preocupar com o meio ambiente, com os pernilongos, com outros bichos, ou com cobras, aí você deixa de se divertir, então é melhor você se integrar, é muito melhor, só daí você realmente usufrui daquilo ali. (Inf. 3).

Os limites da cidade são ampliados pela interação das pessoas com os diversos espaços. Em relação a esse aspecto, no contexto de Sinop, especificamente, o rural e o urbano imbricam-se de tal maneira, que não há destinação entre área de trabalho e área de lazer.

A ocupação das pessoas pode alterar de espaços, trabalhar na cidade e ter lazer no campo, como ocorre o inverso, a predominância da vivência num ambiente não a distancia necessariamente dos outros, mantem-se os vínculos com múltiplas vivências. Miranda et al. (2009) destaca a necessidade de as cidades oferecerem a sua população nos domínios urbanos, como também nos rurais, oportunidades de ambientes que promovam a liberdade, condição essencial para expressão do ser humano.

Com esse argumento, o acesso ao ambiente natural oferece alternativas de lazer que podem propiciar o equilíbrio e a qualidade de vida procurada pelas pessoas atualmente. Em Sinop, a alternância urbano-rural é uma destas experiências.

Se eu pudesse todo o dia iria, mas infelizmente a gente não consegue ir ao rio todos os dias, mas quando vai lá pega uma meia dúzia lá e já deu o suficiente e já vem embora, quando? Normalmente segunda feira, porque nos outros dias da semana tem muitos que estão procurando lazer e tem menos tempo que eu, então a gente deixa esse final de semana pra eles, então normalmente na segunda-feira. (Inf. 4).

Não tem dia, o dia que dá certo, dá vontade, isso na verdade dá vontade todo dia, então é sempre, uma ou duas vezes na semana a gente vai para a beira do rio. (Inf. 5).

Toda vez que tiver oportunidade, se junta 2, 3 amigos, como amanhã, por exemplo, a gente já deve tomar uma aí [...] a gente sai cedo já pra pescar um pouco. (Inf. 6).

As escolhas realizadas por esse grupo de aposentados, ao longo da vida, associaram-se a rotinas de trabalho e a maioria deles tinha escritório de contabilidade. Com a aposentaria, passaram a ter a oportunidade de escolher livremente os compromissos cotidianos, voltados apenas para a autorrealização. Para os grupos pesquisados, a preparação da pescaria e o ato de pescar propriamente dito tornaram-se a rotina de suas vidas.

Iwanowicz (2000) observa que, para o idoso, o afastamento da pessoa do trabalho produtivo pode permitir que ele se liberte de valores carregados de competição individual e que a nova etapa da vida, decorrente desse distanciamento, pode trazer-lhe uma compreensão sobre a sua presença no mundo.

Como podemos perceber, o envolvimento dos sujeitos investigados com o esporte, no caso, a pescaria, pode remetê-los a uma diversidade de experiências cujas expectativas estejam agregadas tanto a realizações futuras, a desejos a serem cumpridos, quanto, em algumas circunstâncias, a referências do passado, dos tempos de infância, quando o ato de pescar evoca momentos de nostalgia, resgata antigos aprendizados ou afirma traços da identidade dos sujeitos:

Bom, é... eu sempre pesquei desde criança, minha infância foi em zona rural e o papai pescava, então já é um hábito de família, depois, é [...] que foi pra universidade houve um certo distanciamento. Quando eu vim para o Mato Grosso, acho que essa abundância de rios e tudo mais, e voltou essa questão da pesca. A gente vai aprimorando, porque, quando criança, só a varinha de bambu; aí a gente vai aprimorando passa pra o molinete, passa pra carretilha e tal. Mas o motivo em si é o lazer mesmo. (Inf. 1).

É, porque eu sou mato-grossense, e a minha origem é baiana, né? E geralmente pra criança, o esporte que se praticava no rio era a natação. Então a gente ia pra beira do rio pra fazer piqueniques, e naquela época se usava bastante; o tomar banho de rio. Tanto que ainda há pessoas que cultivam isso na cidade de onde eu venho que é Poxoréu [...] Desde 2000 que eu estou residindo em Sinop e a partir de então a gente aprendeu a pescar. (Inf. 2).

Sempre gostei de pescaria, desde pequeno eu ia pescar com meu avô [...agora mora em Sinop] antes eu morava no Rio Grande do Sul lá em Crissiumal, vizinho de Três Passos, beira do rio Uruguai, eu sempre brinco, porque o rio Uruguai é parecido com

o Teles Pires, em tamanho, e existem pedras e corredeiras. Em 1977 eu lembro que saí de lá e já não tinha peixe mais, eu ia com meu avô e pegávamos mandizinho, bagrinho, trairinha e nada mais. (Inf. 3).

Lembro-me que na época de adolescente a gente andava 3, 4 km as vezes até 5 para compra 2 metros de linha e um anzolzinho para pesca numa sanga ou num corgo como a gente dizia lá na minha cidade, as vezes chegava lá arrebentava aquela linha, ficava sem pescar, então eu comecei já atingir o objetivo de conseguir alguma coisa, eu ficava vidrado quando eu via um motor e não podia ter um, até que Deus me iluminou e hoje eu tenho 2 motores hoje eu não uso 2 metros de linha sim, eu acho que tenho quase uns 20 mil metros de linha, porque eu sei qual foi a dificuldade, e quando eu vi o primeiro peixe [...] eu fiquei com a emoção da pescaria. (Inf. 4).

Eu aprendi também foi com os amigos mais também através do pai, meu pai sempre gostou de pescaria então através dele a gente sempre segue o mesmo caminho [...] Depois que eu vim embora para o Mato Grosso, aí arrumei um amigo um tal de Amélio um outro amigo por nome de Moscão, Piriquito e aí nos partimos para essa diversão também que é um lazer muito gostoso pra gente ter. (Inf. 5).

Me criei na beira do rio Uruguai, do Rio Grande, então com 5 anos eu já tive, já estava em cima do rio né, apesar do pai não ter sido um pescador eu sempre gostei de pescar na infância, algumas técnicas são diferentes de uma região para outra né, lá no Uruguai se pescava diferente, aqui também eu tive um amigos diferente chamados [...] foram dando as coordenadas aí fomos chegando lá né aí, graças a Deus sempre, dificilmente a gente perde viagem na beira do rio. (Inf. 6).

Atualmente, o esporte pode configurar-se como uma atividade cuja prática propicia momentos de interação do sujeito com o meio ambiente. Nesse sentido, Miranda *et al.* (2009) afirmam que esse contato com a natureza está ligado à busca do prazer, entrando em cena todos os esforços do indivíduo para o alcance de seus objetivos, a motivação para realizar seus desafios. Nessa textura, tem-se também o distanciamento das rotinas habituais e a procura de um momento de reconquista de valores, mas com outra orientação, que foge das obrigações e ritmos do dia a dia:

É uma sensação indescritível, né? Porque a gente vivencia aquele momento, é uma tranquilidade, é uma paz que não dá, assim, pra você estar... sei lá... falando. (Inf. 2).

Eu posso pescar a vida inteira e eu vou sentir aquela adrenalina, aquela, aquele gosto gostoso aquela vibração, porque você, esse é o grande forte da pesca esportiva você não sabe o que vai acontecer você busca aquilo mais você não sabe de repente aquilo te pega, no meio do caminho, se tá ali de repente num tá bom se tá pensando em outra coisa aquilo já te pega já te traz de volta a realidade ali de novo então o prazer, a pesca esportiva ela é essencialmente ela é prazer, prazer de pescar, prazer de você ver um peixe bonito, aí entra a questão do prazer de solta que é uma coisa assim que não tem dinheiro que pague você solta um peixe não tem olha preferência um grande que ali realmente você. (Inf. 3).

Dá uma alegria, você fica feliz em pegar o peixe, então você fica alegre, esquece de tudo. (Inf. 5).

É a mesma coisa que namorar, a emoção é a mesma [...] você se sente livre, você está na beira do rio pescando, você esquece do compromisso, muitas vezes até de família, e lá é lazer, você joga o anzol e você esta esperando a varinha puxar e tirar o peixinho da água. (Inf. 4).

Sensação de liberdade, de poder fazer aquilo que você tá fazendo, e isso é muito bom. (Inf. 6).

O ato de sair de casa sem um direcionamento pré-determinado, sem as estabilidades impostas pelas tarefas produtivas diárias gera estímulos e placidez, despertados pelo desejo de estar em contato com a natureza, respirando ar puro, andando descalço, sentindo o cheiro da terra, tomando banho no rio, sentindo o vento no rosto, fazendo algo que se quer sem se preocupar com a finalidade vivendo à caça de emoções fortes pela vivência do inesperado, pelo perigo de estar num lugar sobre o qual o conhecimento não é pleno, cujo planejamento não garante a segurança total, no qual a incerteza prova os limites e faz fluir sensações agradáveis.

O HOMEM COMO PARTE DO MEIO AMBIENTE: AS CONDUTAS CONSTITUÍDAS NO NOVO CENÁRIO

Os caminhos percorridos pelos entrevistados levam-nos a contextos que evidenciam outro entendimento da relação homem-natureza. As experiências constituindo um legado que baliza as condutas e atitudes humanas, o contato com a natureza gerando noções desse processo e estimulando o repensar do posicionamento do homem diante meio natural, tudo isso se constituindo em trocas que ocorrem, ao longo dos anos, num espaço dinâmico, e é interpenetrado

pela subjetividade, pela história de vida de cada sujeito. Quanto maior a proximidade, mais intensa é essa relação.

Nesse sentido, a prática esportiva desencadeou atitudes e condutas agregadas à importância de se preservar o meio ambiente e que foram apreendidas, assinaladas e alteradas com o tempo:

Mudou, de quando eu era criança pra agora, mudou. Acho que na época de criança essa questão de meio-ambiente não estava [...] eu não tinha essa conscientização, então mudou e mudou muito. (Inf.1).

Digamos que não muito porque eu já gostei muito de respeitar, sempre respeitei a natureza, mas é lógico que a gente vai aprendendo, primeiro você é um, você está aprendendo, as vezes você está fazendo aquilo que esta certo não sabe nem porque, hoje eu sei porque fazer aquilo, então eu aprendi com a natureza e com a experiência e tudo mais e estudando a legislação e tudo mais então eu aprendi bastante com o longo do tempo. (Inf. 3).

Eu percebo também que eu faço parte desse processo. Eu tenho que estar em harmonia com ela, né? Então, eu tenho que mudar os meus hábitos, a minha maneira de estar me relacionando, correlacionando com ela, porque por exemplo, eu passava por uma árvore, eu quebrava um galhinho. Hoje, já percebo que essa cultura mudou, eu brigo pela preservação dela [...] Mas eu penso que eu modifiquei em relação ao processo-aprendizagem da preservação natural da coisa. Porque antes eu não tinha tanta consciência quanto hoje eu tenho. (Inf. 2).

Atualmente, praticantes de esportes já buscam harmonizar suas práticas com ideais ambientalistas, como afirma Chao (2004), adotando a filosofia de vida na qual, para a prática de muitos esportes - e até mesmo para a sua continuidade -, é necessária a preservação da característica primitiva de cada ambiente.

A atitude de preservar deve estar sustentada não só na intenção de não interferir, mas também nas informações que instruem quanto ao agir adequadamente nesse sentido, com base nos aspectos legais e técnicos, evitando-se, desse modo, escolhas equivocadas:

Eu quando ia pra beira do rio, ia tomar cerveja e muitas vezes jogava a latinha no rio pra ver ela descendo. Hoje em dia eu já não faço isso. (Inf. 4).

Mudou muito, porque há 10, 15 anos, nós íamos em Sete Quedas, e não trazíamos 50 ou 100 kg, a gente trazia 800 kg, 500 ou 600 kg de peixe. Hoje nós não fazemos mais isso, hoje nós vamos pra brincar, pra se divertir. (Inf. 5).

Mudou bastante também, a gente estava falando que não se usa mais redes, há 10, 12 anos também pescávamos com rede não tinha uma conscientização disso, a partir do momento que a gente veio a entender, com certeza paramos. (Inf. 6).

A rotina de contato do sujeito pescante com a natureza desperta nele o entendimento de que o homem ser parte integrante do meio ambiente e a conseqüente necessidade de uma tomada de decisão nesse sentido. Todavia, essa questão não deve ser vista de forma isolada ou estanque e sim dentro de um contexto do qual fazem parte os aspectos legais, culturais, históricos entre outros e no qual o homem deve ser entendido como corresponsável pelas escolhas feitas e que impactarão o futuro da vida no planeta Terra:

Que somos nós que fazemos parte do meio, e não o meio que está ali pra te servir. É, daqui uns tempos, como já vem acontecendo, nós não teremos mais nada aqui. Desmatam, pra construir casas às margens em locais que quando chega a cheia, sabem que vai desmoronar tudo... o rio assoreando, as margens estão caindo dentro dos rios, porque foi desmatadas... (Inf. 1).

Porque é muito pouco, e a gente quase não vê nenhuma campanha em relação a preservação do meio-ambiente mais evasiva, assim, mais determinada. É algo que fala, e de repente passa. Então, penso que é algo que se tem que cobrar quase que diariamente pra incutir na pessoa essa cultura. [...] Mas é algo que se tem que trabalhar na cultura de nosso povo. (Inf. 2).

Eu particularmente, estando em qualquer rio, eu me sinto em casa, eu sou meio bicho do mato mesmo, e eu gosto de tomar banho no rio, particularmente gosto do rio [...] eu gostaria que e quero e vejo isso, que hoje, principalmente aqui pra nossa região, está vindo muita gente boa que tá pensando nessa questão de preservar e nessa questão de melhorar a qualidade de vida e tudo mais, e essa é minha luta. [...] e hoje o que a gente percebe é que as pessoas tão começando a ter essa consciência, e o que eu quero é que cada vez mais as pessoas pratiquem esportes e vivam bem, e o grande detalhe do rio, ele te leva a viver bem, você usufruir daquilo, lógico que alguns casos que não tem jeito, que o cara só vai pra beber e pra encher o saco, mas no geral, cada vez mais crianças, cada vez mais mulheres e sempre com respeito pela natureza, e hoje esse respeito tá acontecendo mais ainda tem que

melhorar bastante, e eu quero muito ver essas pessoas novas que estão estudando e se formando, cada vez mais envolvidos com essa questão. (Inf. 3).

Quando você chega ali na beira do rio você esquece de tudo, esquece de ver jornal, a gente precisa da energia porque ela faz parte da nossa vida, porque se não. O local natural é a melhor coisa. (Inf. 4).

O meio ambiente transmite alegria, por isso a gente gosta de estar ali, então é gostoso, o meio ambiente é um compromisso que a gente tem que preservar. (Inf. 5).

Manter limpo, não jogar nada no rio, se encontrar recolher, que isso faz parte do processo, que a gente vê nos grandes rios como o Tietê, que é uma vergonha para o Brasil, então procurar sempre evitar, para que não aconteça com a gente, no rio Teles Pires e onde fomos pescar. (Inf. 6).

A solidariedade, o “descompromisso”, o interesse único de se estar ali para sentir a si próprio, tudo isso cria fortes laços entre os sujeitos e o meio natural, tornando-lhes essencial estarem interligados com os seres a sua volta, com as questões e situações do espaço que ocupam no momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que o sujeito pescante, hoje, relaciona-se mais harmoniosamente com o meio ambiente, pois a conscientização que esse deve ser preservado, de modo geral, é um assunto presente nas discussões e decisões cotidianas.

Sendo assim, inserindo-se nessa nova paisagem, marcada por tal consciência, os pescadores demonstram-na em suas condutas, como respeitar a piracema, devolver peixes pequenos ao rio, não utilizar redes, não jogar seu lixo no rio e até recolher o de outrem. Tal comportamento reflete uma concepção de mundo na qual o sujeito se sente parte do meio, e o seu encontro com o ambiente natural afirma essa inter-relação.

A partir dos relatos dos pescadores, verificamos que o ato de pescar proporciona-lhes a oportunidade de estarem em um lugar privilegiado; para eles, Sinop é a terra abençoada, banhada por um grande rio, o Teles Pires, cujas águas abrigam uma fauna riquíssima e atraem o interesse de pescadores de outras regiões de Mato Grosso e turistas de outros Estados.

Ali, o lazer não se resume somente em pescar, como captamos neste depoimento: “[...] não precisa nem pegar peixe... é o estar lá, é o ver os pássaros, as borboletas.” (Inf. 1). Nessa vivência, valores aparentemente extintos são redescobertos, impulsionando o agir, o sentir e o pensar a vida em outra perspectiva.

REFERÊNCIAS

CHAO, C.H.N. Relação homem/natureza e o lazer como uma possibilidade de sensibilização da questão ambiental. In: **Motrivivência**, Florianópolis, Ano XVI, n. 22, p. 207-220, jun. 2004.

IWNOWICZ, B.J. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, H.T. (Org.). **Temas do lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.

MIRANDA, R.; et al. Contribuições do esporte na preservação ambiental. In: CUNHA JUNIOR, C. F. F.; MARTIN, E. H.; LIRA, L. C. **Lazer, Esporte e Educação Física: pesquisas e intervenções da Rede Cedes/UFJF**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

PAES, J.P. **Poemas para brincar**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CTG: UM LOCAL QUE ROMPE FRONTEIRAS

João Batista Lopes da Silva

Emerson Rodrigo Coletto

José Tarcísio Grunnenvaldt

QUERÊNCIA

Deixei a velha querência
Saí de lá mui novinho
Com tabuleta ao focinho
E a marca já descascada
Ponta da cola aparada
Sinal de laço ao machinho

Por estes campos afora
Deste Rio Grande infinito
De pago em pago ao tranquilo
Repontando o meu destino
Do campo grosso pro fino
Fui me criando solito

Angico, Mariano Pinto
Picada onde me criei
Por todo ali eu andei
Bebendo e jogando a tava
Bem montado sempre andava
Corri carreira e dancei

Cruzei picadas escuras
Prum baile ou jogo de prenda
Derrubei porta de venda
Pra tomar um trago de canha
E esporeei boi na picanha
Em tudo que foi fazenda

O que viesse eu topava
Serviço, festa ou peleia
Cortei muita cara feia
De indiozinho retovado
E amancei muito aporreado
Com pé-de-amigo e maneia

Um dia me deu saudades
E eu fui rever o meu pago
Sentir da china o afago
E o vento frio do pampeiro
No coração caborteiro
Do meu peito de índio vago

O tempo passou, lá se foi
E eu não queria que fosse
Tudo pra mim terminou-se
Nem eu sou mais o que era
A estância virou tapera
E o que era xucro amansou-se

E hoje só o que me resta
É o pingo, o laço e o pala
Pistola, só uma bala
E a estrada pra bater casco
No cano da bota um frasco
E um fiambrezito na mala.

Vargas (1981).

INTRODUÇÃO

É possível existir algum lugar onde as tradições se mantenham apesar das mudanças cada vez mais rápidas em nossa sociedade, sendo estas decorrentes do avanço da tecnologia e da busca por melhores condições de vida? Será que ainda há pessoas compartilhando suas tradições culturais sem, porém, deixar que seus costumes sejam ofuscados pela efemeridade dos modismos ditados ciclicamente na história? Será que esses mesmos indivíduos continuam mantendo essas tradições, que são um legado há muito construído pelo homem no contato com manifestações culturais emergidas na rusticidade do campo?

Essas indagações guardam um tom de saudosismo e nostalgia que talvez possa ser associado à atmosfera que permeia o poema de Vargas, transcrito na epígrafe deste texto. A mesma busca pelo afago, nas terras de Mato Grosso, pode estar se dar no encontro com outros índios velhos que vagueiam, não mais em “picadas escuras prum baile ou jogo de prenda”, para ali sentir da china um afago, entre outros índios velhos. Então, a peleia se dá na pista, de par em par, com os índios velhos e suas prendas dançando, dando lugar à tradição, mantendo-se no espaço da contemporaneidade, ora e sendo representados ora por seus descendentes ou ora, simplesmente, pelos simpatizantes, que adotam o *modus vivendi* que e se misturam àqueles que comumente fazem parte das suas vidas em processos transculturais definidos pelo tempo e pelo espaço. Nesse espaço transitam linguagens particulares, buscadas na leitura de contextos construídos no solo gaúcho, mas que adentram e significam além da fronteira demarcada. Nesse contexto, também transitam, bem como sentimentos saudosos daquilo que foi realmente vivenciado ou não.

Mas, afinal, o que são os CTG? Atualmente, em quase todos os estados da federação ou até mesmo municípios do Brasil, encontram-se esses locais nos quais as pessoas se reúnem para manter viva a cultura de seus antepassados, neste caso a cultura gaúcha, por iniciativa daqueles que estão fora de sua localidade de origem. Dessa maneira, uma certa quantidade de pessoas constroem um local. Esses espaços são denominados Centros de Tradições Gaúchas (CTG)

Ali, os frequentadores vivenciam suas tradições, suas crenças através das danças e comidas típicas, bem como nas competições de danças tradicionais¹ e nos concursos de prendas e peões com outras cidades². E tudo

1 Os concursos de danças artísticas contemplam a performance de músicas tradicionais, como “A dança do pezinho, chote carreirinha, tatu, tatu com volta ao meio etc, e permitem ao participante criar um número, desde que não perca de vista os traços tradicionais que marcam a “entrada” e a “saída” das sessões de apresentação de cada grupo de dança representante de determinado CTG. Os grupos são subdivididos em categorias por idade: mirim (até 12 anos), juvenil (13 a 16 anos), adulto (17 a 34 anos) e xiru (35 anos acima).

2 Os concursos de prendas e peões são competições organizadas por categorias de idade. Envolvem: a) prova escrita - conhecimentos da História e Geografia do Rio Grande do Sul e do estado sede do concurso; b) prova artística - avaliação de documentos que comprovem a vivência e a divulgação da tradição, habilidade na confecção de artesanato ligado à cultura gaúcha, declamação de poemas ou interpretação de canções. ►

isso num ambiente de valorização e respeito ao outro, incluindo desde os mais experientes até as pequeninas crianças, ainda embaladas no colo das mães ou de outras pessoas, que as levam para passear ao ritmo das milongas gaúchas³. Essas experiências concorrem para manter a cultura viva e projetá-la para outras regiões geográficas do país.

Para resguardar a tradição dos antigos gaúchos, o espaço físico de um CTG é arquitetado com vistas a propiciar aos aprendizes o desenvolvimento das atividades de ensino propostas. O lugar é também um espaço de lazer, por permitir o encontro das famílias que passam a acompanhar os filhos integrantes de um grupo de dança, estimulando o diálogo intergeracional, a reunião de amigos, que ali se encontram para conversar, contar estórias, tomar mate e, principalmente, cultivar a tradição gaúcha.

Ajudar a conformar um estado como Mato Grosso - relativamente novo do ponto de vista de sua emancipação política e localizado em região de fronteira - significa, segundo Santos (2007), viver e estar em uma situação de fronteira, haja vista que a não fixidez das regras à subjetividade poderá permitir a exploração do potencial emancipatório da fronteira. Destaque-se que as características da vida nessa área possibilitam a configuração das condições favoráveis ao estabelecimento do novo mediante o diálogo com o antigo.

Talvez o lugar de fronteira que viabiliza a relativização da dureza da tradição, provocando a admiração de algumas pessoas em relação à cultura do Sul do país, em especial a do CTG, tenha levado muitos indivíduos provenientes de outros Estados a participar do movimento de tradições gaúchas, que então passa a se configurar em um lastro de culturas, as mais diversas, em Sinop-MT, onde se encontra o CTG Estância da Amizade⁴.

É possível que a nostalgia impregnada no poema *Querência*, como observado no verso “E o que era xucro amansou-se”, possa ser assimilada com o olhar ao mesmo tempo mais realista e mais utópico do que o apreendido no espaço de criação cultural do CTG, no qual podem estar sendo formados elementos que concorrem para o processo civilizador dessa nova região de fronteira.

desenvoltura na apresentação de danças tradicionais e de salão, preparo de chimarrão e produção de texto escrito que aborde algum tema da história da tradição gaúcha ou lendas folclóricas. Ademais, quando possível, são realizadas as provas campeiras, nas quais os peões devem evidenciar seu conhecimento nomeando e destacando a finalidade das partes da encilha de cavalos, além disso demonstrar a habilidade de encilhar, laçar e montar.

3 Canções suaves de temas românticos, abordando a vida campesina.

4 Para compor este texto foram organizados grupos focais, o cerne das entrevistas realizadas no mês junho de 2011 foi: como a programação do Centro de Tradições Gaúchas de Sinop (CTG Estância da Amizade) se torna atividade de lazer para seus associados. Foram organizados grupos focais compostos com participantes do grupo de dança tradicionais que representam o CTG (Sinop) nas apresentações públicas, agregados que participam dos eventos promovidos e os membros da diretoria desse Centro.

Segundo Santos (2001), na contemporaneidade as pessoas são cada vez mais envoltas e levadas pelo fluxo da velocidade. A rapidez com que são produzidas e transmitidas as informações nem sempre permite sua captação pelos sujeitos, que supostamente partilham das “migalhas” que lhes reserva a modernidade contemporânea.

O mundo hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção das palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos, tudo isso contribui para a ideia de velocidade estar presente em todos os espíritos e a sua utilização constituir uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, implica considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais parâmetros não incluídos, estes se apresentam como se fossem, no máximo, arrastados a participar apenas parcialmente da produção da história (SANTOS, 2001).

Procurar por um espaço no qual as relações ainda não são submetidas à velocidade frenética da “modernidade líquida” é, de fato, optar pela desaceleração da velocidade do tempo da informação. Assim, o CTG, antes de ser considerado um “atraso”, pode representar uma manifestação de resistência aos ditames da onipresença da competitividade e da técnica com vistas à preservação de valores que insistem em permanecer intocados pela onda da homogeneidade cultural, transpondo-se no tempo e empunhando a bandeira contra modismos efêmeros que percorrem a história, a língua e a cultura dos povos.

Na busca por melhores condições da vida, pessoas curvam-se diante da limitação do tempo, imposta pela globalização e assim se envolve com certas tradições mantidas por seus antepassados. Nesse sentido, o CTG é um local provocativo, pois em seu espaço/equipamento torna-se possível vivenciar e dialogar com tradições e culturas que resistem ao signo da velocidade triunfante da “modernidade líquida”. Tome-se como exemplos a paixão por manter a tradição gaúcha e o respeito e a fé em Deus, sendo estes alguns valores que sustentam o CTG.

Portanto, constrói-se nesse espaço um lugar coletivo onde as pessoas se reúnem para dar significado ao tempo livre e de lazer na cidade, ali passando momentos agradáveis, desse modo vendo respondidos seus anseios de grupo ou individuais, pautados na interlocução com seus pares e com a comunidade do CTG.

Sendo assim, na tentativa de começarmos a traçar um perfil das atividades de lazer desenvolvidas no CTG Estância da Amizade, valemo-nos da concepção de lazer enquanto um produto da cultura

[...] historicamente produzido, e que é parte integrante da natureza humana, intrínseco, voluntário e despertado a partir dos interesses do próprio humano em contraponto com as normas de conduta - vinculadas ao trabalho - que estabelecem os limites da dimensão lúdica, numa interface indivíduo-ambiente. (SILVA, 2004, p. 45).

O CENÁRIO

Chegam jovens e crianças pilchados⁵, a maioria deles acompanhada ou levada pelos pais. A indumentária para os dias de ensaio é “mais livre”, não sendo necessário usar todas as peças que compõem a vestimenta tradicional de peões e prendas. Por isso, é muito comum observarmos peões trajados de bombacha, guaiaca e bota e prendas vestidas de saia rodada e sapato (itens indispensáveis para os ensaios), complementados por peças ou adornos que originalmente não fazem parte do traje gauchesco.

Para completar a vestimenta, alguns meninos e meninas eventualmente usam, nos ensaios, a camisa do time de futebol para o qual torcem. Em alguns dias, parecem ter combinado usar seu “manto sagrado”. Camisas tricolores e coloradas destacam-se e colore[m] o salão de baile, dando-lhe um tom de jovialidade e manifestando a opção neotribalista que está engendradora nos domínios da contemporaneidade e imprime traços mestiços e multiculturais da moda que transita nos corpos dos dançarinos e dançarinas.

De tudo o que pudemos observar, temos a impressão de que, no processo de globalização, a crise de legitimidade das culturas populares, apontada por Renato Ortiz (2003, p. 8), não passou por ali, porque “[...] uma reflexão sobre a globalização, pela sua amplitude, sugere à primeira vista que ela se afaste das particularidades. Pois, se o global envolve ‘tudo’, as especificidades se encontram perdidas da sua totalidade.”

Entretanto, essa nada mais é que uma impressão inicial. O próprio autor esclarece que “[...] a mundialização da cultura se revela através do cotidiano [...]”. Ademais, o estudo da cultura exige-nos considerar a transformação constante por que passam as sociedades, mesmo aquelas nas quais o sentido de tradição é mais evidente.

Nessa perspectiva, vemos que a camisa do time tem a marca oficial de uma multinacional; o tereré, ou mate gelado, é feito com a mesma *ilex paraguariensis*⁶ do chimarrão, combinando muito com o calor de Mato Grosso, tanto que, às vezes, é servido com um refrigerante de fórmula ianque. A

5 A pilcha constitui-se na vestimenta tradicional dos gaúchos. A mais comum para os peões compõe-se de camisa de mangas compridas, lenço no pescoço, bombacha, faixa, guaiaca e bota. Para as prendas, vestido longo e rodado, de mangas compridas preferencialmente, saiote de tecido rústico de algodão, meias, bombachinha, sapatos de prenda. Por comum, os cabelos são presos e enfeitados com fitas ou flores.

6 É o nome científico da erva-mate. Para o preparo do chimarrão, a ideal é aquela moída mais fina, composta de mais de 70% de folhas trituradas; para o tereré, é a erva mais grossa.

respeito do surgimento dessa bebida, Itabaeté⁷, sublinha seu conhecimento histórico dos elementos gaúchos, afirmando:

O chimarrão é de origem indígena. Na verdade era paraguaio e veio pela fronteira para o Rio Grande do Sul. No começo era usado o tereré, nas épocas quentes; quando chegava a época do frio o índio se via na necessidade de esquentar a água para se aquecer, daí vem a origem do chimarrão do gaúcho. Sendo o chimarrão o símbolo do gaúcho. (ITABAETÊ, 2011).

Então, enquanto esperam os filhos, sobrinhos, netos ou mesmo os amigos, os acompanhantes dos jovens dançarinos cultuam a “roda de chimarrão”. Cuia cheia, circulam-na entre o grupo, que sorve o preparado até ouvir o chiado da bomba. Reposta a água, passam-na adiante. Esse ritual, permeado de regras, constitui-se do compartilhamento de experiências, perspectivas, segredos, alegrias e tristezas sem que, nesse processo, se obedeça a uma ordem de tempo linear, embora se estabeleça um percurso circular: os diálogos dão voltas assim como a cuia, que passa de mão em mão.

Matear, para o gaúcho, é mais do que se nutrir com as vitaminas e substâncias antioxidantes da erva. Significa renovar, a todo instante, o elo que une passado e presente, valorizando o instante e tendo a certeza de que não se passa na vida, vive-se, mesmo que a única companhia seja a solidão do mate. Nesse sentido, tomar o chimarrão consiste num momento de reflexão sobre a vida e todos os fatos e ações que a permeiam. É o que podemos captar do que manifesta o compositor e músico Humberto Gessinger na canção intitulada “Ilex Paraguariensis” (1995):

♪ Hoje eu acordei mais cedo
Tomei sozinho o chimarrão
Procurei a noite na memória... procurei em vão
Hoje eu acordei mais leve (nem li o jornal)
Tudo deve estar suspenso... nada deve pesar

7 Instrutor de danças do CTG Estância da Amizade. Seu nome, fictício, é emprestado do cacique guarani da **Lenda do Chimarrão**. Itabaeté é também o responsável pela coreografia elaborada para as apresentações nos eventos artísticos promovidos por esse centro, pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho de Mato Grosso (MTG) e pela Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG). Os demais atores sociais participantes deste trabalho são componentes dos grupos de danças, aos quais, no processo de descrição textual da pesquisa (etnográfica), chamaremos de Juvenal, Rodrigo, Floriano, Bibiana, Ana, Maria Valéria, Toríbio, Bento, Pedro e Licurgo, todos esses nomes igualmente fictícios e emprestados das personagens da obra **O Tempo e o Vento** (1940), do escritor Érico Veríssimo, publicada em três romances: **O Continente** (1949), **O Retrato** (1951) e **O Arquipélago** (1961). A trilogia narra o processo de formação do estado do Rio Grande do Sul. Misturam-se ao elemento ficcional, por se tratar de um romance, dados e personalidades reais. Os romances retratam 200 anos da história gaúcha, de 1745 a 1945, tempos marcados pelo poder das oligarquias, por guerras internas e guerras de fronteira.

Já vivi tanta coisa, tenho tantas a viver
Tô no meio da estrada e nenhuma derrota vai me vencer

Hoje eu acordei livre: não devo nada a ninguém
Não há nada que me prenda
Ainda era noite, esperei o dia amanhecer
Como quem aquece a água sem deixar ferver
Hoje eu acordei, agora eu sei viver no escuro
Até que a chama se acenda
Verde... quente... erva... ventre... dentro... entranhas

Mate amargo noite adentro estrada estranha
Nunca me deram mole, não (melhor assim)
Não sou a fim de pactuar (sai pra lá)
Se pensam que tenho as mãos vazias e frias (melhor assim)
Se pensam que as minhas mãos estão presas (surpresa)
Mãos e coração, livres e quentes: chimarrão e leveza
Mãos e coração, livres e quentes: chimarrão e leveza

... *ilex paraguariensis*...

... *ilex paraguariensis*... ♪

Portanto, é nesse cenário que a tradição convive com o “moderno” e a ela é dado destaque e vez; é nesse cenário que os filhos da modernidade aprendem da/com a tradição que continua forte e cada vez mais se enraíza nos solos que transcendem as fronteiras e se universalizam a cada novo CTG implantado.

ENSAIO DE DANÇA DA INVERNADA ARTÍSTICA JUVENIL

O grupo juvenil de danças tradicionais gaúchas reúne-se na quarta-feira, além de outros dias, no galpão do CTG, construído com grandes pilares de madeira e paredes de alvenaria. Ao centro do salão, um tablado serve de espaço para os ensaios dos grupos de danças e os fandangos, bailes de fins de semana ou vésperas de feriados, animando os visitantes. Estas são as pessoas que para lá se dirigem seja para apreciar e cultivar a tradição gaúcha manifestada por vínculos territoriais, familiares e/ou de amizade, seja

simplesmente para buscar ali um ambiente no qual possam desfrutar o tempo livre de atividades de lazer que tanto traduzem a identidade cultural de um povo, quanto miscigenam culturas além-fronteiras.

Essa significância do além-fronteiras está caracterizada nas letras dos hinos dos principais clubes de futebol do Rio Grande do Sul, representadas por novas e cada vez mais miscigenadas⁸ gerações de gremistas e colorados. Cabe-nos ressaltar que as relações do humano com o lazer, enquanto um produto da cultura, é um fenômeno que transcende fronteiras espaço-temporais.

Para o Grêmio, “imortal tricolor”, Lupicínio Rodrigues⁹ (1953) compôs um hino que fala do apoio incondicional, representado no trecho a seguir, que levará o torcedor onde quer que seja à competição, ao embate

♪ Até a pé nos iremos,
para o que der e vier,
mas o certo é que nós estaremos,
com o Grêmio, onde o Grêmio estiver! ♪

Já no “Hino do Internacional”, composição do carioca Nelson Silva (1958), morador em Porto Alegre, apreende-se o sentido de transcendência regional e representa-se o caráter planetário do esporte:

♪ Glória do desporto nacional,
Ó Internacional, que eu vivo a exaltar
Levas a plagas tão distantes,
feitos relevantes, vives a brilhar! ♪

É esse o contexto desta pesquisa. Os atores sociais que fazem parte deste estudo têm seu caráter construído (ou em construção) a partir de laços familiares e, principalmente, dos alicerces de uma cultura, de um modo de ser que perpassa fronteiras geográficas e linguísticas e que têm, na dança, uma das características mais marcantes de sua manifestação.

A julgar pela satisfação e pelo respeito à manifestação dessa miscigenada cultura gaúcha, demonstrados pela gurizada no momento de sua chegada ao CTG, o cultivo das tradições é algo que perdurará por muitas gerações, como está registrado nos versos de Antônio Augusto Fagundes e Euclides Fagundes Filho, na canção “Origens” (1983):

8 No sentido de culturas que se fundem e produzem signos mestiços.

9 Um dos maiores músicos brasileiros. À Música Popular Brasileira (MPB) deixou um legado de clássicos, como *Nervos de Aço* (1947), *Esses Moços, Pobres Moços* (1948), *Volta* (1957) e *Felicidade* (1933), interpretadas por ele próprio e por outros grandes nomes da música brasileira. Também compôs canções nativistas, que têm como tema a relação do gaúcho com a terra e as tradições. Seu retrato figura na galeria dos gremistas imortais, fixada no salão nobre do clube.

♪ Campeando um rastro de glória / venho sovado de pealo
erguendo a poeira da história / nas patas do meu cavalo
o índio, que vive em mim / bate um tambor
no meu peito / o negro, também assim
tempera e adoça o meu jeito / com laço e com boleadeira
com garrucha e com facão / desenhei pátria e fronteira
pago, querência e nação.

Sou a gaita corcoveando / nas mãos do velho gaiteiro
dizendo por onde ando / que sou gaúcho e campeiro
eu sou o moço que canta / o pago em cada canção
e traz na própria garganta / o eco do seu violão.

Sou o guri pêlo duro / campeando o mundo de amor
e me vou rumo ao futuro / tendo no peito um tambor.

Eu sei que não vou morrer / porque de mim vai ficar
o mundo que eu construí / o meu Rio Grande, o meu lar
campeando as próprias origens / qualquer guri vai achar
campeando as próprias origens / qualquer guri, vai achar. ♪

Buscando as origens, reavivando constantemente os valores campestinos do gaúcho - crianças e jovens -, quase todos eles, mato-grossenses de nascimento, mantêm acesa a chama da cultura.

Gabriela Scheibe assinala que os CTG são espaços privilegiados para o cultivo das tradições gaúchas daqueles sul-rio-grandenses que estão longe dos pagos acrescentando que isso não implica o desmerecimento dos aspectos culturais do lugar para onde migraram.

Portanto, a criação de locais relacionados à vivência da cultura gaúcha em outros ambientes fora do Rio Grande do Sul tem o objetivo de cultivo das tradições, sem pretensão de interferir no meio em que vive quando imigra, pois bem sabe o gaúcho, como todo regionalista, que cada terra possui seus hábitos e costumes, e assim como o sulista, as pessoas de outros lugares que imigram também cultivam seus hábitos.¹⁰

Em poucos minutos, após a chegada dos primeiros integrantes, o salão enche-se de peões e prendas ou de peõezinhos e prendinhas. Alguns meninos mal cabem nas folgadas bombachas, assim como as meninas em suas amplas saias rodadas. O professor dá-lhes as boas vindas e inicia a aula. São duas horas de ensaio, tempo ao longo do qual são passados e repassados movimentos coreográficos. Ao término da aula, o professor comenta o que foi “trabalhado”, todos se reúnem em círculo e, de mãos dadas, rezam o “Pai Nosso”.

10 Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/42028/1/Cultura-Gaucha---O-Tradicionalismo-Como-Marca-Regional/pagina1.html#ixzz1K0jc9o7v>>. Acesso em: 15 jun. 2011.

Cansados e sorrindo, despedem-se uns dos outros e vão ao encontro dos familiares e amigos que os aguardam.

A MANIFESTAÇÃO DA CORPOREIDADE E LUDICIDADE NA CULTURA DA DANÇA

Uma dança folclórica pode ser entendida enquanto uma fala - enquanto um canal individualizado - que permite aos interpretes selecionar, reproduzir ou combinar elementos do código de movimento preexistente, seguindo certos modelos consagrados pela tradição. (DANTAS, 1999, p. 66).

Partindo da compreensão de que corporeidade é o sentido de “ser” e não somente “ter” corpo, vislumbramos o humano, na dança tradicional, como um corpo que registra sua historicidade, mas que também fala e traduz as emoções vivenciadas no agora, a cada gesto ritmado que executa. É a “acontecência” da ludicidade, expressa a partir da dança como opção de lazer. E esse lazer não é privilégio somente dos que dançam. Aqueles que leem a escrita da dança também vivem momentos de sua cultura lúdica.

O lazer contemplativo é uma das esferas do lazer manifestadas pelos apreciadores da beleza e plasticidade que se comunicam a partir de movimentos harmônicos, desenhados por corpos que se deixam inebriar com atávicos sons gauchescos. Compassos e ritmos que perduram por gerações e trazem na identidade e nas características de cada dançarino o sentido da coletividade, das criações e recriações dos gestos.

A dança é a mãe das artes. A música e a poesia existem no tempo; a pintura e a escultura no espaço. Porém a dança vive no tempo e no espaço. O criador e criação, o artista e a sua obra, são [na dança] uma coisa única e idêntica. Os desenhos rítmicos do movimento, o sentido plástico do espaço, a representação animada de um mundo visto e imaginado, tudo isso o homem cria em seu corpo por meio da dança, antes de utilizar a substância, a pedra e a palavra para destiná-las enquanto manifestação de suas experiências interiores. (SACHS, 1944, p. 13 apud DANTAS, 1999)

Corpos que dançam são “corpos vivos”¹¹ que se deixam levar pela fluência do presente, valorizando cada instante. Para Wagner Wey Moreira (1995, p.30), “[...] a corporeidade é, existe, e através da cultura ela possui significado [...]”. Com base no mesmo autor, relacionamos corporeidade e ludicidade

11 Wagner Wey Moreira, no texto *O fenômeno da Corporeidade: Corpo Pensado e Corpo Vivo*, publicado em 2000, discute, a partir das metáforas corpo pensado e corpo vivo, nossa relação com a vivência e a valorização do presente (corpo vivo) e as expectativas de experiências lúdicas para depois das obrigações (corpo pensado).

Pensar a corporeidade aqui e agora constitui o chamado de perceber que o ontem e o amanhã foi e será, respectivamente. O corpo, a livre e mais verdadeira expressão da existência do homem, não está concretamente no ontem, pois as experiências e vivências anteriores não vêm como lembranças inteiras, os detalhes às vezes se perdem no tempo. (p. 40).

Portanto, o sentir-se corpo, como sujeito da própria história, é uma virtude humana muitas vezes repercutida nos momentos de manifestação da ludicidade, que pode ser expressa na busca pela satisfação pessoal a partir do lazer escolhido. O lúdico é um evento atual de nossas vidas. É o presente manifestado a partir de uma experiência que, no caso da dança, transpõe o limiar entre o real e o virtual.

Para Dantas (1999, p. 16), “O gesto em dança possui outras especificidades: ele diferencia-se dos gestos naturais e afirma-se como gesto virtual, por ser uma forma livre e que tem a capacidade de transmitir idéias de emoção, consciência e pressentimento ou expressar tensões físicas ou espaciais.”

Na visão de Itabactê, o instrutor de danças do CTG Estância da Amizade, as danças folclóricas estabelecem um processo de diálogo intercultural que consegue abarcar a diversidade da cultura representada num Brasil costurado por fronteiras que separam geográfica e, às vezes, culturalmente os Estados: **“A dança é o pilar dentro da tradição gaúcha.** Com ela se consegue juntar varias pessoas de diferentes estados dentro da tradição gaúcha, hoje temos três grupos de dança sendo o grupo mirim, juvenil e berivas.”

Itabaetê faz menção ao grupo Xiru, voltado para adultos com mais de trinta anos. Ou seja, a tradição da dança está mais presente no universo das novas gerações. Juvenal(2011), que participa do CTG há oito anos e já integrou o elenco adulto de danças, traz-nos este depoimento: “[...] o que me trouxe para esta instituição foi pela amizade. A dança para mim é uma forma de lazer.”

Participar do movimento das tradições gaúchas, seguir a filosofia e os estatutos que regem o CTG, convivendo com pessoas que veem a instituição como um local onde possam dançar, jogar truco ou canastra, conversar ou ensaiar novos passos de dança, tudo isso possibilita o surgimento de sentimento de alegria de estar com o outro.

Ou seja, por mais que seja o convívio no ambiente do CTG, a alegria ou ludicidade fluem. Silva (2004, p. 44) assegura que “[...] vivenciar a ludicidade, enquanto uma dimensão do humano pressupõe liberdade de ação na mesma proporção que as regras de convívio social impõem limites às manifestações lúdicas [...]”. Elias e Dunning (1992, p. 163) destacam que lugares como o CTG podem constituir um elemento fundamental na busca de uma agradável excitação:

Se as pessoas vão ao teatro, a um baile, a uma festa ou às corridas, é porque no lazer elas podem, tal como dissemos antes, escolher como se ocupar de uma maneira que favoreça a experiência do prazer. Deste modo, o prazer, as perspectivas de um tipo específico de estimulação agradável, é um elemento essencial na estrutura social destas instituições, do teatro, da dança das festas ou corridas.

Para os alunos dos elencos de dança ou, mesmo, para os dançarinos de fandangos, o CTG representa uma tentativa de busca da rotina e de liberação de sentimentos agradáveis, sendo o dançarino capaz de vivenciar experiências lúdicas que transcendem o mero ato motor de praticar movimentos estilizados, que obedecem a uma uniformidade de ritmos.

Na dança, o sentido de corporeidade é manifestado por corpos que experimentam os mais profundos sentimentos de liberdade. A esse respeito, Coletto e Grunennvaldt (2011, no prelo) asseveram:

A dança consegue envolver as pessoas de uma forma muito especial no sentido de trazer a tona os sentimentos e emoções mais íntimos das pessoas, que as pessoas no seu cotidiano geralmente não demonstram, o baile é um espaço em que há vários tipos de pessoas, de diferentes características, de grupos diferentes ou poder econômico diferente, mas essas diferenças são superadas quando há uma admiração por causa do seu estilo de dança; ou pelo jeito de um olhar, no universo do salão de dança a sensação de liberdade que leva as pessoas a gozar de sentimentos fortes trazido muitas vezes pelo companheiro de dança que ao dançar com movimentos no ritmo da música deixam as pessoas com uma sensação de felicidade.

Na acepção de Licurgo (2011), treze anos, integrante do elenco juvenil do CTG Estância da Amizade, “[...] é motivo de muito orgulho viver e cultivar a tradição que aprendi com meus pais [...]”. No entanto, também nos chama atenção a satisfação dos integrantes das invernadas artísticas, os quais têm de tomar parte das competições e, então, conviver com pessoas de outras regiões.

Ou seja, a dança consegue ser um elemento que alia o prazer pela própria vivência à excitação por competir pela melhor performance em rodeios artísticos que envolvem os CTG e extrapolam a relação habitual de convívio com a dança, que busca principalmente valorizar aspectos da tradição. Elias e Dunning, há pouco mencionados, enfatizam que

Os movimentos que constituem uma parte integral da síndrome espontânea da excitação são limitados com maior rigidez àquilo que, de modo habitual, chamamos o nível de sensibilidade.

Existem diferenças consideráveis, como é evidente, entre diferentes grupos de idade e categorias diferentes na franqueza com que mostram a sua tensão e excitação através de movimentos corporais (p. 130).

Nesse sentido, o CTG de Sinop é um local apropriado para aqueles participantes que buscam manter e cultivar as tradições do Rio Grande do Sul, e é, ao mesmo tempo, um espaço de sociabilidade, de encontro com outros corpos e com sua própria corporeidade, além de ser um ambiente propício para se fazer novos amigos, buscar alegria e fugir da rotina da vida, que, às vezes, embrutece as pessoas.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CTG

Como em todas as instituições, há no CTG as coisas funcionam segundo uma hierarquia, embora o envolvimento dos participantes com as atividades organizadas na instituição constitua-se, de certa forma, numa situação que lhes possibilite fugir da rotina, livrar-se do estresse decorrente da loucura e correria do mundo industrial, em que tudo muda muito rápido e os valores são ditos, hoje, como verdades, e, amanhã, não mais.

Os Centros de Tradições Gaúchas vêm mantendo e cultuando as tradições sem mudanças drásticas em suas concepções. No entanto, ao tratar das relações de gênero, na cultura gaúcha, especificamente no âmbito do CTG, o professor Itabaeté dignifica o valor da mulher para o homem na cultura gaúcha: “A mulher para o gaúcho é como um santo no altar. O gaúcho trata a prenda como uma verdadeira rainha. Agora, no CTG temos de novo uma patroa mulher, sendo o segundo mandato por mulheres.”

Com base na sequência de mandatos exercidos por mulheres no CTG Estância da Amizade e no trabalho realizado por outras que vêm ocupando a função de direção, Itabaeté evidencia e enaltece a liderança delas na entidade: “Após a patronagem feminina, melhorou muito o CTG. Quanto mais mulher no movimento tradicionalista melhor, pois elas têm uma grande capacidade de assimilar a cultura gaúcha. Muito mais que o homem.”

O posicionamento machista do gaúcho em relação à mulher, como muitas vezes revelado pela própria sociedade do Rio Grande do Sul, sofreu e sofre um processo de transformação que está evidenciado no cenário pesquisado. Nesse contexto, o lugar de destaque da mulher - inclusive enquanto patroa do CTG - provoca uma reconfiguração dos papéis sociais mais tradicionais, que modificam o *status quo*. Melhor dizendo, a “mulher no poder” redesenha os valores da sociedade tradicional do sul do Brasil.

Aí está a estrutura da sociedade. Os componentes estruturais se revelam nos três planos: o dos valores [cultura], o das normas praticadas [instituições] e o dos papéis [a personalidade, que abrange a adaptação dos indivíduos ao grupo]. Qualquer transformação na estrutura depende previamente de mudanças nos valores da sociedade. (LIMA, 2008 *apud* SCHEIBE, 2011).

A sociedade de traços patriarcais e de cultura machista, uma herança lusitana transplantada da metrópole para a colônia brasileira, está perdendo força também no CTG, embora seja este concebido como um lugar de resistência a tais transformações, evidenciando que, para as necessidades da sociedade complexa e contraditória, os diversos grupos envolvidos em suas diversidades são cada vez mais chamados para opinarem e participar das decisões.

Portanto, valores, normas e papéis, alicerces estruturantes de uma sociedade, estão se redimensionando virtual e realisticamente, a partir das novas gerações de mulheres que cultuam a tradição gaúcha e carregam na personalidade um misto de Ana Terra e Anita Garibaldi.

A DANÇA TRADICIONAL E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO DE LAZER E TRADIÇÃO PARA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO GRUPO JUVENIL

O CTG é um local de lazer e de vivência do tempo livre. Um tempo, *a priori*, desprovido de obrigações, mas que carrega uma filosofia de vida tecida de valores humanos construídos ao longo de séculos de tradição; um espaço de acolhimento a todos os que buscam conservar aspectos da cultura gaúcha ou, mesmo, vivenciar momentos de alegria nos bailes e festas promovidos pela entidade. E, para integrar os elencos dos grupos de dança, “[...] é só vontade mesmo de cultivar a tradição gaúcha; é só vir, se associar e fazer parte do movimento [...]” (ITABAETÊ, 2011).

Mas, qual o motivo que leva crianças e jovens para o convívio num ambiente que reporta a seus antepassados e parece remar contra as ondas imperativas da modernidade líquida? Indagados sobre o significado da dança em sua vida, Bibiana (2011) destaca que esta “[...] representa uma forma de arte, representação de gênero, a dança é uma forma de lazer de diversão [...]” e explica o motivo de preferir a dança gaúcha: “[...] sou nascida em Sinop, mas gaúcha de coração, não precisa nascer no Rio Grande para ser gaúcho.”

Para Toríbio (2011), 15 anos, integrante do grupo juvenil, dançar no CTG é uma rica experiência que une prazer, conhecimento e integração social, permitindo-lhe vivenciar o sentimento de pertencimento a uma “cultura ampla, que faz competições nacionais que são emocionantes”, uma cultura constantemente renovada.

Se o CTG não fizesse parte do CTG, como seria o desenvolvimento dessas crianças e jovens? Para Florêncio (2011), “[...] não poderia realizar

um sonho de seguir e cultivar a tradição [...]”. Bento, Ana, Maria Valéria e Pedro asseguram que, se não participassem do CTG, perderiam parte de sua identidade. Como diz Rodrigo (2011), “[...] no CTG, aprendo a ter mais agilidade nos movimentos, aprendo a declamar; o CTG preza muito o respeito, a boa educação, saber se comportar.”

Além de participar das aulas de dança, os integrantes das invernadas artísticas utilizam os passos que aprendem nas festividades promovidas pelo CTG, nas quais se destacam os encontros dançantes, que são denominados de fandangos. Nestes, são tocados, principalmente, o Bugiu, o Vanera, o Chamame, a Rancheira e o Vaneirão, sendo que o Bugiu é o autêntico estilo de dança de salão criado na cultura gaúcha, motivo pelo qual talvez seja um dos ritmos mais tocados nos fandangos.

[...] A mais típica representação tradicional do Rio Grande do Sul, no campo das danças, é o velho “fandango”. Chamou-se “fandango”, no antigo Rio Grande, a uma série de cantigas entremeadas de sapateado. Estas canções, bem como o ritmo, a música, enfim eram essencialmente mestiças do Brasil; já o sapateado, amoldado ao ritmo regional, se originara das antigas danças de par solto, características da romântica Espanha. Estes bailados espanhóis constituíram o primeiro “ciclo” ou “geração” coreográfica que interessa ao estudo da formação das danças populares brasileiras (CORTES; LESSA, 2011).

Disso inferimos que a dança tradicional carrega mais que uma simples codificação de movimentos físicos estilizados. São movimentos permeados de significados, que traduzem em seus gestos falas enraizadas no modo de ser de um povo. Como ressalta Dantas (1999, p. 66):

Uma dança folclórica pode ser entendida enquanto uma fala - enquanto um canal individualizado - que permite aos intérpretes selecionar, reproduzir ou combinar elementos do código de movimentos preexistente, seguindo certos modelos consagrados pela tradição. Ou seja, vai-se buscar num repertório de movimentos existentes [ou numa língua coreográfica] os elementos para construção de falas coreográficas [danças].

Essa declaração dialoga com as concepções da autora, que aponta valores religiosos, sociais e educativos como elementos constitutivos do ambiente do CTG:

[...] com certeza além de ser prazeroso pra gente vir dançar aqui e se divertir, as famílias vem para conhecer a tradição gaúcha. É um ponto de lazer e ao mesmo tempo se agrega os valores

familiares, os valores do Rio Grande do Sul, que a gente tem lá: família, religião e os costumes de tradição gaúcha. Aqui a gente preserva isso. (ITABAETÊ, 2011).

Nesse sentido, Itabaetê assinala que o lazer propiciado pela dança é permeado de filosofias de vida, querendo, com isso, dizer que cultivar e preservar a tradição gaúcha constitui-se, para os alunos dos grupos de dança, seguir e obedecer a determinados padrões éticos, comportamentais, sociais e até religiosos. Certamente, esses valores, passados de geração em geração, sofrem os ajustes do tempo, das novas estruturas sociais e dos estilos de vida.

A DANÇA MASCULINA: BIRIVAS

Viagens longas, temperadas com frio e calor; caminhos ermos; a rotina da estrada: os parceiros de cavalgada. A galope, a saudade da prenda amada aperta os corações e até hoje inspira os poetas:

♪ Das Três Bocas ao Itu quantas léguas que terá?
Talvez a mesma distância do Itaó a Maçambará
Me espera ali na cancela que a noite vai ser de lua
E eu vou chegar ao tranquilo esporeando a saudade tua.¹² ♪

Os tropeiros eram homens rudes e de costumes simples que conduziam o gado¹³ da Argentina ou do Uruguai ao centro do Brasil. Ao longo da viagem, nos momentos de acantonamento, escolhiam a música e o bailado como forma de manifestar as carências de ludicidade e envolvimento com o outro.

Como não havia mulheres nas tropilhas, esses gaúchos inventavam um jeito de dançar sem suas prendas. Promoviam, então, um bailado que, sob a forma de contestes, se configurava num jogo desafiador. Porretes de madeira eram habilmente manuseados para dar ritmo ao bailado ou eram colocados ao chão para delimitar os passos dos dançarinos - produzindo e reproduzindo coreografias¹⁴ compostas para a dança “Chico do Porrete”.

12 *De Volta de uma Tropeada*, composição de João Sampaio e Luiz Marengo, datada de 2005.

13 Cabe salientar que o termo gado não faz referência somente a boi. Conforme o historiador, folclorista e acadêmico de Ciências Contábeis da UNEMAT Sinop, Sandro Leão (22 jun. 2011), “[...] durante a economia colonial brasileira (a qual tinha como base a mineração) o Rio Grande do Sul desempenhava o papel de fornecedor periférico de insumos ao centro do país, principalmente, São Paulo e Minas Gerais. Como principal produto podemos destacar a mula (gado muar) necessário para a logística dos produtos extraídos nas minas.”

14 Coreografia é uma palavra de origem grega. O termo *choreia* designa dança e *grapho*, escrita. Portanto, originalmente, coreografia significa a escrita da dança.

Emblemático desta tendência é a história da dança chula, na qual os bailarinos, com seus pés hábeis, dançam sapateados floreados e perpassam sinuosamente varas dispostas emparelhadas ao solo. Nesses momentos, podiam compensar as dificuldades da jornada de trabalho diário e vivenciavam uma manifestação da cultura corporal e de movimento que é, hoje, um dos símbolos da tradição sul-rio-grandense, a qual ultrapassou fronteiras e já é cultuada em todos os continentes e em vários países do mundo através dos CTG.

Nesse sentido, a dança é concebida como um desafio não violento entre seus competidores, que não causam danos uns aos outros. Esse tipo de confronto recreativo, pautado em “regras”, surgiu na Inglaterra no século XVIII, como atestam Elias e Dunning, anteriormente referenciados:

Subsiste a questão de saber por que razão é que se manifestaram na Inglaterra, em primeiro lugar, modelos de confrontos físicos não violentos, e aí foram representadas de modo simbólico, com um evidente sentido de novidade e de distinção, através de um uso e mais especializado de um antigo conceito de <<desporto>>. Por que razão é que confrontos altamente regulamentados, exigindo esforço físico e competência técnica, caracterizados na sua forma de espetáculos como <<desporto>>, aparecem, primeiro durante o século XVIII, entre as classes inglesas altas, aristocratas proprietárias de terras e a pequena nobreza (p. 46).

Creemos que essa modalidade de dança, ou seja, a contenda introduzida nas danças apresentadas nos salões dos bailes acena para a configuração de uma realidade mais sensível, menos agressiva. E isso principalmente quando comparamos essa dança à lida do índio na música “Querência”, interpretada por Vitor Ramil(2004), transcrita na epígrafe deste texto e cuja letra evidencia que a dor da saudade permanece.

No entanto, na contemporaneidade, existem mecanismos e dispositivos que transportam para os CTG aspectos violentos da tradição, gestos e significados atávicos de um passado remoto, imprimindo nas encenações funções civilizatórias.

O professor Itabaeté assim se manifesta a respeito das danças masculinas, chamadas de birivas, constituídas desde os tempos das tropilhas e que atualmente compõem uma das atividades desenvolvidas no CTG Estância da Amizade:

O grupo birivas demonstra uma arte antiga que é a do tropeirismo, no Rio Grande do Sul, onde os tropeiros birivas levavam o gado da Argentina até Sorocaba, nesse intervalo que durava de seis a sete meses eles faziam danças específicas para homens, pois não tendo acompanhantes mulheres nas tropeadas a dança era específica para os homens, e agora virou uma tradição artística também.

Nesse sentido, como é peculiar às manifestações tradicionalistas gauchescas, a história é recontada na dança e não mais em ambiente inóspito, permitindo e admitindo ao peão preservar os movimentos corporais de outrora mesmo em um espaço no qual as prendas estão presentes, mas somente como espectadoras.

O RESGATE DAS TRADIÇÕES DO MEIO RURAL E SUA INTRODUÇÃO NO CTG

A cultura popular das zonas rurais do Rio Grande do Sul, quando comparada à urbana e seus comportamentos, atitudes e valores, foi, por muito tempo, rotulada como inferior. O olhar da cidade sobre o campo e suas manifestações era pejorativo. Acerca dessa representação, Paixão Cortes, um dos maiores expoentes da conservação de hábitos e costumes gaúchos, juntando-se a outros universitários, em 1947, quando também cursava o nível superior, indignou-se ao constatar o pouco caso que se fazia em Porto Alegre em relação às tradições do campo. Por isso, oito acadêmicos resolveram realizar uma marcha que percorreu desde o Colégio Júlio de Castilhos até o centro de Porto Alegre.

Nesse sentido e com vistas a satisfazer a vontade que tinham de valorizar a cultura popular das zonas rurais do Rio Grande do Sul, esses jovens, liderados por Cortes, criaram, em 24 de abril de 1948, o CTG Trinta e Cinco¹⁵, cuja ação se tornou o marco inicial da reação dos inconformados diante do silenciamento das tradições do campo, entendida como inferior.

Em seguida, uma equipe de pesquisadores, também liderada por Paixão Cortes, buscou investigar como vivia o homem campestre, observando em detalhes a sua vestimenta, as músicas, a comida e quando possível, suas manifestações artísticas e as lidas campeiras.

Deu-se, pois, início a um trabalho lento e minucioso de resgate dessas tradições. Saindo pelo interior do Estado, percorreram diversas cidades, onde conversaram com homens de 70, 80 e 90 anos, anotando as respostas em cadernos de apontamentos e conciliando as evidências dessas fontes orais de informação. Os primeiros registros já demonstravam as múltiplas nuances da cultura e das tradições do campo, quais sejam: a comida, bebida, o trabalho, os aspectos recreativos e esportivos (danças, jogos recreativos, religiosidade), sociais e a campeira. Todos estes aspectos concorriam, segundo Paixão, para a apreensão da alma e do sentimento do povo.

15 Tal denominação faz referência à Guerra dos Farrapos, ou Revolução Farroupilha, conforme os gaúchos preferem denominar. Foi uma contenda guerreira que se iniciou em 1835 e durou por dez anos. A luta buscava alertar os ouvidos do poder central do Império para a necessidade de se conceder autonomia econômica às províncias, tendo em vista o forte poder centralizador no controle dos tributos fiscais sobre a produção dos territórios provinciais. Nesse contexto, uma das principais reivindicações era garantir maior liberdade para a comercialização do charque com os países compradores do produto.

Com esse intuito, o CTG Estância da Amizade, através de seus integrantes, vem se firmando não só como um espaço de manutenção e propagação da tradição do homem do campo, cultuada pelos povos antigos, mas também um local propício ao aprendizado sobre como viviam os primeiros gaúchos. Vejamos o relato do professor de dança sobre esses acontecimentos:

[...] manter a cultura do gaúcho antigo desde assar a carne, o jeito de preparar a salada, a dança; o churrasco à moda antiga, começa com as tropeadas onde não se tinha o sal para salgar a carne, a carne era salgada com a cinzas, com o passar do tempo o gaúcho começou a usar o sal e a fazer charques, o churrasco do gaúcho é a carne e o sal grosso e antigamente não tinha espeto de ferro então se usava espeto de madeira, fazia-se um braseiro no chão e o espeto era fincado direto no chão.

Evidências marcantes da ligação do CTG Estância da Amizade as características da gastronomia campeira estão evidentes na promoção de eventos que mobilizam a comunidade, como a “Festa da Picanha”, a “Festa da Costela”, a “Festa do Frango Caipira” e a Semana Farroupilha, quando se comemora o Dia do Gaúcho (20 de setembro), outros pratos típicos da culinária sul-rio-grandense são apreciados, unindo-se sabor a saber.

DESPEDIDA

Os costumes oriundos do legado da ligação do homem as suas origens permanecem quase inalterados no decurso das transformações sociais, em que, cada vez mais, a sociedade se vale de novas tecnologias, globaliza pensamentos e ações e torna mais efêmeras as relações com o outro. Contudo, existem situações compartilhadas entre os integrantes de centros de cultura popular, como no caso dos CTG, nas quais há uma valorização e uma tentativa de perpetuação de valores, crenças e aspectos da cultura corporal do movimento. É esse o caso da dança, que possibilita a coexistência da tradição e da modernidade líquida na medida em que alguns conceitos são transformados, como o papel da mulher na cultura gaúcha simultaneamente à preservação da identidade do homem do campo.

A partir do diálogo com os atores sociais que compõem o elenco de danças e participam das atividades de lazer promovidas pelo CTG Estância da Amizade, especialmente os integrantes da internada artística, inferimos que a atmosfera vivenciada nesse espaço cultural contribui para manter aspectos da tradição envolvendo a cultura gaúcha.

Além disso, constitui-se fundamentalmente num universo de vivência lúdica e ponto de encontro para fortalecer laços que unem gerações, com sua diversidade de gêneros, etnias e, claro, valores que remetem à relação

humana com os mais simples e significativos sentimentos de amor à terra e respeito às tradições.

São sentimentos representados nas danças, originais ou recriadas, as quais, segundo Paixão Cortes, são denominadas gaúchas não porque sua origem provenha inteiramente de ambiente campeiro, mas porque o gaúcho, recebendo-as de onde quer que seja, deu-lhes musicalidade, detalhes, colorido e alma nativa.

Inspirados em Toríbio e Maria Valéria, que em seus depoimentos fizeram referência à música “Felicidade”, coreografada para a entrada e a saída das apresentações do CTG Estância da Amizade nos rodeios artísticos ocorridos nos vários CTG de diversas plagas do Mato Grosso, encerramos este escrito com um trecho da referida composição, de autoria de Lupicínio Rodrigues (1933), autêntico representante da diversidade cultural brasileira que, nesta letra, expressa um pouco dos sentidos da tradição gaúcha:

♪ Felicidade foi se embora
E a saudade no meu peito ainda mora
E é por isso que eu gosto, lá de fora
Porque sei que a falsidade, não vigora
A minha casa fica lá de trás do mundo
Onde eu vou em um segundo
Quando começo a pensar
O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como é que a gente voa
Quando começa a pensar. ♪

REFERÊNCIAS

COLETTTO, E; GRUNENVALDT, J. T.; GIASSON, A. R.; GRUNENVALDT, C. R. A. A configuração de um lugar de fronteiras civilizatórias: o encontro da cidade com o campo. In: GRUNENVALDT, J. T.; GRUNENVALDT, C. R. A; SILVA, J. B. L.; BEBER, I. C. R. (Org). **O esporte e o lazer na configuração da sociabilidade de fronteira**. Cuiabá, No prelo.

CORTES P.; LESSA, B. **Os primeiros conceitos sobre danças tradicionais gaúchas**. [S.l], [s.d.]. Disponível em: <www.13rt.com.br/13rt/divdancas/dancas_conceitos.html>. Acesso em: 21 jun. 2011.

DANTAS, M. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

DELLA JUSTINA, O. **Presença e Uso de Anglicismos no cotidiano**

brasileiro: a visão de pessoas comuns. 2006. 143f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)-Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FAGUNDES, A. A.; FAGUNDES FILHO, E. Origens(1983). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/os-fagundes/origens.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2011.

ITABAETÊ et al. **Grupo Focal no CTG Estância da Amizade**. Entrevistas concedidas a João Batista Lopes da Silva e Emerson Rodrigo Coletto, Sinop, junho de 2011.

MOREIRA, W. W. (Org.). **Corpo presente**. Campinas, SP : Papirus, 1995.

_____. **O fenômeno da corporeidade: Corpo Pensado e Corpo Vivido**. Campinas: Papirus, 2000.

ORTIZ, R. O. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

RAMIL, V. **Longes**. Buenos Aires: Satolep, 2004. 1 CD.

RODRIGUES, L. **Felicidade**. (1933). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/lupicinio-rodrigues/felicidade.html>. Acesso 10 de agosto de 2011.

_____. **Imortal tricolor**. (1953). <http://www.vagalume.com.br/lupicinio-rodrigues/hino-do-gremio-oficial.html>. Acesso 10 de agosto de 2011.

SAMPAIO, J.; MARENCO, L. **De volta de uma tropeada**. (2005). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/luiz-marenco/de-volta-de-uma-tropeada.html>. Acesso em: 05 de setembro de 2011.

SANTOS, B. S. **A crítica da razão indolente contra o desperdício da experiência: para um novo senso comum - a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, M. O novo século das luzes. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 jan. 2001a. Caderno Mais Brasil 501 dC!, p.14.

_____. Elogio da lentidão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2001b. Caderno Mais Brasil 501 dC, p.14-15.

SCHEIBE, G. **Cultura Gaúcha - O Tradicionalismo como Marca Regional**. [S.l.], 2010. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/42028/1/>

Cultura-Gaucha---O-Tradicionalismo-Como-Marca-Regional/pagina1.html#ixzz1KOjc9o7v>. Acesso em: 20 jan. 2011.

SILVA, J. B. L. S. Políticas Extensionistas de Lazer na Universidade: um espaço social para cultura do lúdico. 2004. 110f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)-Instituto de Ciências da Educação, Universidade de Cienfuegos, Cienfuegos, Cuba, 2004.

SILVA, N. Hino do Internacional. (1958). Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/hinos-de-futebol/internacional-rs.html>. Acesso em: 03 de setembro de 2011.

VARGAS, J. C. Deixando o pago. Porto Alegre: Habitasul, 1981.

SOBRE OS AUTORES

José Tarcísio Grunennvaldt – formado em Educação Física pela Universidade de Passo Fundo (1985), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (1997) e Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Pós-Doutorado em Educação Física no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC- (2012). Atualmente, é professor associado da Faculdade de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. É Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, vinculado ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física, cujo grupo de pesquisadores foi o responsável pela autoria e organização desta coletânea.

Ana Carrilho Romero Grunennvaldt – formada em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (1988), Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1999) e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente, é professora associada da Faculdade de Educação Física na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, e atua como pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal.

João Batista Lopes da Silva – formado em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta (1990), Mestre em Educação pela Universidade “Carlos Rafael Rodríguez”, Cienfuegos, Cuba (2004). Atualmente, é professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Sinop, atua como pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal.

Irene Carrillo Romero Beber – formada em Educação Física pela Universidade Estadual de Londrina (1988). Mestre em Educação e Cultura pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1999). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS(2014). Atualmente, é professora na Universidade do Estado do Mato Grosso, no curso de Pedagogia no Campus Universitário de Sinop, atua como pesquisadora no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal.

Emerson Rodrigo Coletto – formado em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop (2011). Seu envolvimento com a pesquisa que deu origem a esta coletânea foi através de sua atuação como bolsista de iniciação científica, no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt de 2009 a 2011. Atualmente, é professor do Instituto Federal de Mato Grosso do Campus de Juína-MT.

Édija Pereira da Silva – aluna do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop. Seu envolvimento com a pesquisa que originou esta coletânea deu-se por sua atuação como bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, nos anos de 2010 a 2011, sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt.

Tássia Caroline de Almeida Godoes – aluna do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop. Seu envolvimento com esta pesquisa deu-se por sua atuação como bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt, de 2010 a 2011.

Adriana Renata Giasson – formada em Enfermagem pela Universidade Federal do Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop (2011). Foi bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt de 2009 a 2011, participou da pesquisa que originou a presente coletânea.

Wladislaw Kosloski – formado em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso - Campus Universitário de Sinop(2012). Seu envolvimento com a pesquisa que deu origem a esta coletânea foi através da sua atuação como bolsista de iniciação científica, no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt, de 2010 a 2011, envolveu-o na pesquisa apresentada na presente coletânea. Atualmente integra a equipe de trabalho da Agência de Publicidade Nova Mídia.

Mauver Antonio Sartori – formado em Ciências Naturais e Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop(2014). Seu envolvimento com a pesquisa que deu origem esta coletânea, deveu-se à sua atuação como bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal sob a orientação da professora Ana Carrillo Romero Grunennvaldt. Atualmente, é aluno do Mestrado em Química da Universidade Estadual de Campinas.

Wilson Kosloski Junior – aluno do curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop. Atuou como bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, sob a orientação do professor José Tarcísio Grunennvaldt, de 2010 a 2011, quando o ocorreu seu envolvimento na pesquisa que fundamenta esta coletânea.

Romário Sidrone de Souza – formado em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso – Campus Universitário de Sinop(2013). Bolsista de iniciação científica no Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, sob a orientação da professora Irene Carrillo Romero Beber, participou da pesquisa presente nesta coletânea, de 2010 a 2011. Atualmente, é aluno do Mestrado em Matemática da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho(UNESP).

Sobre o livro:

Capa: 31,0 cm por 23,5 cm / Miolo: 15,5 cm por 22,5 cm

Tipologias Utilizadas: Century Schoolbook (7/9/10/11/12/pt), Centaur (35/48 pt), Aptifer Sans Com (20pt)

Papel: Offset 90g/m² (miolo) e Cartão Supremo 250g/m² (capa)

Em face da constatação dessa forte presença da realidade rural em Mato Grosso, que, na atualidade, ocupa uma posição de destaque, em âmbito nacional, por sua expressiva contribuição na produção agropecuária, acreditamos estar justificada a inclusão da população do campo, então um contingente significativo do município de Sinop, na investigação sobre trabalho e lazer do homem que mora e vive de sua relação com o campo.

Parece-nos instigante perguntar *sobre os afazeres desse grupo de migrantes*, bem como indagar como vão se configurando as novas relações ou sociabilidades nas novas cidades que passam a habitar. Nessa perspectiva, formulamos estas questões: em seu tempo de não trabalho, com que práticas culturais, esportivas e de lazer essas pessoas se envolvem? Quando se envolvem, elas reproduzem as práticas culturais do tempo livre e de lazer dos Estados de origem? As práticas culturais do tempo livre e de lazer são influenciadas pelos mass media? As pessoas e as comunidades possuem autonomia para elaborar programas e escolher as atividades de lazer?

Para além da tendência de se atribuir ao conceito de desporto [e lazer] um sentido de seriedade, nesta pesquisa, dotamos esse(s) termo(s) da ideia de alteração do equilíbrio entre os pares trabalho e lazer. Isso pode representar uma iniciativa salutar para compreendermos, a partir do envolvimento das pessoas com tal fenômeno, os motivos de sua adesão.

Assim, quando verificamos empiricamente o que leva indivíduos de diferentes padrões sociais e faixas etárias a tomar parte de tal fenômeno, cremos estar acenando com algumas possibilidades que superam a hipótese da crescente tendência à seriedade supostamente presente no conceito de desporto [e lazer]. Logo, num contexto de fronteira migratória, em que as pessoas se abrem a novas relações socioculturais, acreditamos ser fundamental validar algumas sugestões de Dunning (1992) para a ampliação do significado social de desporto [e lazer], incorporando a essa ideia a realidade - nova e concreta - desses sujeitos, habitantes em uma cidade que se destaca pelo grande contingente populacional de "migração de retorno".

Esta coletânea de textos é fruto da investigação desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas: Sociedade, Educação e Culturas de Movimento Corporal, em consonância com a linha de pesquisa Esporte, Lazer e Sociedade, foca o esporte e o lazer no município de Sinop, situado na região Norte de Mato Grosso. A pesquisa tem relação e pretende contribuir com o levantamento sobre o Perfil do Esporte e Lazer de Estados, Distrito Federal e Municípios Brasileiros, conforme a Chamada Pública 01/01/2009/ME/SNDEL/REDE CEDES/PELC. Teve como objetivo levantar as condições da infraestrutura física da cidade e do campo do município, no tocante ao esporte e lazer, bem como captar junto aos sujeitos as representações sociais dos envolvidos com o fenômeno.

Neste conjunto de textos, os sujeitos investigados vivem o seu tempo livre e suas relações com o lazer dando vazão a uma sociabilidade de fronteira. Com isso, abre espaço para quem vive na fronteira, por vezes em suspensão e em um espaço vazio. São descritas passagens nas quais a novidade e a necessidade do imprevisto “[subvertem] todos os planos e previsões; [induzem] à criação e ao oportunismo, como quando o desespero nos leva a recorrer ansiosamente a tudo o que nos pode salvar.” (SANTOS, 2007, p. 348). De sorte que se estabelece um diálogo dos migrantes com a tradição e desta alquimia que resultou a tradição imaginada se converta no que se precisa, ainda que na fronteira aquilo que é necessário talvez já esteja determinado por o que se tem à mão.

As formas de sociabilidade não corriqueiras, que aqui procuramos enfatizar nas situações de lazer experimentadas nessa fronteira, evidenciam que viver nesse lugar exige “jogo de cintura”, pois significa inventar tudo, incluindo o ato de inventar. Tentamos demonstrar nos casos retratados que as reservas de experiência e de memória que um sujeito ou grupo social carrega consigo para a situação da fronteira são transformadas em face das necessidades de estabelecimento de um contexto novo. No entanto, é possível que, devido à força com que as instituições assumem a função de socialização, a liberdade de transformação presente, de maneira incondicional, nas primeiras experiências limita a liberdade de transformação em experiências futuras.



Ministério do
Esporte



ISBN 978-85-327-0556-3



9 788532 705563